

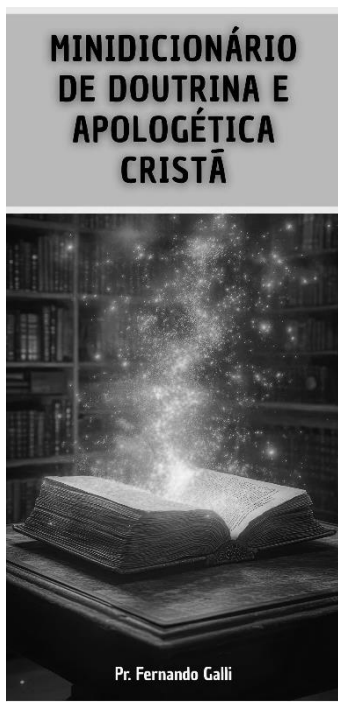
MINIDICIONÁRIO DE DOCTRINA E APOLOGÉTICA CRISTÃ



Pr. Fernando Galli

Copyrights

IACS – Instituto Apologético Cristo Salva
Pr. Fernando Galli.



Dicionário.

Galli, Fernando

Minidicionário de Doutrina e Apologética Cristã.
Américo Brasilienses, SP : IACS Produções, 2025.

Agosto de 2025

1ª. Edição.

Introdução

Vivemos em tempos de grande confusão teológica, onde doutrinas bíblicas fundamentais são distorcidas, ignoradas ou atacadas por interpretações equivocadas e por sistemas religiosos alheios ao verdadeiro Evangelho. Diante desse cenário, torna-se urgente que os cristãos conheçam, com clareza e profundidade, os pilares da fé revelada nas Escrituras.

Este Minidicionário de Doutrina e Apologética Cristã foi elaborado com o propósito de fornecer definições objetivas, bíblicas e teologicamente sólidas de termos essenciais da fé cristã. Aqui, o leitor encontrará explicações claras sobre temas doutrinários e conceitos apologéticos, organizados de forma acessível para consulta rápida, estudo pessoal, preparo ministerial ou defesa da fé.

Mais do que um simples glossário, este dicionário busca reforçar os fundamentos da nossa doutrina, munindo o cristão com conhecimento que o capacite a obedecer ao chamado de 1 Pedro 3:15: “Estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós.”

Que este material seja uma ferramenta útil para edificar a fé, discernir erros, e glorificar a Deus com entendimento, firmeza e amor pela verdade.

A

Abençoar. É o ato de invocar ou conceder o favor, a proteção e a graça de Deus sobre alguém, algo ou alguma situação. Na Bíblia, abençoar pode ser uma ação divina, quando o próprio Deus comunica sua bondade (Gênesis 1:28; Números 6:24-26), ou humana, quando alguém pronuncia palavras de edificação e intercessão em nome de Deus (Hebreus 7:1). Abençoar implica desejar e promover o bem segundo a vontade do Senhor, seja por meio da oração, da palavra ou de atitudes concretas. O crente é chamado não apenas a buscar a bênção de Deus, mas também a abençoar até mesmo os inimigos (Romanos 12:14), refletindo o caráter misericordioso de Cristo. A bênção, portanto, não é apenas um desejo de prosperidade, mas uma expressão de aliança, comunhão e compromisso com o bem segundo os propósitos divinos.

Ablução. Na teologia e prática religiosa, ablução é o ato de lavar o corpo ou parte dele como símbolo de purificação espiritual. No Antigo Testamento, era um rito comum entre

os judeus, especialmente para os sacerdotes antes de entrarem no serviço do templo (Êxodo 30:18-21). Era também exigida em casos de impurezas cerimoniais. No Novo Testamento, a ablução ganha significado espiritual, apontando para a purificação interior operada por Deus (Hebreus 10:22). No cristianismo, o batismo é considerado a ablução por excelência, como símbolo do novo nascimento e da limpeza do pecado (Atos 22:16; Tito 3:5). Em algumas tradições litúrgicas, a ablução também se refere à purificação das mãos do sacerdote durante a missa.

Aborto. O aborto é a interrupção voluntária da gravidez, causando a morte do feto antes do nascimento. No debate apologético cristão, o aborto é geralmente condenado, pois a Bíblia ensina que a vida humana começa no ventre materno e é sagrada, sendo Deus o Criador e Autor da vida (Salmo 139:13-16; Jeremias 1:5). Os cristãos defendem a proteção do nascituro como um ser humano com dignidade e direitos inerentes. A prática do aborto levanta questões éticas, morais e legais, envolvendo o valor da vida, o direito da mulher e o papel da sociedade. A apologética cristã argumenta contra o aborto, sustentando que a vida deve ser protegida desde a concepção, e busca

oferecer alternativas que respeitem tanto a mãe quanto a criança por nascer.

Adão. Nome do primeiro homem criado por Deus. (Gênesis 3:20) Segundo a Bíblia, foi através de um só homem que entrou o pecado no mundo e a morte se espalhou a todos. (Romanos 5:12) Este homem foi Adão. Sobre Adão ainda lemos na Bíblia: “Pois, assim como em Adão todos morrem, do mesmo modo em Cristo todos serão vivificados.” (1 Coríntios 15:22) Por isso, Jesus é chamado de o último Adão: “Assim, também está escrito: Adão, o primeiro homem, tornou-se ser vivente, e o último Adão, espírito que dá vida”. – 1 Coríntios 15:45.

Adivinhação. A adivinhação é a prática de tentar obter conhecimento do futuro, informações ocultas ou orientação por meios sobrenaturais ou místicos, como leitura de cartas, horóscopos, astrologia, necromancia e outras técnicas esotéricas. Na apologética cristã, a adivinhação é condenada como uma forma de idolatria e desobediência a Deus, sendo proibida nas Escrituras (Deuteronômio 18:10-12). O cristianismo ensina que somente Deus é a fonte verdadeira de sabedoria e revelação, e que buscar respostas por práticas ocultas abre portas

para engano e influência maligna. Jesus Cristo é o único mediador entre Deus e o homem, e a confiança do cristão deve estar na Sua palavra e no Espírito Santo, e não em métodos de adivinhação.

Adoção. Termo usado àqueles que, após se converterem à Cristo, são considerados como filhos de Deus, portanto, adotados por ele, pela ação do Espírito Santo, que dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. – Romanos 8:15-17; João 1:12; Gálatas 3:26.

Adocionismo. Heresia cristológica que afirma que Jesus Cristo não era originalmente o Filho de Deus por natureza, mas que foi adotado por Deus em algum momento de sua vida — geralmente em seu batismo, ressurreição ou ascensão — tornando-se Filho de Deus apenas por concessão divina e não por essência. Essa doutrina nega a divindade eterna de Cristo, contrariando os ensinamentos bíblicos e ortodoxos de que Jesus é Deus desde a eternidade, gerado e não criado (João 1:1-3; Hebreus 1:8; Colossenses 2:9). O adocionismo surgiu em diferentes formas ao longo da história. Uma versão primitiva aparece no século II com Teodoto de Bizâncio e Paulo de Samósata, sendo considerada

forma de monarquianismo dinâmico, ou seja, uma tentativa de preservar a unicidade de Deus negando a divindade essencial de Cristo. Outra forma foi promovida no século VIII por Elipando de Toledo, sendo condenada pelos concílios da Igreja como heresia. A heresia adocionista foi combatida principalmente por mostrar que fere o testemunho unânime das Escrituras, que apresentam Cristo como eternamente divino, digno de adoração, criador de todas as coisas e coigual ao Pai (Filipenses 2:5-11; João 8:58). A doutrina da Trindade também é comprometida por essa visão, pois elimina a distinção eterna entre o Pai e o Filho. Ainda hoje, variantes modernas do adocionismo aparecem em grupos como as Testemunhas de Jeová (que negam a divindade eterna de Cristo) ou em alguns unitaristas, sendo assim um erro grave segundo a fé cristã bíblica e histórica.

Adoração/Adorar. Significa prestar reverência e homenagem a Deus. É a alma estar ocupada com o próprio Deus. No contexto judaico-cristão, significa modo de vida que reconhece Deus acima de tudo e todos. Segundo a Bíblia, Deus procura pessoas para adorá-lo em espírito e em verdade (João 4:23, 24), e é somente a Deus que devemos adorar. (Mateus 4:10;

Deuteronômio 5:13; 6:13; 10:20) Adoração é o ato de render honra, reverência e devoção suprema a Deus. No contexto cristão, é uma atitude do coração que reconhece a grandeza, santidade e soberania de Deus, manifestada por meio de palavras, cânticos, oração, obediência e uma vida consagrada. A verdadeira adoração é direcionada somente ao Deus Trino — Pai, Filho e Espírito Santo — e tem como centro Jesus Cristo, o Salvador. A Bíblia, livro sagrado dos cristãos, ensina que “ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele darás culto” (Mateus 4:10), condenando qualquer forma de idolatria. A adoração pode ser individual ou coletiva, espontânea ou litúrgica, mas deve ser sempre em “espírito e em verdade” (João 4:24), ou seja, com sinceridade e fundamentada na revelação divina. Diferente de louvor ou gratidão, a adoração é a mais elevada expressão de amor e entrega a Deus, reconhecendo que somente Ele é digno de toda glória. Outras religiões também praticam adoração, mas muitas vezes com entendimentos e objetos distintos.

Adultério. Ato sexual de uma pessoa casada com quem ela não está casada. Deus nos proíbe de cometer este ato nos Dez Mandamentos (Êxodo 20:14) e nos escritos apostólicos (Romanos 13:9); A Bíblia diz que

Deus julgará os adúlteros (Hebreus 13:4) e que eles não herdarão o reino dos céus. – 1 Coríntios 6:9.

Agnosticismo. O agnosticismo é uma posição filosófica e epistemológica que sustenta que a existência ou inexistência de Deus, deuses ou realidades sobrenaturais é desconhecida ou, em princípio, incognoscível. Diferente do ateísmo, que nega a existência de divindades, o agnosticismo mantém uma postura de suspensão de julgamento, afirmando que não há evidências suficientes para afirmar ou negar a existência de Deus. O termo foi popularizado no século XIX pelo cientista Thomas Henry Huxley, que se definiu como “agnóstico”. O agnosticismo não é uma religião e não possui livros sagrados, crenças dogmáticas ou rituais. Em relação a Jesus, os agnósticos tendem a vê-lo como uma figura histórica e religiosa importante, mas permanecem neutros quanto à sua divindade ou natureza sobrenatural. O agnosticismo pode coexistir com várias crenças ou descrenças, sendo mais uma atitude intelectual do que um sistema religioso.

Ahimsa. Ahimsa é o princípio da não violência, central no Bramanismo e posteriormente influente no Hinduísmo, Jainismo e Budismo. Vai além da simples

proibição de matar; implica em evitar qualquer forma de agressão física, verbal ou mental contra qualquer ser vivo. Acredita-se que a prática de ahimsa purifica o coração e contribui para o progresso espiritual. Está ligada ao respeito pela vida e à ideia de que todos os seres têm um princípio divino. Mahatma Gandhi adotou esse conceito como base para sua luta pacífica. Ahimsa é vista como um caminho para a harmonia universal.

Ahura Mazda. O Deus supremo do Zoroastrismo, criador do universo e fonte de toda bondade, verdade e luz. Ahura Mazda significa “Senhor Sábio”. É considerado eterno, imutável e onisciente. Ele está em constante oposição a Angra Mainyu, o espírito do mal. No zoroastrismo, seguir a verdade é alinhar-se com a vontade de Ahura Mazda.

Alcorão. É o livro sagrado do Islã, considerado pelos muçulmanos como a palavra literal de Deus (Alá), revelada ao profeta Maomé por meio do anjo Gabriel ao longo de aproximadamente 23 anos, entre 610 e 632 d.C. O Alcorão é escrito em árabe clássico e serve como guia para a fé, a prática religiosa, a moral e a legislação islâmica. Está dividido em 114 capítulos chamados **suratas**,

que variam em extensão e tratam de temas variados como teologia, moral, história, legislação e adoração. As suratas são organizadas de forma geral, não cronológica, sendo as maiores geralmente no início e as menores no final. Cada surata é composta por versículos chamados **ayat**. O Alcorão é recitado em árabe nas orações e é estudado profundamente pelos muçulmanos, sendo visto como a fonte suprema de autoridade religiosa e legal no Islã. Além do texto, a interpretação do Alcorão (tafsir) é um campo extenso que busca explicar e contextualizar seus ensinamentos.

Aleluia. Palavra hebraica que significa “Louvai ao Senhor”. Muito usada em orações e cânticos religiosos, expressa alegria, louvor e adoração a Deus. Embora tenha origem no judaísmo, é muito comum também no cristianismo. Reflete o agradecimento pela presença e ação divina na vida do povo. No Salmo 150:6 lemos: “Todo ser que respira louve ao Senhor. Aleluia!” (NVI). Essa expressão aparece diversas vezes nos Salmos, incentivando a exaltação e glorificação de Deus em toda circunstância.

Alfa. Na teologia cristã, Alfa é a primeira letra do alfabeto grego e, juntamente com Ômega, a última, simbolizando o princípio e o fim de

todas as coisas. Essa expressão aparece em várias passagens do livro do Apocalipse (por exemplo, Apocalipse 1:8; 21:6; 22:13), onde Deus e Jesus Cristo são chamados de "o Alfa e o Ômega", indicando Sua eternidade, soberania e natureza eterna. Esse símbolo reforça que Deus é o Criador de tudo, o princípio de todas as coisas, e também o fim, aquele que completará o propósito da história humana. Alfa e Ômega ressaltam a perfeição e totalidade da divindade, e são usados frequentemente na iconografia cristã para representar Jesus Cristo.

Allah. É o nome árabe para Deus, o único e supremo Criador e sustentador do universo no Islã. Allah é absoluto, eterno, onipotente, onisciente e misericordioso. A crença em Allah como o único Deus é o fundamento do monoteísmo islâmico (tawhid).

Alma. No Antigo e no Novo Testamento, a palavra “alma” pode se referir à pessoa (Gênesis 2:7; Ezequiel 18:4), à vida (Mateus 10:39) ou à parte espiritual que sobrevive a morte do corpo. (Mateus 10:28; Apocalipse 6:9-11) Na teologia bíblica, a alma é o princípio imaterial que anima o corpo humano, sendo muitas vezes compreendida como o centro da personalidade, da razão, da vontade, das emoções e da consciência. O

termo hebraico *nephesh* e o grego *psuchē*, ambos traduzidos como “alma” nas Escrituras, possuem um campo semântico amplo. Em alguns contextos, *nephesh* pode significar simplesmente “vida” (Levítico 17:11), “pessoa” (Gênesis 12:5), ou até mesmo “apetite” ou “ser vivente”, enquanto *psuchē* no Novo Testamento pode se referir à individualidade humana (Atos 2:41), à vida natural (Mateus 6:25) ou ao componente espiritual que sobrevive à morte (Mateus 10:28). A alma, segundo a maioria das tradições cristãs históricas, é imortal, criada por Deus e separada do corpo no momento da morte (Eclesiastes 12:7), indo para um estado consciente de bênção ou condenação até a ressurreição final. Jesus ensina que a alma é preciosa e distinta do corpo: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma” (Mateus 10:28). No entanto, algumas seitas e grupos religiosos distorcem o ensino bíblico sobre a alma. As Testemunhas de Jeová, por exemplo, negam a imortalidade da alma e ensinam que a alma morre com o corpo, interpretando a alma como mera vida física. Os adventistas do sétimo dia ensinam a doutrina do “sono da alma”, afirmando que, após a morte, a alma entra em estado de inconsciência até a ressurreição. Já o espiritismo kardecista, por outro lado, redefine a alma como o “espírito

encarnado”, e ensina a reencarnação como meio de purificação espiritual, contrariando o ensinamento bíblico de que "aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disso o juízo" (Hebreus 9:27). Algumas correntes orientais, influenciadas pelo hinduísmo e budismo, também diluem a ideia de alma pessoal, ensinando a dissolução do eu ou a fusão com uma consciência cósmica impessoal. Em contraste, o cristianismo bíblico afirma que a alma é criada por Deus, individual, eterna e moralmente responsável, e que sua salvação depende exclusivamente da fé em Jesus Cristo, o único que pode resgatar a alma da condenação eterna (Salmo 49:8; 1 Pedro 1:9). Assim, a compreensão correta da alma é essencial para a doutrina da salvação, do juízo e da esperança da vida eterna.

Alma, sono da. A doutrina do “sono da alma” ensina que, após a morte, a alma do ser humano entra num estado de inconsciência, dormindo até a ressurreição no fim dos tempos. Essa crença é adotada por grupos como as Testemunhas de Jeová, os Adventistas do Sétimo Dia e outras seitas aniquilacionistas. Eles interpretam passagens que mencionam os mortos como estando “dormindo” (como João 11:11-14; 1 Tessalonicenses 4:13) de maneira literal,

aplicando esse sono não apenas ao corpo, mas também à alma, sugerindo que o ser humano, após a morte, deixa de ter qualquer consciência até a volta de Cristo. Refutação: A Escritura, porém, mostra de forma clara que a alma continua consciente após a morte. Jesus disse ao ladrão na cruz: “Hoje estarás comigo no paraíso” (Lucas 23:43), o que contradiz a ideia de inconsciência. Em Filipenses 1:23, Paulo expressa o desejo de partir e estar com Cristo, o que implica uma consciência imediata após a morte. A parábola do rico e Lázaro (Lucas 16:19-31) também apresenta ambos conscientes após a morte, um em tormento e outro em consolo. Além disso, Apocalipse 6:9-10 mostra as almas dos mártires clamando a Deus no céu. Assim, o “sono” na Bíblia é uma metáfora usada para o estado do corpo morto, não da alma. A alma, como parte imaterial do ser humano, continua existindo de forma consciente após a separação do corpo, aguardando a ressurreição final, quando será reunida ao corpo glorificado para juízo ou recompensa eterna (2 Coríntios 5:6-8; Hebreus 9:27). Portanto, a doutrina do “sono da alma” é antibíblica, pois nega a consciência pós-morte e compromete a esperança cristã de comunhão imediata com Cristo após o fim da vida terrena.

Allan Kardec. Allan Kardec é o pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804–1869), um educador francês que fundou o Espiritismo Kardecista no século XIX. Kardec compilou e organizou os ensinamentos dos espíritos comunicados através de médiuns, principalmente no livro O Livro dos Espíritos (1857), que é considerado a obra fundamental do espiritismo. Ele propôs uma doutrina que combina aspectos religiosos, filosóficos e científicos, ensinando a existência da alma, a reencarnação, a comunicação com os espíritos e a evolução moral contínua dos seres humanos. O Espiritismo não reconhece Jesus como Deus, mas como um espírito superior, mestre e guia moral. Embora utilize a Bíblia em seus estudos, o espiritismo kardecista interpreta suas passagens à luz da comunicação mediúnica e da lei de causa e efeito. É uma doutrina distinta do cristianismo tradicional, com milhares de adeptos principalmente no Brasil, onde influenciou a religiosidade popular e movimentos sincréticos.

Alziro Zarur – Nascido em 25 de dezembro de 1914, no Rio de Janeiro, e falecido em 21 de outubro de 1979, Alziro Zarur foi jornalista, radialista, poeta e, sobretudo, o fundador da Legião da Boa Vontade (LBV). Inicialmente conhecido por sua atuação nos meios de

comunicação, Zarur se destacou na década de 1950 ao iniciar programas de rádio com mensagens de moral, civismo e espiritualidade, que mais tarde deram origem ao movimento da LBV. Ele promovia a ideia de um “Ecumenismo Irrestrito” e passou a pregar o que chamou de “Religião de Deus”, uma doutrina espiritualista que buscava unir todas as crenças em torno do amor, da caridade e da prática do bem. Embora exaltasse a pessoa de Jesus Cristo, Zarur reinterpreta os ensinamentos de Cristo de forma esotérica e fora da ortodoxia cristã, adotando conceitos como reencarnação, pluralidade dos mundos habitados, e redenção por obras. Sua famosa frase “Fora da caridade não há salvação” resume bem o centro de sua doutrina moral. Ele também defendia a comunicação com os mortos, a evolução espiritual por vidas sucessivas, e o uso alegórico da Bíblia, o que o aproxima do espiritismo kardecista, embora tentasse criar um sistema doutrinário independente. À luz da fé cristã bíblica, Alziro Zarur é visto como um líder carismático que fundou um movimento espiritualista sincrético, que mistura verdades cristãs com doutrinas não bíblicas. Suas ideias, apesar de apelarem à paz e à fraternidade, distorcem a mensagem central do evangelho, que ensina a salvação

exclusiva pela fé em Jesus Cristo, e não por méritos humanos ou evolução espiritual.

Amesha Spentas. São os sete “Espíritos Benéficos” ou “Imortais Sagrados” que representam atributos de Ahura Mazda. Cada um personifica uma virtude divina e tem papel ativo na criação e manutenção do mundo. Eles também são modelos éticos para os humanos. Ex: Vohu Manah (bons pensamentos), Asha Vahishta (verdade), entre outros.

Amor. Sentimento de desejo, afeto, atração, admiração por uma pessoa, quer em sentido religioso, familiar, sexual ou entre amigos. Diz respeito à caridade que move uma pessoa a atos de bondade em favor de alguém. A Bíblia diz que Deus é amor (1 João 4:8) e que este amor motivou Deus a enviar Jesus para morrer por nós para nos salvar. (João 3:16) Nas palavras de Jesus, o amor identifica o verdadeiro cristão (João 13:34, 35) e devemos amar a Deus e ao próximo. – Mateus 22:37-39.

Anatta. Doutrina budista que afirma a ausência de um "eu" permanente ou alma imutável no ser humano. Segundo o Budismo, o que chamamos de "eu" é uma combinação temporária de fatores físicos e

mentais em constante mudança. Essa ideia contrasta com muitas tradições religiosas que afirmam a existência de uma alma eterna. Compreender o Anatta é essencial para alcançar o desapego e a libertação do sofrimento. A crença em um "eu" fixo é vista como uma das causas do sofrimento.

Anekantavada. No Jainismo, é a doutrina jainista da "não absolutidade" ou "multiplicidade de pontos de vista". Ensina que a realidade é complexa e não pode ser totalmente compreendida a partir de uma única perspectiva. Assim, toda afirmação sobre a verdade é parcial e condicional. Essa ideia promove a tolerância religiosa, o diálogo respeitoso e a rejeição de dogmatismos. É comparada muitas vezes à parábola dos cegos e o elefante, onde cada um percebe apenas uma parte do todo. Anekantavada é um pilar filosófico do jainismo e sustenta a convivência pacífica com outras crenças.

Angelologia. É o estudo bíblico dos anjos, seres espirituais criados por Deus que servem como mensageiros, ministros e agentes de Sua vontade no mundo. A angelologia aborda a natureza, funções e hierarquias angelicais, incluindo anjos bons, como os arcanjos, e os anjos caídos, ou demônios, que se rebelaram

contra Deus. Anjos são apresentados na Bíblia como protetores dos fiéis (Salmo 91:11), executores do juízo divino (Apocalipse 8-9), e adoradores de Deus (Isaías 6:2, 3). Também atuam em diversas situações históricas, comunicando revelações, protegendo pessoas e participando da batalha espiritual (Hebreus 1:14; Daniel 10). O estudo da angelologia ajuda a compreender a dimensão espiritual da criação e a soberania de Deus sobre todos os seres, além de alertar para os perigos das forças malignas.

Angra Mainyu. No zoroastrismo, também chamado Ahriman, é o espírito maligno, oposto a Ahura Mazda. Representa a mentira, a escuridão e a destruição. Sua luta contra o bem define a dualidade central do zoroastrismo. Ao final dos tempos, será derrotado no juízo final e o bem triunfará eternamente.

Anicca. Refere-se à impermanência de todas as coisas condicionadas. No Budismo, tudo está em constante mudança: sentimentos, pensamentos, objetos e até a própria existência. Reconhecer a impermanência ajuda o praticante a se desapegar das coisas temporárias e ilusórias. Anicca é uma das três marcas da existência (junto com Dukkha e

Anatta). Entender profundamente Anicca é passo essencial para atingir o Nirvana.

Aniversários Natalícios. São celebrações anuais do dia do nascimento de uma pessoa, marcando sua chegada ao mundo. A prática de comemorar aniversários tem origens antigas, remontando às culturas egípcia, grega e romana, onde eram celebrados especialmente por pessoas importantes, como reis ou deuses. Com o tempo, tornou-se uma tradição popular em diversas culturas e religiões. Algumas seitas, como as Testemunhas de Jeová e a Congregação Cristã no Brasil, condenam a comemoração de aniversários, alegando que a Bíblia menciona dois aniversários (Gênesis 40:20; Mateus 14:6) associados a mortes, e por isso seriam práticas pagãs ou indignas. No entanto, essa interpretação é forçada, pois a Bíblia não proíbe celebrar aniversários. Pelo contrário, reconhecer a vida como dom de Deus e celebrar com gratidão não contraria nenhum princípio cristão. E quando os cristãos celebram aniversários, não mandam matar ninguém, muito menos adoram deuses falsos. A condenação absoluta da prática não encontra respaldo bíblico claro, sendo antes uma imposição doutrinária de certos grupos e não um mandamento divino.

Anjo. Ser espiritual (Hebreus 1:4, 14) e celestial criado por Deus para servi-lo de diversas formas, como, por exemplo, transmitir mensagens divinas aos homens; foram criados em categoria mais elevada que a raça humana. - Salmos 8:4, 5.

Anjo de Luz. Expressão usada em 2 Coríntios 11:14, onde lemos que Satanás pode se transformar em anjo de luz, ou seja, num anjo bom, mas com a intenção evidentemente de enganar alguém.

Anticristo. Sistema, pessoa ou grupo de indivíduos que pregam contra o ensino de Jesus, ou aquilo que Jesus jamais ensinou. Neste sentido, sempre houve anticristos. (1 João 2:22; 4:3) A tais jamais devemos receber em nossos lares para nos ensinar. (2 João 7-11) Mas a Bíblia dá a entender sobre um Anticristo final, derradeiro, que está por vir. – 1 João 2:18a.

Aparigraha. É o princípio da não possessividade ou desapego no jainismo. Ensina que a acumulação de bens materiais, desejos e apegos leva à escravidão espiritual e aumenta o karma. O praticante é incentivado a viver com simplicidade, contentando-se com o necessário para sobreviver e servir. Esse ideal se aplica tanto

a monges, que renunciam a tudo, quanto a leigos, que são orientados a limitar suas posses. Aparigraha é visto como essencial para o progresso espiritual e para a libertação (moksha).

Apócrifos, escritos. São escritos religiosos que surgiram após a formação do cânon bíblico e não foram incluídos nas Escrituras oficiais, pois não atendem aos critérios de inspiração divina reconhecidos pelas principais tradições cristãs. Diferentemente dos livros apócrifos, que são antigos e debatidos quanto à sua canonicidade, os livros apócrifos geralmente são considerados heréticos, falsificados ou sem valor doutrinário legítimo. Esses escritos muitas vezes contêm histórias, visões ou ensinamentos contrários à teologia bíblica tradicional e são usados para combater heresias e fortalecer a apologética cristã ao demonstrar a necessidade do cânon inspirado.

Apócrifos, evangelhos. São textos atribuídos a personagens ligados à vida e ensinamentos de Jesus Cristo, mas que não fazem parte do Novo Testamento canônico por não atenderem aos critérios de autenticidade, inspiração divina e coerência doutrinária. Esses evangelhos apócrifos surgiram nos

primeiros séculos do cristianismo, muitas vezes associados a grupos heréticos como os gnósticos, e apresentam narrativas alternativas ou complementares àquelas encontradas nos evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João). Entre os mais conhecidos estão o Evangelho de Tomé, que consiste em ditos atribuídos a Jesus, sem narrativa histórica; o Evangelho de Maria, que destaca ensinamentos secretos atribuídos a Maria Madalena; o Evangelho de Judas, que apresenta Judas Iscariotes sob uma luz diferente; e o Protoevangelho de Tiago, que aborda a infância de Maria e o nascimento de Jesus. Esses textos são importantes para estudos históricos e da diversidade religiosa do cristianismo primitivo, mas são rejeitados pela apologética cristã ortodoxa devido a suas inconsistências teológicas e falta de respaldo histórico confiável.

Apolinarianismo. Heresia cristológica proposta por Apolinário de Laodiceia no século IV, que negava que Jesus Cristo possuísse uma alma racional humana. Apolinário ensinava que o Verbo eterno (Logos) assumiu um corpo humano, mas ocupou o lugar da mente ou alma racional humana, ou seja, Cristo teria corpo e alma vegetativa, mas não uma mente humana

verdadeira — esta teria sido substituída pelo Logos divino. Essa doutrina compromete a plena humanidade de Jesus, pois sem uma mente humana, Ele não seria verdadeiramente homem. A Igreja rejeitou esse ensino no Concílio de Constantinopla (381 d.C.), afirmando que “o que não foi assumido, não foi redimido”; ou seja, para salvar plenamente o ser humano, Cristo precisava assumir a totalidade da natureza humana: corpo, alma e mente.

Apologética. É o ramo da teologia cristã dedicado à defesa racional e sistemática da fé, buscando explicar e justificar as verdades bíblicas diante de questionamentos, objeções e críticas. O objetivo da apologética é demonstrar a confiabilidade das Escrituras, a existência de Deus, a divindade de Cristo, a veracidade da ressurreição, entre outras doutrinas fundamentais, usando argumentos filosóficos, históricos, científicos e bíblicos. Ela não busca apenas contestar o erro, mas também apresentar a mensagem do Evangelho de forma clara e persuasiva, visando converter e fortalecer a fé dos crentes (1 Pedro 3:15). A apologética é essencial para combater heresias, falsos ensinamentos e o ceticismo, proteção do rebanho (Atos 20:28-31), ajudando o cristão a ter convicção e coragem para testemunhar

a verdade em um mundo pluralista e muitas vezes hostil. – 1 Timóteo 4:1.

Apostasia. Apostasia é o abandono ou renúncia consciente e voluntária da fé ou das crenças religiosas que uma pessoa professava anteriormente. No contexto cristão, a apostasia refere-se ao ato de rejeitar a fé em Jesus Cristo e os ensinamentos bíblicos, podendo envolver a negação de doutrinas fundamentais, o desvio para práticas contrárias à Palavra de Deus ou a adesão a sistemas religiosos distintos. É considerada uma atitude grave e um pecado, pois implica em afastamento da comunhão com Deus e da salvação oferecida por Cristo. É desviar-se para doutrinas de demônios. (1 Timóteo 4:1) A Bíblia alerta contra a apostasia em vários textos, como em Hebreus 6:4-6 e 2 Tessalonicenses 2:3, destacando o perigo espiritual que ela representa. A apostasia pode ocorrer de forma gradual ou abrupta e, em alguns casos, pode levar a um retorno ao arrependimento, quando o indivíduo se reconcilia com a fé cristã.

Apóstolo. Na língua grega pode designar uma pessoa enviada como representante de outra, um mensageiro. Jesus escolheu doze apóstolos. (Mateus 10:2-4) Foram escolhidos

para serem discipulados por Jesus e liderarem a Igreja de Cristo, estabelecendo a doutrina (ou ensino) dos apóstolos para a Igreja (Atos 2:42), por isso, somos edificados sobre o fundamento dos apóstolos – daqueles escolhidos por Jesus. – Efésios 2:20.

Apóstolo, sinais de um. A expressão aparece em 2 Coríntios 12:12, onde o apóstolo Paulo escreve: “Os sinais do meu apostolado foram manifestados entre vós com toda a perseverança, por sinais, prodígios e poderes miraculosos”. Com base nas Escrituras, os sinais de um apóstolo são evidências específicas dadas por Deus para autenticar o ministério de homens escolhidos diretamente por Cristo para lançar os fundamentos da Igreja (Efésios 2:20). Entre os principais sinais, podemos destacar:

1. Chamado direto e pessoal por Cristo ressuscitado (cf. Atos 1:21-22; 9:3-6; Gálatas 1:1);
2. Autoridade doutrinária e inspiração divina para escrever ou confirmar as Escrituras (2 Pedro 3:15-16);
3. Capacidade de realizar milagres, curas, expulsar demônios e sinais sobrenaturais (Atos 5:12; Hebreus 2:3-4);

4. Testemunho ocular da ressurreição de Cristo (Atos 1:22; 1 Coríntios 9:1);
5. Fundação de igrejas e supervisão apostólica direta (Atos 14:23; Tito 1:5);
6. Capacidade de transmitir dons espirituais por imposição de mãos (Atos 8:14-17; 2 Timóteo 1:6);
7. Sofrimento e perseguições como parte do chamado (2 Coríntios 11:23-28).

A importância dos sinais apostólicos estava em mostrar que esses homens não eram autoenviados, mas comissionados pelo próprio Senhor. Isso é fundamental para distinguir os verdadeiros apóstolos do Novo Testamento dos falsos apóstolos, que se infiltravam nas igrejas com ensinamentos corruptos (2 Coríntios 11:13). Hoje, muitas seitas e grupos neopentecostais afirmam possuir “apóstolos” modernos, mas carecem dos sinais bíblicos do apostolado. Tais líderes não viram o Cristo ressuscitado, não lançaram fundamentos da fé (pois essa foi uma obra completa no primeiro século), nem possuem autoridade inspirada ou autenticada por Deus conforme o padrão bíblico. Portanto, o verdadeiro apostolado, com seus sinais, foi único, fundacional e irrepetível. A Igreja, hoje, continua edificada sobre esse alicerce, e não precisa de novos apóstolos no mesmo sentido do Novo Testamento. Qualquer

pretensão moderna nesse sentido deve ser cuidadosamente analisada à luz das Escrituras.

Aramaico. Variante do Hebraico, é uma das línguas em que o Antigo Testamento foi escrito, mas apenas em pequenos e isolados textos.

Arca da Aliança. Objeto sagrado descrito na Bíblia Hebraica, onde estavam guardadas as tábuas dos Dez Mandamentos. Simbolizava a presença de Deus entre o povo de Israel e era carregada no deserto durante a peregrinação. Era mantida no Santo dos Santos do Tabernáculo e depois do Templo. Em Êxodo 25:16 está escrito: “E nela porás as tábuas do Testemunho, que eu te darei” (Êxodo 25:16). Também em Hebreus 9:4, é mencionada como contendo “o altar do incenso, a arca da aliança, coberta por todos os lados com ouro puro, na qual estava a urna com o maná, a vara de Arão que floresceu e as tábuas da aliança”. A Arca representava o pacto e a presença viva de Deus com Israel.

Arcanjo. Uma categoria especial de anjo. Seria um ARC (mais importante) ANJO. A Bíblia identifica apenas um arcanjo por nome, ou seja, Miguel (Judas 1:9), mas como Miguel é chamado de “um dos principais (ou

maiores) príncipes”, então alguns intérpretes da Bíblia afirmar que pode haver mais de um arcanjo. A Bíblia ensina que Jesus voltará com a voz do arcanjo anunciando seu retorno. – 1 Tessalonicenses 4:16.

Arhat. No jainismo, é aquele que atingiu a libertação completa do ciclo de renascimentos (samsara), destruindo todo o karma que obscurecia sua alma. Um arhat alcançou o estado de perfeição espiritual, chamado kevala jnana (conhecimento absoluto), e vive sem paixões ou desejos. Embora ainda esteja vivo, já não cria novo karma e está livre de ignorância e ilusões. Após a morte, o arhat atinge o moksha, residindo eternamente no estado de bem-aventurança. É uma figura profundamente reverenciada entre os jainistas.

Arianismo. Foi uma heresia cristológica do século IV, fundada por Ário, que negava a plena divindade de Jesus Cristo, afirmando que Ele foi uma criatura criada por Deus Pai e, portanto, inferior a Ele. Segundo o arianismo, o Filho teria tido um começo no tempo e não compartilharia da mesma essência (ousia) do Pai, o que contradiz a doutrina da Trindade. Essa visão causou grande controvérsia na Igreja primitiva e foi condenada no Concílio de Nicéia (325), que

afirmou a consubstancialidade do Filho com o Pai (homooúsios). O arianismo influenciou diversos grupos nos séculos seguintes, mas foi refutado pelas principais tradições cristãs que sustentam a divindade eterna e igual de Jesus Cristo dentro da Trindade.

Arrebatamento. Doutrina cristã que ensina que, no tempo determinado por Deus, Jesus Cristo retornará para “arrebanhar” ou “tomar” os seus fiéis da terra, levando-os ao céu de forma repentina e sobrenatural, antes, durante ou após um período de tribulação mundial, dependendo da interpretação escatológica adotada. A palavra “arrebatamento” não aparece na Bíblia, mas é usada para traduzir o termo grego *harpazo*, que significa “arrebatado”, “tomado” ou “raptus”, encontrado em 1 Tessalonicenses 4:17, onde Paulo descreve os crentes sendo “arrebatados juntos com eles nas nuvens, para o encontro do Senhor nos ares”.

Existem diferentes posições sobre o momento do arrebatamento no quadro profético:

- Pré-tribulacionismo: Arrebatamento antes da Grande Tribulação, poupando

a Igreja do período de juízo e sofrimento.

- Miditribulacionismo: Arrebatamento no meio da Tribulação.
- Pós-tribulacionismo: Arrebatamento após a Tribulação, quando Cristo volta visivelmente para reinar.

O arrebatamento é visto como um evento distinto, mas relacionado à segunda vinda de Cristo, em que os mortos em Cristo ressuscitarão e os vivos serão transformados instantaneamente, recebendo corpos glorificados (1 Coríntios 15:51-54). Esse ensino traz conforto e esperança aos cristãos, que aguardam o encontro com o Senhor para a redenção final do corpo e a consumação da salvação. Algumas tradições cristãs não adotam a terminologia ou a separação clara entre arrebatamento e segunda vinda, interpretando o retorno de Cristo como um único evento. Críticas ao conceito de arrebatamento enfatizam que a ideia de um “arrebatamento secreto” não encontra apoio claro em textos bíblicos fora de 1 Tessalonicenses 4, e que sua popularização se deu principalmente no século XIX com o surgimento do dispensacionalismo. De modo geral, o arrebatamento é um ensinamento bíblico central para muitos evangélicos,

simbolizando a esperança viva na vinda do Senhor para buscar Sua Igreja, e o fim da espera e das tribulações deste mundo.

Arrebatamento Secreto. Doutrina que ensina que Jesus Cristo virá de forma invisível e repentina para “arrebatará” os cristãos da terra antes do início da Grande Tribulação, sem que o mundo perceba imediatamente Sua vinda, deixando para depois a manifestação pública e visível de Sua segunda vinda ao final da tribulação. Esse conceito é uma ramificação do pré-tribulacionismo, enfatizando que o arrebatamento seria um evento distinto e oculto, em contraste com a volta gloriosa e pública de Cristo que será vista por todos. A ideia do arrebatamento secreto não aparece explicitamente na Bíblia, sendo mais uma interpretação desenvolvida principalmente a partir do século XIX, especialmente com os estudiosos do dispensacionalismo como John Nelson Darby e popularizada nos EUA com a publicação da Bíblia de Referência de Scofield. Defensores do arrebatamento secreto baseiam-se em passagens como 1 Tessalonicenses 4:16-17 e João 14:1-3, interpretando que o encontro com Cristo nos ares será invisível para o mundo. Críticos dessa doutrina apontam que:

- O Novo Testamento fala da volta de Cristo como um evento visível, glorioso e público (Mateus 24:27,30; Apocalipse 1:7).
- Não há suporte claro para a ideia de duas vindas separadas, uma secreta e outra pública, sendo essa divisão uma construção teológica posterior.
- A Bíblia alerta contra falsas expectativas e desvios que possam causar complacência ou confusão espiritual (2 Tessalonicenses 2).

Para a maioria das tradições reformadas, católicas e ortodoxas, o arrebatamento e a segunda vinda são entendidos como um único evento público e manifesto, não havendo arrebatamento secreto. Assim, o arrebatamento secreto é uma doutrina característica do dispensacionalismo pré-tribulacionista, popular entre muitos evangélicos neopentecostais, mas rejeitada por grande parte do cristianismo histórico por não ter base clara nas Escrituras e por fragmentar o retorno de Cristo em eventos que a Bíblia apresenta como um só.

Arrependimento. Atitude sincera de um pecador que lamenta profundamente seu erro ou pecado cometido e, por amor e temor a Deus, dá meia volta e luta para não

pecar mais. A Bíblia nos ensina a nos arrepender de nossos pecados, para que eles sejam apagados. – Atos 3:19.

Artha. Artha é um dos quatro objetivos legítimos da vida humana (purusharthas) no Bramanismo, referindo-se à busca por prosperidade material, segurança financeira e bem-estar social. Não é simplesmente acumular riqueza, mas administrá-la com ética e responsabilidade. Artha deve ser buscado em equilíbrio com Dharma (dever), Kama (prazer) e Moksha (libertação). Um bom governante, por exemplo, deveria garantir Artha para seu povo. Quando perseguido com moderação, Artha contribui para uma vida digna e equilibrada.

Asha. No zoroastrismo, é o princípio cósmico da verdade, da ordem e da justiça. Asha governa a realidade e o comportamento moral. O objetivo do fiel zoroastrista é viver segundo a Asha, através de bons pensamentos, boas palavras e boas ações. É contraposto a Druj, o erro e a falsidade.

Ashrama. Ashrama é o sistema dos quatro estágios da vida ideal segundo o Bramanismo: Brahmacharya (vida de estudante), Grihastha (vida familiar), Vanaprastha (vida de retiro) e Sannyasa (vida

de renúncia espiritual). Esse modelo regula o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo, vinculando cada fase a deveres específicos. O objetivo é que a pessoa amadureça espiritualmente ao longo da vida. Ao final, o desapego das posses e desejos facilita a busca por Moksha. O sistema também reforça o papel social e espiritual de cada etapa.

Ashrava. É o processo pelo qual o karma entra na alma, segundo a filosofia jainista. Esse influxo de partículas kármicas ocorre por meio de ações motivadas por paixões, desejos e ignorância. Qualquer movimento mental, verbal ou físico pode causar ashrava se estiver ligado ao apego ou aversão. O objetivo espiritual do jainismo é justamente bloquear esse fluxo, controlando pensamentos e ações. Reduzir o ashrava é um passo essencial no caminho da libertação (moksha), junto com a eliminação do karma já acumulado.

Atar. No zoroastrismo, significa “fogo” e é símbolo da presença de Ahura Mazda. O fogo é venerado nos templos como representação da pureza e da luz divina. Embora não seja adorado como um deus, é essencial no culto zoroastriano como elemento purificador e canal de oração.

Atributos comunicáveis. Termo teológico que se refere às características ou perfeições de Deus que podem ser, em certo sentido, compartilhadas ou refletidas pelos seres humanos, pois eles participam de alguma forma dessas qualidades. Esses atributos expressam aspectos da natureza divina que Deus comunica a suas criaturas, ainda que de modo limitado e imperfeito, diferentemente dos atributos incommunicáveis, que são exclusivos da divindade. Entre os principais atributos comunicáveis estão o amor, a justiça, a misericórdia, a sabedoria, a bondade, a santidade e a verdade. Por exemplo, os seres humanos podem amar, ser justos, ter sabedoria e praticar a misericórdia, refletindo assim a imagem de Deus (Gênesis 1:26-27; Efésios 5:1-2). Contudo, essas qualidades em nós são sempre limitadas, imperfeitas e finitas, enquanto em Deus são infinitas, perfeitas e eternas (Salmo 18:30; 1 João 4:8). O reconhecimento dos atributos comunicáveis é importante para a ética cristã e a espiritualidade, pois mostra que o ser humano foi criado para imitar Deus em suas virtudes e caráter, buscando crescer em semelhança à sua imagem original. Também explica por que podemos entender e relacionar-nos com Deus, já que Ele possui essas qualidades em sua plenitude e as

imprime em nós de maneira refletida. Por fim, essa doutrina ajuda a evitar o erro de pensar que Deus é completamente inacessível ou desconhecível, mostrando que, apesar de sua transcendência, Ele se revela em atributos que podemos compreender e aspirar, mas sempre respeitando a infinita diferença entre o Criador e a criatura.

Atributos incommunicáveis. São as características ou perfeições exclusivas de Deus que não podem ser compartilhadas ou imitadas pelas criaturas, pois pertencem unicamente à natureza divina e não têm paralelo perfeito em seres humanos ou qualquer outra criação. Esses atributos expressam a transcendência absoluta de Deus e Sua diferença infinita em relação à criatura. Entre os principais atributos incommunicáveis estão a autoexistência (aseidade) (Êxodo 3:14), imutabilidade (Deus não muda) (Malaquias 3:6; Tiago 1:17), infinitude (Deus não tem limites) (Salmo 147:5; Isaías 40:28), eternidade (Deus não está sujeito ao tempo) (Salmo 90:2), onipresença (Deus está presente em todos os lugares simultaneamente) (Salmo 139:7-12), onisciência (conhecimento perfeito e completo) (Isaías 46:10), onipotência (poder absoluto) (Apocalipse 1:8), e soberania

(controle supremo sobre toda a criação) ((Salmo 103:19; Daniel 4:35). Por exemplo, enquanto os seres humanos podem possuir conhecimento limitado, Deus é onisciente em sentido absoluto; enquanto nós mudamos com o tempo, Deus é imutável em sua essência e propósitos (Malaquias 3:6; Tiago 1:17); e enquanto estamos confinados ao espaço, Deus é onipresente (Salmo 139:7-10). O reconhecimento dos atributos incommunicáveis reafirma a santidade e transcendência de Deus, destacando que Ele é completamente distinto e soberano sobre a criação. Isso evita a equiparação do Criador com a criatura e preserva a doutrina da absoluta superioridade divina. Em resumo, os atributos incommunicáveis evidenciam a glória e majestade de Deus, mostrando que, embora possamos refletir alguns aspectos de seu caráter (atributos comunicáveis), Ele permanece infinitamente além de nossa compreensão e capacidade.

Astrologia. A astrologia é um sistema de crenças e práticas que afirma que a posição e o movimento dos corpos celestes — como planetas, estrelas e a Lua — influenciam a vida e o destino dos seres humanos e os eventos na Terra. Originada há milhares de anos em civilizações antigas como a babilônica, a astrologia se desenvolveu ao

longo do tempo em diversas tradições, incluindo a grega, a árabe e a indiana. Ela é baseada na interpretação de mapas astrais (ou horóscopos), que representam a posição dos astros no momento do nascimento de uma pessoa ou de um evento. A astrologia não é uma religião, nem possui um livro sagrado, mas é praticada por muitas pessoas como uma forma de autoconhecimento, previsão ou orientação. O cristianismo bíblico geralmente rejeita a astrologia, considerando-a uma forma de superstição ou idolatria, e ensina que a única autoridade para guiar a vida é Deus. Jesus Cristo é reconhecido no cristianismo como Senhor e Salvador, e não tem relação com práticas astrológicas.

Ateísmo. O ateísmo é a posição filosófica e religiosa que nega a existência de qualquer deus ou divindade. Não é uma religião, mas uma postura de descrença em entidades sobrenaturais, baseada frequentemente em argumentos racionais, científicos ou céticos. O ateísmo pode variar desde a simples ausência de crença em deuses até a convicção explícita de que deuses não existem. Diferentemente das religiões teístas, o ateísmo não possui escrituras sagradas, rituais ou dogmas, e não adota um sistema formal de crenças. Sobre Jesus, o

ateísmo o reconhece como uma figura histórica, líder religioso e personagem cultural, mas não atribui a ele nenhuma natureza divina ou missão sobrenatural. O ateísmo é uma visão de mundo secular e naturalista, adotada por milhões de pessoas ao redor do mundo, e é frequentemente contrastado com o teísmo, a crença na existência de Deus ou deuses.

Atman. No bramismo, atman é o eu verdadeiro, eterno e imutável, considerado a essência divina presente em todos os seres. No Bramismo, acredita-se que o Atman é idêntico a Brahman, a realidade suprema. Diferente do ego ou da personalidade, o Atman transcende o corpo e a mente. Conhecer o Atman é o caminho para a libertação espiritual (Moksha). Os Upanishads ensinam que a ignorância do Atman é a causa do sofrimento e da ilusão. O autoconhecimento é, portanto, essencial na tradição bramânica. No hinduísmo, atman é a alma individual, o verdadeiro eu interior de cada ser, eterno, imutável e divino. É considerado idêntico, em essência, ao Brahman, o absoluto universal — uma das ideias centrais do pensamento védico e especialmente da filosofia advaita vedanta. O atman não nasce nem morre, apenas habita corpos diferentes ao longo do ciclo de

renascimentos (samsara). O autoconhecimento espiritual consiste em perceber que o atman não é o corpo nem a mente, mas a própria realidade eterna. Realizar essa verdade leva ao moksha, a libertação final.

Ato profético. No contexto bíblico, um ato profético é uma ação simbólica realizada por um profeta para comunicar uma mensagem divina de forma visual e impactante, muitas vezes anunciando juízo, arrependimento ou promessa de restauração. Profetas bíblicos frequentemente realizavam atos proféticos para comunicar mensagens divinas de forma simbólica e impactante. Por exemplo, Jeremias quebrou um vaso em Jerusalém para ilustrar a destruição inevitável da cidade (Jeremias 19:1-13). Ezequiel deitou-se sobre o lado esquerdo por 390 dias e sobre o direito por 40 dias, simbolizando o castigo de Israel e Judá (Ezequiel 4:4-8). Isaías caminhou nu e descalço por três anos como sinal contra o Egito e a Etiópia (Isaías 20:2-4). Eliseu amaldiçoou um grupo de jovens que zombavam dele, e duas ursos apareceram para atacá-los, demonstrando a seriedade da profecia (2 Reis 2:23-25). Esses atos ajudavam a tornar a mensagem de Deus clara e memorável para o povo. Esses atos eram instrumentos para tornar a palavra de Deus mais clara e inesquecível ao povo. Contudo,

no uso da era da igreja e contemporâneo, algumas correntes religiosas ou grupos distorcem a ideia de ato profético, transformando ações humanas impulsivas, sem base bíblica, em “profecias” ou sinais de Deus, o que pode levar a manipulação, confusão e falsas expectativas. Portanto, é importante discernir que os verdadeiros atos proféticos devem estar alinhados à Escritura, à vontade de Deus revelada e à edificação da igreja, rejeitando qualquer manifestação que promova divisões, erro doutrinário ou sensacionalismo. Mas na história da Igreja, atos proféticos são desconhecidos, até que inventaram essas práticas novamente no século 20, e em muitos casos acabaram banalizando o sagrado.

Atributo. Em linguagem bíblica, significa qualidade de um ser. Deus possui os atributos incomunicáveis, ou seja, que apenas ele tem, como Soberania, Onisciência, Onipresença, Eternidade (sem princípio e sem fim), e os comunicáveis, ou seja, que ele tem e nos capacita a ter também, em menor escala, é óbvio, como o amor, a sabedoria, a bondade, a misericórdia, etc. Todos esses atributos ou qualidades são percebidas por meio da criação. – Romanos 1:20; Salmo 19:1.

Autógrafos. Termo usado para designar os manuscritos originais das Escrituras, escritos diretamente pelos autores inspirados — como Moisés, os profetas, os apóstolos e evangelistas — ou por seus secretários sob orientação divina. Esses autógrafos são considerados a fonte primária da Palavra de Deus, contendo o texto inspirado, infalível e inerrante conforme Deus o revelou (2 Timóteo 3:16; 2 Pedro 1:20-21). Embora os autógrafos originais não tenham chegado até nós, pois se perderam ou deterioraram com o tempo, sua importância reside no fato de serem o padrão absoluto para todas as traduções, cópias e versões posteriores da Bíblia. Por isso, o estudo textual, ou crítica textual, busca recuperar o texto mais próximo possível dos autógrafos, comparando manuscritos antigos para corrigir erros de cópia e garantir a fidelidade ao original. A doutrina dos autógrafos destaca que somente o texto original possui a plenitude da inspiração e autoridade divina, e que quaisquer erros ou variações encontrados nos manuscritos posteriores não comprometem a essência da Escritura. Essa crença é fundamental para sustentar a confiança na Bíblia como Palavra de Deus e para defender a autoridade das versões bíblicas baseadas nos melhores textos críticos. Em suma, os escritos autógrafos são

os textos originais inspirados por Deus, que servem como base para toda a revelação bíblica, embora hoje estejam indisponíveis fisicamente, permanecem como o padrão normativo e ideal para a transmissão fiel da mensagem das Escrituras.

Avatar. No contexto do espiritualismo, especialmente em correntes influenciadas pelo Racionalismo Cristão e em algumas visões mais amplas do espiritismo, avatar refere-se a uma encarnação divina ou manifestação de uma entidade espiritual elevada na Terra, com a missão de trazer ensinamentos, orientação e renovação espiritual para a humanidade. Diferente do uso original hinduísta, onde avatar são as manifestações de Vishnu, no espiritismo e no racionalismo cristão o termo é usado de forma mais simbólica para designar um ser que volta à vida física com propósito pedagógico e redentor. Essa ideia ressalta a continuidade da evolução espiritual e o papel dos seres iluminados no progresso moral da humanidade. Nas religiões orientais, especialmente no hinduísmo, o termo avatar significa “descida” e refere-se à manifestação terrestre de uma divindade, especialmente do deus Vishnu, que desce ao mundo em diversas formas para restaurar a ordem, proteger os justos e destruir o mal. Os

avatares mais conhecidos de Vishnu incluem Rama e Krishna. Cada avatar tem uma missão específica, e suas histórias são narradas em textos sagrados como os Vedas, Mahabharata e Ramayana. No hinduísmo, os avatares são vistos como expressões da graça divina, que intervém periodicamente na história para guiar a humanidade. O conceito de avatar é fundamental para a compreensão da interação entre o divino e o humano nessas tradições.

Avesta. Livro sagrado do Zoroastrismo, composto por textos litúrgicos, hinos, leis e ensinamentos. Está escrito em avéstico, uma língua indo-iraniana antiga. A parte mais importante é o Yasna, que contém os Gathas, supostamente compostos pelo próprio Zaratustra.

Avidya. No budismo, significa ignorância ou falta de conhecimento espiritual. É a principal causa do sofrimento e do ciclo de renascimentos (samsara). A ignorância impede o ser humano de perceber a verdadeira natureza da realidade, como a impermanência e o não-eu. A prática budista visa eliminar a Avidya por meio da sabedoria, meditação e conduta ética. Ao dissipar a ignorância, o indivíduo se aproxima da iluminação.

B

Bahá'ísmo. O Bahá'ísmo é uma religião fundada por Bahá'u'lláh (1817–1892) no século XIX, em Pérsia (atual Irã). Surgiu como uma continuação e cumprimento das religiões monoteístas anteriores, especialmente do Islã, e prega a unidade fundamental de todas as religiões e da humanidade. Seus seguidores acreditam que Bahá'u'lláh é o mais recente mensageiro divino, chamado para trazer um novo ensinamento adaptado para a era moderna. O livro sagrado principal é o Kitáb-i-Aqdas, juntamente com outros escritos de Bahá'u'lláh e seus sucessores. O Bahá'ísmo reconhece Jesus como um Manifestante de Deus, uma das muitas revelações progressivas da vontade divina, mas não o vê como a única encarnação de Deus. Entre suas doutrinas estão a unidade do gênero humano, a eliminação do preconceito, a harmonia entre ciência e religião, o fim das divisões nacionais e religiosas e a criação de uma paz mundial duradoura. Atualmente, o Bahá'ísmo é uma religião global com milhões de adeptos em todo o mundo.

Bandha. No jainismo, bandha é a ligação ou adesão do karma à alma. Esse vínculo ocorre quando ações, pensamentos ou palavras são acompanhados por emoções e desejos, causando o aprisionamento da alma em partículas kármicas. Quanto maior a intensidade das paixões, mais firme é a bandha. Esse processo impede a alma de alcançar a pureza e a libertação. A prática ética e o controle dos impulsos visam enfraquecer e eliminar a bandha, permitindo que a alma progrida rumo ao moksha, o estado de libertação definitiva.

Barashnum. Ritual de purificação praticado pelos zoroastristas, especialmente pelos sacerdotes. O processo envolve várias etapas, inclusive banhos cerimoniais e isolamento. Esse rito tem origem na necessidade de purificar-se de impurezas espirituais e físicas.

Bar Mitzvah. No judaísmo, ritual de passagem para os meninos judeus ao completarem 13 anos, marcando a responsabilidade de cumprir os mandamentos da Torá. A partir daí, tornam-se adultos na comunidade judaica, capazes de participar plenamente da vida religiosa. Inclui leitura pública da Torá.

Baruc. Um escriba e discípulo fiel do profeta Jeremias, mencionado principalmente no Antigo Testamento e em livros deuterocanônicos. Ele é conhecido por registrar as profecias de Jeremias e por sua dedicação em transmitir a palavra de Deus ao povo de Judá durante tempos difíceis de julgamento e exílio. (Jeremias 36:4-6) Baruc também é associado a orações e escritos que expressam arrependimento e esperança na misericórdia divina. Sua figura representa a fidelidade à missão profética e o compromisso de preservar e comunicar a mensagem divina mesmo em meio à adversidade.

Baruc, Livro de. É um texto deuterocanônico presente na Bíblia católica e ortodoxa, mas não reconhecido no cânon hebraico nem aceito como inspirado pela maioria das igrejas evangélicas e protestantes. Tradicionalmente atribuído a Baruc, escriba do profeta Jeremias, o livro contém orações, súplicas, confissões de pecado e exortações ao arrependimento do povo de Israel durante o exílio na Babilônia. Também apresenta reflexões sobre a sabedoria e a justiça de Deus, além da esperança na restauração futura. O texto enfatiza a fidelidade de Deus mesmo diante da desobediência humana e oferece consolo e

encorajamento para que o povo retorne a Ele com um coração arrependido.

Batismo. Ritual de iniciação, onde a pessoa é imersa ou, dependendo o grupo religioso, pode ser batizada por aspersão, e é um símbolo de que um indivíduo acaba de entrar para um grupo ou sociedade religiosa. Ser batizado em Moisés (1 Coríntios 10:2), por exemplo, significa que os Israelitas pertenciam a uma comunidade liderada ou administrada por Moisés. Ser batizado com o Espírito de Deus (ou no Espírito Santo) significa pertencer à Igreja de Cristo administrada pelo Espírito Santo. Jesus ensinou o batismo deve ser feito em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. – Mateus 28:19, 20.

Batismo infantil. Prática religiosa que consiste em administrar o sacramento do batismo a crianças pequenas ou bebês, antes que possam professar pessoalmente a fé em Jesus Cristo. O batismo infantil tem raízes históricas antigas e é comum em várias tradições cristãs, especialmente na Igreja Católica, Ortodoxa e em algumas denominações protestantes, como as igrejas reformadas e luteranas. Nessas tradições, o batismo infantil é entendido como um meio de graça que incorpora a criança à

comunidade da fé e, em muitos casos, está ligado à doutrina do pecado original, simbolizando a purificação do pecado e a iniciação na vida cristã. Dentro do cristianismo evangélico, há diversidade de práticas e entendimentos. Algumas igrejas protestantes históricas, como as reformadas e presbiterianas, também praticam o batismo infantil, vendo-o como uma inclusão da criança na aliança de Deus, semelhante à circuncisão no Antigo Testamento. Contudo, muitas igrejas evangélicas e pentecostais rejeitam o batismo infantil, defendendo o batismo somente para aqueles que fazem uma profissão consciente de fé (batismo de crentes), baseado em passagens bíblicas que associam o batismo à fé pessoal (Atos 2:38; Romanos 6:3, 4). No entanto, o batismo infantil católico difere em aspectos doutrinários importantes que os evangélicos não aceitam. A Igreja Católica ensina que o batismo infantil é um sacramento que remove o pecado original e confere graça santificante à criança, tornando-a membro pleno da Igreja e necessária para a salvação. Além disso, o batismo católico está intimamente ligado à doutrina dos sacramentos como canais indispensáveis de graça e à autoridade da Igreja para administrar esses meios. Os evangélicos, em geral, rejeitam essas premissas, pois não

veem o batismo como meio de salvação ou regeneração automática, mas como um ato externo de obediência que simboliza a fé já existente no coração do crente. Também não aceitam a ideia de pecado original como uma culpa herdada que requer um sacramento para ser removida, mas sim como uma condição de pecado que leva à necessidade de fé em Cristo para o perdão. Por isso, apesar de algumas tradições protestantes aceitarem o batismo infantil como prática, elas o fazem sob uma compreensão diferente da católica, enfatizando o batismo como sinal da aliança e compromisso futuro, e não como meio de graça indispensável para a salvação.

Bat Mitzvah. No judaísmo, semelhante ao Bar Mitzvah, ritual de passagem mas para as meninas, geralmente aos 12 anos. Marca a maturidade religiosa feminina, com o compromisso de observar as leis e tradições judaicas. É uma celebração importante na comunidade, enfatizando o papel da mulher na fé.

Batismo pelos mortos. O batismo pelos mortos é uma doutrina praticada principalmente pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Igreja Mórmon), que ensina que pessoas vivas podem ser batizadas em favor daqueles que já

morreram, proporcionando-lhes a oportunidade de aceitar o evangelho na vida após a morte. Essa prática foi introduzida por Joseph Smith, fundador da igreja, no século XIX, como parte da teologia da salvação e da obra vicária pelos mortos. O rito é realizado em templos sagrados, onde os membros batizam-se e mencionam os nomes dos antepassados falecidos, com a esperança de resgatá-los de seu estado réprobo no além. A Bíblia não menciona explicitamente essa prática, mas os mórmons baseiam-na em uma passagem de 1 Coríntios 15:29. Jesus é reconhecido como o Salvador e mediador da salvação para vivos e mortos, segundo a doutrina mórmon. A prática do batismo pelos mortos é rejeitada pela maioria das igrejas cristãs tradicionais, que a consideram sem fundamento bíblico.

Beatificação. Processo da Igreja Católica Romana pelo qual uma pessoa falecida é declarada “bem-aventurada” (beata), reconhecendo oficialmente que viveu uma vida de virtude heroica e está no céu, podendo ser venerada localmente como exemplo de santidade. A beatificação é uma etapa intermediária no caminho para a canonização, que é a declaração final de santidade, reconhecendo o indivíduo como santo e digno de culto universal na Igreja.

Para a beatificação, a Igreja exige geralmente a comprovação de um milagre atribuído à intercessão da pessoa após sua morte, o que confirma a sua presença junto a Deus. No caso de mártires, essa exigência pode ser dispensada. O processo é conduzido pela Congregação para as Causas dos Santos e envolve investigação detalhada da vida, escritos, virtudes e fama de santidade do candidato. Do ponto de vista cristão protestante, a beatificação não tem fundamento bíblico nem teológico, pois a santidade e aceitação diante de Deus dependem exclusivamente da fé em Cristo e da obra de Deus, não de processos ou declarações humanas. Além disso, a prática da veneração a beatos e santos, comum no catolicismo, é vista como uma forma de idolatria e mediação indevida, contrariando o ensino bíblico de que Cristo é o único mediador entre Deus e os homens (1 Timóteo 2:5). Para os protestantes, todos os cristãos fiéis são “santos” (Rm 1:7) e podem ser reconhecidos e honrados pela Igreja sem necessidade de processos humanos formais. Assim, a beatificação é uma prática exclusivamente católica, ligada a uma teologia e tradição que divergem da doutrina bíblica protestante sobre santidade, mediação e a comunhão dos santos.

Bênção. É a manifestação do favor, da graça e da bondade de Deus sobre a vida de alguém, expressa por palavras, atos ou resultados espirituais e materiais. Na Bíblia, bênção pode vir diretamente de Deus (Números 6:24-26), ser pronunciada por líderes espirituais (Gênesis 49), ou acontecer como resposta à obediência e à fé (Deuteronômio 28:1-6). Ela abrange desde provisão e proteção até paz, salvação e comunhão com Deus. A maior bênção revelada nas Escrituras é a salvação em Cristo (Efésios 1:3), que nos concede todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais. A bênção também implica responsabilidade: quem é abençoado por Deus é chamado a ser uma bênção para os outros (Gênesis 12:2).

Bênção (ou Unção) de Toronto. Movimento religioso carismático que surgiu em janeiro de 1994 na Toronto Airport Vineyard Church, no Canadá, liderada pelo pastor John Arnott. Durante os cultos, começaram a ocorrer manifestações espirituais intensas e incomuns, como risos incontroláveis, gritos, quedas ao chão, sons de animais, tremores corporais e sentimentos de êxtase espiritual — os participantes acreditavam estar experimentando uma nova “unção do Espírito Santo”. Rapidamente, o fenômeno atraiu milhares de visitantes de várias partes

do mundo e ficou conhecido como “Toronto Blessing” (Bênção de Toronto), sendo considerado por seus adeptos um mover sobrenatural de avivamento, renovação espiritual e libertação emocional. Seus defensores afirmam que tais manifestações são semelhantes às descritas em Atos dos Apóstolos (como em Pentecostes) e são sinais da presença poderosa do Espírito. Porém, a Bênção de Toronto foi alvo de fortes críticas por parte de teólogos reformados, pentecostais clássicos e outros cristãos, que questionaram a base bíblica e a autenticidade espiritual dessas manifestações. Críticos argumentam que muitos dos comportamentos exibidos não têm respaldo nas Escrituras, lembrando mais estados de transe emocional, histeria coletiva ou influência psicológica do que um verdadeiro agir do Espírito. Além disso, apontam que o culto à experiência sensorial pode desviar o foco da centralidade de Cristo e da Palavra de Deus, promovendo confusão, espetacularismo e falsa espiritualidade. A Bênção de Toronto influenciou outros movimentos semelhantes, como o Avivamento de Pensacola (Brownsville), e continua a dividir opiniões entre os que a veem como um legítimo mover de Deus e os que a consideram uma distorção emocional ou mesmo perigosa. À luz bíblica, todo

avivamento genuíno deve ser acompanhado por arrependimento, transformação de vida, centralidade de Cristo e reverência à Palavra, e não apenas por manifestações externas.

Benzer / Benzimento. Prática religiosa popular presente principalmente no interior do Brasil e em comunidades de tradição católica popular, afro-brasileira ou sincrética, em que uma pessoa — chamada de benzedor ou benzedeira — realiza uma oração ou ritual com gestos (como o sinal da cruz) e o uso de objetos simbólicos (ramos, água, sal, óleo, fumo, fitas, entre outros) com o objetivo de curar doenças, afastar o "mau-olhado", inveja, quebranto, ou outras influências espirituais negativas. A oração (a “reza”) geralmente é aprendida por tradição oral e transmitida entre gerações, muitas vezes com palavras em tom místico ou invocando santos católicos, anjos ou até mesmo a “força do universo”. Apesar de envolver elementos religiosos e termos cristãos, o benzimento não tem fundamento bíblico nem se encaixa na prática do cristianismo genuíno. Em muitos casos, mescla catolicismo popular com crenças supersticiosas e práticas ocultistas, como simpatias, magia branca e elementos de religiões afro-brasileiras. A Bíblia ensina que a cura, proteção e libertação vêm exclusivamente de Deus, por

meio da oração em nome de Jesus Cristo (Tiago 5:14-16; João 14:13), sem necessidade de rituais místicos ou intermediários espirituais extrabíblicos. A prática do benzimento, ao recorrer a fórmulas, objetos e palavras de poder, se aproxima da feitiçaria ou da magia disfarçada de religiosidade, desviando o foco da fé verdadeira e incentivando confiança em práticas humanas e não na soberania de Deus. Cristãos autênticos são chamados a discernir e rejeitar essas práticas (Deuteronômio 18:10-12), que, embora muitas vezes praticadas com intenções sinceras, podem abrir portas para engano espiritual, sincretismo e dependência de rituais contrários à simplicidade e à verdade do Evangelho.

Bhakti. No hinduísmo, bhakti significa devoção amorosa e entrega total a uma divindade pessoal, como Vishnu, Shiva ou a deusa Devi. É um caminho espiritual centrado no amor, na fé e na prática constante de adoração, oração e cânticos, buscando uma relação íntima e pessoal com o divino. Através da bhakti, o devoto transcende o ego e o apego mundano, alcançando paz interior e, eventualmente, a libertação (moksha). Esse movimento devocional teve grande influência em toda a Índia, tornando a espiritualidade acessível a

peessoas de todas as classes sociais, enfatizando que o amor puro é suficiente para a salvação. No bramanismo, Bhakti é a devoção amorosa e pessoal a uma divindade. Embora mais destacada em fases posteriores do Hinduísmo, tem raízes no Bramanismo védico. A prática de Bhakti pode incluir cânticos, orações, oferendas e meditação no nome da divindade. Ela não requer necessariamente rituais complexos, mas sim sinceridade e entrega. Bhakti promove uma relação íntima entre o devoto e o divino, superando barreiras sociais ou intelectuais. É considerada um caminho espiritual acessível a todos.

Bhavana (meditação). Prática central no Budismo, usada para desenvolver atenção plena, concentração e sabedoria. Existem diferentes formas de meditação, como a concentração em um objeto (samatha) e a meditação da visão penetrante (vipassana). O objetivo é alcançar estados de clareza mental e liberdade dos apegos e ilusões. A meditação transforma a mente e conduz ao despertar espiritual.

Blasfêmia. Ato de insultar, desprezar ou desonrar Deus com palavras ou atitudes, atribuindo-lhe injustiça, maldade ou limitações. Na Bíblia, a blasfêmia é

considerada pecado grave, pois atinge diretamente o caráter santo de Deus (Levítico 24:16). Jesus advertiu que toda blasfêmia pode ser perdoada, exceto a blasfêmia contra o Espírito Santo, que consiste em rejeitar deliberadamente a obra divina (Mateus 12:31, 32). Esse pecado revela um coração endurecido e resistente ao arrependimento. Blasfemar não se limita a palavrões, mas inclui heresias, zombarias e distorções conscientes sobre Deus. A reverência ao nome e à pessoa de Deus é um mandamento fundamental na fé cristã.

Bíblia. Palavra que vem do grego “bíblos” ou “bíblon”, que significa “livrinhos”. Assim, a Bíblia é uma coleção de 66 livrinhos inspirados por Deus que compõem as Escrituras Sagradas do cristianismo, dividida em Antigo e Novo Testamento. A Bíblia revela a vontade, o caráter e o plano redentor de Deus para a humanidade, narrando desde a criação, a queda do homem, a história do povo de Israel, até a vida, morte, ressurreição e ensino de Jesus Cristo, bem como a formação da Igreja primitiva e as profecias sobre o fim dos tempos. Considerada inerrante e infalível em seu texto original, a Bíblia é a autoridade final para a fé e prática cristã (2 Timóteo 3:16, 17). É instrumento de ensino, repreensão,

correção e instrução na justiça, capaz de transformar vidas e conduzir à salvação por meio da graça (Salmo 119:105).

Bibliologia. É o estudo teológico da Bíblia, sua natureza, inspiração, autoridade, canonicidade, inerrância, e suficiência. A bibliologia investiga como a Escritura é a Palavra de Deus, escrita por autores humanos sob a inspiração do Espírito Santo (2 Timóteo 3:16), sendo infalível e sem erro em seus ensinamentos originais. Também aborda o processo de formação do cânon bíblico, a transmissão e tradução dos textos, e o papel das Escrituras na vida do crente e da Igreja. A bibliologia sustenta que a Bíblia é a regra suprema de fé e prática para o cristão, capaz de conduzir à salvação e à santificação. Ela fundamenta a confiança no texto sagrado como a revelação completa e final de Deus para a humanidade.

Blasfêmia. Uma palavra ou expressão de afronta ao nome de Deus (Levítico 24:11, 16; Salmo 74:10, 18) ou ao conceito de seu Ser, atitude esta que era tida como ofensa capital punida por apedrejamento. (Levítico 24:11, 16) A blasfêmia contra o Espírito Santo não tem perdão, segundo o próprio Jesus. (Mateus 12:31) Jesus foi acusado de blasfêmia por se fazer igual a Deus em

algumas de suas declarações. – João 8:58, 59; 10:30-36.

Bispo. Na teologia cristã, **o bispo** é um líder eclesiástico responsável pela supervisão espiritual, doutrinária e pastoral de uma igreja ou de um grupo de igrejas. A palavra vem do grego *epískopos*, que significa “supervisor”. No Novo Testamento, o termo é usado de forma intercambiável com *presbítero* ou *ancião* (Atos 20:17,28; Tito 1:5-7), indicando liderança madura e capacitada. Entre suas funções estão: ensinar a sã doutrina, zelar pela santidade da igreja, cuidar do rebanho de Deus e manter a ordem espiritual (1 Timóteo 3:1-7; Tito 1:7-9). No catolicismo e em tradições episcopais, o bispo é considerado sucessor dos apóstolos e tem autoridade hierárquica sobre padres e igrejas locais. Já entre protestantes, sua função varia, podendo ser equivalente a pastor sênior ou supervisor regional.

Bode expiatório. No Dia da Expição (Yom Kippur), conforme Levítico 16, Deus ordenou que o sumo sacerdote escolhesse dois bodes: um seria sacrificado como oferta pelo pecado e o outro seria o “bode expiatório” (Azazel). Este segundo bode não era morto, mas sobre ele o sacerdote impunha as mãos e confessava todos os pecados do povo,

simbolicamente transferindo-os ao animal. Em seguida, o bode era levado ao deserto e solto, representando que os pecados estavam sendo retirados e levados para longe, ou seja, expiados — a culpa era removida da comunidade. O termo “expiatório” vem de “expiar”, que significa “remover” ou “apagar” o pecado diante de Deus. No Novo Testamento, essa prática é vista como um símbolo da obra de Jesus, que assumiu os pecados do mundo e os levou sobre si (Isaías 53:6), tornando-se o verdadeiro e definitivo “bode expiatório” ao morrer na cruz em nosso lugar (Hebreus 9:26).

Bodhi (Iluminação). Estado de plena sabedoria e libertação alcançado ao despertar para a verdadeira natureza da realidade. Quem atinge a iluminação vê claramente a impermanência, o não-eu e a origem do sofrimento. É o fim da ignorância, do desejo e do carma que prendem ao ciclo de renascimentos. Buda atingiu a iluminação aos 35 anos, meditando sob a árvore Bodhi. Esse estado é o objetivo final do budista.

Bodhisatva. No budismo, ser compassivo que decidiu adiar sua entrada no Nirvana para ajudar todos os seres a alcançar a libertação. Muito presente no Budismo Mahayana, o

Bodhisattva busca desenvolver perfeições como generosidade, ética, paciência e sabedoria. Exemplos conhecidos incluem Avalokiteshvara e Manjushri. Os votos de um Bodhisattva incluem salvar todos os seres sencientes, por mais que isso leve incontáveis vidas. É um modelo de altruísmo no caminho budista.

Brahma. No hinduísmo, Brahma é o deus criador dentro da trindade Trimurti, que inclui também Vishnu, o preservador, e Shiva, o destruidor. Ele é responsável pela criação do universo e de todos os seres vivos, sendo frequentemente representado com quatro cabeças, simbolizando os quatro Vedas e a sabedoria universal. Apesar de sua importância, Brahma é menos cultuado em templos e devoção popular em comparação com Vishnu e Shiva. Ele representa o aspecto criativo e manifestador do divino, dando origem à existência e à diversidade do cosmos.

Brahman. No bramanismo, Brahman é a realidade suprema, infinita, eterna e impessoal do Bramanismo. Não é um deus pessoal, mas o princípio absoluto de onde tudo emana e para onde tudo retorna. É onipresente e transcendente, estando além de todas as formas e nomes. Os textos

Upanishádicos exploram profundamente a natureza de Brahman e sua relação com o Atman. Realizar a unidade entre Atman e Brahman é o objetivo último do praticante. Brahman não é adorado, mas contemplado e buscado. No hinduísmo, diferente de deuses pessoais como Brahma, Vishnu ou Shiva, Brahman não tem características definidas e transcende toda dualidade. A realização da identidade do atman (alma individual) com o Brahman é o objetivo último da filosofia vedanta, representando a libertação (moksha) e a compreensão da unidade fundamental de toda existência.

Brahmana. No bramanismo, os brahmanas são textos védicos que explicam o significado dos rituais descritos nos Vedas e orientam sobre sua execução. Servem como manuais litúrgicos para os sacerdotes e são fundamentais na formação do sacerdócio bramânico. Eles também contêm mitos, comentários e interpretações teológicas. Sua função é garantir que os rituais mantenham a ordem cósmica (rita). Os Brahmanas foram compostos após os hinos védicos e revelam o desenvolvimento da religião védica em direção à reflexão filosófica.

Bramanismo. O Bramanismo é o sistema religioso e social que se desenvolveu na Índia

antiga, principalmente durante o período védico (aproximadamente entre 1500 e 500 a.C.), baseado nos ensinamentos dos Vedas, os textos sagrados mais antigos da tradição hindu. Essa religião é centrada na figura dos brâmanes, a classe sacerdotal responsável pela execução dos rituais e sacrifícios aos deuses védicos, que eram considerados essenciais para manter a ordem cósmica (ṛta). O Bramanismo enfatiza o cumprimento do dharma (dever religioso e social), a crença no karma (consequências morais das ações) e no ciclo de renascimentos (samsara), buscando a libertação espiritual (moksha) por meio de rituais, meditações e conhecimento esotérico. Jesus não é parte de suas crenças, pois o Bramanismo é uma tradição religiosa independente que precedeu o cristianismo. Com o tempo, o Bramanismo evoluiu e deu origem ao Hinduísmo clássico, incorporando novos deuses e práticas, mas mantendo sua base nos Vedas.

Buda. Título dado a quem alcança a iluminação completa e definitiva, libertando-se do ciclo de renascimentos. O mais conhecido é Siddhartha Gautama, que viveu no século VI a.C. e é o fundador histórico do Budismo. “Buda” significa “O Iluminado” ou “O Desperto”. Ele compreendeu as Quatro

Nobres Verdades e indicou o Caminho Óctuplo como meio de superar o sofrimento. O Budismo reconhece a possibilidade de outros Budas no passado e futuro.

Budismo. Tradição espiritual e filosófica fundada por Siddhartha Gautama, o Buda, no século VI a.C., na Índia. Não é teísta, pois não adora um deus criador, mas propõe um caminho de libertação do sofrimento por meio da ética, meditação e sabedoria. O ponto de partida são as Quatro Nobres Verdades: o sofrimento (dukkha) existe; ele tem uma causa (o desejo e o apego); é possível cessá-lo; e há um caminho para isso: o Nobre Caminho Óctuplo, que inclui prática correta de pensamentos, ações, fala, esforço, meditação e sabedoria. A realidade, segundo o Budismo, é marcada pela impermanência (anicca), pela ausência de um eu fixo (anatta) e pelo sofrimento. O objetivo final é alcançar o Nirvana, estado de libertação do ciclo de renascimentos (samsara). Existem três grandes escolas: Theravada, focada nos ensinamentos mais antigos e na iluminação pessoal; Mahayana, que valoriza o ideal do bodhisattva e a compaixão; e Vajrayana, caracterizado por práticas esotéricas como mantras e mandalas. O Budismo propõe uma vida de disciplina moral (seguindo preceitos como não matar, não mentir), meditação

constante e desenvolvimento da mente, com o foco na transformação interior. Ainda que reconheça seres espirituais, considera-os impermanentes e não salvadores.

C

Cabalá. Tradição mística do judaísmo que busca compreender os mistérios de Deus, do universo e da alma humana por meio de interpretações esotéricas da Torá e outros textos sagrados, como o Zohar. A Cabalá enfatiza a dimensão oculta da realidade, revelando verdades espirituais profundas e a conexão entre o mundo visível e o invisível. Seus ensinamentos incluem conceitos como a Árvore da Vida, as sefirot (emanações divinas) e a busca pela união com o divino. Embora tenha origens antigas, a Cabalá se desenvolveu principalmente na Idade Média, influenciando práticas de meditação, oração e ética dentro do judaísmo. É considerada um caminho para a sabedoria e transformação interior. No entanto, suas ideias não são explicitamente detalhadas na Bíblia, mas baseiam-se na interpretação profunda dos textos sagrado.

Cabeça. Alguém que exerce autoridade sobre outra pessoa ou grupo. Deus é o cabeça de Jesus, Jesus o cabeça de sua igreja e o marido é o cabeça da sua esposa. - 1 Coríntios 11:3; Efésios 5:23.

CACP – Centro Apologético Cristão de Pesquisas – O Centro Apologético Cristão de Pesquisas (CACP) é uma instituição dedicada à defesa e ao estudo aprofundado da fé cristã, com ênfase especial na apologética cristã. Fundado para capacitar cristãos a responderem com clareza, segurança e fundamentação bíblica às dúvidas, críticas e ataques contra o cristianismo, o CACP realiza pesquisas teológicas, históricas e culturais que auxiliam no combate às heresias, falsas doutrinas e seitas. A instituição oferece seminários, cursos, palestras e materiais escritos que visam fortalecer a fé do cristão e equipá-lo para o diálogo racional e espiritual com não crentes e adeptos de outras religiões. Além disso, o CACP atua no monitoramento e análise de movimentos religiosos contemporâneos que desviam dos princípios bíblicos, fornecendo subsídios para a identificação e refutação desses grupos. Seu enfoque é sempre pautado na exegese bíblica rigorosa, na teologia sistemática e no compromisso com a ortodoxia cristã histórica. O Centro também

valoriza a ética cristã e o amor ao próximo como fundamentos para a prática apologética. Reconhecido por sua seriedade acadêmica e espiritual, o CACP contribui para o fortalecimento da igreja local e global, promovendo o ensino da fé verdadeira e o discernimento necessário para enfrentar os desafios doutrinários da atualidade. É um recurso importante para pastores, líderes, estudantes e todos que desejam aprofundar seu conhecimento da Bíblia e defender o evangelho com sabedoria e amor.

Caminho Óctuplo. Conjunto de oito práticas essenciais para a libertação do sofrimento, ensinadas pelo Buda. São elas: compreensão correta, pensamento correto, fala correta, ação correta, meio de vida correto, esforço correto, atenção plena correta e concentração correta. Esse caminho conduz à extinção do desejo e ao Nirvana. Ele é dividido em três categorias: sabedoria (prajñā), conduta ética (śīla) e disciplina mental (samādhi). É considerado o “caminho do meio”.

Candelabro. Objeto que serve para sustentar velas ou lâmpadas, geralmente com vários braços, usado para iluminação e também com significado simbólico em diversas tradições religiosas. No contexto religioso, o

candelabro frequentemente possui um significado espiritual ligado à luz, à presença divina e à santidade. No judaísmo, o candelabro mais famoso é a *Menorá*, um candelabro de sete braços feito de ouro, que ficava no Templo de Jerusalém. A Menorá é um dos símbolos mais antigos do judaísmo, representando a luz divina, a sabedoria de Deus e a iluminação espiritual. Ela também simboliza a criação (sete dias) e a presença contínua de Deus entre o Seu povo (Êxodo 25:31-40). Outra versão é a Menorá de nove braços usada no Hanukkah, comemorando a rededicação do Templo. No cristianismo, o candelabro também tem forte valor simbólico. Nas liturgias e nas igrejas, os candelabros são usados para representar a luz de Cristo que ilumina o mundo (João 8:12). A Menorá, por sua vez, é vista por muitos como um símbolo profético do Messias e da luz da nova aliança. Na Bíblia, o Livro do Apocalipse menciona sete candelabros que representam as sete igrejas da Ásia (Apocalipse 1:12-13), simbolizando a presença e o testemunho da Igreja. Em outras religiões e culturas, candelabros também aparecem como símbolos de luz espiritual, purificação e conexão com o divino. Por exemplo, no hinduísmo, lâmpadas e candelabros são usados em rituais para afastar a escuridão e atrair

energias positivas. No cristianismo ortodoxo, velas e candelabros marcam a reverência e a oração diante dos ícones. Em suma, o candelabro é um símbolo universal da luz espiritual, da presença divina e da santidade, com variações específicas em cada tradição religiosa que refletem sua teologia e prática litúrgica.

Candomblé. O Candomblé é uma religião afro-brasileira originada no Brasil entre os séculos XVIII e XIX, fruto da resistência e preservação das tradições religiosas africanas trazidas pelos povos iorubás, jejes e bantus escravizados. Fundada coletivamente por comunidades negras, o Candomblé não possui um fundador específico. A religião cultua os orixás, divindades que representam forças da natureza e ancestrais divinizados, como Oxalá, Iemanjá, Xangô, entre outros. Acredita-se que cada pessoa nasce com um orixá protetor, e a prática envolve rituais de dança, música, oferendas, iniciações e possessão espiritual. A Bíblia e Jesus não são fontes centrais, mas em alguns contextos há sincretismo, onde orixás são associados a santos católicos. O Candomblé não possui um livro sagrado, sendo sua tradição mantida oralmente e por meio de rituais transmitidos entre terreiros. A religião é uma expressão cultural e espiritual afro-brasileira que

valoriza a ancestralidade, a natureza e a comunhão entre humanos e divindades.

Cânon Bíblico. O Cânon Bíblico é o conjunto de livros reconhecidos como inspirados por Deus e, portanto, normativos para a fé e prática dos cristãos. A palavra “cânon” vem do grego kanón, que significa “regra” ou “medida”. O cânon das Escrituras foi formado progressivamente: o Antigo Testamento foi consolidado por volta do século V a.C. e reconhecido posteriormente por Jesus e os apóstolos; já o Novo Testamento teve seus 27 livros reconhecidos oficialmente em concílios cristãos entre os séculos IV e V, como os de Hipona (393 d.C.) e Cartago (397 e 419 d.C.). A Bíblia usada por protestantes contém 66 livros (39 no Antigo Testamento e 27 no Novo), enquanto as Bíblias católicas incluem 7 livros deuterocanônicos adicionais no Antigo Testamento, totalizando 73 livros. Igrejas ortodoxas podem conter ainda mais. A formação do cânon foi guiada por critérios como autoria apostólica (ou ligação direta com apóstolos), ortodoxia doutrinária, uso contínuo nas igrejas e inspiração reconhecida pelo Espírito Santo. O cânon bíblico é distinto das tradições religiosas que possuem outros livros sagrados, como o Livro de Mórmon (mórmons) ou o Evangelho segundo o

Espiritismo (espíritas), que são considerados apócrifos ou heréticos pelos cristãos ortodoxos. Para os cristãos bíblicos, a Bíblia é a única regra infalível de fé e prática, sendo suficiente, completa e inalterável.

Casamento. União entre um homem e uma mulher, que não deve ser desfeita (para alguns não pode em hipótese alguma ser desfeita), pois o que Deus uniu, tornando-os uma só carne, não separe o homem, conforme ensino de Jesus. – Gênesis 2:24; Mateus 19:4-6.

Casta. No bramanismo, o sistema de castas (varna) é uma organização social que surgiu no Bramanismo, dividindo a sociedade em quatro grupos principais: brâmanes (sacerdotes), xátrias (guerreiros), vaixás (comerciantes) e sudras (servos). Cada casta tem deveres e responsabilidades específicas. A casta define desde a profissão até as regras de casamento e pureza ritual. Embora seu papel religioso seja debatido, ela teve forte impacto social e espiritual na Índia. Em tempos modernos, tem sido amplamente criticada e reformada.

Castigo eterno. Doutrina bíblica que afirma que os ímpios, ou seja, aqueles que rejeitam a salvação em Jesus Cristo, sofrerão punição

consciente e sem fim após o juízo final. Essa ideia está baseada em textos como Mateus 25:46 ("irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna") e Apocalipse 20:10 ("serão atormentados dia e noite pelos séculos dos séculos"). O castigo eterno é frequentemente associado ao lago de fogo ou ao inferno, sendo interpretado como separação definitiva da presença de Deus. A doutrina serve como um alerta à gravidade do pecado e à necessidade do arrependimento. Algumas correntes, como o aniquilacionismo e o universalismo, negam o castigo eterno, propondo a destruição da alma ou a salvação de todos. No entanto, a tradição cristã histórica — especialmente nas igrejas protestantes, católica e ortodoxa — sustenta o ensino do castigo eterno como expressão da justiça divina. O pecado que leva ao castigo eterno é o de a pessoa jamais ter se convertido a Jesus, em vida. O pecado contra o Espírito Santo não tem perdão depois desta vida (Mateus 12:32), indicando que a pessoa que o cometeu e morreu sem se arrepender (João 16:8), evidentemente jamais se converteu a Cristo, em vida.

Católico/Catolicidade. “Católico” significa “universal”. Assim, quando nos referimos à “catolicidade” da Igreja de Jesus, estamos querendo dizer “a universalidade” desta

Igreja. Jesus Cristo deu a Grande Comissão à Igreja de fazer discípulos de pessoas de todas as nações. (Mateus 28:19, 20) Portanto, a Igreja de Jesus é católica nesta acepção, de ser universal, de estar em toda a terra habitada.

Cenobitismo. Forma de vida monástica cristã em comunidade, na qual monges ou monjas vivem juntos sob uma regra comum e a autoridade de um superior, como um abade ou abadessa. Diferente do eremitismo, que é a vida solitária, o cenobitismo enfatiza a vida comunitária, a disciplina, a oração coletiva, o trabalho e a partilha dos bens materiais. Essa forma de monaquismo foi organizada por figuras como São Pacômio no século IV, e consolidada pela Regra de São Bento no século VI, que estabeleceu princípios para o equilíbrio entre oração, trabalho e estudo. O cenobitismo buscava oferecer uma estrutura estável para a vida espiritual, fortalecendo a fé e o apoio mútuo entre os membros. Essa prática influenciou profundamente a história da Igreja e contribuiu para a preservação da cultura e da fé cristã durante períodos difíceis. O cenobitismo pode ser visto como uma vocação legítima para alguns que sentem chamado especial à vida de oração, renúncia e disciplina comunitária, desde que esteja alinhado com os princípios bíblicos de

amor, humildade e serviço. Todavia, não deve ser confundido com um requisito para a vida cristã, que é viver fielmente no mundo, mas sem ser do mundo (João 17:14-16). Em suma, o cenobitismo é uma expressão histórica e espiritual válida, mas não um mandato bíblico universal.

Céu(s). Os céus físicos são aqueles que observamos acima de nós. São os mesmos que Davi contemplava, com a lua e as estrelas criadas por Deus (Salmo 8:3, 4), ou os céus que declaram a glória de Deus. (Salmo 19:1) Mas há os céus espirituais, morada dos anjos (Mateus 22:30) e dos salvos. (Filipenses 3:20) Embora Deus esteja em toda a parte, lemos que ele está no céu (Mateus 6:9), um hebraísmo para se dizer que Deus é infinitamente superior a nós. Daí, se dizer que ele é o Altíssimo. (Salmo 83:18) A Bíblia fala dos novos céus e da nova terra (2 Pedro 3:13) que aguardamos, referindo-se ao lugar que Deus preparou para os salvos.

Céu, Terceiro. O terceiro céu é o mesmo local que o paraíso prometido por Jesus ao ex-ladrão na cruz. Jesus disse a ele: “Em verdade, em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso”. (Lucas 23:43) Sabemos que se trata do mesmo local porque Paulo menciona sobre um homem –

provavelmente ele mesmo – ter ido ao terceiro céu e depois ter que ele foi ao paraíso. (2 Coríntios 12:2-4) Logo, ambos com toda a certeza se referem à mesma coisa. Se Jesus prometeu o paraíso ao ex-ladrão, e este paraíso é o terceiro céu, fica bem evidente que se refere ao local para onde os espíritos dos salvos vão aguardar a ressurreição dos mortos.

Chakra. O conceito de chakra, que significa “roda” ou “disco”, é uma ideia central especialmente no hinduísmo, onde representa centros energéticos no corpo sutil ligados à energia vital (prana), emoções e espiritualidade, usados em práticas de yoga e meditação para promover equilíbrio e iluminação. No **budismo**, especialmente no budismo tibetano, chakras também são reconhecidos como pontos energéticos importantes para a prática de meditação e para o despertar espiritual, embora com variações em nome e função. No **jainismo**, o conceito de chakra não é central, já que o foco está na alma e no karma, sem ênfase em centros energéticos corporais. No **bramanismo** antigo, não há menção clara a chakras como no hinduísmo posterior. Nas religiões **xintoísmo**, **zoroastrismo**, **siquismo**, **taoismo** e **confucionismo**, o conceito de chakras como centros energéticos

específicos do corpo não é presente; entretanto, algumas dessas tradições têm práticas relacionadas à energia vital, como o qi no taoismo, que guarda certa semelhança funcional, embora não use o termo chakra. Portanto, o chakra é um conceito principalmente das tradições indianas (hinduísmo e budismo), com paralelos mais gerais em outras tradições relacionadas ao corpo energético, mas sem o mesmo detalhamento ou nomeação.

Chamado Eficaz. Quando nós chamamos alguém para se converter a Cristo, a pessoa pode ou não decidir pela conversão. Mas quando é Deus quem chama, dizemos que é um chamado eficaz, porque a todos os que Deus chama, estes serão justificados e glorificados, portanto, serão salvos. (Romanos 8:29, 30) Assim, é eficaz porque é impossível Deus não ser bem-sucedido neste chamado.

Charles Taze Russell. Charles Taze Russell (1852–1916) foi o fundador do movimento Estudantes Internacionais da Bíblia, que passou a ser chamado, em 1931, Testemunhas de Jeová. Nos anos finais do século XIX, nos Estados Unidos, Russell buscou renovar o cristianismo com um foco no estudo rigoroso da Bíblia, rejeitando

doutrinas tradicionais como a Trindade e a imortalidade da alma. Ele organizou o grupo chamado "Estudantes da Bíblia", que depois evoluiria para as Testemunhas de Jeová. Russell publicou várias obras influentes, incluindo a série Estudos das Escrituras, que estabeleceu as bases doutrinárias do movimento. Ele defendia que Jesus era o primeiro ser criado por Deus e que Jesus voltaria em 1914, data que considerava como início do governo invisível de Cristo. Russell usava a Bíblia como seu livro sagrado, mas interpretava-a segundo suas próprias impressões e entendimentos, que diferem significativamente do cristianismo histórico. Jesus, para Russell, não é Deus, mas o Filho criado por Jeová, posição rejeitada pela ortodoxia cristã.

Chaves do Reino. Expressão bíblica encontrada em Mateus 16:19, onde Jesus diz a Pedro: “Dar-te-ei as chaves do Reino dos céus; o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus.” As “chaves” simbolizam autoridade espiritual, especialmente no que diz respeito à proclamação do Evangelho e à administração da entrada no Reino de Deus. No contexto judaico, possuir uma chave era sinal de autoridade confiada por alguém superior — aquele que tinha a chave podia

abrir ou fechar portas com legitimidade. No Novo Testamento, Pedro, ao pregar em Pentecostes (Atos 2), abriu a porta da salvação aos judeus; depois, aos samaritanos (Atos 8); e finalmente aos gentios (Atos 10), cumprindo assim um papel especial no início da Igreja. A autoridade conferida pelas “chaves” também se estende aos demais apóstolos e, por consequência, à Igreja, conforme Mateus 18:18, onde o poder de “ligar e desligar” é atribuído à comunidade dos discípulos. Contudo, a Igreja Católica Romana interpreta essa passagem como fundamento do papado, afirmando que Pedro foi instituído como líder supremo da Igreja e que seus sucessores, os papas, herdaram essa autoridade exclusiva. Já os protestantes rejeitam essa leitura, entendendo que a autoridade das chaves não é pessoal ou hierárquica, mas ligada ao poder da Palavra e ao exercício fiel do ministério cristão de anunciar o Evangelho e disciplinar a Igreja. Assim, “ligar e desligar” refere-se ao reconhecimento da salvação ou da disciplina eclesiástica, sempre em conformidade com a Palavra de Deus, e não a decisões arbitrárias humanas. O verdadeiro poder das chaves, portanto, reside no uso legítimo da Escritura para anunciar o arrependimento e a fé em Cristo, abrindo a porta do Reino àqueles que creem.

Chinvat. No zoroastrismo, a ponte do julgamento na vida após a morte. Quando uma pessoa morre, sua alma deve atravessar essa ponte. Se viveu de modo justo, a ponte se alarga e leva ao Paraíso; se viveu mal, ela se estreita e a alma cai no inferno.

Ciência Cristã. A Ciência Cristã é uma religião fundada em 1879 por Mary Baker Eddy nos Estados Unidos. Baseia-se em seus escritos, especialmente o livro "Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras", que interpreta a Bíblia, seu livro sagrado, sob uma perspectiva espiritualista e metafísica. A Ciência Cristã ensina que a realidade última é espiritual e que o mal, a doença e o sofrimento são ilusões mentais que podem ser superadas pela compreensão correta de Deus e da verdade espiritual. Jesus é reconhecido como o “Grande Médico” e exemplo de cura espiritual, mas não é entendido como Deus encarnado, e a ênfase está na cura pela fé e pelo conhecimento espiritual, não por meios médicos tradicionais. A Ciência Cristã é distinta do cristianismo ortodoxo e é criticada por algumas igrejas por rejeitar práticas médicas convencionais.

Cientologia Cristã. Apesar do nome sugerir relação com o cristianismo, a chamada “Cientologia Cristã” não é uma vertente

cristã, mas sim uma forma imprecisa ou popular de se referir à Scientology (Cientologia), um movimento religioso fundado por L. Ron Hubbard em meados do século XX, nos Estados Unidos. A Cientologia ensina que o ser humano é um “thetan”, uma entidade espiritual imortal que esqueceu sua verdadeira natureza e está preso a traumas de vidas passadas, os chamados “engrams”. Por meio de práticas como a “auditoria” – um processo de perguntas controladas com auxílio de um dispositivo eletrônico (o E-meter) – os adeptos procuram eliminar esses bloqueios para alcançar estados mais elevados de consciência e libertação espiritual. A religião propõe um sistema de progresso espiritual em diferentes níveis, quase sempre mediante altos custos financeiros, o que a torna alvo de críticas por práticas comerciais agressivas. A Cientologia nega a existência do pecado, a necessidade de redenção por meio de Jesus Cristo, a autoridade da Bíblia e qualquer concepção de Deus como ser pessoal e criador. Em vez disso, promove uma visão esotérica da espiritualidade centrada no autoconhecimento e na “libertação interior”, muito distante da fé cristã. Não crê na Trindade, na salvação pela graça, nem na ressurreição. Por isso, o uso da expressão “Cientologia Cristã” é equivocado e

enganoso, pois essa religião não tem nenhuma base bíblica, não reconhece Jesus como Senhor e Salvador e se opõe diretamente aos fundamentos do evangelho. À luz das Escrituras, trata-se de um sistema gnóstico moderno, voltado para o engrandecimento humano, e não para a glorificação de Deus. Assim, a Cientologia deve ser rejeitada como heresia grave e considerada incompatível com a fé cristã verdadeira, sendo espiritualmente perigosa e teologicamente falsa.

Circuncisão. A circuncisão é o ritual judaico de remoção do prepúcio do órgão genital masculino, simbolizando a aliança entre Deus e Abraão, conforme ordenado em Gênesis 17:10-12: “Este é o meu pacto, que guardareis entre mim e vós... todo macho entre vós será circuncidado.” É um sinal externo e físico da pertença do indivíduo ao povo escolhido por Deus, marcando a entrada na comunidade judaica e o compromisso com a lei divina. Na tradição e fé cristã, a circuncisão física perde seu papel obrigatório (Atos 15:22-29), sendo substituída pela “circuncisão do coração” espiritual, conforme Paulo explica em Romanos 2:29, enfatizando a fé em Cristo como o verdadeiro sinal da aliança. No

judaísmo, porém, permanece uma prática central, celebrada com cerimônias familiares.

Cognoscibilidade de Deus. Doutrina teológica que afirma ser possível conhecer a Deus de forma real, ainda que limitada. Essa possibilidade de conhecer a Deus não vem da capacidade humana em si, mas da iniciativa divina em se revelar. Deus é, por natureza, infinito, eterno, transcendente e insondável (Salmo 145:3; Romanos 11:33), o que torna impossível ao homem compreendê-lo totalmente por seus próprios meios. No entanto, Ele decidiu se dar a conhecer por meio da revelação natural (criação, consciência moral – Romanos 1:19-20; Salmo 19:1-4) e, mais plenamente, pela revelação especial (as Escrituras e a encarnação de Cristo – Hebreus 1:1-3; João 1:18). A cognoscibilidade de Deus sustenta que, embora Deus continue sendo um mistério em sua essência, Ele pode ser conhecido em sua verdade, caráter, vontade e obras, conforme Ele mesmo se comunica. Tal conhecimento, porém, é analógico, parcial, progressivo e sempre dependente da revelação divina e da ação do Espírito Santo (1 Coríntios 2:10-14). Essa doutrina é fundamental para a teologia cristã, pois valida a possibilidade de se fazer teologia: falar, estudar e ensinar sobre Deus com base

naquilo que Ele revelou. Algumas seitas ou religiões místicas negam a cognoscibilidade de Deus ao dizer que Ele é totalmente incognoscível e impessoal, o que leva à especulação ou ao agnosticismo espiritual. O cristianismo bíblico, por outro lado, insiste que o Deus pessoal e relacional se deu a conhecer de modo suficiente para salvação, adoração e comunhão (Jeremias 9:23-24; João 17:3). Portanto, embora não possamos saber tudo sobre Deus, podemos conhecê-lo verdadeiramente, conforme Ele mesmo quis ser conhecido.

Compaixão. Trata-se de um sentimento de piedade, de se colocar no lugar dos outros, quando estes sofrem algo. Davi pedia a compaixão de Deus quando se sentia fraco, ou triste (angustiado). (Salmo 6:2; 31:9) Jesus sentiu compaixão da multidão faminta. (Mateus 15:32) O Bom Samaritano sentiu compaixão do judeu caído na estrada e o ajudou. (Lucas 10:33) A compaixão está entre as boas qualidades que os cristãos precisam demonstrar uns para com os outros. – 1 Pedro 3:8.

Comunicatio Idiomatum. Expressão latina que significa “comunicação de propriedades” é uma doutrina cristã que decorre da União Hipostática e afirma que as propriedades

divinas e humanas de Cristo podem ser atribuídas à única pessoa do Verbo encarnado. Ou seja, embora as naturezas divina e humana de Jesus permaneçam distintas, os atributos de cada uma podem ser legitimamente referidos à Sua pessoa única. Por exemplo, é teologicamente correto dizer que “Deus morreu na cruz”, não porque a natureza divina em si possa morrer, mas porque Aquele que morreu é a Pessoa divina do Filho, que também é plenamente homem. Da mesma forma, pode-se dizer que “o homem Jesus perdoa pecados”, pois essa ação é realizada pela mesma Pessoa que é Deus. Essa doutrina protege a integridade da encarnação e reforça a unidade da pessoa de Cristo, sendo fundamental para uma correta cristologia bíblica e para a adoração coerente do Cristo encarnado.

Conclave. O conclave é o processo pelo qual a Igreja Católica escolhe um novo papa, realizado exclusivamente pelos cardeais com direito a voto (geralmente até 120, com menos de 80 anos). A palavra vem do latim cum clave, que significa “com chave”, indicando que os cardeais ficam literalmente trancados (enclausurados) até que cheguem a uma decisão. O conclave ocorre na Capela Sistina, no Vaticano, e segue regras rigorosas para garantir sigilo e imparcialidade. As

votações ocorrem até que um candidato receba pelo menos dois terços dos votos. Quando o papa é escolhido, fumaça branca (feita com produtos químicos específicos) sai da chaminé da capela; fumaça preta indica que ainda não houve eleição. É um dos eventos mais solenes e secretos do catolicismo.

Confissão. No contexto teológico e religioso, a palavra “confissão” possui diversos significados, dependendo do uso e da tradição cristã envolvida. Em sentido doutrinário, refere-se às confissões de fé, que são declarações públicas e oficiais do que uma igreja ou denominação acredita com base na interpretação da Bíblia — exemplos notáveis são a Confissão de Westminster (presbiteriana), a Confissão Belga (reformada) e a Segunda Confissão Batista de Londres. Já no sentido pessoal ou sacramental, especialmente no catolicismo, confissão se refere à confissão dos pecados a um sacerdote, com o objetivo de obter absolvição, como parte do sacramento da penitência. Essa prática é baseada em textos como João 20:23, embora cristãos protestantes interpretem esse versículo de forma distinta, afirmando que o perdão é concedido diretamente por Deus mediante arrependimento e fé em Cristo, sem

necessidade de intermediários humanos. Em outro aspecto, a confissão também pode ser pública, feita diante da igreja (Tiago 5:16), como reconhecimento de pecado ou testemunho de fé. Algumas seitas distorcem o conceito de confissão, impondo obrigações de exposição forçada dos pecados em contextos de manipulação ou controle psicológico, o que fere os princípios bíblicos de arrependimento genuíno, privacidade e graça. Assim, a confissão, quando entendida biblicamente, é tanto uma afirmação do que se crê quanto uma expressão sincera de arrependimento diante de Deus.

Confissão positiva. Doutrina popularizada no movimento da fé (Palavra da Fé), especialmente entre pregadores neopentecostais e televangelistas, que ensina que as palavras têm poder criativo e que, ao declarar (ou “confessar”) verbalmente aquilo que se deseja com fé, o cristão pode atrair realidades positivas para sua vida — como cura, prosperidade, sucesso e vitória. Baseada em interpretações específicas de versículos como Provérbios 18:21 (“A morte e a vida estão no poder da língua”) e Marcos 11:23 (“... se não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele”), essa teologia afirma que o cristão deve evitar palavras

negativas (como “doença”, “pobreza” ou “derrota”), e sempre declarar verbalmente bênçãos e promessas, como forma de “ativar” a fé e “determinar” o resultado desejado.

Contudo, essa doutrina é criticada por muitos teólogos cristãos tradicionais por distorcer o ensino bíblico sobre fé, oração e soberania de Deus. Em vez de confiar na vontade divina, ela coloca o foco na vontade humana e na capacidade da fala como força espiritual manipuladora, aproximando-se do pensamento mágico e da metafísica do Novo Pensamento (como as ideias de Phineas Quimby e, posteriormente, da Ciência Cristã). Muitos fiéis são levados ao erro de pensar que seu sofrimento é resultado de “palavras erradas” ou “falta de fé”, o que pode gerar culpa e confusão espiritual. A verdadeira fé bíblica, porém, não exige “decretos” nem “palavras mágicas”, mas confia na bondade, sabedoria e soberania de Deus — que pode curar, prover e agir soberanamente conforme o Seu propósito, mesmo que a resposta divina seja diferente da nossa expectativa.

Confúcio. Confúcio (551 a.C. – 479 a.C.) foi um filósofo, educador e estadista chinês, cujo nome original era Kong Fuzi ou Kong Qiu.

Seus ensinamentos enfatizavam a moralidade pessoal, a ética nas relações humanas, a importância da educação, da justiça e da ordem social. Ele acreditava que uma sociedade harmoniosa começa pela virtude individual e pelo respeito às hierarquias familiares e sociais, especialmente à figura do pai e do governante. Seus pensamentos foram compilados pelos discípulos nos *Analectos*. Embora não tenha fundado uma religião no sentido teísta, sua filosofia deu origem ao **confucionismo**, sistema que influenciou profundamente a cultura chinesa e outras sociedades do leste asiático.

Confucionismo. O Confucionismo é um sistema filosófico e ético originado na China, baseado nos ensinamentos de Confúcio (Kǒng Fūzǐ, 551–479 a.C.), um pensador e educador que enfatizou a importância da moralidade pessoal, das virtudes sociais e da harmonia na família e no Estado. Não é uma religião no sentido teísta tradicional, pois não foca em divindades ou na adoração, mas sim em princípios de conduta ética, respeito aos ancestrais, justiça, benevolência (*ren*) e ritual (*li*). Seus textos fundamentais incluem os *Analectos*, que registram os ensinamentos e conversas de Confúcio com seus discípulos, além de outros clássicos chineses. O

Confucionismo não possui um livro sagrado único e não reconhece Jesus, pois é uma tradição independente, com foco na vida prática e na ordem social. Embora tenha influenciado religiões e filosofias na Ásia, especialmente no Leste Asiático, o Confucionismo é mais visto como uma filosofia de vida e sistema moral do que uma religião teísta.

Congregação Cristã no Brasil. A Congregação Cristã no Brasil (CCB) foi fundada em 1910 por Luigi Francescon, um imigrante italiano que trouxe ao país o movimento pentecostal nascido nos Estados Unidos. A igreja teve início em São Paulo, e rapidamente se espalhou pelo território brasileiro, sendo uma das maiores denominações pentecostais do país. Suas principais crenças incluem a centralidade da Bíblia como única regra de fé, apenas eles são a Igreja verdadeira de Jesus, mas admitindo que pessoas de outras denominações podem ser salvas, a experiência do batismo no Espírito Santo com evidência do falar em línguas, a prática do dom de cura, a necessidade de uma vida santa e separada do mundo, além do rigoroso culto pautado pela simplicidade, com destaque para a ênfase na oração, o uso de vestidos modestos pelas mulheres, as quais são proibidas de cortar o cabelo, uso do

véu para mulheres, a rejeição a alguns instrumentos musicais nos cultos tradicionais, como o violão e bateria, e a crença de que o estudo bíblico é uma obra do Diabo. A CCB também valoriza o exercício dos dons espirituais e tem uma forte ênfase no trabalho missionário. Não possui uma hierarquia eclesiástica formal, sendo organizada por anciãos locais e regionais. É reconhecida pelo seu modelo conservador, ênfase na experiência espiritual e a comunhão entre os irmãos.

Conhecer a Deus. Esta expressão não apenas se refere a termos informação adquirida sobre Deus, como também conhecê-lo na acepção de termos um bom relacionamento pessoal com ele. Em termos de informação adquirida, sabemos muito pouco sobre Deus diante do que ele realmente é. Por isso, Jó nos diz que sabemos apenas ‘um leve sussurro diante do trovão de Deus’. (Jó 26:14) Em termos de conhecer como relacionamento pessoal, Jesus disse: “A vida eterna é esta, que conheçam a ti, o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste”. (João17:3) Deus também conhece a todos plenamente, na acepção de informação sobre nós, conhecendo até nossos pensamentos (Salmo 69:5, 19; 139:1-4), mas na acepção de relacionamento com o

ser humano, Deus não conhece a todos. Por isso, Jesus dirá a muitos: “Nunca vos conheci! Afastai-vos de mim, vós os que praticais a iniquidade”. (Mateus 7:21-23) Evidentemente estes também nunca conheceram a Deus.

Conhecimento. Conhecimento é a compreensão, a percepção ou o entendimento de informações, fatos ou verdades. Na Bíblia, o conhecimento verdadeiro não se limita à acumulação de dados, mas está profundamente ligado ao relacionamento com Deus e à revelação divina (Provérbios 1:7; Oséias 4:6). O conhecimento piedoso é aquele que leva à obediência, à sabedoria e à transformação do coração. Paulo ensina que o conhecimento deve ser usado com amor e humildade para edificar a comunidade cristã (1 Coríntios 8:1). Em contraste, o conhecimento sem sabedoria pode levar ao orgulho e ao erro. Portanto, o conhecimento cristão busca unir fé, ética e prática, visando a glória de Deus e o bem do próximo.

Conhecimento médio de Deus. Doutrina teológica que busca explicar como Deus possui conhecimento perfeito não apenas do que é, foi e será, mas também de todas as possibilidades contingentes, ou seja, de tudo

o que poderia acontecer sob diferentes circunstâncias. Essa teoria sustenta que Deus conhece todas as decisões e ações livres que os seres humanos poderiam tomar em qualquer situação, antes mesmo de ocorrerem. O conhecimento médio foi desenvolvido para preservar simultaneamente a soberania e a onisciência divina, assim como a liberdade humana. Segundo essa visão, Deus tem um conhecimento “médio” — que não é nem necessário nem meramente possível — das escolhas livres que os seres humanos fariam em diversas situações hipotéticas, e a partir desse conhecimento, Ele decreta e governa o mundo de acordo com Sua vontade. Essa doutrina foi formulada principalmente pelo teólogo Luís de Molina no século XVI e, por isso, também é chamada de molinarismo. Ela busca um meio-termo entre o calvinismo, que enfatiza a predestinação absoluta de Deus, e o arminianismo, que destaca a liberdade humana. Embora o conhecimento médio seja aceito por algumas tradições evangélicas como explicação para a interação entre a soberania divina e o livre-arbítrio humano, outras rejeitam essa teoria por considerá-la especulativa ou por comprometer a simplicidade da onisciência divina. Em síntese, o conhecimento médio de Deus tenta mostrar que Deus sabe todas as

possibilidades e contingências futuras, permitindo a liberdade humana sem limitar a providência e controle soberano divino.

Cônjuge. O esposo é o cônjuge da esposa, e vice-versa. Assim, é a pessoa vinculada matrimonialmente a outra.

Consolador. Ver Parákletos.

Consubstanciação. A consubstanciação é uma doutrina cristã associada principalmente ao luteranismo, que ensina que, na celebração da Ceia do Senhor (Eucaristia), o corpo e o sangue de Jesus Cristo estão realmente presentes “com” o pão e o vinho, mas sem que os elementos se transformem substancialmente. Diferente da transubstanciação católica, que afirma a mudança completa da substância do pão e do vinho, a consubstanciação defende uma coexistência das substâncias: o pão permanece pão, o vinho permanece vinho, mas Cristo está realmente presente de modo misterioso junto com eles. Essa visão baseia-se na interpretação literal das palavras de Jesus, e enfatiza a comunhão real com Cristo, porém rejeita a ideia da transformação completa dos elementos. A consubstanciação foi sistematizada por Martim Lutero e distingue o luteranismo das

outras tradições protestantes, que geralmente adotam o memorialismo (ceia simbólica). Igrejas reformadas, batistas e evangélicas rejeitam a consubstanciação, assim como a transubstanciação, afirmando que a Ceia do Senhor é um ato simbólico e memorial da morte de Cristo.

Conversão. Na teologia cristã, conversão é o ato espiritual e consciente pelo qual uma pessoa se volta a Deus, abandonando o pecado e aceitando, pela fé, a salvação em Jesus Cristo. É composta por dois elementos fundamentais: arrependimento (mudança de mente e abandono do pecado) e fé (confiança no sacrifício e na ressurreição de Cristo como único meio de salvação). A conversão marca o início da vida cristã autêntica e é resultado da ação do Espírito Santo no coração humano (João 3:5; Atos 3:19; 2 Coríntios 5:17). Embora envolva uma decisão pessoal, é também um milagre operado por Deus, que concede ao pecador um novo nascimento e o introduz em uma nova relação com Ele. A verdadeira conversão produz frutos visíveis de transformação, obediência e perseverança.

Cordeiro de Deus. A expressão "Cordeiro de Deus" é um título profundamente cristológico atribuído a Jesus Cristo,

indicando que Ele é o sacrifício perfeito oferecido por Deus para a redenção da humanidade. (Romanos 3:24, 25) Essa designação remete ao Antigo Testamento, onde cordeiros eram sacrificados para expiar pecados (Êxodo 12; Levítico 4). No Novo Testamento, João Batista proclama: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29), reconhecendo Jesus como o cumprimento definitivo dos sacrifícios levíticos. Jesus, ao morrer na cruz, é visto como o Cordeiro pascal que, com seu sangue, livra os crentes da condenação eterna. O título também aparece com destaque no livro do Apocalipse, onde o Cordeiro exaltado reina e é adorado (Apocalipse 5:6-14). O "Cordeiro de Deus" é uma das imagens mais poderosas para descrever o caráter redentor, santo e manso de Cristo. O livro sagrado que apresenta esse conceito é a Bíblia, e para os cristãos, Jesus é o Cordeiro único, eterno e suficiente para a salvação.

Corpo Corruptível. Expressão que se refere a este corpo atual que temos, que nasce, cresce, mas envelhece, adoece e morre. É o nosso corpo que perece dia após dia até morrermos, e ainda assim depois ele se corrompe até a morte, retornando ao pó. (Gênesis 3:19). É também chamado nas

Escrituras Sagradas de “corpos mortais”. – Romanos 8:11.

Corpo de Cristo. Termo bíblico que simboliza a Igreja como o conjunto dos cristãos unidos em comunhão espiritual e funcional em Cristo, que é a cabeça desse corpo (Efésios 1:22-23; 4:15-16). A imagem do corpo é usada por Paulo para mostrar a íntima ligação e interdependência entre os membros da Igreja, cada um com dons e funções diferentes, mas todos essenciais para o crescimento e edificação do todo (1 Coríntios 12:12-27). Assim como o corpo humano tem muitos membros que trabalham juntos para o bem-estar do organismo, a Igreja é composta por crentes diversos, chamados a cooperar, amar-se e servir-se mutuamente, refletindo a unidade e a diversidade no Reino de Deus. Além de representar a comunhão dos fiéis, o Corpo de Cristo é também o instrumento pelo qual Cristo manifesta Sua presença, ministério e poder na Terra. É a extensão visível do Seu reino, chamada a ser luz do mundo e sal da terra (Mateus 5:13-16). O conceito enfatiza que ninguém é cristão isoladamente; a fé se vive e se expressa na comunhão com outros irmãos, sob a liderança de Cristo. Algumas seitas distorcem a ideia do Corpo de Cristo ao estabelecerem “corpos” exclusivos, alegando

que somente seus membros fazem parte legítima do corpo, promovendo divisões e exclusivismos que contrariam a unidade que o apóstolo Paulo ensinou. O verdadeiro Corpo de Cristo transcende denominações e barreiras humanas, unindo todos os que creem em Jesus como Senhor e Salvador, independentemente de sua origem ou tradição (Gálatas 3:28). Portanto, o Corpo de Cristo é a Igreja universal, viva e santa, chamada para cumprir a missão de pregar o evangelho, fazer discípulos e glorificar a Deus, enquanto aguarda a manifestação plena do seu Cabeça na segunda vinda de Jesus.

Corpo Glorificado (ou Incorruptível).

Expressão que se refere ou ao corpo ressuscitado para nunca mais morrer ou ao corpo transformado num piscar de olhos no caso dos que estiverem vivos na volta de Cristo. (1 Coríntios 15:51-54) Nossos corpos serão vivificados pelo mesmo Espírito que ressuscitou Jesus dentre os mortos (Romanos 8:11) e transformará o corpo de nossa humilhação para sermos semelhantes ao corpo da glória de Jesus. (Filipenses 3:21) Trata-se de um corpo semelhante ao do ressuscitado Jesus, que podia até mesmo não estar sujeito às leis da física e atravessar paredes de quartos com portas trancadas,

para conversar e tomar refeição com Jesus. – João 20:19.

Corpo Governante. O Corpo Governante é o grupo central de liderança das Testemunhas de Jeová, composto atualmente (2025) por onze membros, responsável por interpretar as Escrituras e estabelecer as doutrinas oficiais desta organização. Com sede em Warwick, Nova York (EUA), esse corpo dirige a obra mundial da religião por meio da Torre de Vigia, a entidade editorial e organizacional do grupo. Embora as Testemunhas de Jeová afirmem que Jesus Cristo governa a congregação por meio do Corpo Governante, na prática, esse grupo exerce autoridade absoluta sobre o ensino, a organização e a vida dos membros. O Corpo Governante afirma ser o "escravo fiel e discreto" mencionado em Mateus 24:45-47, alegando ser o canal exclusivo de comunicação de Deus na Terra. Por isso, não se pode adquirir a salvação sem estar em contato com eles. Eles utilizam como livro sagrado a Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas, produzida pela própria organização. Ensinam que Jesus é a primeira criação de Jeová, inferior ao Pai, e que não deve ser adorado. Essa estrutura centralizada tem sido criticada por estudiosos e ex-membros por promover

controle doutrinário rígido e dificultar questionamentos internos.

Corpos incorruptos. Corpos incorruptos são aqueles de certos santos ou figuras religiosas que, segundo relatos, permaneceram preservados após a morte sem os sinais normais de decomposição. A ciência consegue explicar este fenômeno, mas essa ocorrência é frequentemente citada no catolicismo como um sinal da santidade da pessoa, sendo considerada por alguns como milagre. Exemplos notáveis incluem Santa Bernadette Soubirous e São João Maria Vianney. No entanto, do ponto de vista protestante, tais fenômenos não devem ser tomados como evidência de santidade ou aprovação divina, pois não há base bíblica que vincule a integridade física post-mortem à piedade espiritual. Além disso, há casos de embalsamamento, condições ambientais ou outros fatores naturais que podem explicar tal preservação. A fé protestante enfatiza que os verdadeiros sinais da fé cristã são espirituais e não físicos (2 Coríntios 4:18), e que após a morte, todos os corpos retornarão ao pó (Eclesiastes 12:7), aguardando a ressurreição final prometida em 1 Coríntios 15.

Corrupção. Na teologia cristã, corrupção refere-se ao estado de decadência moral e espiritual causado pelo pecado original que afetou a natureza humana e toda a criação. Desde a queda de Adão e Eva (Gênesis 3), a humanidade passou a viver sob a influência do pecado, que corrompeu a pureza, a santidade e a justiça inerentes à criação original de Deus. Essa corrupção se manifesta em desejos desordenados, fraquezas, inclinação ao mal e separação de Deus (Romanos 3:23; Efésios 2:1-3). Além do homem, a criação também está sujeita à corrupção e decadência (Romanos 8:20-22). A redenção em Cristo visa restaurar o homem e a criação dessa corrupção, trazendo vida e santificação.

CREIA – Centro Religioso de Estudos e Informações Apologéticas. Organização dedicada à pesquisa, ensino e divulgação da apologética cristã, com foco em fornecer respostas fundamentadas às objeções e dúvidas sobre a fé cristã. O CREIA visa equipar cristãos para a defesa racional e bíblica de suas convicções, abordando temas como doutrinas, heresias, seitas, filosofia da religião e questões contemporâneas que desafiam o cristianismo. Além de promover estudos teológicos, o centro também oferece recursos educativos, palestras e materiais

que auxiliam no fortalecimento da fé e no esclarecimento de temas polêmicos. O CREIA desempenha papel importante no apoio a pastores, líderes e fiéis na preparação para debates e diálogos inter-religiosos.

Criação/Criatura. Meio pelo qual Deus trouxe todas as coisas e seres inteligentes, quer no mundo físico, quer no mundo espiritual. No caso da vida na terra, a fé cristã defende a verdade bíblica de que todas as espécies vieram à existência por criação divina, não por evolução, por isso lemos que cada ser se reproduziu segundo a sua espécie. – Gênesis 1:11, 12, 21, 24, 25.

Criação (criatura), Nova. A Bíblia chama de “nova criação” todo aquele que nasceu de novo, converteu-se a Cristo. Por isso, lemos em 2 Coríntios 5:17: “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação; as coisas velhas já passaram, e surgiram coisas novas”. Então, ser nova criação é muito mais importante do que questões menores, como a circuncisão, já que tem a ver com nossa salvação. – Gálatas 6:15.

Criacionismo (da alma). Doutrina teológica que ensina que Deus cria uma alma nova e imortal para cada ser humano individualmente no momento da concepção

ou nascimento. Segundo essa visão, a alma não é herdada dos pais nem transmitida geneticamente, mas é diretamente e especialmente criada por Deus para cada pessoa. Essa crença destaca a ação soberana e pessoal de Deus na criação da vida humana, garantindo a individualidade e a imortalidade da alma. O criacionismo da alma contrasta com o traducionismo, que afirma que a alma é transmitida dos pais para os filhos juntamente com o corpo. A posição criacionista é predominante na teologia cristã reformada e em muitas tradições evangélicas, baseando-se na ideia de que Deus é o único autor da alma e que cada pessoa é uma criação especial e única (Salmo 139:13-16; Ezequiel 18:4). Essa doutrina também preserva a distinção entre alma e corpo, afirmando que, apesar da união íntima no ser humano, a alma é uma realidade espiritual criada por Deus. O criacionismo reforça a responsabilidade moral e espiritual de cada indivíduo diante de Deus, pois cada alma é única e pessoalmente criada, não um simples produto hereditário. Embora a Bíblia não trate explicitamente da origem da alma, o criacionismo é considerado o ensino mais coerente com a doutrina da criação, da imortalidade da alma e da responsabilidade pessoal. Ele é importante para combater concepções

errôneas que possam negar a dignidade e o valor da vida humana, bem como para fundamentar a esperança cristã na ressurreição e vida eterna.

Criacionismo (oposto ao evolucionismo).

Visão religiosa e filosófica que sustenta que o universo, a vida e o ser humano foram criados por Deus de forma direta e especial, conforme descrito na narrativa bíblica do Gênesis, e não por processos naturais cegos como a evolução biológica. O criacionismo rejeita as explicações evolucionistas que afirmam que a vida se desenvolveu ao longo de milhões de anos por meio da seleção natural e mutações aleatórias, defendendo que Deus é o autor soberano da criação em um ato deliberado e intencional. Dentro do cristianismo, o criacionismo é associado principalmente às correntes que interpretam o relato de Gênesis de forma literal ou histórica, afirmando que Deus criou o mundo em seis dias literais e que todas as espécies foram criadas separadamente. Essa posição sustenta a historicidade do Adão e Eva como primeiros seres humanos e a queda original como o evento que trouxe o pecado e a morte ao mundo. O criacionismo se opõe ao evolucionismo por considerar que a teoria evolutiva contradiz princípios bíblicos fundamentais, como a criação especial do

homem à imagem de Deus (Gênesis 1:26-27), a origem do pecado e a necessidade da redenção. Muitos criacionistas defendem a chamada “Terra jovem”, argumentando que o mundo tem alguns milhares de anos, com base em cronologias bíblicas. Em contraponto, o evolucionismo é apoiado por uma ampla comunidade científica que baseia suas conclusões em evidências fósseis, genéticas e biológicas. Alguns cristãos adotam posições intermediárias, como o criacionismo progressivo ou o design inteligente, buscando harmonizar fé e ciência. O debate entre criacionismo e evolucionismo envolve não apenas aspectos científicos, mas também filosóficos e teológicos, especialmente quanto à autoridade das Escrituras e à interpretação do relato bíblico da criação. Para muitos cristãos, o criacionismo é uma defesa da fidelidade à Palavra de Deus e da compreensão correta da origem e propósito da vida humana.

Criador. De acordo com a Bíblia, apenas Deus é o Criador de todas as coisas, ou seja, a fonte primária de tudo. Lemos em Gênesis 1:1: “No princípio, criou Deus os céus e a terra”. Há intérpretes que sugerem ser esta criação ex nihilo, ou seja, do nada, o que parece ser bem plausível. Por Deus ter sido o Criador de

todas as coisas, a Bíblia nos convida a adorá-lo com os dizeres: “Nosso Senhor e nosso Deus, tu és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque tu criaste todas as coisas e, por tua vontade, elas existiram e foram criadas.” (Apocalipse 4:11) As três pessoas da Santíssima Trindade participam da criação de todas as coisas. Deus, o Pai, criou todas as coisas através de Jesus Cristo, a sua Palavra (Salmo 33:6a; João 1:1; Colossenses 1:15, 16), e através de seu Espírito Santo (Gênesis 1:1, 2; Salmo 33:6b). No entanto, o próprio Deus Jeová afirma ter criado tudo sozinho. (Isaías 44:24) Isto porque o único Deus, que é três pessoas divinas, criou tudo sozinho. Não havia criatura com ele ajudando-o a criar todas as coisas.

Crisma. Sacramento da Igreja Católica e Ortodoxa que consiste na unção com óleo perfumado (o “óleo do Crisma”) para conferir o Espírito Santo a quem o recebe, fortalecendo-o na fé e na missão cristã. É tradicionalmente administrado após o batismo, completando a iniciação cristã. A unção simboliza a consagração, a proteção divina e o empoderamento para o serviço e testemunho (Isaías 61:1; Atos 8:17). Para os católicos, o Crisma é essencial para a maturidade espiritual e a participação plena na vida da Igreja. Nas tradições protestantes,

o termo “crisma” não é usado como sacramento, mas o conceito de unção espiritual é reconhecido simbolicamente. A prática do crisma, como um sacramento que concede o Espírito Santo mediante unção com óleo, não encontra base clara e obrigatória nas Escrituras para todos os cristãos. A Bíblia ensina que o Espírito Santo é dado por Deus àqueles que creem em Jesus Cristo, independentemente de cerimônias ou ritos (Atos 2:38; João 3:5-8; Efésios 1:13, 14).

Cristão. Este termo, no grego, significa “pequenos cristos”. Isto porque representamos Jesus na terra, como seus embaixadores. (2 Coríntios 5:20) A primeira vez que os seguidores de Jesus foram chamados de cristão foi em Antioquia, um já depois do Pentecostes. – Atos 11:26.

Cristadelfianismo. O Cristadelfianismo é um movimento cristão que surgiu no século XIX, fundado por John Thomas (1805–1871), um médico e pregador inglês que buscava restaurar o cristianismo primitivo. O nome "Cristadelfos" significa "irmãos de Cristo", destacando a crença na fraternidade dos cristãos. Eles rejeitam a doutrina da Trindade, entendendo Deus como o Pai único e supremo, e Jesus Cristo como Seu Filho, um ser criado, não coigual ou consubstancial

com Deus. O movimento enfatiza o estudo rigoroso da Bíblia, a volta do reino milenar de Cristo na Terra e a observância de práticas do cristianismo original, como o batismo por imersão e a ceia do Senhor semanal. O livro sagrado é a Bíblia, interpretada literalmente e sem dogmas tradicionais. Jesus é visto como o prometido Messias, o Filho de Deus, porém não como Deus encarnado, posição que os coloca fora da ortodoxia cristã. Hoje, os cristadelfianos mantêm pequenas comunidades principalmente nos Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e Austrália.

Cristo. É o título que significa “Ungido” e é usado para designar Jesus como o Messias prometido no Antigo Testamento, o enviado por Deus para realizar a salvação da humanidade. Ser o Cristo implica que Jesus é o cumprimento das profecias messiânicas, aquele escolhido por Deus para reinar como Rei e cumprir a obra de redenção através de sua vida, morte, ressurreição e futura volta. Ele é o Salvador e Senhor, reconhecido como o ungido pelo Espírito Santo para trazer libertação espiritual, estabelecer o Reino de Deus e julgar o mundo com justiça. O título “Cristo” une a identidade divina e humana de Jesus, afirmando que Ele é o Deus-homem, o enviado de Deus para reconciliar o homem com o Pai (Mateus 16:16; João 1:41).

Cristofania. É a manifestação visível e tangível de Jesus Cristo antes da sua encarnação, geralmente na forma de uma aparição ou teofania no Antigo Testamento, revelando Sua presença divina e autoridade. Essas aparições pré-encarnadas do Filho eterno de Deus serviam para comunicar mensagens, proteger, guiar e interagir com pessoas específicas, como no encontro com Abraão (Gênesis 18) ou com o jovem Jacó (Gênesis 32:24-30). A cristofania evidencia que o Filho já atuava na história antes de nascer como homem em Belém, confirmando a sua divindade e eternidade. Ela distingue o Cristo pré-encarnado do Deus Pai, manifestando a pluralidade na unidade da Trindade, e prepara o caminho para a revelação plena de Deus em Jesus na Nova Aliança.

Cristologia. É o estudo teológico dedicado à pessoa e obra de Jesus Cristo, enfocando sua identidade divina e humana, sua missão redentora e seu papel na salvação da humanidade. A cristologia investiga quem é Jesus — verdadeiro Deus e verdadeiro homem — e como essas duas naturezas coexistem na pessoa única do Verbo encarnado (João 1:1,14; Filipenses 2:6-8). Também aborda seus títulos, como Filho de Deus, Messias, Senhor e Salvador, e suas

obras, incluindo a encarnação, ministério, morte, ressurreição, ascensão e intercessão. A cristologia é central para a fé cristã, pois revela o caminho para a reconciliação com Deus e fundamenta a esperança da vida eterna. O estudo correto da cristologia protege contra heresias que negam a divindade ou humanidade de Cristo, garantindo uma compreensão bíblica plena e equilibrada do Salvador.

Cristo. No hebraico, Messias; no grego, Cristo. Significa “ungido”. Segundo a Bíblia, Jesus já nasceu “Cristo”. (Mateus 2:4) Jesus afirmou: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar boas novas aos pobres.” – Lucas 4:18.

Cruz. Do grego, staurós, significando poste, madeiro. Nos dias de Jesus, os condenados à crucificação eram pendurados em dois staurós, um na vertical e outro na horizontal, em formato de +. Sabemos disso pelo fato de Tomé desejar ver em Jesus as marcas dos pregos em suas mãos, comprovando que Jesus morreu numa cruz com os braços abertos, um prego em cada mão. (João 20:24-27) Cruz, então, é o instrumento de execução onde Jesus Cristo foi crucificado, símbolo central do cristianismo que representa o sacrifício substitutivo de Cristo

pela salvação da humanidade. Embora, na antiguidade, fosse um símbolo de vergonha, humilhação e sofrimento, a cruz foi transformada em sinal de vitória, amor e redenção pelo ato redentor de Jesus. Por meio da cruz, Jesus carregou os pecados do mundo, suportou a ira de Deus e pagou o preço justo pela nossa reconciliação com o Pai (Isaías 53:5; 1 Coríntios 1:18). Para o cristão, a cruz também é um chamado ao discipulado, à renúncia do ego e à entrega total a Deus (Lucas 9:23). Ela lembra a graça imerecida de Deus e a esperança da ressurreição e vida eterna para aqueles que creem no Senhor Jesus.

Cura/curar. No contexto bíblico, curar é restaurar a saúde física, emocional ou espiritual de alguém por intervenção divina. Deus se revela nas Escrituras como aquele que sara (Êxodo 15:26), e a cura é vista como sinal de sua misericórdia, poder e presença. No ministério de Jesus, a cura foi constante, demonstrando sua compaixão pelas pessoas e autenticando sua identidade messiânica (Mateus 4:24; Lucas 6:19). Além das curas físicas, a Bíblia enfatiza a cura espiritual, especialmente o perdão dos pecados e a restauração da alma (Isaías 53:5; Salmo 103:3). No Novo Testamento, o dom de curar também é mencionado como manifestação

do Espírito Santo na Igreja (1 Coríntios 12:9). A cura, portanto, é tanto sinal do Reino de Deus quanto expressão do cuidado divino com a totalidade do ser humano.

D

Daevas. São espíritos malignos ou demônios que seguem Angra Mainyu. Representam vícios, falsidade e caos. O Zoroastrismo rejeita seu culto, diferente do hinduísmo antigo, onde “devas” eram deuses benéficos. A oposição aos daevas é parte da luta espiritual do fiel.

Dao De Jing – Principal texto do Taoísmo, atribuído a Laozi, que ensina sobre o Tao e a virtude.

Daojiao. Termo chinês que se refere ao taoismo religioso institucionalizado, distinto do taoismo filosófico (Daojia). Desenvolvido a partir do século II d.C., o Daojiao engloba práticas litúrgicas, rituais, sacerdócio, templos, crenças em divindades, busca pela imortalidade e textos revelados. Ele incorporou elementos do folclore chinês, da

alquimia (Neidan e Waidan), astrologia, medicina e exorcismo. O Daojiao possui diferentes escolas e tradições, como a Zhengyi e a Quanzhen, e se estruturou como uma religião organizada, influente na cultura chinesa e presente até hoje em diversas regiões da Ásia.

Decálogo. O Decálogo, também conhecido como os Dez Mandamentos, é um conjunto de leis morais dadas por Deus a Moisés no Monte Sinai, conforme registrado em Êxodo 20 e Deuteronômio 5. Esses mandamentos constituem a base ética do judaísmo e do cristianismo, orientando a conduta humana em relação a Deus e ao próximo. Eles abrangem deveres fundamentais, como a exclusividade na adoração a Deus, o respeito ao nome divino, a santificação do sábado, a honra aos pais, e proibições contra assassinato, adultério, roubo, falso testemunho e cobiça. O Decálogo revela a vontade de Deus para uma vida justa e harmoniosa, servindo como guia moral atemporal para a humanidade. Jesus resumiu esses mandamentos no amor a Deus e ao próximo (Mateus 22:37-40).

Decreto Dominical. O Decreto Dominical é uma crença escatológica sustentada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, baseada

principalmente nos escritos de Ellen G. White. Segundo essa doutrina, nos últimos dias da história humana, haverá uma imposição global da guarda do domingo como dia de adoração, promovida por autoridades religiosas e civis, especialmente pela Igreja Católica e pelos Estados Unidos, em cumprimento profético de Apocalipse 13. Os adventistas creem que aqueles que se recusarem a observar o domingo e insistirem em guardar o sábado bíblico (sábado do sétimo dia) serão perseguidos e impedidos de comprar ou vender, sendo eventualmente condenados à morte. Essa doutrina, porém, carece de base sólida nas Escrituras. O Novo Testamento jamais apresenta a guarda do sábado como sinal de salvação ou condenação (Colossenses 2:16, 17; Romanos 14:5, 6). A marca da besta é um tema simbólico e espiritual, e reduzi-la à observância de um dia específico distorce a mensagem central da salvação em Cristo pela graça, e não pelas obras da lei (Efésios 2:8, 9).

Deidade. Termo teológico que designa a natureza divina, ou seja, a essência e os atributos que pertencem exclusivamente a Deus. Na fé cristã, a deidade refere-se à plenitude da divindade que habita em Deus Pai, Deus Filho (Jesus Cristo) e Deus Espírito Santo, conforme o ensino da Trindade — três

peessoas distintas em uma única essência divina. A deidade inclui perfeições como eternidade, onipotência, onisciência, onipresença, imutabilidade, santidade, justiça, amor e soberania. A afirmação da deidade de Cristo é central para a ortodoxia cristã, pois reconhece Jesus não apenas como homem, mas como Deus encarnado, verdadeiro Deus e verdadeiro homem (João 1:1,14; Colossenses 2:9). Negar a deidade de Cristo, como fizeram os hereges arianos e outras seitas, compromete a salvação, já que somente Deus pode redimir o pecado humano. A Bíblia distingue a verdadeira deidade de falsos deuses e ídolos, alertando contra a adoração a qualquer ser ou coisa que não seja o Deus verdadeiro (Êxodo 20:3-5; Isaías 44:6). Assim, a doutrina da deidade é fundamental para o culto, a adoração e a compreensão correta da pessoa e obra de Jesus Cristo.

Deísmo. É uma filosofia religiosa que afirma a existência de Deus como Criador do universo, mas rejeita a ideia de que Ele intervém diretamente na criação ou na vida humana após o ato da criação. Os deístas acreditam que Deus estabeleceu as leis naturais e a ordem do cosmos, confiando que o universo funcione autonomamente, sem milagres, revelações especiais ou religiões

institucionais. O deísmo enfatiza a razão e a observação da natureza como meios para conhecer a Deus, negando a necessidade de fé sobrenatural, profecias ou escritos sagrados. Surgiu principalmente na Europa durante o Iluminismo, influenciando pensadores e fundadores de nações, mas é criticado pelo cristianismo por minimizar a revelação divina e a atuação pessoal de Deus na história e na salvação.

Delito. Significa pecado. Ver verbete “Pecado”.

Demônio. Seres angélicos espirituais, criados sem pecados, mas que se rebelaram contra Deus, e passaram a seguir a Satanás na rebelião contra Deus. São também identificados como anjos de Satanás. (Apocalipse 12:7, 9) No Antigo Testamento, vemos que se sacrificavam filhos a demônios. (Deuteronômio 32:17; Salmo 106:37) Jesus os expulsou várias vezes de pessoas possuídas por eles. (Lucas 4:41) Algumas vezes, entravam legiões (milhares) de demônios numa só pessoa. (Lucas 8:30) Jesus também deu ordens para expulsar demônios em seu nome. – Mateus 10:8.

Demonologia. Ramo da teologia que estuda os demônios, sua origem, natureza, atividade

e destino, conforme revelado nas Escrituras. Segundo a doutrina bíblica, os demônios são anjos caídos que, seguindo Lúcifer (Satanás), rebelaram-se contra Deus (Isaías 14:12-15; Apocalipse 12:4,9). Esses seres espirituais malignos possuem personalidade (inteligência, vontade e emoções), agem sob a liderança de Satanás e atuam com o propósito de enganar, oprimir, acusar e afastar as pessoas de Deus (Efésios 6:12; 1 Pedro 5:8). Atuam por meio da idolatria, possessão demoníaca, disseminação de falsas doutrinas, enganos espirituais e tentações morais. A Bíblia relata vários casos de possessão demoníaca, especialmente nos Evangelhos, onde Jesus expulsa demônios com autoridade, mostrando seu senhorio sobre o mundo espiritual (Mateus 8:16; Marcos 1:34). A demonologia bíblica ensina que os demônios não são mitos ou metáforas, mas realidades espirituais ativas no mundo. Apesar de seu poder, estão sujeitos a Deus e serão julgados e condenados eternamente (Mateus 25:41; Apocalipse 20:10). Algumas seitas e movimentos ocultistas deturpam esse tema, atribuindo poderes autônomos ou divinos aos demônios, invocando-os ou os tratando como entidades a serem manipuladas, o que é condenado nas Escrituras (Deuteronômio 18:10-12). Outros, como o espiritismo

kardecista, confundem demônios com “espíritos inferiores” em evolução, negando sua natureza perversa definitiva. Já o liberalismo teológico, por sua vez, tende a negar a existência literal dos demônios, tratando-os como símbolos do mal psicológico ou social. A verdadeira demonologia, no entanto, reconhece os demônios como inimigos espirituais reais, cuja ação só pode ser vencida pela autoridade de Cristo, pela vigilância espiritual e pela Palavra de Deus (Tiago 4:7; Efésios 6:10-18).

Depravação total. Doutrina da teologia reformada que afirma que, em razão do pecado original, toda a natureza humana foi corrompida pelo pecado, afetando todas as suas faculdades — mente, vontade, emoções e desejos — tornando o ser humano incapaz de buscar ou agradar a Deus por si mesmo. Não significa que a pessoa seja moralmente tão má a ponto de cometer todos os pecados possíveis, mas que o pecado pervade completamente sua condição interior, tornando-o escravo do pecado e afastado da justiça divina (Romanos 3:10-12,23; Efésios 2:1-3). Por causa da depravação total, o homem não pode salvar-se nem iniciar por si só um relacionamento com Deus, necessitando da graça regeneradora do

Espírito Santo para o novo nascimento e a fé salvadora (João 6:44; Tito 3:5). Essa doutrina combate visões humanistas que afirmam a bondade natural do homem ou sua capacidade de autoaperfeiçoamento espiritual sem a intervenção divina. Assim, a depravação total destaca a gravidade do pecado e a necessidade absoluta da redenção em Cristo para a salvação.

Desdobramento espiritual. O desdobramento espiritual é uma crença comum em correntes esotéricas, espíritas e ocultistas, segundo a qual o espírito de uma pessoa pode se separar temporariamente do corpo físico durante o sono, em estado de transe ou por práticas específicas (como meditação profunda ou rituais), e viajar a outros planos espirituais, adquirir revelações ou interagir com entidades. Essa ideia está relacionada ao conceito de projeção astral ou viagem astral. Do ponto de vista bíblico, essa prática é extremamente problemática. A Bíblia não apoia a ideia de que o espírito humano possa se desprender voluntariamente do corpo para explorar o mundo espiritual, e muito menos que tal prática seja segura ou aprovada por Deus. Pelo contrário, a Palavra de Deus condena qualquer tentativa de contato com o mundo espiritual fora dos parâmetros divinos

(Deuteronômio 18:10-12). Além disso, experiências espirituais fora da vigilância das Escrituras podem expor o indivíduo a enganos demoníacos (2 Coríntios 11:14). A verdadeira revelação espiritual vem de Deus, por meio da Sua Palavra e da ação do Espírito Santo, e não por experiências místicas autônomas.

Desejo carnal. Outra forma de se dizer pecados que a nossa carnalidade aprecia praticar. A Bíblia nos ensina que antes de nossa conversão “andávamos, seguindo os desejos carnis, fazendo a vontade da carne e da mente; e éramos por natureza filhos da ira”. (Efésios 2:3) Pedro nos exorta aos cristãos a se absterem “dos desejos carnis, que combatem contra a alma”. – 1 Pedro 2:11.

Desigrejismo. O Desigrejismo não é uma religião formal, mas um movimento ou atitude crítica que rejeita a estrutura institucional e formal das igrejas tradicionais, especialmente as cristãs. Só Jesus é pastor para eles. Surgiu como uma reação contra o que alguns entendem como burocratização, legalismo, corrupção ou hipocrisia dentro das instituições religiosas. Os desigrejados geralmente defendem uma fé pessoal, direta e espontânea, sem a necessidade de

frequentar templos, seguir liturgias rígidas ou estar vinculados a denominações. Não possuem um fundador, organização oficial ou textos sagrados específicos, baseando-se principalmente na experiência individual e no estudo pessoal das Escrituras, especialmente a Bíblia. Quanto a Jesus, os desigrejistas geralmente o veem como Salvador e modelo de vida, mas rejeitam as estruturas humanas que consideram desnecessárias para o relacionamento com Ele. O desigrejismo é mais uma postura espiritual do que uma doutrina organizada.

Desobediência. Ato pecaminoso cometido contra Deus e suas leis. O primeiro ato de desobediência foi o de Adão, que ignorou a ordem divina de não comer do fruto proibido. (Gênesis 2:17) Segundo a Bíblia, “pela desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores”. (Romanos 5:19) Também lemos: “Quem crê no Filho tem a vida eterna; quem, porém, mantém-se em desobediência ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus”. (João 3:36) Diz a Bíblia sobre os desobedientes: “são detestáveis, desobedientes e incapazes de qualquer boa obra”. – Tito 1:16.

Determinismo. Filosofia que sustenta que todos os eventos, inclusive as ações humanas, são causados por uma cadeia inevitável de causas anteriores, ou seja, tudo está previamente determinado e não poderia acontecer de outra forma. No campo religioso e teológico, o determinismo pode assumir formas diversas, como o determinismo divino — a crença de que Deus controla absolutamente tudo, incluindo as decisões humanas — ou o determinismo naturalista, que explica os acontecimentos apenas por leis naturais e causas físicas, sem espaço para livre-arbítrio. No cristianismo, há debates sobre a relação entre a soberania de Deus e a liberdade humana. Doutrinas como a predestinação, especialmente no calvinismo, enfatizam o controle soberano de Deus sobre a salvação, mas sem eliminar a responsabilidade humana. Por outro lado, algumas formas radicais de determinismo negam o livre-arbítrio, o que contradiz passagens bíblicas que afirmam a escolha moral e a responsabilidade pessoal (Deuteronômio 30:19; Josué 24:15). O determinismo estrito pode levar ao fatalismo e à negação da justiça divina, enquanto o ensino bíblico busca equilibrar a soberania de Deus com a liberdade e responsabilidade do ser humano.

Devas. No jainismo, devas são seres celestiais ou divinos que habitam planos elevados de existência. Apesar de possuírem poderes sobrenaturais e uma vida longa, não são eternos nem criadores do universo. Os devas também estão sujeitos ao ciclo de renascimentos (samsara) e ao karma, assim como os humanos e outras almas. Eles podem ajudar ou influenciar os seres humanos, mas não têm autoridade suprema. Sua existência é considerada transitória, e eles não são o foco da prática espiritual jainista, que visa a libertação da alma.

Deus 1. Um dos nomes do verdadeiro Deus. No hebraico, Elohim (deuses), no grego theós (Deus). A Bíblia diz que há muitos deuses nos céus e na terra (1 Coríntios 8:5), mas são em sua grande maioria criações humanas, seres inventados que receberam o título de Deus. Mas a Bíblia menciona o título “Deus” sendo aplicado a criaturas, como Moisés (Êxodo 7:1), os juízes de Israel (Salmo 82:6) e Satanás, o Diabo (2 Coríntios 4:4). Mas são “deuses” como títulos. No caso do verdadeiro Deus, ele não tem o título de Deus, mas é Deus por natureza, e isto o distingue de todos os deuses titulados. Por isso ele diz sobre si mesmo: “Eu sou o primeiro, e sou o último, e além de mim não há Deus” e “Por acaso há outro Deus além de

mim?”. (Isaías 44:6, 8) O próprio Jesus afirmou haver um único Deus verdadeiro. – João 17:3.

Deus 2. É o Ser Supremo, eterno, infinito, onipotente, onisciente, onipresente, santo, justo e amoroso, Criador e sustentador de tudo que existe. Na Bíblia, Deus é revelado como uma única essência em três Pessoas distintas: Pai, Filho (Jesus Cristo) e Espírito Santo — a Trindade. Ele é autoexistente, sem princípio nem fim (Êxodo 3:14), e absolutamente perfeito em todos os atributos. Deus é soberano sobre o universo, governa com justiça, oferece salvação através de Jesus Cristo, e busca relacionamento pessoal com a humanidade. É o Criador do homem, que o formou à sua imagem e semelhança (Gênesis 1:26), e espera obediência, adoração e fé. A Bíblia o apresenta como imutável (Malaquias 3:6), fiel às suas promessas, e digno de toda honra e glória.

Deus 3. Segue o conceito de Deus nas nove religiões não cristãs. 1. Hinduísmo. Deus é compreendido de forma plural: há um Ser Supremo (Brahman) que se manifesta em formas pessoais como Vishnu, Shiva, Shakti, entre outros. É uma religião politeísta, mas com forte base monista, onde todos os

deuses são expressões do divino absoluto. 2. Budismo. Tradicionalmente não reconhece um Deus criador. Em vez disso, foca no caminho para a iluminação pessoal (nirvana), baseado nos ensinamentos de Buda. Seres divinos (devas) podem existir, mas não são eternos nem objetos de adoração no sentido teísta. 3. Jainismo. Também não reconhece um Deus criador. Cada alma (jiva) pode atingir o estado divino (libertação, moksha) por esforço próprio. Os jinas e tirthankaras são reverenciados como mestres libertos, não como deuses criadores. 4. Siquismo. Profundamente monoteísta. Crê em um Deus único, sem forma, eterno, onipresente, chamado Waheguru. Esse Deus é ao mesmo tempo transcendente e imanente, e pode ser experimentado por meio da meditação e da prática ética. 5. Xintoísmo. Não possui um Deus criador supremo no sentido ocidental. Em vez disso, venera uma multiplicidade de kami (espíritos ou deidades), que representam forças naturais, ancestrais e entidades sagradas. É uma religião fortemente ligada à natureza e à cultura japonesa. 6. Taoismo. O Tao (Caminho) é a força suprema, eterna e indefinível que rege o universo. Não é um deus pessoal, mas um princípio impessoal de harmonia e equilíbrio. Divindades podem existir, mas são manifestações do Tao e não criadoras. 7.

Confucionismo. Foca mais em ética, sociedade e relações humanas. Embora mencione o Céu (Tian) como uma força moral e superior, não enfatiza um Deus pessoal. Em sua forma clássica, é mais uma filosofia moral do que uma religião teísta. 8. Zoroastrismo. Monoteísta. Crê em Ahura Mazda como o Deus único, criador e totalmente bom. Existe uma luta cósmica entre o bem (Ahura Mazda) e o mal (Angra Mainyu), com ênfase em livre-arbítrio, julgamento final e salvação. 9. Judaísmo. Monoteísta clássico. Deus (YHWH) é único, pessoal, criador do universo, onipotente, onisciente e justo. Exige fidelidade à sua aliança e revela sua vontade por meio das Escrituras. É transcendente, mas também presente na história do povo de Israel.

Deus, nomes de. Na Bíblia, Deus é referido por vários nomes e títulos que revelam diferentes aspectos de Sua natureza, caráter e obra. Esses nomes expressam Sua soberania, santidade, amor, justiça e proximidade com o ser humano, ajudando os fiéis a compreenderem quem Ele é em suas múltiplas dimensões. Entre os nomes mais conhecidos estão:

- YHWH (Jeová ou Yahweh): O nome pessoal e sagrado de Deus, revelado a

Moisés, que expressa Sua autoexistência e eternidade (Êxodo 3:14).

- Elohim: Nome plural usado para Deus, enfatizando Sua majestade e poder como Criador do universo (Gênesis 1:1).
- El Shaddai: Significa “Deus Todo-Poderoso”, destacando a força e a suficiência divina (Gênesis 17:1).
- Adonai: Que significa “Senhor”, indicando a autoridade e senhorio de Deus (Salmo 110:1).
- Jehová-Jiré: “O Senhor proverá”, mostrando o cuidado e provisão divina (Gênesis 22:14).
- Jehová-Rapha: “O Senhor que sara”, evidenciando o poder de Deus para curar (Êxodo 15:26).
- Jehová-Nissi: “O Senhor é minha bandeira”, símbolo de proteção e vitória (Êxodo 17:15).
- Pai: Nome revelado por Jesus para mostrar a relação íntima de Deus com Seus filhos (Mateus 6:9).

Cada nome revela uma faceta única da pessoa divina e convida o crente a adorar, confiar e se relacionar com Deus de maneira pessoal e reverente. Compreender os nomes de Deus fortalece a fé e aprofunda o

conhecimento do caráter divino na vida cristã.

Devassidão (ou: Dissolução). Abuso da liberdade, com depravação e deterioração de costumes. Jesus nos admoesta: “Cuidai de vós mesmos; não aconteça que o vosso coração se encha de devassidão”. (Lucas 21:34) Paulo escreve que muitos “entregaram-se à devassidão, para cometer com avidez todo tipo de impureza” (Efésios 4:19) e que o vinho pode nos levar a sermos devassos. - Efésios 5:18.

Dez Mandamentos. Ver Decálogo.

Dhamma (ou Dharma). No Budismo, significa os ensinamentos do Buda, a verdade universal ou a lei cósmica que governa a existência. Praticar o Dhamma é seguir o caminho do despertar. Ele inclui as Quatro Nobres Verdades, o Caminho Óctuplo, e outras doutrinas essenciais. Além disso, Dhamma também pode se referir a fenômenos mentais e naturais. É um dos Três Refúgios do budista (Buda, Dhamma e Sangha).

Dharma. No bramanismo, dharma é o princípio do dever, da ordem moral e da justiça cósmica. No Bramanismo, é um dos

pilares da vida espiritual e prática. Pode variar conforme a idade, casta, ocupação e estágio da vida da pessoa. Cumprir o Dharma é essencial para manter o equilíbrio do universo e para progredir espiritualmente. Está relacionado à verdade, honestidade, autocontrole e compaixão. Ignorar o Dharma leva à desordem, tanto interna quanto externa.

Diabo. Do grego, diábolos, significando “caluniador”. Termo que designa o inimigo espiritual de Deus e da humanidade, também conhecido como Satanás, o adversário que se opõe a Deus, busca a perdição das almas e atua como enganador, acusador e tentador (João 8:44; Apocalipse 12:9). Originário como um anjo criado perfeito, ele se rebelou contra Deus por orgulho e desejo de usurpar Sua autoridade, sendo expulso do céu com seus seguidores (Isaías 14:12-15; Ezequiel 28:12-17; Apocalipse 12:7-9). O diabo é descrito na Bíblia como “pai da mentira” e “assassino desde o princípio” (João 8:44), com o propósito de afastar o ser humano de Deus, provocar pecado e sofrimento, e destruir a obra da salvação realizada por Cristo. Embora tenha poder limitado e sujeito à autoridade divina, exerce grande influência no mundo e nas vidas humanas (Efésios 6:11-12; 1 Pedro 5:8). A vitória definitiva sobre o

diabo foi conquistada por Jesus na cruz e será consumada na segunda vinda, quando ele será lançado no lago de fogo (Hebreus 2:14; Apocalipse 20:10). A doutrina cristã orienta os fiéis a resistirem ao diabo com firmeza na fé e a buscarem proteção espiritual através de oração e da Palavra de Deus.

Diácono. Ministro na igreja cristã responsável por serviços práticos, auxílio aos necessitados e apoio à liderança pastoral, conforme instruído no Novo Testamento, especialmente em Atos 6:1-6 e 1 Timóteo 3:8-13. A palavra “diácono” vem do grego diakonos, que significa “servo” ou “assistente”. Originalmente, os diáconos foram escolhidos para atender às necessidades materiais da igreja, como a distribuição de alimentos às viúvas, permitindo que os apóstolos se dedicassem à oração e ao ensino da Palavra. Além das funções práticas, o papel do diácono também envolve caráter irrepreensível, dignidade, autocontrole e firme fé cristã. Na maioria das igrejas evangélicas, os diáconos atuam como auxiliares dos pastores, cuidando da organização interna, do cuidado aos membros e da assistência social. A função de diácono é uma expressão concreta do serviço cristão e da humildade, refletindo o exemplo

de Cristo, que veio para servir e não para ser servido (Marcos 10:45).

Dicotomia. Doutrina teológica que sustenta que o ser humano é composto por duas partes essenciais: corpo (parte material) e alma/espírito (parte imaterial). Essa visão entende que “alma” e “espírito” são termos intercambiáveis, usados de forma distinta nas Escrituras, mas referindo-se à mesma realidade interior do ser humano — a sede da mente, emoções, vontade, consciência e da relação com Deus. Textos como Mateus 10:28 (“não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma”) e Eclesiastes 12:7 (“o pó volte à terra... e o espírito volte a Deus”) embasam essa concepção dual. A dicotomia é a visão predominante entre teólogos reformados e protestantes conservadores, sendo mais fiel à linguagem geral da Bíblia, que muitas vezes se refere ao ser humano de maneira bipartida. Por exemplo, Jesus diz que o maior mandamento é amar a Deus com “todo o teu coração, alma, força e entendimento” (Lc 10:27), usando diferentes expressões para descrever o interior humano de forma poética ou enfática, e não como distinções ontológicas absolutas. Além disso, o uso de “espírito” e “alma” na Bíblia varia conforme o contexto: “espírito” é mais usado em relação à

comunhão com Deus, enquanto “alma” pode enfatizar o aspecto emocional ou psicológico da vida interior. Ao contrário da tricotomia, que separa o espírito da alma como duas partes diferentes da parte imaterial, a dicotomia evita uma fragmentação excessiva do ser humano e reconhece a unidade funcional e relacional da pessoa criada por Deus. O corpo e a alma são distintos, mas estão intimamente ligados. A morte física, por exemplo, é entendida como a separação temporária entre essas duas partes (cf. Tiago 2:26). A dicotomia também evita implicações doutrinárias perigosas da tricotomia, como a ideia de que o espírito pode permanecer santo e ileso mesmo que a alma peque, como ensinam algumas correntes heréticas. Portanto, a dicotomia respeita a antropologia bíblica, protege a doutrina da santificação integral do ser humano, e sustenta que o homem foi criado à imagem de Deus como uma unidade de corpo e alma — ambos igualmente importantes na redenção realizada por Cristo.

Digambara. É uma das principais seitas do jainismo, cujo nome significa “vestidos de céu” ou “aqueles que usam o céu como vestimenta”, referindo-se à prática dos monges de renunciar a todas as roupas como símbolo de desapego total. Os digambaras

acreditam que a nudez representa a pureza espiritual e a ausência de possessões. Essa seita tem diferenças doutrinárias e rituais em relação à outra grande seita jainista, os Shvetambaras. Os digambaras enfatizam a austeridade extrema e a meditação como caminhos para a libertação.

Disciplina. Tudo o que nos ensina (ou que aprendemos) que molda o nosso caráter para melhor. Pode ser ensino, correção, repreensão, castigo, ou advertências que uma vez aceitas poderão nos impedir de pecar. A Bíblia menciona Deus disciplinando as nações (Salmo 94:10), seu povo (Levítico 26:23; Deuteronômio 4:36; 8:5; Jeremias 31:18) e a todos a quem ele ama. (Hebreus 12:6) A disciplina na Igreja pode ser aplicada como ação corretiva e profilática (2 João 7-11; 1 Coríntios 5:9-11) ou até a excomunhão. – 1 Coríntios 5:5.

Discípulo/Discipulado. Discípulo é um aprendiz de um discipulador, que ensina, no contexto cristão, a outros aquilo que Jesus nos ensinou. Jesus treinou seus discípulos, e estes no início eram homens muito improváveis de dar certo. Mas após o Pentecostes de Atos 2, eles se tornaram discípulos que faziam novos convertidos, e estes passaram a ganhar outros para Cristo e

a fé cristã, de modo que a Igreja cresceu rapidamente dentro e fora do Império Romano. Afinal de contas, fazer discípulos de todas as nações foi a Grande Comissão dada por Jesus aos apóstolos e à Igreja toda. (Mateus 28:19, 20) O discipulado ideal é visto em 2 Timóteo 2:2, onde lemos Paulo dizendo a Timóteo: “O que ouviste de mim, diante de muitas testemunhas, transmite a homens fiéis e aptos para também ensinarem a outros”. Ou seja, quatro gerações de discipulados: Paulo – Timóteo – homens fiéis e aptos – outros.

Dispensacionalismo. Sistema teológico e escatológico que divide a história da humanidade em períodos distintos chamados “dispensações”, durante os quais Deus administra Suas relações com o homem de maneiras específicas e progressivas. Surgido no século XIX, especialmente através dos escritos de John Nelson Darby, o dispensacionalismo enfatiza a literalidade da interpretação bíblica, a distinção clara entre Israel e a Igreja, e a iminência do arrebatamento pré-tribulacional da Igreja antes da Grande Tribulação. Para os dispensacionalistas, a história é um drama divino organizado em etapas — como a dispensação da Lei, da Graça, entre outras — , cada uma com responsabilidades e

revelações específicas para o ser humano. Essa visão destaca a soberania de Deus em conduzir a história e o cumprimento das promessas feitas a Israel, que serão plenamente realizadas durante o milênio. O dispensacionalismo influenciou amplamente o pensamento evangélico contemporâneo, sobretudo no campo da escatologia, estimulando o estudo profético e o ativismo missionário. Apesar disso, é criticado por algumas correntes teológicas que o consideram excessivamente literalista, fragmentador da unidade bíblica e por enfatizar a separação entre Israel e a Igreja. O número e a definição das dispensações podem variar entre diferentes teólogos dispensacionalistas, mas o modelo clássico, popularizado por John Nelson Darby e outros, geralmente apresenta sete dispensações principais. Cada uma representa um período específico em que Deus lida com a humanidade sob diferentes administrações ou responsabilidades. As sete dispensações clássicas são:

1. Inocência — Desde a criação até a queda de Adão e Eva no Éden, quando o homem vivia em perfeita comunhão com Deus, sem conhecimento do pecado.

2. Consciência — Após a queda, o homem vive guiado pela consciência, sabendo o que é certo e errado, até o dilúvio (Gênesis 3 a 8).
3. Governo Humano — Período pós-diluviano em que Deus institui autoridades humanas e leis para governar a humanidade (Gênesis 9 a 11).
4. Promessa — De Abraão até Moisés, quando Deus estabelece um pacto com Abraão e seus descendentes, prometendo a terra e uma bênção (Gênesis 12 até Êxodo 19).
5. Lei — De Moisés até a cruz, a dispensação da Lei mosaica, quando Israel era governada por normas e sacramentos específicos (Êxodo 20 a João 1).
6. Graça — A era da Igreja, iniciada com a ascensão de Jesus e o derramamento do Espírito Santo, onde a salvação é pela graça mediante a fé em Cristo (Atos 2 até o arrebatamento).
7. Reino — Futuro milênio messiânico na terra, período em que Cristo reinará literalmente, cumprindo as promessas feitas a Israel (Apocalipse 20).

Essas dispensações representam diferentes modos de responsabilidade humana e

revelação divina, demonstrando progressivamente o plano de Deus para a redenção. Cada dispensação termina com um juízo, quando a humanidade falha em cumprir a responsabilidade dada. Os aliancistas discordam veementemente dessa posição. Ver Teologia da Aliança.

Divindade. Refere-se à natureza ou essência de ser Deus, ou aquilo que pertence exclusivamente a Deus em sua plenitude, como eternidade, onipotência, onisciência, santidade e imutabilidade. Na teologia cristã, a divindade é atributo exclusivo do Deus único e verdadeiro, revelado nas três pessoas da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. A divindade de Jesus Cristo é afirmada em textos como João 1:1, Colossenses 2:9 e Hebreus 1:8, mostrando que Ele possui a mesma essência divina do Pai. A divindade do Espírito Santo é evidenciada por sua participação na criação, na regeneração e no uso de títulos e atributos divinos (Atos 5:3, 4). Negar a divindade de qualquer das três pessoas da Trindade é considerado heresia, pois compromete a revelação bíblica sobre o próprio ser de Deus e a obra da salvação.

Divórcio. É a dissolução legal do casamento, que na Bíblia é permitido em circunstâncias restritas devido à dureza do coração

humano, mas não é a vontade ideal de Deus para a união conjugal. Jesus ensinou que o casamento foi instituído por Deus como uma aliança permanente entre homem e mulher (Mateus 19:4-6), e que o divórcio só é permitido em caso de infidelidade conjugal, o chamado “por causa da imoralidade sexual” (Mateus 19:9). O Antigo Testamento regulava o divórcio, mas enfatizava a importância da fidelidade e reconciliação (Deuteronômio 24:1-4). A Bíblia alerta para as consequências espirituais e sociais do divórcio, incentivando o perdão, a restauração e o compromisso no casamento. Embora o divórcio seja permitido em certos casos, o ideal cristão é a união fiel e duradoura, refletindo a relação de Cristo com a Igreja (Efésios 5:22-33).

Dízimo. A décima parte dos ganhos de uma pessoa, a qual é doada ao templo por cristãos generosos e gratos às provisões divinas. – Malaquias 3:10; Mateus 23:23.

Docetismo. Foi uma heresia cristológica com início no final do século I que afirmava que Jesus Cristo apenas parecia ser humano, mas na realidade não possuía um corpo físico verdadeiro, negando assim sua verdadeira encarnação e sofrimento real. O termo vem do grego *dokein*, que significa “parecer” ou

“aparentar”. Os docetistas ensinavam que o corpo de Jesus era uma ilusão ou aparência, pois consideravam o mundo material e o corpo como algo corrupto ou maligno. Essa doutrina negava a realidade da morte e ressurreição física de Cristo, comprometendo a salvação, já que esta depende da encarnação e do sacrifício real do Filho de Deus. O docetismo foi firmemente combatido e condenado pela Igreja primitiva, que sustentava a plena humanidade e divindade de Jesus.

Dogma. Termo que designa uma verdade de fé definida oficialmente por uma autoridade religiosa como obrigatória para todos os seus membros. No cristianismo, especialmente na Igreja Católica, dogmas são ensinamentos essenciais e imutáveis, proclamados como revelados por Deus e que não admitem dúvida ou rejeição, como a divindade de Cristo, a Trindade, a virgindade perpétua de Maria e a ressurreição corporal de Jesus. Esses ensinamentos são baseados na Bíblia e na tradição apostólica, e sua definição busca proteger a unidade da fé e evitar heresias. No protestantismo, o termo é usado de forma mais flexível, geralmente referindo-se às doutrinas centrais e não à imposição formal da fé, e há maior ênfase na autoridade exclusiva das Escrituras para definir a

verdade. Dogmas, portanto, são pilares da fé cristã que orientam a crença e a prática dos fiéis, garantindo a fidelidade à revelação divina e a coerência da Igreja ao longo dos séculos.

Dom espiritual. Manifestação sobrenatural concedida pelo Espírito Santo aos cristãos para edificação, serviço e fortalecimento da Igreja. Esses dons não são talentos naturais, mas habilidades especiais que capacitam os crentes a cumprir funções específicas no corpo de Cristo (1 Coríntios 12:4-11). Exemplos incluem profecia, ensino, cura, línguas, interpretação de línguas, fé extraordinária, serviço, liderança, misericórdia, entre outros. O propósito dos dons espirituais é edificar a Igreja, promover a unidade e glorificar a Deus, sendo dados conforme a vontade do Espírito para o benefício comum (Efésios 4:11-13; Romanos 12:6-8). Os dons não garantem maior espiritualidade pessoal e devem ser exercidos com amor e humildade, evitando orgulho ou divisão. Embora alguns movimentos cristãos modernos enfatizem certos dons como sinais contínuos e essenciais, a Bíblia ensina que todos os dons são importantes e devem ser usados para o crescimento saudável da comunidade cristã.

Doutrina. Conjunto sistematizado de ensinamentos, princípios ou verdades que uma religião, igreja, escola filosófica ou sistema ideológico adota, transmite e defende como normativos. No contexto cristão, “doutrina” refere-se ao corpo de ensinamentos fundamentados na revelação de Deus contida nas Escrituras Sagradas, sendo essencial para a fé e a prática da vida cristã. Doutrinas bíblicas incluem, por exemplo, a Trindade, a divindade de Cristo, a salvação pela graça mediante a fé, a ressurreição dos mortos, o juízo final e a autoridade da Bíblia. O apóstolo Paulo exorta a Igreja a “guardar o modelo das sãs palavras” (2 Timóteo 1:13) e alerta contra falsos ensinamentos que corrompem a fé (1 Timóteo 4:1; Gálatas 1:6-9). Assim, a doutrina é mais do que um conteúdo teórico: ela molda o modo de crer, viver e adorar. Igrejas sérias priorizam a sã doutrina, pois ela protege contra heresias, conduz à maturidade espiritual e glorifica a Deus com fidelidade. Por outro lado, muitas seitas e movimentos heréticos constroem suas doutrinas com base em revelações extrabíblicas, interpretações distorcidas ou tradições humanas, levando seus seguidores ao engano espiritual. Portanto, a doutrina cristã verdadeira deve ser sempre avaliada e

confirmada pelas Escrituras, que são a única regra de fé e prática (2 Timóteo 3:16, 17).

Dukkha. Termo do Budismo, significa sofrimento, insatisfação ou frustração. É uma das três marcas da existência e a primeira das Quatro Nobres Verdades. O Buda ensinou que todo ser vivo experimenta Dukkha devido ao apego, desejo e ignorância. Isso inclui desde dor física até ansiedade e o medo da perda. Superar Dukkha é o objetivo central da prática budista.

E

Ebionismo. Foi um movimento judaico-cristão do século I e II que defendia que Jesus era um simples homem, nascido naturalmente de Maria e José, e não possuía natureza divina. Os ebionitas aceitavam a Lei mosaica e consideravam Jesus um profeta ou mestre escolhido por Deus, rejeitando a doutrina da encarnação e da divindade de Cristo. Eles negavam a virginidade de Maria e a expiação substitutiva, enfatizando a observância da Lei judaica para a salvação. Essa visão foi rejeitada pela ortodoxia cristã,

que afirma a plena divindade e humanidade de Jesus, bem como a suficiência da graça para a salvação. O ebionismo é considerado uma heresia que minimiza a obra redentora e a natureza divina de Cristo.

Eclesiástico, Livro de. Também conhecido como Sirácida ou Sabedoria de Ben Sira, o Livro de Eclesiástico é um dos livros deuterocanônicos, aceito como inspirado pelas Igrejas Católica e Ortodoxa, mas rejeitado pelas tradições evangélica e protestante. Escrito originalmente em hebraico por Jesus Ben Sira por volta do século II a.C., foi posteriormente traduzido ao grego por seu neto. Trata-se de uma obra sapiencial, rica em conselhos morais, religiosos e práticos sobre a vida, enfatizando a importância da sabedoria, da Lei, do temor de Deus, da humildade, da disciplina e do respeito pelos pais e anciãos. O autor mostra grande apreço pela história e pela tradição judaica, exaltando figuras bíblicas como Noé, Abraão, Moisés, Davi e Elias. O livro convida o leitor à vida justa, equilibrada e piedosa, valorizando a sabedoria como dom divino que conduz à verdadeira felicidade. Embora não esteja na Bíblia Hebraica nem no cânon protestante, foi muito citado pelos primeiros cristãos e influenciou o pensamento ético judaico-cristão.

Eclesiologia. É o estudo teológico da Igreja, seu significado, natureza, organização, missão e propósito segundo a Bíblia. A eclesiologia examina a Igreja como o corpo de Cristo, a comunidade dos fiéis redimidos chamados para adorar a Deus, crescer na fé, e proclamar o Evangelho (Efésios 1:22, 23; Atos 2:42-47). Ela aborda a autoridade espiritual, os sacramentos ou ordenanças (como o batismo e a ceia do Senhor), os ministérios e os dons concedidos para edificação mútua. Também trata da unidade e santidade da Igreja, a disciplina e o papel dos líderes (pastores, presbíteros e diáconos). A eclesiologia destaca a missão da Igreja no mundo, vivendo como testemunha do Reino de Deus até a volta de Cristo, cumprindo o chamado à santidade e ao amor fraternal.

Éden, Jardim do. Jardim colocado próximo aos rios Pisom, Giom, Tigre e Eufrates (Gênesis 2:11-14), para que Adão e Eva, antes de pecarem, cuidassem dele. Dali, estenderiam este paraíso a toda terra. Após o pecado, Deus os expulsou do Éden. - Gênesis 3:23.

Eleição. Nas Escrituras, o termo “eleição” se refere à escolha que Deus faz de pessoas para a salvação (Marcos 13:20) segundo a sua

presciência. (1 Pedro 1:1, 2) Tais eleitos são convertidos e mudam suas vidas para melhor, exibindo qualidades cristãs aprovadas por Deus. (Colossenses 3:12-15) No fim dos tempos, Cristo e os eleitos batalharão contra seus inimigos e os vencerão. – Apocalipse 17:14.

Ellen Gould White. Ellen Gould White (1827–1915) foi uma das fundadoras da Igreja Adventista do Sétimo Dia e uma das figuras mais influentes do adventismo. Nascida nos Estados Unidos, ela teve numerosas visões e experiências espirituais que guiavam seus escritos e conselhos à igreja nascente. Seus escritos, incluindo mais de 5.000 artigos e cerca de 40 livros, como O Grande Conflito e Caminho a Cristo, são considerados pelos adventistas como tão inspirados quanto a Bíblia e autoritativos, embora não substituam a Bíblia, que é seu livro sagrado principal. Ellen White enfatizou a importância da observância do sábado, da segunda vinda de Cristo, da saúde e da educação cristã. Ela foi expulsa da Igreja Metodista por acreditar nas profecias de Guilherme Miller e seu amigo, Samuel Snow, sobre a data exata da volta de Cristo, pra 1843 e 1844. Ela pregava sobre Jesus Cristo como o Filho de Deus e Salvador da humanidade, mas criou ensinamentos sobre ele

que a Bíblia jamais ensina, como a do famigerado Juízo Investigativo. Seu legado permanece vital para a doutrina, prática e crescimento mundial da Igreja Adventista.

Encarnação (de Jesus). A encarnação de Jesus é a doutrina central da fé cristã que afirma que o Filho eterno de Deus, a Segunda Pessoa da Trindade, assumiu a natureza humana sem deixar de ser Deus. Esse mistério se concretizou no nascimento virginal de Jesus Cristo, concebido pelo Espírito Santo no ventre de Maria (cf. João 1:14; Filipenses 2:6-8). A encarnação não foi a transformação de Deus em homem, mas a união das duas naturezas — divina e humana — em uma única pessoa, Jesus Cristo, sem confusão ou separação. Essa verdade é essencial para a salvação, pois somente sendo plenamente Deus, Jesus pôde oferecer um sacrifício perfeito; e sendo plenamente homem, pôde representar a humanidade diante de Deus. A encarnação é, portanto, o fundamento da redenção cristã.

Epístola. Outro modo de se dizer “carta”. O termo epístola vem do grego *epistolé*, que significa “carta” ou “mensagem escrita”. Na Bíblia, refere-se a um gênero literário muito presente no Novo Testamento, composto por cartas doutrinárias, pastorais ou pessoais

escritas por apóstolos (principalmente Paulo, mas também Pedro, João, Tiago, entre outros) às igrejas ou indivíduos. As epístolas tratam de temas como salvação, graça, fé, ética cristã, problemas nas comunidades e orientações sobre a vida cristã. São 21 epístolas no Novo Testamento, das quais 13 são tradicionalmente atribuídas ao apóstolo Paulo. Elas não são meras correspondências, mas documentos inspirados que formam parte essencial da doutrina cristã, aplicável tanto para os primeiros cristãos quanto para os crentes de todas as épocas.

Eremitas. Os eremitas são pessoas que optam por viver em isolamento voluntário, geralmente em lugares ermos ou desertos, dedicando suas vidas à oração, meditação e busca espiritual profunda. O termo vem do grego *erēmítēs*, que significa “habitante do deserto”. Na tradição cristã, os eremitas surgiram no século III, com figuras como Antônio, o Grande, considerado o pai do monaquismo. Eles buscavam uma vida de renúncia ao mundo, afastando-se das tentações e distrações para alcançar maior comunhão com Deus. Embora a vida eremítica seja valorizada por seu foco na santidade e disciplina espiritual, o Cristianismo também valoriza a vida comunitária, como nas ordens monásticas e

na igreja local. O eremitismo contribuiu para o desenvolvimento da espiritualidade cristã, inspirando práticas de oração, ascetismo e contemplação.

Escatologia. É o estudo bíblico das últimas coisas ou dos eventos finais da história humana e do plano de Deus para o mundo, incluindo temas como a volta de Cristo, o juízo final, a ressurreição dos mortos, o estado eterno da alma, o estabelecimento dos novos céus e nova terra, e a consumação do Reino de Deus. A escatologia aborda tanto o destino coletivo da humanidade quanto a esperança individual de salvação e vida eterna. Ela fundamenta-se em passagens proféticas do Antigo e Novo Testamentos (como Daniel 7, Mateus 24, Apocalipse) e serve para fortalecer a fé dos crentes, despertando a vigilância, o arrependimento e a perseverança diante das dificuldades presentes. Uma correta escatologia promove uma visão cristã que valoriza a soberania divina sobre o tempo e a história, apontando para a restauração final e a vitória definitiva de Deus sobre o mal.

Escatologia geral. O ramo da teologia que estuda os eventos finais relacionados ao destino da humanidade e da criação. Ela trata de temas como a segunda vinda de Cristo, a

ressurreição dos mortos, o juízo final, céu, inferno e o estado eterno. Diferencia-se da escatologia individual, que aborda o destino da alma após a morte. A escatologia geral é fundamentada nas profecias bíblicas, especialmente nos livros de Daniel, Apocalipse e nas palavras de Jesus. Seu objetivo é afirmar a esperança cristã no triunfo final de Deus e na consumação de todas as coisas.

Escatologia pessoal é o ramo da teologia que trata do destino individual de cada ser humano após a morte. Seus principais temas incluem a morte, o estado intermediário da alma, o juízo particular, céu, inferno e, para alguns, o purgatório. Enquanto a escatologia geral enfoca eventos coletivos e cósmicos, a pessoal aborda o que ocorre com a pessoa de forma imediata após deixar esta vida. A Bíblia ensina que “ao homem está ordenado morrer uma só vez, vindo depois disso o juízo” (Hebreus 9:27), base para essa doutrina. Ela enfatiza a urgência da fé e da conversão em vida.

Escriba. Profissional do mundo judaico antigo especializado na leitura, escrita, interpretação e ensino da Lei de Moisés (Torá) e dos textos sagrados. Os escribas exerciam um papel fundamental na

preservação, cópia e transmissão dos escritos bíblicos, além de serem autoridades religiosas e jurídicas que ajudavam a aplicar a Lei no dia a dia do povo. Muitas vezes atuavam como assessores dos sacerdotes e fariseus, sendo responsáveis por interpretar a legislação mosaica e emitir pareceres legais. No Novo Testamento, os escribas são frequentemente mencionados ao lado dos fariseus como opositores de Jesus, pois questionavam Seus ensinamentos e buscavam tramar contra Ele (Mateus 23:13-36; Marcos 12:38-40). Eles eram conhecidos por sua erudição e zelo legalista, mas também por uma religiosidade que Jesus criticava por ser hipócrita e distanciada da verdadeira justiça e misericórdia. Apesar dessa reputação negativa nos Evangelhos, os escribas desempenharam um papel crucial na preservação das Escrituras, especialmente no período do Segundo Templo e na formação do judaísmo rabínico posterior. Sua função de copistas e estudiosos ajudou a garantir que os textos bíblicos fossem transmitidos com precisão para as gerações futuras. Em resumo, os escribas eram os guardiões da palavra escrita de Deus no judaísmo antigo, embora, no contexto do ministério de Jesus, tenham representado uma religiosidade rígida e legalista, contrária

ao espírito da mensagem do Reino de Deus que Ele proclamava.

Escritura. A Bíblia, quando se refere a um de seus livros, ela usa o termo “bíblis”, ou pequeno livro. (Mateus 1:1) Mas quando se refere a uma grande parte de si mesma, ela usa o termo Escritura. Assim, “toda a Escritura é inspirada por Deus” (2 Timóteo 3:16), na época se referindo ao Antigo Testamento. Pedro fala das cartas de Paulo, a qual alguns distorcem como fazem com as demais escrituras (2 Pedro 3:16), o que põe os escritos de Paulo como “escrituras inspiradas” também. Os que se opõem a Cristo não conhecem as Escrituras. (Mateus 22:39) Para Jesus, a Escritura não pode ser anulada. - João 10:35.

Escrituras, autoridade das. Doutrina fundamental da fé cristã que afirma que a Bíblia é a suprema e final autoridade em matéria de fé, doutrina e prática. Tal autoridade deriva diretamente de sua inspiração divina: “Toda a Escritura é inspirada por Deus” (2 Timóteo 3:16). Isso significa que, embora tenha sido escrita por homens, seu conteúdo procede do próprio Deus, sendo, portanto, infalível (sem erros em seus ensinamentos) e inerrante (isenta de erros nos manuscritos originais). Por isso, a Bíblia

possui autoridade normativa sobre todos os aspectos da vida cristã, sendo superior à tradição, à razão humana, às emoções ou a qualquer instituição religiosa. A autoridade das Escrituras é especialmente defendida pelos reformadores protestantes sob o princípio da Sola Scriptura, que ensina que somente as Escrituras têm autoridade absoluta, e que todas as demais autoridades devem ser avaliadas à luz da Palavra de Deus. A Igreja Católica Romana, por outro lado, sustenta que a Bíblia deve ser interpretada à luz da Tradição e do Magistério eclesiástico, concedendo autoridade equivalente à tradição apostólica e ao ensino do Papa e dos concílios. Já seitas como as Testemunhas de Jeová colocam a autoridade final nas interpretações de seu Corpo Governante, o que, na prática, subordina as Escrituras a ensinamentos humanos. O reconhecimento da autoridade das Escrituras implica submissão prática a ela: crer em seus ensinamentos, obedecer aos seus mandamentos, e rejeitar qualquer doutrina contrária ao seu conteúdo (Gálatas 1:8-9). Isso também exige interpretação responsável, dentro de seu contexto gramatical, histórico e teológico. O crente maduro é aquele que reconhece a Bíblia como a voz de Deus para hoje (Hebreus 4:12) e vive de acordo com sua direção, sabendo que a autoridade das Escrituras não

está sujeita às tendências culturais ou opiniões pessoais.

Escritura, clareza da. A clareza da Escritura (ou perspicuidade da Escritura) é a doutrina segundo a qual a mensagem essencial da Bíblia, especialmente no que diz respeito à salvação, pode ser compreendida por qualquer pessoa que leia o texto com sinceridade e fé, auxiliada pela iluminação do Espírito Santo. Embora nem todas as passagens bíblicas sejam igualmente fáceis de interpretar (2 Pedro 3:16), os ensinamentos fundamentais sobre Deus, o pecado, a salvação em Cristo, a fé e o arrependimento são apresentados de forma suficientemente clara para que até mesmo os simples e não instruídos possam entender (Salmo 19:7; Deuteronômio 30:11-14; 2 Timóteo 3:15). A Reforma Protestante recuperou e enfatizou essa doutrina contra o ensino da Igreja Católica Romana, que sustentava que apenas o Magistério da Igreja tinha autoridade para interpretar corretamente as Escrituras. Os reformadores, como Lutero e Calvino, ensinaram que cada crente tem acesso direto à Palavra de Deus e que ela não é um livro obscuro reservado a especialistas ou líderes religiosos. A clareza da Escritura fundamenta o princípio do sacerdócio de todos os crentes,

promovendo a leitura pessoal da Bíblia. Entretanto, essa clareza não nega a necessidade de estudo diligente, ensino e exegese cuidadosa. Há textos difíceis que exigem esforço, conhecimento do contexto, da gramática e da teologia. Além disso, certas seitas e tradições religiosas afirmam que a Bíblia é confusa ou impossível de se entender sem uma autoridade humana central (como o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová ou o Magistério católico), o que fere a doutrina da clareza e submete a Escritura a interpretações particulares ou autoritárias. Por fim, a clareza das Escrituras não significa que todas as pessoas a entenderão da mesma forma, mas sim que a verdade salvadora revelada por Deus é suficientemente acessível, e que, com reverência, oração e humildade, todo crente pode conhecer e obedecer à vontade de Deus revelada na Bíblia.

Escrituras, inerrância das. A inerrância das Escrituras é a doutrina segundo a qual a Bíblia, em seus manuscritos originais, está totalmente isenta de erros em tudo o que afirma — seja em questões de fé, moral, história, geografia ou ciência, sempre que se propõe a tratar desses assuntos. Essa convicção decorre do fato de que Deus é o autor último das Escrituras, e como Ele é

absolutamente verdadeiro e santo (João 17:17; Tito 1:2), não pode ter inspirado algo que contenha falsidade ou engano. A inerrância está, assim, diretamente ligada à inspiração verbal e plenária da Bíblia (2 Timóteo 3:16; 2 Pedro 1:20-21), isto é, à crença de que cada palavra da Escritura foi divinamente guiada. A doutrina da inerrância não nega o uso de figuras de linguagem, estilos literários variados ou descrições fenomenológicas (como o nascer do sol), nem ignora que as cópias e traduções posteriores possam conter erros de transmissão. Ela afirma, porém, que os autógrafos originais — os textos produzidos por Moisés, os profetas, os evangelistas e os apóstolos — são completamente precisos e verdadeiros em tudo o que afirmam, uma vez que procedem de Deus. Essa doutrina foi amplamente aceita ao longo da história da Igreja, especialmente nos períodos patrístico e reformado. Contudo, passou a ser contestada com mais força a partir do Iluminismo, por teólogos liberais que viam a Bíblia como um produto cultural e limitado do tempo em que foi escrito. Alguns alegam que a Bíblia contém contradições ou erros científicos, desconsiderando os gêneros literários e o contexto das passagens. Seitas como o mormonismo e as Testemunhas de Jeová também negam a inerrância, pois

sustentam que a Bíblia foi corrompida e precisa de revelações adicionais ou correções humanas. A doutrina da inerrância é um baluarte para o cristianismo evangélico, especialmente no contexto da autoridade bíblica. Negar a inerrância pode levar, gradativamente, à erosão da confiança na Palavra de Deus e à aceitação subjetiva de quais partes da Bíblia devem ou não ser cridas. Crer na inerrância é, portanto, reconhecer que Deus não mente nem erra, e que Ele nos deu uma revelação segura e confiável para a salvação e a vida cristã (Salmo 19:7-9; João 10:35).

Escrituras, infalibilidade das. A infalibilidade das Escrituras é a doutrina que afirma que a Bíblia, em seus manuscritos originais, não contém erro algum em tudo o que ensina, seja em matéria de fé, moral, história ou fatos, pois é a Palavra inspirada por Deus (2 Timóteo 3:16; João 17:17). Essa crença repousa no caráter de Deus, que é verdadeiro e não pode mentir (Tito 1:2; Hebreus 6:18); portanto, tudo o que Ele revelou nas Escrituras é absolutamente confiável. A infalibilidade está intimamente ligada à inspiração: como a Escritura foi soprada por Deus, ela é isenta de erro em seus propósitos e afirmações. É importante distinguir infalibilidade de inerrância.

Enquanto a inerrância sustenta que a Bíblia não erra em nada, a infalibilidade enfatiza que ela é absolutamente segura e certa no cumprimento de seus propósitos divinos e na comunicação da verdade salvífica. Ambas as doutrinas, porém, são afirmadas por grande parte do protestantismo histórico, sendo vistas como garantias da autoridade e confiabilidade da Escritura. Alguns grupos religiosos e teólogos liberais rejeitam a infalibilidade, alegando que a Bíblia contém erros científicos, morais ou históricos, tratando-a mais como um livro humano do que divino. Outros, como o catolicismo romano, admitem certa forma de infalibilidade bíblica, mas subordinada à interpretação autorizada do Magistério da Igreja. Já seitas como os mórmons e as Testemunhas de Jeová afirmam que a Bíblia foi corrompida ao longo dos séculos e, por isso, oferecem outras fontes de revelação ou traduções manipuladas, negando na prática a infalibilidade bíblica.

O protestantismo evangélico, ao afirmar a infalibilidade das Escrituras, reafirma a confiança na Bíblia como norma de fé e prática. Essa doutrina sustenta que o cristão pode crer e obedecer a tudo que a Palavra ensina, pois ela procede de um Deus infalível. A infalibilidade não significa que não há

dificuldades de interpretação ou que todas as traduções sejam perfeitas, mas sim que a mensagem original, tal como dada por Deus, é perfeita, pura e suficiente para conduzir o homem à salvação e à santificação (Salmo 12:6; João 10:35).

Escrituras, insuficiência das. Trata-se da negação ou diminuição da doutrina da suficiência da Bíblia, ou seja, a ideia de que a Palavra de Deus não é completa ou adequada como regra final de fé e prática. Quando alguém crê na insuficiência das Escrituras, está, de forma direta ou indireta, afirmando que a Bíblia precisa ser complementada por outras fontes de autoridade, como revelações extrabíblicas, tradições humanas, experiências subjetivas, profecias modernas ou interpretações exclusivas de determinados líderes religiosos. Essa posição contradiz textos como 2 Timóteo 3:16-17, que ensinam que a Escritura é suficiente para tornar “perfeito” o homem de Deus, “plenamente preparado para toda boa obra”. Diversas seitas e movimentos religiosos modernos expressam a insuficiência das Escrituras em suas crenças e práticas. As Testemunhas de Jeová, por exemplo, consideram a Bíblia importante, mas dependem da interpretação do Corpo Governante e das publicações da Torre de

Vigia para entendê-la corretamente, atribuindo autoridade quase inspirada a esses escritos. Os mórmons creem que a Bíblia foi corrompida e consideram outros livros sagrados, como o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor, como complementos necessários à revelação bíblica. Já o Espiritismo kardecista, embora cite passagens bíblicas, crê que a Bíblia é insuficiente moral e espiritualmente sem a luz da reencarnação e dos ensinamentos de Allan Kardec. A Igreja Católica Romana, embora afirme respeitar a Bíblia, declara que a Tradição e o Magistério da Igreja possuem igual autoridade, o que, na prática, subordina a interpretação bíblica ao ensino eclesiástico romano. Outros grupos neopentecostais alegam que a Bíblia é a base, mas vivem e ensinam como se a autoridade máxima estivesse em visões, sonhos, revelações particulares ou decretos proféticos, promovendo um tipo de espiritualidade onde a Escritura torna-se insuficiente para guiar e edificar a vida cristã. Tais práticas promovem confusão doutrinária, subjetivismo e dependência de “líderes ungidos”, afastando os fiéis da Palavra pura de Deus. Negar a suficiência das Escrituras é também enfraquecer o senhorio de Cristo sobre a Igreja, pois Ele nos governa por meio de sua Palavra. Qualquer acréscimo, omissão ou

substituição da revelação bíblica como norma de fé implica que Deus não falou o suficiente, o que é uma grave ofensa contra a Sua sabedoria, poder e propósito. Em contraste, os reformadores protestantes afirmaram o princípio do Sola Scriptura, isto é, somente as Escrituras são a autoridade final, infalível e suficiente para a salvação, a doutrina e a vida cristã. A verdadeira fé se apegava à Palavra como lâmpada para os pés e luz para o caminho (Salmo 119:105), e rejeita qualquer ensino que rebaixe, obscureça ou adicione ao que Deus já revelou nas Escrituras Sagradas.

Escrituras, suficiência das. Doutrina cristã que afirma que a Bíblia contém tudo o que é necessário para que o ser humano conheça a Deus, seja salvo e viva de maneira que agrade ao Senhor, não necessitando de revelações adicionais, tradições extrabíblicas ou autoridades paralelas para complementar ou completar sua mensagem (2 Timóteo 3:16, 17; Salmo 19:7-11; 2 Pedro 1:3). Essa suficiência se refere ao fato de que toda a revelação que Deus quis nos dar para nossa salvação e santificação já foi plenamente registrada nas Escrituras, e nada mais deve ser exigido dos cristãos além do que a Bíblia ensina. Essa doutrina está diretamente ligada à Sola Scriptura, mas com ênfase não apenas

na autoridade, mas no conteúdo completo e funcional da Palavra de Deus. Isso significa que a Bíblia é suficiente para ensinar doutrina, corrigir erros, conduzir à salvação, moldar o caráter, orientar a vida da Igreja e disciplinar o povo de Deus. A suficiência das Escrituras protege os cristãos contra o misticismo, a dependência de revelações modernas, e o legalismo de regras humanas não bíblicas impostas por seitas ou religiões. Grupos como o catolicismo romano, que ensina que a tradição oral tem autoridade igual à da Bíblia, ou movimentos neopentecostais que dão ênfase a revelações proféticas contemporâneas como complementos da Bíblia, violam esse princípio bíblico. Do mesmo modo, heresias e sistemas que colocam credos humanos, experiências subjetivas ou “novas luzes” acima da Escritura demonstram incredulidade na suficiência da Palavra de Deus. Crer na suficiência das Escrituras é crer que Deus falou de maneira clara, completa e eficaz – e que sua Palavra é suficiente para guiar todo o viver cristão, em qualquer tempo e cultura. Essa convicção gera confiança, segurança e fidelidade à revelação divina, e impede que a Igreja se desvie para o erro ou se torne dependente de homens, visões, ou tradições humanas.

Escrituras, veracidade das. A veracidade das Escrituras refere-se à confiança de que a Bíblia, em seus textos originais, é verdadeira em tudo o que afirma — seja em matéria de fé, moral, história ou realidade. Essa convicção está enraizada na natureza de Deus como um ser que não mente (Números 23:19; Tito 1:2), sendo Ele o autor último das Escrituras por meio da inspiração divina (2 Timóteo 3:16; 2 Pedro 1:21). Jesus disse: “A tua palavra é a verdade.” (João 17:17) Portanto, se Deus é verdadeiro, Sua Palavra também é. A veracidade das Escrituras implica que seus relatos, doutrinas, promessas e mandamentos são confiáveis, fidedignos e coerentes com a realidade. A teologia reformada e a tradição evangélica clássica sustentam que a Bíblia não contém erros (inerrância) e que é completamente confiável em todas as suas partes (infalibilidade). Isso não significa que não haja estilos literários, metáforas ou linguagens culturais — mas que tais elementos não comprometem a verdade que o texto comunica. A veracidade também se estende às questões espirituais, morais e salvíficas, sendo a Escritura o padrão último da verdade. Contudo, algumas correntes liberais ou progressistas da teologia contemporânea tendem a relativizar a veracidade das Escrituras, tratando partes da

Bíblia como mitológicas, culturalmente condicionadas ou obsoletas, o que leva à perda de sua autoridade objetiva. Da mesma forma, seitas que adicionam outras fontes revelacionais (como o Livro de Mórmon ou a Sentinela das Testemunhas de Jeová) frequentemente negam a veracidade total da Bíblia, tratando-a como parcial ou corrompida. A defesa da veracidade das Escrituras é essencial para a fé cristã histórica, pois comprometer essa doutrina implica minar a base de toda a revelação divina, a autoridade da doutrina e a certeza da salvação em Cristo Jesus.

Escolasticismo. Movimento teológico e filosófico surgido na Idade Média, especialmente entre os séculos XI e XIV, cujo objetivo era sistematizar a fé cristã utilizando os métodos rigorosos da lógica aristotélica. Desenvolvido principalmente nos centros acadêmicos e universidades da Europa, o escolasticismo buscava harmonizar razão e fé, mostrando que a fé cristã podia ser explicada racionalmente. Seu método consistia em formular uma questão, apresentar argumentos a favor e contra, e chegar a uma conclusão lógica e fundamentada. Os principais representantes do escolasticismo foram Anselmo de Cantuária (conhecido por seu argumento

ontológico para a existência de Deus), Pedro Lombardo (autor das Sentenças, manual básico da teologia medieval), Tomás de Aquino (o maior expoente, cuja Suma Teológica é até hoje referência na teologia católica) e Duns Scotus. Tomás de Aquino, em especial, procurou demonstrar que as verdades reveladas por Deus (fé) não contradizem as verdades descobertas pela razão, embora algumas verdades da fé estejam acima da razão. O escolasticismo influenciou profundamente a teologia católica, sendo base do pensamento tomista. Durante a Reforma, muitos reformadores criticaram excessos do escolasticismo, especialmente quando ele se afastava do texto bíblico para priorizar especulações filosóficas. Mesmo assim, eles também adotaram métodos analíticos semelhantes para estruturar suas doutrinas. Atualmente, o termo "escolástico" pode ser usado pejorativamente para indicar uma abordagem teológica excessivamente técnica e distante da espiritualidade prática, embora sua contribuição para o desenvolvimento do pensamento teológico cristão seja inegável.

Esequias Soares é um pastor, teólogo e apologista cristão brasileiro, reconhecido por sua atuação na defesa da fé evangélica

ortodoxa. Atualmente, é pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Jundiaí (SP) e presidente da Comissão de Apologética da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Graduado em Letras com habilitação em Hebraico pela Universidade de São Paulo (USP), Esequias Soares é também mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Sua formação acadêmica e domínio dos idiomas originais das Escrituras (hebraico e grego) têm sido fundamentais em sua atuação como comentarista das Lições Bíblicas da CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus), cargo que ocupa desde 1994. Como apologista, Esequias Soares tem se destacado na defesa da ortodoxia cristã, combatendo heresias e seitas que se desviam dos ensinamentos bíblicos. Ele é autor de obras como Manual de Apologética Cristã (2002) e Heresias e Modismos (2006), publicadas pela CPAD, que abordam questões doutrinárias e práticas cristãs à luz das Escrituras. Além de sua produção literária, Esequias Soares tem participado de seminários, conferências e programas de rádio, buscando equipar líderes e membros da igreja para responderem aos desafios doutrinários e culturais contemporâneos. Seu trabalho é caracterizado por uma abordagem crítica e bíblica, visando

fortalecer a fé cristã e promover a fidelidade às Escrituras. Seu compromisso com a educação teológica e a defesa da fé tem sido reconhecido por diversos líderes e instituições evangélicas, consolidando-o como uma referência no cenário apologético brasileiro.

Esoterismo. Esoterismo é um termo que designa um conjunto de crenças e práticas ocultistas, místicas ou simbólicas que se propõem a revelar verdades secretas ou ocultas, acessíveis apenas a um grupo restrito de “iniciados”. Essas crenças geralmente envolvem astrologia, alquimia, numerologia, reencarnação, canalização de espíritos, sincretismo religioso e gnose — uma salvação pela obtenção de um conhecimento secreto. Do ponto de vista cristão protestante, o esoterismo é uma heresia, pois nega a suficiência da revelação bíblica e promove uma espiritualidade contrária à simplicidade e clareza do evangelho (2 Coríntios 11:3). Deus não se revela por meio de códigos ocultos ou conhecimentos esotéricos, mas falou abertamente pelos profetas e, definitivamente, por meio de Jesus Cristo (Hebreus 1:1-2). A Palavra de Deus está disponível a todos os que creem (João 5:39; 2 Timóteo 3:16-17), e não a uma elite

espiritual. Assim, o esoterismo deve ser rejeitado como uma distorção espiritual incompatível com a fé cristã.

Espiritismo Kardecista. O Espiritismo Kardecista, também conhecido simplesmente como Espiritismo, foi codificado por Allan Kardec (pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail), na França, em 1857, por meio da publicação da obra “O Livro dos Espíritos”. Essa doutrina tem como base a crença na existência dos espíritos, a reencarnação, a comunicação dos mortos com os vivos através da mediunidade, e a lei de causa e efeito que orienta a evolução moral do espírito. O Espiritismo propõe uma visão espiritualista da vida, buscando explicar fenômenos sobrenaturais e oferecer um caminho ético para o progresso pessoal e coletivo. Não se considera uma religião no sentido tradicional, mas uma ciência, filosofia e religião ao mesmo tempo, promovendo o estudo, a caridade e a reforma íntima como meios para a melhoria espiritual. Embora seja muito popular no Brasil, especialmente em centros espíritas, o Espiritismo Kardecista não é aceito pelo cristianismo ortodoxo, por divergir quanto à natureza de Cristo, da alma e da salvação.

Espírito, cheio do. Ser cheio do Espírito é uma expressão bíblica que descreve a condição de um cristão que está sob a direção, influência e plenitude do Espírito Santo em sua vida. Isso não significa apenas uma experiência emocional ou carismática, mas uma vida continuamente rendida à vontade de Deus, evidenciada por frutos espirituais como amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio (Gálatas 5:22, 23). A Bíblia exorta os crentes a serem continuamente cheios do Espírito (Efésios 5:18), o que indica que não é uma experiência única, mas um estado constante de comunhão e submissão a Deus. Ser cheio do Espírito capacita o crente a testemunhar com ousadia (Atos 1:8), a servir com poder (1 Coríntios 12:4-11), a viver em santidade (Romanos 8:13, 14) e a discernir espiritualmente (1 Coríntios 2:10-16). O enchimento do Espírito se distingue da habitação do Espírito: todo cristão verdadeiro tem o Espírito Santo habitando em si desde a conversão (Romanos 8:9), mas nem todos estão cheios do Espírito, pois isso depende do grau de entrega, fé e obediência diária. Algumas correntes neopentecostais deturpam esse conceito, associando o enchimento com manifestações espetaculares como quedas, gritos, risos

incontroláveis ou profetadas, enquanto negligenciam o verdadeiro fruto espiritual e a centralidade das Escrituras. Por outro lado, alguns grupos cessacionistas tendem a minimizar a experiência espiritual prática do Espírito. O equilíbrio bíblico é reconhecer que ser cheio do Espírito não é uma busca por sensações, mas uma vida de santidade, humildade e serviço, em conformidade com a Palavra de Deus e para a glória de Cristo.

Espírito Santo. A terceira Pessoa da Trindade, coeterno e coigual com o Pai e o Filho, plenamente Deus, e não uma força impessoal ou mera influência divina. Ele participa da obra da criação (Gênesis 1:2), inspira as Escrituras (2 Pedro 1:21), convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (João 16:8), regenera o pecador (Tito 3:5), habita nos crentes (1 Coríntios 6:19), distribui dons espirituais (1 Coríntios 12:4-11), e guia a Igreja (Atos 13:2). O Espírito Santo glorifica a Cristo, testifica d’Ele, e é o agente ativo na santificação dos salvos, produzindo neles o fruto espiritual (Gálatas 5:22-23). Ele é uma Pessoa, com vontade, emoções e intelecto, podendo ser entristecido (Efésios 4:30), resistido (Atos 7:51) e blasfemado (Mateus 12:31). A presença do Espírito Santo no crente é a garantia da salvação e da herança eterna (Efésios 1:13, 14).

Espírito de Profecia. No contexto adventista, esta expressão tem dois significados principais. Primeiro, refere-se ao dom profético concedido por Deus ao Seu povo, especialmente nos últimos dias, conforme Apocalipse 19:10: “o testemunho de Jesus é o espírito de profecia”. Segundo, é um título que os adventistas aplicam aos escritos e ministério de Ellen G. White, considerada por eles como portadora desse dom profético. Seus livros, como *O Grande Conflito* e *Caminho a Cristo*, são vistos como uma luz menor apontando para a luz maior, que é a Bíblia. Embora não sejam considerados inspirados como as Escrituras, são altamente reverenciados dentro da igreja. Muitos grupos cristãos fora do adventismo, no entanto, rejeitam essa aplicação, argumentando que o cânon bíblico já está fechado e que qualquer pretensão revelação adicional deve ser cuidadosamente examinada à luz da Palavra. – 1 Coríntios 4:6.

Espírito, plenitude do. A expressão “plenitude do Espírito” refere-se ao estado em que o crente é completamente cheio e controlado pelo Espírito Santo, de modo que sua vida reflete com intensidade os propósitos, o caráter e a vontade de Deus. A plenitude do Espírito é apresentada na Bíblia como uma experiência contínua, não como

um evento isolado, e é um mandamento divino, conforme Efésios 5:18: “Enchei-vos do Espírito”. Essa plenitude se manifesta por meio de uma vida santa, frutífera, marcada pelo amor a Deus e ao próximo, alegria espiritual, submissão a Cristo e à Palavra, louvor sincero, gratidão e humildade no relacionamento com os outros (Ef 5:19-21; Gl 5:22-23). É por meio da plenitude do Espírito que o cristão é capacitado a servir, testemunhar e vencer as obras da carne. Importante destacar que a plenitude do Espírito não é algo místico ou reservado a alguns “espirituais” mais elevados, mas é um chamado a todo cristão nascido de novo. A Bíblia mostra que homens e mulheres foram cheios do Espírito para cumprir tarefas específicas (como Estêvão, Atos 6:5; Paulo, Atos 13:9), mas também apresenta esse estado como um padrão de vida. Ser pleno do Espírito não significa ter mais do Espírito, mas o Espírito ter mais de nós — ou seja, é resultado de rendição, obediência e vida devocional constante. Algumas seitas e movimentos extremistas associam essa plenitude exclusivamente a dons espetaculares ou a manifestações emocionais, confundindo-a com êxtase religioso, visões ou revelações extrabíblicas. No entanto, a plenitude genuína está ligada diretamente ao conhecimento e prática das

Escrituras (Colossenses 3:16, paralelo com Efésios 5:18-20), pois o Espírito nunca age em contradição com a Palavra. Assim, a plenitude do Espírito é a expressão mais alta da maturidade cristã e da submissão ao senhorio de Cristo na vida do crente.

Essênio. Membro de uma seita ou comunidade judaica ascética que floresceu aproximadamente entre os séculos II a.C. e I d.C., conhecida por sua vida comunitária rigorosa, prática de celibato, pureza ritual e expectativa messiânica. Os essênios buscavam um afastamento do sistema religioso oficial de Jerusalém, especialmente do sacerdócio do templo e dos saduceus, por considerá-los corrompidos e impuros. Viviam geralmente em comunidades isoladas, como as descobertas em Qumran, perto do Mar Morto, onde foram encontrados os famosos Manuscritos do Mar Morto. Essa comunidade prezava a santidade pessoal e coletiva, praticava a pobreza voluntária, compartilhava bens e seguia uma disciplina rigorosa de oração, jejum e estudo da Lei. Eles tinham uma visão dualista da luta entre o bem e o mal, aguardando a vinda iminente de um Messias que instauraria o Reino de Deus. Muitos estudiosos acreditam que João Batista e talvez até Jesus tiveram contato com ensinamentos essênios ou foram

influenciados por esse ambiente religioso. Embora os essênios não sejam mencionados diretamente no Novo Testamento, suas práticas e crenças ajudaram a moldar o contexto religioso da Palestina do primeiro século. A descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, em meados do século XX, proporcionou um melhor entendimento desse grupo e sua visão de mundo. Do ponto de vista cristão, os essênios representam uma busca sincera por santidade e pureza, mas uma religiosidade marcada pelo legalismo e pela separação extrema, que não reconhecia plenamente Jesus como o Messias. Sua história nos alerta para o perigo de uma fé que se distancia da graça, do amor e da missão inclusiva do evangelho.

Eternidade. No que se refere a Deus, não é um tempo, nem um local, pois Deus precede ao tempo e ao espaço; Assim, eternidade para Deus se refere ao seu estado eterno e imutável de Deus, numa realidade só dele. De “eternidade a eternidade”, ele é Deus. (Salmo 90:2) Por isso, dizemos que ele é o Eterno. No que se refere a nós, nossa eternidade tem começo, a partir do momento em que somos criados. Para os perdidos, a eternidade não é bênção eterna, mas destruição eterna – um processo de corrupção sem fim para o corpo e alma (ou

espírito), onde o condenado ao lago de fogo sofrerá eternamente, morto em seus pecados. (Mateus 10:28; Apocalipse 19:20; 20:10, 14, 15) Para os salvos, a eternidade é uma bênção, pois seu corpo será como o de Cristo, glorificado (Filipenses 3:21) e viverá para todo o sempre.

Eucaristia. Sacramento cristão instituído por Jesus na Última Ceia, quando Ele tomou o pão e o vinho, oferecendo-os como seu corpo e sangue em memória de Sua morte e ressurreição (Lucas 22:19-20). Na teologia cristã, a Eucaristia simboliza a comunhão dos fiéis com Cristo e entre si, sendo um ato de ação de graças, adoração e renovação espiritual. As tradições cristãs entendem a Eucaristia de formas diferentes: na Igreja Católica, há a doutrina da transubstanciação, em que o pão e o vinho se tornam literalmente o corpo e sangue de Cristo; nas igrejas protestantes, especialmente evangélicas, geralmente a Eucaristia é vista como uma ordenança simbólica, uma lembrança da obra redentora de Cristo, sem mudança física dos elementos. Em todos os casos, a Eucaristia é central na vida litúrgica e espiritual dos cristãos, reforçando a união com Cristo e a comunidade de fé.

Eunuco Etíope. Em Atos 8:27-39, lemos sobre um eunuco, da Etiópia, ter aprendido a verdade sobre Jesus com Filipe. A tradição considera este eunuco o fundador do cristianismo na Etiópia, país da África. Os eunucos, em sua maioria, eram homens castrados, para trabalhar próximos às mulheres nobres. Este provavelmente era um ministro do tesouro. Jesus fala sobre três tipos de eunucos: (a) os que nascem assim, com problemas que impedem a reprodução humana, (b) os que foram feitos assim pelos homens, ou seja, os castrados e (c) os “que a si mesmos se fizeram eunucos por causa do reino do céu”, ou seja, abriram mão do casamento para servirem a Deus. - Mateus 19:12.

Eutanásia. A eutanásia é a prática de provocar intencionalmente a morte de uma pessoa que sofre de uma doença grave ou terminal, com o objetivo de aliviar seu sofrimento. No debate apologético cristão, a eutanásia é geralmente condenada por violar o mandamento divino “Não matarás” (Êxodo 20:13) e por desrespeitar a santidade e o valor da vida humana, que pertence a Deus desde a concepção até a morte natural. A fé cristã ensina que o sofrimento pode ter um propósito redentor e que a vida deve ser cuidada e preservada até seu fim natural,

confiando na soberania e na misericórdia de Deus. A eutanásia levanta questões éticas complexas, mas a apologética cristã defende o cuidado paliativo, o amor e a compaixão, sem recorrer à prática de tirar a vida intencionalmente.

Eutiquianismo. Heresia cristológica que recebeu esse nome a partir de Eutiques, um monge do século V, que defendia uma visão equivocada sobre a natureza de Cristo. Segundo o eutiquianismo, após a encarnação, Jesus teria apenas uma única natureza — uma fusão da natureza divina com a natureza humana — formando uma espécie de natureza híbrida ou única, que seria predominantemente divina. Essa posição negava a verdadeira dualidade de naturezas em Cristo, afirmada pela ortodoxia, que sustenta que Jesus é plenamente Deus e plenamente homem, com duas naturezas distintas, unidas sem confusão nem separação (concílio de Calcedônia, 451). O eutiquianismo é uma forma radical do monofisismo (que significa “uma só natureza”), rejeitando o ensino bíblico e histórico da Igreja sobre a união hipostática — a coexistência das duas naturezas em uma única pessoa, Jesus Cristo (João 1:14; Colossenses 2:9). Essa heresia compromete a plena humanidade de Cristo,

pois uma única natureza híbrida não poderia experimentar verdadeiramente as limitações humanas, o que afetaria a eficácia da redenção, já que “não podemos ser salvos por aquilo que Jesus não foi” (Hebreus 2:17). A rejeição do eutiquianismo foi crucial para preservar a cristologia bíblica, que ensina que Jesus é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, para ser o mediador perfeito entre Deus e os homens (1 Timóteo 2:5). Portanto, o eutiquianismo é condenado por distorcer a pessoa de Cristo e comprometer o mistério da encarnação e da obra redentora.

Eva. A primeira mulher na história humana, criada por Deus da costela de Adão, considerada a mãe de toda a humanidade. (Gênesis 2:21, 22; 3:20) Ela foi enganada pela Serpente, e comeu do fruto proibido, após o que, deu para seu esposo comer também. (Gênesis 2:16, 17; 3:1-6) Recebeu de Deus a punição advinda de seu pecado (Gênesis 3:16) e é posta como exemplo para os cristãos evitarem ser enganados pelo Diabo. Por isso, Paulo escreve: “Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com sua astúcia, também a vossa mente seja de alguma forma seduzida e se afaste da simplicidade e da pureza que há em Cristo”. – 2 Coríntios 11:3.

Evangelho. Do grego, significando boas novas. A mensagem central do evangelho de Jesus Cristo é que ele veio morrer por nós para nos salvar. Jesus foi ungido por Deus para pregar as boas novas (o evangelho). (Isaías 61:1; Lucas 4:18) Jesus pregou o “evangelho do reino”. (Mateus 4:23; Lucas 4:43) Ao Eunuco, Filipe anunciou o evangelho de Jesus. (Atos 8:35) Paulo disse: “Porque não me envergonho do evangelho, pois é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu e também do grego”. (Romanos 1:16) Grato pela salvação em Cristo Jesus, podia dizer também: “Mas, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois tal obrigação me é imposta. E ai de mim, se não anunciar o evangelho”. (1 Coríntios 9:16) Pregar o evangelho é uma tarefa de todo o cristão, em qualquer época, afinal “E este evangelho do reino será pregado pelo mundo inteiro, para testemunho a todas as nações, e então virá o fim”. – Mateus 24:14.

Evangelismo. Prática cristã de anunciar a mensagem do evangelho, ou “boa notícia”, que é a salvação oferecida por Jesus Cristo através da fé, arrependimento e perdão dos pecados. O termo vem do grego euangelion, que significa “boas novas”. O evangelismo é um mandato bíblico central, fundamentado

na Grande Comissão (Mateus 28:18-20), onde os seguidores de Cristo são enviados para compartilhar o amor de Deus e a obra redentora de Jesus com todas as pessoas. Pode ocorrer de diversas formas — pregação pública, conversas pessoais, literatura, mídia e ações sociais — sempre com o objetivo de conduzir pessoas ao encontro com Deus. O evangelismo busca não apenas converter, mas também discipular novos crentes para que cresçam na fé e vivam de acordo com os ensinamentos bíblicos. É um ato de obediência, amor e compaixão, refletindo o desejo de Deus que todos sejam salvos (1 Timóteo 2:3-4; 2 Pedro 3:9). Além disso, o evangelismo fortalece a Igreja, expande o Reino de Deus e manifesta a graça divina ao mundo.

Evangelista. Aquele que prega o evangelho. Algumas igrejas (denominações) cristãs, como a Assembleia de Deus e movimentos parecidos, o evangelista é um cargo eclesiástico anterior ao de pastor. Já em outras, é uma pessoa que tem o dom de evangelizar pessoas nas ruas, metrô, filas, enfim, onde Deus o direcionar para evangelizar pessoas por amor a Cristo. A Bíblia elenca o “evangelista” entre pastores, mestres, apóstolos e profetas, para a

edificação do corpo de Cristo. – Efésios 4:11, 12.

Evolução. Teoria humana, contrária à Palavra de Deus, sobre a origem da vida. Segundo o promotor dessa teoria, Charles Darwin, no século XIX, a vida teria surgido na terra por acaso, não como ato criativo de Deus. Explica a origem das espécies pela evolução, ou seja, modificações genéticas dos seres, as chamadas mutações, responsáveis pelo surgimento de outras espécies. Em contrapartida, a Bíblia ensina que cada ser vivo criado por Deus se reproduz segundo a sua espécie. – Gênesis 1:11, 12, 21, 24, 25.

Exaltação (mormonismo). No mormonismo, exaltação refere-se ao estado supremo de salvação e glória que os fiéis mais devotos podem alcançar após a morte e julgamento final. Também chamada de “deificação” ou “divinização”, a exaltação envolve tornar-se como Deus, participando de sua natureza divina, vivendo eternamente em família e exercendo autoridade divina. Segundo a doutrina mórmon, Deus foi uma vez um homem exaltado e os humanos também podem progredir para a divindade por meio de fé, ordenanças específicas e obediência

aos ensinamentos da Igreja. Essa crença difere radicalmente do ensino cristão tradicional, que reconhece a singularidade e a soberania absoluta de Deus, rejeitando a ideia de que seres humanos possam tornar-se deuses (Isaías 43:10; João 17:3).

Exclusivismo religioso. Trata-se da crença de que apenas uma religião possui a verdade plena sobre Deus, a salvação e os propósitos espirituais da humanidade, rejeitando como insuficientes ou falsas as outras tradições religiosas. No cristianismo bíblico, essa visão é claramente afirmada por Jesus Cristo, que declarou: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim" (João 14:6). Esse versículo não abre espaço para múltiplas vias espirituais, mas revela a exclusividade de Cristo como mediador entre Deus e os homens (1 Timóteo 2:5). Alguns, influenciados por uma mentalidade pluralista e relativista, afirmam que todas as religiões conduzem a Deus, negando a necessidade da fé exclusiva em Jesus. Contudo, esse pensamento contradiz a revelação bíblica, que apresenta um Deus que se revelou progressivamente ao longo da história, culminando na encarnação de Cristo. Aceitar o pluralismo religioso como verdade equivaleria a negar a suficiência da cruz e a veracidade da ressurreição, pilares da fé

cristã. O exclusivismo cristão não deve ser confundido com intolerância. Ele é, na verdade, uma resposta fiel ao conteúdo objetivo das Escrituras. A salvação é oferecida a todos, mas é eficaz somente para aqueles que creem em Cristo como Senhor e Salvador (Romanos 10:9-13). Ignorar isso é cair no erro de adaptar o evangelho às conveniências humanas, e não à verdade eterna revelada por Deus.

Exegese. Termo derivado do grego *exēgēsis*, que significa “explicação” ou “interpretação”. Refere-se ao estudo cuidadoso e sistemático de um texto bíblico com o objetivo de compreender seu significado original no contexto histórico, literário e cultural em que foi escrito. A exegese busca descobrir o sentido que o autor inspirador pretendia transmitir aos seus primeiros leitores, utilizando ferramentas como análise gramatical, lexical, histórica e teológica. Esse processo envolve a consideração do gênero literário (poesia, narrativa, profecia, epístola), a estrutura do texto, o contexto imediato e amplo, bem como o uso de outras passagens correlatas da Bíblia para uma interpretação coerente. A exegese é fundamental para evitar interpretações erradas, distorções ou uso abusivo da Escritura, sendo uma disciplina

central para teólogos, pastores e estudiosos. Ao contrário da eiségesi — que é a interpretação subjetiva e tendenciosa, na qual se “lê” um significado próprio no texto — a exegese respeita o texto e o contexto, permitindo que a Palavra fale por si mesma. Ela serve como base para a pregação, ensino, elaboração de doutrinas e aplicações práticas, garantindo que a mensagem bíblica seja transmitida com fidelidade. A exegese correta é indispensável para a teologia sistemática e para o crescimento espiritual, pois ajuda o cristão a conhecer a verdade revelada por Deus e a aplicar corretamente os princípios bíblicos à vida contemporânea.

Exílio. No judaísmo, exílio refere-se à dispersão e afastamento do povo de Israel de sua terra prometida, geralmente como consequência de invasões e punições divinas. O exílio é um tema recorrente na história e na teologia judaica, simbolizando tanto sofrimento quanto purificação e esperança de restauração. Os principais exílios históricos incluem o Exílio Assírio (século VIII a.C.), quando o reino do norte, Israel, foi conquistado e sua população dispersa; e o Exílio Babilônico (século VI a.C.), quando o reino do sul, Judá, foi dominado, o Templo de Jerusalém destruído, e muitos judeus foram levados à Babilônia. Esses eventos marcaram

profundamente a identidade e a fé do povo judeu, reforçando a importância da aliança com Deus e a esperança messiânica, como visto em Jeremias 29:10: “Porque assim diz o Senhor: Passados setenta anos em Babilônia, voltarei a visitar-vos e cumprirei a minha boa palavra a vosso respeito...” (Jeremias 29:10). O retorno do exílio é celebrado como um ato da fidelidade e misericórdia divinas.

Exorcismo. Ato de expulsar espíritos maus (Satanás e demônios) de uma pessoa. Jesus expulsava demônios, ordenando que eles saíssem. (Marcos 1:25; 9:25) Jesus expulsava demônios pelo Espírito de Deus. (Mateus 12:28) Jesus deu autoridade aos seus discípulos para expulsar demônios. (Mateus 10:8) Quando Jesus voltar, muitos afirmarão ter expulsado demônios em nome de Jesus, como forma de tentarem ser reconhecidos por ele, mas Jesus lhes confessará: “Nunca vos conheci! Afastai-vos de mim, vós os que praticais a iniquidade”. (Mateus 7:21-23) Jesus lhes dirá isso não por ser errado expulsar demônios, mas porque esses iníquos nunca foram convertidos a Cristo, já que o próprio Jesus lhes dirá “nunca vos conheci”. Nos meios de comunicação, é muito comum vermos charlatões manipulando pessoas para fazer parecer que elas estão endemoniadas, tudo com a

intenção de arrecadar dinheiro através do evangelho do medo.

Expição. A expiação é uma das doutrinas centrais da fé cristã e se refere à obra de Cristo na cruz para reconciliar a humanidade com Deus. A palavra vem da ideia de "reparar" ou "cobrir" o pecado, satisfazendo a justiça divina e possibilitando o perdão. Segundo o Novo Testamento, todos pecaram e estão separados de Deus (Romanos 3:23), e o salário do pecado é a morte (Romanos 6:23). Mas Cristo, sendo sem pecado, ofereceu-se voluntariamente como sacrifício substitutivo pelos pecadores (Hebreus 9:26; 1 Pedro 2:24). Na cruz, Jesus não apenas suportou o sofrimento físico, mas levou sobre si o juízo divino contra o pecado, cumprindo a exigência da justiça de Deus (Isaías 53:5, 6; 2 Coríntios 5:21). Esse ato satisfez a ira justa de Deus (propiciação) e libertou os crentes da culpa, da condenação e do poder do pecado (redenção). A expiação é eficaz para todo aquele que crê (João 3:16), sendo o único meio de salvação (Atos 4:12). Existem diferentes teorias sobre como a expiação opera exatamente (substituição penal, vitória sobre Satanás, influência moral), mas a base bíblica afirma com clareza: Cristo morreu pelos nossos pecados

(1 Coríntios 15:3), reconciliando-nos com Deus.

Expição geral. Doutrina que afirma que Jesus Cristo morreu por todos os seres humanos, oferecendo redenção universal e tornando possível a salvação de todos, embora nem todos venham a aceitá-la. É a visão oposta à expiação limitada do calvinismo. Segundo essa perspectiva, a morte de Cristo na cruz teve um alcance ilimitado, mas uma eficácia condicional, ou seja, embora a oferta da salvação seja feita a todos, ela só se torna eficaz para aqueles que creem (João 3:16; 1 João 2:2; 1 Timóteo 2:4-6). Essa visão é sustentada por sistemas teológicos como o arminianismo, o wesleyanismo, e por grande parte das igrejas evangélicas pentecostais e tradicionais. Ela baseia-se na ideia de que Deus deseja sinceramente que todos sejam salvos, mas respeita a liberdade humana para aceitar ou rejeitar a graça oferecida (2 Pedro 3:9). A salvação, portanto, é potencialmente acessível a todos, mas depende da resposta do indivíduo ao evangelho. A expiação geral enfatiza o amor universal de Deus e a responsabilidade humana. Ela sustenta que a obra redentora de Cristo abriu um caminho para que qualquer pessoa, em qualquer lugar, possa ser salva mediante o

arrependimento e a fé. Isso também justifica o chamado universal do evangelho, a urgência da evangelização e a proclamação de que “Cristo morreu por você” pode ser feita a qualquer pessoa sem distinção. Por outro lado, os críticos dessa posição — especialmente os calvinistas — argumentam que, se Cristo morreu por todos, mas nem todos são salvos, então parte de seu sacrifício seria ineficaz, o que comprometeria a suficiência e a eficácia da cruz. Os defensores da expiação geral respondem que a morte de Cristo foi suficiente para todos, mas eficaz apenas para os que creem, mantendo assim tanto a justiça quanto a misericórdia divina. Em suma, a expiação geral proclama que a cruz de Cristo abriu a porta da salvação para toda a humanidade, reforçando a responsabilidade de cada pessoa diante de Deus e fundamentando o chamado missionário universal da Igreja.

Expição limitada. Também conhecida como redenção particular, é uma doutrina central do calvinismo que afirma que a morte de Cristo foi eficaz e intencionalmente destinada a salvar apenas os eleitos, ou seja, aqueles que Deus escolheu soberanamente antes da fundação do mundo (Efésios 1:4-5). Diferente da visão arminiana ou universalista, que ensina que Jesus morreu

por todos os seres humanos indistintamente, a expiação limitada sustenta que, embora o sacrifício de Cristo tenha valor infinito e suficiente para salvar toda a humanidade, ele foi eficaz apenas para aqueles a quem foi aplicado — os escolhidos por Deus. Essa doutrina parte do pressuposto da soberania de Deus na salvação e da certeza de que Cristo cumpriu cabalmente sua missão redentora, garantindo infalivelmente a salvação dos que lhe foram dados pelo Pai (João 6:37-39; João 10:11, 14-15). Se Cristo morreu por todos sem exceção, mas nem todos são salvos, então, segundo os defensores da expiação limitada, isso implicaria que a cruz foi ineficaz para muitos — o que contradiria a suficiência e eficácia da obra de Cristo. Portanto, a expiação limitada assegura que cada pessoa por quem Cristo morreu será, de fato, redimida. Contudo, essa doutrina é frequentemente contestada por cristãos não calvinistas, que afirmam que Cristo morreu por todos os homens (1 João 2:2; 1 Timóteo 2:4-6) e que a aplicação da salvação depende da fé pessoal. Eles acusam a expiação limitada de restringir o amor de Deus ou de tornar a pregação do evangelho incoerente. Em resposta, calvinistas argumentam que a morte de Cristo é proclamada a todos indiscriminadamente porque não sabemos quem são os eleitos, e

que a obra do Espírito Santo garante que os eleitos responderão com fé. Em suma, a expiação limitada é uma expressão da segurança da salvação eficaz dos eleitos, sustentada pelo poder da cruz e pelo amor soberano de Deus, e está entre os cinco pontos do calvinismo resumidos pelo acrônimo TULIP (Total depravity, Unconditional election, Limited atonement, Irresistible grace, Perseverance of the saints).

Extrema unção. Sacramento da Igreja Católica também conhecido como Unção dos Enfermos, destinado a conceder graça, conforto e perdão dos pecados aos fiéis em estado grave de saúde ou próximos da morte. Visa fortalecer espiritualmente o doente, preparar para a passagem ao encontro com Deus e, se for da vontade divina, promover a cura corporal. Envolve a imposição das mãos e a unção com óleo abençoado. Diferente da confissão, mas frequentemente acompanhada dela, enfatiza a misericórdia e a esperança na vida eterna. Não possui respaldo explícito na Bíblia, sendo alvo de críticas na apologética protestante. Observe os seguintes textos: “Isaias respondeu: Vai, e unge a Naamã, o sírio, no rio Jordão sete vezes, e será curado.” (2 Reis 5:10) “E, chamando os seus doze discípulos, deu-lhes poder sobre os espíritos imundos

para os expulsarem e para curar todas as doenças e enfermidades.” (Mateus 10:1) s textos citados — 2 Reis 5:10 e Mateus 10:1 — descrevem situações em que Deus, por meio de profetas ou dos próprios discípulos de Jesus, realiza curas físicas e libertação espiritual, mas não institui um ritual sacramental específico como o da extrema unção. Em 2 Reis 5:10, Naamã é curado pela obediência simples a uma orientação divina, sem a necessidade de unção com óleo por um sacerdote, sugerindo que a cura vem da fé e da obediência direta a Deus, não de rituais sacramentais. Já em Mateus 10:1, Jesus concede aos discípulos autoridade para curar e expulsar demônios, indicando que o poder para agir em nome de Deus é dado diretamente aos crentes, sem que haja menção a um sacramento da unção para os enfermos. Além do que a prática da extrema unção parece diminuir a suficiência da morte de Cristo em conferir graça às pessoas.

F

Falso profeta. É aquele que, contrariando a verdade revelada por Deus, profetiza mentiras, engana o povo e conduz à apostasia, servindo a interesses próprios ou de poderes malignos. (Ezequiel cap. 13) Na Bíblia, o falso profeta é descrito como alguém que pretende falar em nome de Deus, mas suas palavras e ações distorcem a mensagem divina, promovem heresias e desobedecem aos mandamentos de Deus (Jeremias 14:14; Mateus 7:15). Ele pode usar sinais e maravilhas para enganar, mas seu fruto revela sua verdadeira natureza (Mateus 24:24). O Apocalipse alerta sobre um falso profeta que, em conjunto com a besta, exerce grande poder para enganar as nações (Apocalipse 13:11-18). Identificar e rejeitar falsos profetas é fundamental para preservar a fé genuína e a comunhão com Deus.

Falso mestre. É aquele que ensina doutrinas contrárias à Palavra de Deus, desviando os fiéis da verdade bíblica e levando-os ao erro espiritual. Diferente do verdadeiro mestre, que guia o povo segundo a Escritura, o falso mestre distorce o Evangelho, promove heresias, busca interesses pessoais e pode explorar os crentes para ganho próprio (2 Pedro 2:1-3; Judas 1:12, 13). Suas mensagens frequentemente misturam falsos ensinamentos com elementos de verdade,

tornando-os sedutores e perigosos (2 Timóteo 3:13). A Bíblia adverte que esses mestres causarão divisão, imoralidade e afastamento da fé genuína, sendo condenados por Deus (Mateus 7:15-20; 2 Pedro 3:17). É essencial discernir e rejeitar falsos mestres para preservar a pureza da doutrina cristã e a saúde espiritual da igreja.

Família. Termo usado para se referir a pessoas da mesma casa, ligadas por laços sanguíneos, que se perpetua através do casamento entre um homem e uma mulher. (Gênesis 2:18-25) Quando lemos na Bíblia “eu e minha casa cultuaremos o SENHOR” (Josué 24:15), quer-se dizer “eu e minha família”. Os conceitos modernos, extrabíblicos, sobre o que é família têm se chocado contra a Palavra de Deus, quando se considera “família” a união entre pessoas do mesmo sexo, as quais chegam até mesmo a adotar filhos. Mas este não é o padrão bíblico para a formação de uma família. A Bíblia também nos ensina como ser felizes na vida familiar, com textos que apontam o papel dos cônjuges, dos pais e dos filhos. – Efésios 5:22-6:4.

Família de Deus (Igreja de Cristo). A expressão "Família de Deus" é uma das imagens mais ricas e afetivas que a Bíblia usa

para descrever a Igreja de Cristo. Ao crerem em Jesus e nascerem de novo, os crentes são adotados como filhos de Deus (João 1:12; Romanos 8:15-17) e passam a fazer parte de uma nova comunidade espiritual, onde Deus é Pai, Cristo é o Irmão primogênito (Romanos 8:29), e os demais salvos são irmãos e irmãs uns dos outros. A Igreja, portanto, não é apenas uma instituição ou organização religiosa, mas uma família espiritual unida pela fé, pelo amor e pela obediência ao Evangelho (Efésios 2:19; 1 Timóteo 3:15). Essa família é chamada a viver em comunhão, sustentando-se mutuamente, servindo com os dons espirituais e aguardando a plena reunião na casa do Pai celestial. O amor fraternal, a correção mútua e o cuidado entre os membros são marcas dessa família que glorifica a Deus por meio da unidade em Cristo.

Família de Deus (Meninos de Deus). A Família de Deus, originalmente chamada de Meninos de Deus (Children of God), foi fundada em 1968, nos Estados Unidos, por David Berg (também conhecido como Moisés David). Inicialmente surgiu como um movimento evangelístico alternativo voltado a jovens hippies, mas logo se transformou numa seita apocalíptica e altamente controversa. O grupo promovia doutrinas

sexualmente permissivas sob o pretexto de "amor cristão", incluindo a prática do "flirty fishing" — usar relações sexuais como forma de evangelização. A liderança de David Berg era considerada profética, e seus escritos, chamados de "Cartas de Mo", eram tratados como revelações divinas. Utilizam a Bíblia como livro sagrado, mas reinterpretem suas passagens à luz das revelações de Berg. Sobre Jesus, reconhecem-no como Filho de Deus e Salvador, mas com uma abordagem distorcida, misturando erotismo com espiritualidade, alegando inclusive que é possível ter "relacionamento sexual espiritual" com Ele em visões. Com o tempo, o grupo mudou de nome para A Família Internacional, tentando se desvincular das polêmicas, mas denúncias de abusos, inclusive sexuais e psicológicos contra crianças, continuaram vindo à tona. A organização é amplamente condenada por ex-membros, especialistas e igrejas cristãs, sendo considerada uma seita destrutiva.

Fanatismo religioso. Fanatismo religioso. Atitude ou comportamento caracterizado por um zelo extremo, irracional e intransigente em relação a crenças e práticas religiosas. O fanatismo se manifesta quando a fé se torna intolerante, dogmática e autoritária, levando seus seguidores a agir

com exclusivismo, perseguição, violência ou rejeição de qualquer opinião ou fé diferente, muitas vezes ignorando princípios bíblicos de amor, humildade e respeito ao próximo (Mateus 22:37-40; 1 Coríntios 13).

Embora o zelo pela verdade e pela santidade seja bíblico e necessário (Romanos 12:11; Tito 2:14), o fanatismo se distingue por ser uma forma distorcida e prejudicial de religiosidade, que nega o equilíbrio, a graça e a liberdade cristã, impondo rigidez extrema e rejeitando o diálogo e a misericórdia. Pode levar a divisões profundas, sectarismos, cultos abusivos e até extremismos violentos. Na Bíblia, exemplos de fanatismo podem ser vistos em personagens que agem por cegueira espiritual, como os fariseus que condenavam os outros com rigor e hipocrisia (Mateus 23), ou na perseguição dos cristãos primitivos (Atos 8:3). O apóstolo Paulo exorta os cristãos a terem zelo, mas com conhecimento e amor (Romanos 10:2; 1 Coríntios 13), e a evitarem contendas infrutíferas (2 Timóteo 2:23-26). O fanatismo religioso também é um terreno fértil para o surgimento de heresias, falsas doutrinas e manipulação emocional, pois usa a fé para controlar pessoas, legitimar ações questionáveis e rejeitar o verdadeiro evangelho da graça. O cristão maduro é

chamado a exercer a fé com discernimento, amor e humildade, buscando sempre a verdade bíblica aliada à caridade e à paz (Efésios 4:15; Gálatas 5:22, 23).

Faravahar. Símbolo visual do Zoroastrismo, frequentemente representado como um anjo alado com um anel. Simboliza a alma humana, sua ligação com o divino, e o compromisso com a ética. Representa a liberdade de escolha e a busca pela verdade.

Fariseu. Membro de um grupo religioso e político judaico que floresceu no período do Segundo Templo, especialmente entre os séculos II a.C. e I d.C., e que é frequentemente mencionado nos Evangelhos. Os fariseus eram conhecidos por sua rigorosa observância da Lei de Moisés, das tradições orais e por um zelo intenso pela pureza ritual, moral e religiosa do povo judeu. Eles buscavam aplicar a Lei tanto no templo quanto na vida diária, promovendo uma vida de piedade, estudo e cumprimento detalhado das normas religiosas. Embora tivessem um papel importante na preservação da identidade judaica e na transmissão da Lei, os fariseus também são criticados nos Evangelhos por Jesus por sua hipocrisia, legalismo, orgulho espiritual e falta de humildade (Mateus 23). Jesus os

repreendia por enfatizarem a forma externa da religiosidade enquanto negligenciavam a justiça, a misericórdia e a fé genuína (Mateus 23:23-28). No entanto, é importante destacar que nem todos os fariseus eram falsos ou hipócritas; alguns, como Nicodemos e Gamaliel, demonstraram abertura ao ensino de Jesus e respeito pela justiça. O movimento farisaico é o precursor do judaísmo rabínico posterior, que sobreviveu à destruição do Templo em 70 d.C., diferentemente dos saduceus, que desapareceram. Teologicamente, os fariseus acreditavam na ressurreição dos mortos, na existência dos anjos e espíritos, e na providência divina, crenças que os saduceus rejeitavam. Na Bíblia, a figura do fariseu serve muitas vezes como símbolo do religioso formalista que confia em suas próprias obras e no cumprimento externo da lei, mas que carece de verdadeira fé e transformação interior. Essa advertência permanece relevante para o cristianismo, alertando contra o legalismo, o orgulho espiritual e a falsa religiosidade que pode afastar a pessoa da graça de Deus (Lucas 18:9-14).

Farisaísmo religioso. Termo usado para descrever uma atitude religiosa marcada por hipocrisia, legalismo rígido, orgulho espiritual e superficialidade na fé, que busca aparentar

santidade por meio do cumprimento externo de regras e tradições, enquanto negligencia o verdadeiro arrependimento, a humildade e a transformação interior. Inspirado no comportamento dos fariseus nos tempos bíblicos, especialmente conforme retratados nos Evangelhos, o farisaísmo não se refere apenas a um grupo histórico, mas a um padrão de religiosidade que pode se manifestar em qualquer época. No farisaísmo religioso, a pessoa ou comunidade se apegue às formas e rituais, exalta seus próprios méritos e julgamento moral, julga e condena os outros, e dá ênfase ao desempenho religioso visível, mas está vazia de amor genuíno, misericórdia e fé autêntica (Mateus 23:1-36). Jesus condenou duramente essa postura, afirmando que tais pessoas limpam “por fora o copo e o prato, mas por dentro estão cheios de rapina e intemperança” (Mateus 23:25, 26), e alertou que “o que exaltar a si mesmo será humilhado” (Lucas 18:14). O farisaísmo pode se manifestar hoje em práticas como o legalismo religioso, o ritualismo sem coração, a intolerância, o moralismo excessivo e a rejeição do evangelho da graça. Também pode gerar divisões, hipocrisia comunitária e um testemunho falso diante do mundo. O antídoto bíblico contra o farisaísmo é o arrependimento sincero, a humildade, o

amor ao próximo e a dependência da graça de Cristo, reconhecendo que a salvação e a santificação são obras do Espírito Santo no coração e não simples observância externa (Romanos 3:20-28; Gálatas 5:6).

Fé. Confiança (Mateus 8:10; Marcos 11:22, Lucas 5:20; Romanos 3:22), fidelidade (Romanos 3:3; Gálatas 5:22) em alguém, no contexto cristão, em Deus. Em Hebreus 11:1, descreve-se a fé da seguinte forma: “A fé é a garantia do que se espera e a prova do que não se vê.” Paulo ensina que pela graça sois salvos, por meio da fé (Efésios 2:8), que o justo viverá pela fé (Romanos 1:17), que somos filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus (Gálatas 3:26), que somos justificados pela fé em Jesus (Gálatas 2:16). O autor de Hebreus afirma que “sem fé é impossível agradar a Deus”. (Hebreus 11:6) Quando lemos que há “uma só fé” (Efésios 4:5), entende-se por isso que há um só corpo de doutrinas básicas da fé defendido pela Igreja, evidentemente referindo-se a questões primárias da fé, já que não pode haver uniformidade de interpretação em todas as questões bíblicas entre pecadores.

Fé, Desviar-se da. Expressão usada para denotar o ato de alguém que professa a fé cristã abandoná-la para crer naquilo que não

é ensino bíblico para a Igreja Cristã. Por isso Paulo alertou que “O Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns se desviarão da fé e darão ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios.” (1 Timóteo 4:1) Ainda disse numa carta posterior a Timóteo que “não só desviarão os ouvidos da verdade, mas se voltarão para as fábulas”. (2 Timóteo 4:4) Mas nem só por questões doutrinárias se pode desviar da fé, mas por qualquer outro pecado. Assim, lemos: “Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e por causa dessa cobiça alguns se desviaram da fé e se torturaram com muitas dores”. (1 Timóteo 6:10) A Bíblia, assim, nos orienta a confiar nela, quando alguém nos aconselha caso nos desviemos. Por isso, lemos: “Quando vos desviardes para a direita ou para a esquerda, os teus ouvidos ouvirão uma palavra atrás de ti, dizendo: Este é o caminho, andai nele”. – Isaías 30:21.

Feng Shui. Sistema tradicional chinês que busca harmonizar as pessoas com os ambientes ao seu redor por meio do equilíbrio das energias naturais, especialmente o fluxo do Qi (energia vital). Utilizado em residências, construções e até cemitérios, o Feng Shui considera elementos como direção, formas, cores, posições e os

cinco elementos (água, fogo, terra, metal e madeira) para promover saúde, prosperidade e bem-estar. Embora tenha origem secular, ele se conecta a crenças do taoismo e do confucionismo, sendo também adotado em práticas espirituais para atrair sorte e afastar energias negativas.

Ferir a Cabeça/Ferir o Calcanhar. No Éden, após Adão e Eva pecarem, Deus proferiu as palavras para a Serpente: “Porei inimizade entre ti [Satanás] e a mulher [Eva], entre a tua descendência [seguidores de Satanás] e a descendência dela [o povo de Deus, incluindo o Salvador, Jesus]; esta te ferirá a cabeça [na cruz, Jesus derrotou Satanás, o Diabo (Hebreus 2:14), condenando-o ao tormento eterno], e tu lhe ferirás o calcanhar [na cruz, Jesus sofreu como uma leve ferida no calcanhar, mas em três dias foi ressuscitado]”. - Gênesis 3:15.

Fernando Galli (José Fernando Galli de Paula) – É um apologista cristão brasileiro, pastor, teólogo e escritor, reconhecido por sua atuação na defesa da fé evangélica ortodoxa. Natural de Araraquara-SP, foi membro das Testemunhas de Jeová por quase 17 anos antes de sua conversão ao cristianismo. Após sua conversão, formou-se em Teologia pelo Seminário Batista Logos e dedicou-se ao

ministério pastoral. Atualmente, é presidente do Instituto Apologético Cristo Salva (IACS), instituição voltada para o ensino e defesa da fé cristã. Sua missão é levar a Palavra de Deus com verdade e amor a todas as gentes, conforme Mateus 28:19,20. Ele é conhecido por seus debates públicos, seminários e publicações que abordam temas como heresias, seitas, ideologias contemporâneas e a defesa da ortodoxia cristã. É autor de quinze e-books distribuídos gratuitamente, além de folhetos evangelísticos. Além disso, Galli tem se dedicado à formação de líderes e pastores, promovendo o ensino da apologética como ferramenta essencial para o fortalecimento da igreja. Seu trabalho é caracterizado por uma abordagem crítica e bíblica, visando equipar cristãos para responderem aos desafios doutrinários e culturais atuais.

Filho de Deus, O. Título atribuído a Jesus Cristo para denotar que ele é tão Deus quanto o Pai, assim como um filho é tão humano quanto o seu pai. Jesus, portanto, é o Filho de Deus em sentido único, por isso é Deus unigênito. (João 1:18) Quando Jesus se declarava o Filho de Deus, para os judeus ele se fazia igual a Deus. (João 19:7) O anjo Gabriel anunciou o nascimento de Jesus, e que ele seria chamado o Filho de Deus. (Lucas

1:35) Os demônios sabiam que Jesus era o Filho de Deus. (Mateus 8:29; Marcos 3:11) Natanael confessou Jesus como “o Filho de Deus”. (João 1:49) Quando Jesus andou sobre as águas, as pessoas no barco reconheceram Jesus com os dizeres: “Verdadeiramente tu és o Filho de Deus”. (Mateus 14:33) Ao ser crucificado, “o centurião e os que com ele vigiavam Jesus, vendo o terremoto e as coisas que aconteciam, ficaram aterrorizados e disseram: É verdade, este era o Filho de Deus.” (Mateus 27:54) Jesus “com poder foi declarado Filho de Deus segundo o Espírito de santidade”. (Romanos 1:4) Não devemos imaginar que Jesus ser chamado “Filho de Deus”, que ele seja uma criação do Pai, mas devemos interpretar isso como uma forma de se ensinar que Jesus é tão Deus quanto seu Pai, sendo o mesmo Deus, portanto, o único filho tão igual ao Pai em natureza divina.

Filhos de Deus. Expressão usada para se referir aos descendentes de um personagem bíblico, como os de Sete (Gênesis 6:2. 4); também é empregado aos anjos (Jó 1:6; 2:1; 38:7) e aos que depositam fé em Jesus. (João 1:12; Gálatas 3:26) Sobre os salvos, se diz que “o próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus”. (Romanos 8:16) Segundo o apóstolo João,

sermos chamados de “filhos de Deus” é uma demonstração do grande amor do Pai por nós. (1 João 3:1) E João ainda nos diferencia do maligno: “Os filhos de Deus e os filhos do Diabo manifestam-se assim: quem não pratica a justiça não é de Deus, nem quem não ama seu irmão.” (1 João 3:10) E ainda diz: “Assim sabemos que amamos os filhos de Deus: se amamos a Deus e guardamos seus mandamentos.” – 1 João 5:2.

Fôlego. No hebraico, Ruach, no grego, Pneuma, palavras estas que querem dizer “espírito”, “vento”. No caso do fôlego de Deus, trata-se de uma alusão ao seu Espírito Santo e ao seu poder criador: “Envias teu fôlego, e são criados; e assim renovas a face da terra”. (Salmo 104:30) Ao criar o homem, Deus sopra nas narinas de Adão “o fôlego de vida”, uma alusão à respiração e ao fato de Deus ser o sustentador da vida no homem. (Gênesis 2:7) Por isso lemos: “Se ele retirassem para si o seu espírito, e recolhesse para si o seu fôlego, toda a carne juntamente expiraria, e o homem voltaria ao pó.” (Jó 34:14, 15) Animais e humanos têm o mesmo fôlego de vida. (Eclesiastes 3:19) Neste sentido, “fôlego” não é o mesmo que “espírito” ou parte imaterial do homem que sobrevive à morte do corpo.

Forma (de Deus). Assim como Jesus assumir a forma de servo (de homem) indica que ele se fez um humano, assim Jesus “existir na forma de Deus” (Filipenses 2:6) indica que Jesus era o próprio Deus, mas numa pessoa distinta do Pai. Do texto de Filipenses 2:6, deduzimos que Jesus possuía duas naturezas, a humana e a divina.

Fornicação. Palavra do grego “porneia”, que designa o pecado cometido por pessoas solteiras que mantêm relações sexuais ou atos de imoralidade sexual entre si. No grego de Gálatas 5:19-21, figura no versículo 19 como uma das obras da carne. A Bíblia diz que os cristãos devem fugir ou afastar-se da fornicação [ou: imoralidade] (1 Coríntios 6:18; 1 Tessalonicenses 4:3) Judas diz sobre a punição aos que praticam a fornicação: “Sodoma e Gomorra e as cidades circunvizinhas, que praticaram imoralidade [pornéia] e relações sexuais contra a natureza, foram postas como exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno.” (Judas 7; Hebreus 13:4) Em sentido figurado, “fornicação” é usado para designar a prostituição espiritual ou a deslealdade de Israel a Deus. (Jeremias 2:20-27; Ezequiel Cap. 16) A igreja apóstata de Apocalipse 17:2 se prostituiu com os reis da terra “e os seus

habitantes se embriagaram com o vinho da sua prostituição [em grego, fornicação].”

Frashokereti. No zoroastrismo, a doutrina da renovação final do mundo, quando o mal será eliminado, os mortos ressuscitarão e tudo será restaurado à perfeição original. Esse conceito equivale à escatologia zoroastrista e ao fim da luta entre o bem e o mal.

G

Gabriel. Nome de um dos anjos de Deus. Gabriel aparece na Bíblia nos seguintes contextos: (a) Quando Daniel tem a visão do carneiro de dois chifres, alguém pede a Gabriel que dê entendimento a Daniel para interpretar a visão (Daniel 8:1-16); (b) Gabriel vem voando até Daniel para lhe dar entendimento após orar a Deus (Daniel 9:18-22); (c) Gabriel anuncia a Zacarias, esposo de Isabel, que ela ficaria grávida (Lucas 1:11-20); (d) Gabriel anuncia a Maria que ela ficaria grávida de Jesus. – Lucas 1:26-38.

Galardão – Termo bíblico que significa recompensa ou prêmio concedido por Deus aos fiéis em razão de sua obediência, fé e boas obras. O galardão está associado à ideia de reconhecimento divina no céu, podendo incluir diferentes graus de recompensa conforme a fidelidade de cada cristão (2 Timóteo 4:8; Apocalipse 22:12). Embora a salvação seja pela graça mediante a fé, a Bíblia também ensina que o crente será recompensado por suas obras feitas em Cristo (1 Coríntios 3:8-15). O conceito de galardão enfatiza o incentivo para uma vida dedicada ao serviço e à santidade.

Gathas. São hinos poéticos considerados os textos mais antigos e sagrados do Avesta. São atribuídos a Zaratustra e contêm ensinamentos éticos, orações e reflexões filosóficas. Servem de base para a teologia e a moral do Zoroastrismo.

Geena. É um termo usado na Bíblia para se referir ao lugar de castigo eterno dos ímpios após o juízo final, frequentemente traduzido como “inferno”. A palavra vem do hebraico “Ge-Hinnom” (Vale de Hinom), um vale próximo a Jerusalém onde, na antiguidade, se praticavam sacrifícios pagãos e onde,

segundo registros bíblicos, fogo perpetuamente queimava para destruir resíduos e impurezas (Jeremias 7:31; 19:6). Jesus usou “Geena” para simbolizar o destino final de condenação eterna daqueles que rejeitam a Deus (Marcos 9:43-48), descrevendo-o como um lugar de sofrimento consciente e irrevogável. A Geena representa a justa punição para o pecado e a separação definitiva de Deus, sendo um aviso solene para a necessidade de arrependimento e fé em Cristo.

Geração eterna. Doutrina cristã, defendida desde os tempos dos pais da Igreja, que afirma que Jesus Cristo, o Filho de Deus, é eternamente gerado pelo Pai, ou seja, não teve um começo no tempo, mas procede eternamente de Deus Pai em um relacionamento intradivino. Essa geração não é um ato temporal ou criativo, mas uma realidade fora do tempo que expressa a distinção pessoal entre o Pai e o Filho dentro da Trindade. O conceito é fundamentado em passagens bíblicas como João 1:14 (“o Filho unigênito”) e João 3:16 (“Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito”), que indicam que o Filho é “gerado” e não criado. A geração eterna sustenta a plena divindade de Cristo, distinguindo-o das criaturas e rejeitando

heresias que o consideram uma criatura, como o arianismo e as Testemunhas de Jeová. Essa doutrina é essencial para a compreensão da Trindade e da encarnação. Contrapondo esta doutrina, há cristãos que afirmam que Jesus se tornou Filho na encarnação, portanto, essa geração não seria eterna, mas a partir da encarnação. Se isso fosse verdade, para Jesus se tornar Filho de Deus, ele teria dependido de nascer de uma mulher, Maria. A verdade dos fatos é que Jesus, sendo Deus-homem, em sua divindade é gerado fora do tempo, na eternidade, e em sua humanidade, é gerado na temporalidade.

Glória. A magnificência, o esplendor de Deus, sua beleza majestosa. Os céus declaram a glória de Deus, diz o salmista. (Salmos 19:1) Quando lemos que todos pecaram e não atingem a glória de Deus, alguns intérpretes entendem que aqui “glória” se refere ao caráter de Deus. (Romanos 3:23) Observamos a glória de Deus através de seus atos históricos registrados na Bíblia. (Êxodo 16:7, 10; 24:16 17; Números 14:10), Também, podemos ter uma ideia de sua glória na revelação de Jesus Cristo ao mundo. Por isso lemos: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, pleno de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai”. (João 1:14) Na oração

sacerdotal de Jesus, ele pede ao Pai que o glorifique com a glória que ele tinha junto do Pai antes de haver mundo, indicando assim a sua divindade. (João 17:5) Quando lemos que Deus é “digno de receber a glória” (Apocalipse 4:11) significa que toda a criação reconhece a glória de Deus.

Goetia. A Goetia é uma prática esotérica que faz parte da magia cerimonial ocidental, relacionada principalmente à invocação e controle de espíritos ou demônios, conforme descrito no famoso grimório chamado “A Chave Menor de Salomão” (Lemegeton), datado do século XVII. A palavra “Goetia” vem do grego antigo *goēteia*, que significa “feitiçaria” ou “magia negra”. Diferente da magia cerimonial angelical, a Goetia lida com entidades consideradas espíritos infernais, com o objetivo de obter conhecimentos ocultos, poder ou favores, através de rituais complexos e símbolos específicos. Não possui um livro sagrado, mas se baseia em grimórios e textos ocultistas. A Goetia não tem relação com crenças religiosas oficiais e não reconhece Jesus como Deus ou Salvador, sendo vista como uma prática esotérica fora do cristianismo tradicional. Ela é frequentemente associada ao ocultismo, à demonologia e a tradições mágicas marginais.

Gogue é uma figura bíblica mencionada principalmente no livro de Ezequiel (capítulos 38 e 39) e no Apocalipse (20:7-9), associada a uma liderança de nações inimigas que se levantam contra Israel nos últimos dias. Em Ezequiel, Gogue é apresentado como um príncipe de uma coalizão de povos que será derrotada por intervenção divina. No Apocalipse, Gogue aparece junto com Magogue simbolizando as forças do mal que se rebelam contra Deus após o Milênio. A figura de Gogue representa o inimigo final do povo de Deus e é interpretada tanto literal quanto simbolicamente nas tradições judaico-cristãs.

Graça. A graça é o favor imerecido de Deus demonstrado ao homem pecador, apesar da indiferença e a rebelião humanas, e mesmo assim Deus desejar nos abençoar. Todo ato de bênção da parte de Deus dado a quem não a merece, ou seja, todos nós. Segundo a Bíblia, “Noé achou graça aos olhos do Senhor” (Gênesis 6:8), ou seja, achou favor imerecido da parte de Deus. No contexto cristão, “somos salvos pela graça de Deus por meio da fé; isto não vem de nós, é dom de Deus”. (Efésios 2:8, 9) Quando lemos na Bíblia “render graça ao SENHOR” (Salmo 92:1; 122:4), significa “confessar-se grato a Deus” por seus feitos e sua bondade.

Graça comum. Termo teológico que se refere ao favor e bênçãos que Deus concede a toda a humanidade, independentemente da salvação. É chamada “comum” porque não é exclusiva dos eleitos ou regenerados, mas atinge tanto crentes quanto incrédulos. A graça comum inclui bênçãos como a manutenção da ordem no mundo, a preservação da vida, a consciência moral, a inteligência, o senso de justiça, os dons naturais, a capacidade de raciocínio, a provisão da natureza, as leis civis e a convivência social (Salmo 145:9; Atos 14:17; Mateus 5:45). Essa graça atua para conter o mal e evitar o caos total, sustentando a criação enquanto Deus permite que o tempo da salvação amadureça. É uma expressão do amor benevolente de Deus, que mostra misericórdia até mesmo para os que não o conhecem, prevenindo males maiores e dando oportunidades para o arrependimento. A graça comum não salva, pois não transforma o coração nem concede perdão dos pecados, nem o dom do Espírito Santo para regeneração. Ela precede e prepara o caminho para a graça salvadora, que é específica e eficaz para os eleitos (Efésios 2:8-9). Algumas seitas confundem graça comum com graça salvadora, negando a necessidade de uma nova vida em Cristo ou atribuindo salvação universal a essa graça.

Portanto, a graça comum é o cuidado providencial e favor divino que Deus dispensa a toda a humanidade, preservando a vida e a ordem, mas que não substitui a obra redentora de Cristo para a salvação eterna.

Graça especial. Também chamada de graça salvadora ou graça eficaz, refere-se ao favor particular e poderoso de Deus concedido exclusivamente aos eleitos para a salvação. Diferente da graça comum, que alcança todos, a graça especial é a ação sobrenatural do Espírito Santo que convence o pecador do seu estado de perdição, regenera seu coração, produz fé salvadora, justifica o crente perante Deus e o santifica (Efésios 2:8-9; Tito 3:5; João 6:44). Na opinião dos calvinistas, ou reformados, essa graça é irresistível e eficaz, ou seja, cumpre plenamente o propósito divino de transformar o indivíduo, levando-o a uma nova vida em Cristo. Ela é baseada na obra expiatória de Jesus e manifesta-se na regeneração, no chamado interior, no batismo no Espírito Santo e na perseverança final do fiel. É a graça que capacita o homem a abandonar o pecado, crer no evangelho e viver em obediência a Deus. Mas os arminianos negam que essa graça seja irresistível. Alguns grupos religiosos vão mais

além, minimizando ou negando a graça especial, enfatizando apenas o livre-arbítrio humano e a capacidade do homem para alcançar a salvação por seus próprios esforços, o que contraria claramente a doutrina bíblica da soberania e iniciativa divina na salvação (Romanos 9:16). Outras distorcem a graça especial ao ensinarem que ela pode ser perdida facilmente ou que depende da vontade humana, enquanto a Escritura assegura a perseverança dos santos pela ação contínua da graça. Em suma, a graça especial é o favor divino exclusivo e eficaz que transforma pecadores em filhos de Deus, operando a salvação completa e garantindo a vida eterna aos que creem em Jesus Cristo.

Graça irresistível. Doutrina cristã que sustenta que a graça eficaz de Deus para a salvação não pode ser resistida ou rejeitada pelo eleito. Segundo essa crença, quando Deus chama uma pessoa para a salvação por meio do Espírito Santo, esse chamado resulta inevitavelmente na conversão, pois a vontade humana é transformada e capacitada a crer em Cristo. A graça irresistível é um dos pontos centrais do calvinismo, enfatizando a soberania absoluta de Deus na salvação e que o ser humano, por causa da sua natureza caída, não consegue

resistir ao chamado divino eficaz (João 6:37,44; Romanos 8:30). Por outro lado, muitas tradições cristãs arminianas e outras correntes defendem que a graça de Deus, embora necessária para a salvação, pode ser resistida pelo ser humano, que possui livre-arbítrio para aceitar ou rejeitar a oferta da salvação (Atos 7:51; Apocalipse 3:20). Essa visão sustenta que Deus concede a todos a capacidade de responder ao evangelho e que a graça, embora poderosa, não força a vontade humana. Assim, a salvação depende da cooperação entre a graça divina e a resposta do indivíduo. De forma imparcial, a graça irresistível é um tema teológico complexo e divisivo, ligado à interpretação das Escrituras sobre a soberania divina e o livre-arbítrio humano. Enquanto o calvinismo enfatiza a ação eficaz e soberana de Deus que não falha, o arminianismo destaca a responsabilidade humana de crer e responder. Ambas as posições buscam ser fiéis às Escrituras, mas diferem na compreensão da interação entre a graça divina e a vontade humana na salvação.

Graça preveniente. Termo teológico usado principalmente nas tradições arminianas e wesleyanas para descrever a graça de Deus que atua antes da conversão, preparando o coração humano para responder ao chamado

do evangelho. Essa graça é “preveniente” porque precede a decisão consciente do indivíduo, capacitando-o a reconhecer sua condição de pecador, a entender a necessidade de salvação e a ter a liberdade para escolher crer em Jesus Cristo. Diferentemente da graça irresistível, a graça preveniente pode ser aceita ou rejeitada pela pessoa (João 1:9; Tito 2:11). A graça preveniente é vista como a ação universal de Deus para todos os seres humanos, restaurando suficientemente a capacidade moral e espiritual do homem, apesar da sua natureza caída, para que ele possa colaborar na salvação (Romanos 2:4). Ela não garante a salvação, mas torna possível que o ser humano escolha livremente seguir a Cristo. Essa doutrina serve como uma mediação entre o ensino da depravação total e o livre-arbítrio humano, afirmando que, embora o homem seja incapaz de salvar-se por si mesmo, Deus lhe concede uma ajuda inicial para que possa responder à graça eficaz que virá posteriormente. Em contraste, o calvinismo rejeita a ideia da graça preveniente, sustentando que, antes da regeneração, o homem está espiritualmente morto e incapaz de querer a Deus sem que Ele o atraia eficazmente. Portanto, a graça preveniente é entendida como uma manifestação do amor de Deus que antecede

a fé e torna possível a resposta humana, mantendo um equilíbrio entre a soberania divina e a responsabilidade do homem.

Grande Conflito. No adventismo, o "Grande Conflito" é uma doutrina central que descreve a batalha cósmica entre Cristo e Satanás, iniciada no céu (Apocalipse 12:7–9) e atualmente em curso na Terra. Essa visão sustenta que o pecado começou com a rebelião de Lúcifer e se espalhou para a humanidade, colocando o caráter e a lei de Deus sob julgamento diante do universo. O plano da salvação, a cruz, o juízo investigativo e os eventos finais são vistos como partes dessa disputa. Essa doutrina também dá nome à principal obra de Ellen G. White: O Grande Conflito entre Cristo e Satanás, na qual ela narra a história da redenção desde a queda de Lúcifer até a restauração final do Éden. Essa interpretação é peculiar ao adventismo e, embora tenha base em temas bíblicos reais, como a batalha espiritual e o juízo, é criticada por outras tradições cristãs por inserir elementos extrabíblicos e por centralizar demais a figura de Ellen White como intérprete dessa narrativa.

Grande Comissão. Mandato dado por Jesus Cristo aos seus discípulos após a ressurreição, registrando-se principalmente

em Mateus 28:18-20, onde Ele ordena: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado.” Esta ordem resume a missão fundamental da Igreja: proclamar o Evangelho a todas as pessoas, promover o discipulado e expandir o Reino de Deus até os confins da terra. A Grande Comissão enfatiza a responsabilidade ativa dos cristãos em evangelizar, ensinar e batizar, sustentando a fé e a comunhão na comunidade cristã. Também demonstra a autoridade universal de Cristo sobre o céu e a terra, conferida aos seus seguidores para a realização desta obra. Cumprir a Grande Comissão é viver em obediência ao chamado de Jesus, participando do cumprimento da promessa do Espírito Santo e da transformação de vidas por meio do evangelho.

Grande Desapontamento. Foi o evento ocorrido em 22 de outubro de 1844, quando milhares de seguidores de William (Ou: Guilherme) Miller, conhecidos como mileritas, esperavam a segunda vinda de Jesus Cristo conforme a previsão feita a partir da interpretação da profecia das “duas mil e trezentas tardes e manhãs” de Daniel 8:14. A expectativa do retorno de Cristo e o início da

purificação do santuário não se concretizaram naquela data, gerando profunda decepção, confusão e crise espiritual entre os crentes. Esse fracasso ficou marcado como o “Grande Desapontamento” e provocou a fragmentação do movimento milerita, dando origem a diversos grupos e, posteriormente, ao adventismo moderno, especialmente à Igreja Adventista do Sétimo Dia, que reinterpretoou o significado da profecia e o papel do santuário celestial.

Grande Tribulação. Termo usado no Novo Testamento para descrever um período futuro de sofrimento extremo, perseguição e julgamento que precederá a segunda vinda de Jesus Cristo e o estabelecimento definitivo do Reino de Deus (Mateus 24:21; Marcos 13:19; Apocalipse 7:14). A Grande Tribulação será marcada por calamidades naturais, guerras, fomes, opressão religiosa e moral, e o auge da manifestação do anticristo, que perseguirá os santos e buscará enganar a humanidade. Esse período é considerado por muitos estudiosos e tradições cristãs como distinto da tribulação comum enfrentada pelos cristãos ao longo da história, sendo uma fase particularmente intensa e curta antes do juízo final. A duração exata, a natureza dos eventos e o momento exato da

Grande Tribulação são interpretados de formas variadas, dependendo da corrente escatológica (pré-milenismo, pós-milenismo, amilenismo, dispensacionalismo). Para alguns, como os pré-tribulacionistas, os fiéis serão arrebatados antes desse tempo; para outros, como os pós-tribulacionistas, a Igreja passará por todo o período. A Grande Tribulação serve como um chamado à vigilância, perseverança e fidelidade dos cristãos, pois será um tempo em que a fé será testada ao extremo, mas também um momento em que Deus demonstrará Sua justiça e poder final para derrotar o mal. O tema reforça a esperança cristã na vitória definitiva de Cristo sobre as forças do mal e a promessa de consolo e recompensa aos que permanecerem fiéis até o fim.

Grego. Idioma de 24 letras em que o Novo Testamento foi escrito.

Guilherme Miller. Foi um pregador batista e fazendeiro norte-americano, conhecido por sua interpretação das profecias bíblicas que previam o retorno iminente de Jesus Cristo. A partir de 1818, Miller estudou as Escrituras, especialmente as profecias de Daniel 8:14, concluindo, junto com Samuel Snow, que a purificação do santuário ocorreria em 22 de outubro de 1844. Esse cálculo baseava-se na

interpretação de que "duas mil e trezentas tardes e manhãs" representavam 2.300 anos, iniciando em 457 a.C., quando Esdras chegou a Jerusalém. Sua mensagem atraiu milhares de seguidores, conhecidos como mileritas. Quando a expectativa de retorno de Cristo não se concretizou na data prevista, o evento ficou conhecido como o "Grande Desapontamento" de 1844. Apesar do fracasso da previsão, o movimento levou à formação de várias denominações, incluindo a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Miller morreu em 1849, mantendo sua convicção de que suas interpretações estavam corretas.

Guru. Nas religiões indianas como hinduísmo, jainismo, budismo (especialmente tibetano), bramanismo e siquismo, o guru é fundamental, atuando como transmissor dos ensinamentos sagrados e orientador na prática espiritual, sendo essencial para o progresso e libertação do indivíduo. Já em tradições como xintoísmo e zoroastrismo, não há um conceito formal de guru, embora existam sacerdotes e líderes que guiam as práticas religiosas, mas sem a figura de um mestre pessoal espiritual. No taoismo, existe o papel do mestre (daoshi), que orienta discípulos na busca do Tao, mas o termo guru não é usado formalmente. No confucionismo, a ênfase está no mestre

como educador e exemplo moral, porém também sem o conceito formal de guru. Assim, o papel do guru é essencial e muito semelhante nas religiões indianas, enquanto nas demais tradições ele existe de forma mais difusa ou institucional, sem a figura exclusiva de um mestre espiritual pessoal.

Guru Granth Sahib. É o texto sagrado central do siquismo, considerado não apenas um livro, mas o guru eterno e definitivo após os dez gurus humanos. Compilado inicialmente pelo Guru Arjan Dev Ji no século XVII, reúne hinos, poemas e ensinamentos espirituais escritos pelos gurus siques e por santos de outras tradições, incluindo hindus e muçulmanos. O Guru Granth Sahib é recitado e cantado em cerimônias religiosas, guiando os fiéis no caminho da meditação, devoção, ética e igualdade. Ele enfatiza a unidade de Deus, o valor da humildade, a rejeição do ritualismo vazio e a importância da justiça social, sendo a autoridade suprema e fonte da fé sique.

H

Hades. Palavra grega para se referir à sepultura ou ao túmulo, como em Atos 2:31, referindo-se ao túmulo de Davi. Mas na parábola (ou história) do Rico e do Lázaro, Jesus fala do Rico, após a morte e sepultamento, ter ido para o Hades (traduzido por Inferno), e ali, em tormentos, pedia socorro a Deus. (Lucas 16:22-24) Evidentemente, não se refere à sepultura, pois ninguém está consciente ali. (Eclesiastes 9:5, 10) Assim, refere-se ao inferno, local onde os que não foram salvos nesta vida vão aguardar a ressurreição de julgamento (João 5:28, 29) e depois serem lançados no Lago de Fogo. (Apocalipse 20:15) Quando lemos que o Hades foi lançado no Lago de Fogo (Apocalipse 20:14) quer se dizer que os que estavam no Hades foram lançados (após o julgamento final) no Lago de Fogo, a segunda morte, ou seja, a separação eterna de Deus. Ver Geena.

Hadith. Coleção de relatos, ditos e práticas do profeta Maomé, transmitidos por seus companheiros. O Hadith complementa o Alcorão, ajudando na interpretação dos textos sagrados e servindo como guia para o comportamento, a lei e a espiritualidade islâmica.

Hajj. Peregrinação a Meca que todo muçulmano adulto deve realizar ao menos uma vez na vida, se tiver condições físicas e financeiras. O Hajj inclui uma série de rituais que relembram a fé, a submissão a Deus e a unidade da Ummah.

Halachá. Halachá é o corpo de leis e normas que regulam a vida religiosa, moral e social dos judeus observantes. Baseada principalmente na Torá escrita e na Torá oral — esta última codificada no Talmude — a Halachá orienta desde práticas de culto, alimentação kosher, observância do Shabat, até questões éticas e civis. Ela é dinâmica, permitindo interpretações e adaptações pelos rabinos ao longo dos séculos, mantendo a fidelidade à tradição. A palavra “Halachá” significa literalmente “caminho” ou “direção”, indicando o guia para uma vida alinhada à vontade divina. A observância da Halachá é central para a identidade judaica e para a relação do indivíduo com Deus e a comunidade, como ensinado em Deuteronômio 30:16: “Pois eu lhes ordeno hoje que amem o Senhor, seu Deus, que andem em seus caminhos e guardem os seus mandamentos...”

Hamartiologia. É o estudo teológico do pecado, sua origem, natureza, consequências

e impacto na humanidade e na criação. A palavra deriva do grego “hamartia”, que significa “pecado” ou “errar o alvo”. A hamartiologia explica que o pecado entrou no mundo por meio da desobediência de Adão e Eva (Gênesis 3), afetando toda a humanidade com uma natureza pecaminosa e separação de Deus (Romanos 3:23). O pecado traz condenação, morte espiritual e corrupção, tornando o homem incapaz de alcançar a salvação por seus próprios méritos. Também aborda as várias formas de pecado, tanto pessoais quanto coletivas, e a necessidade urgente da redenção oferecida por Jesus Cristo. O estudo do pecado é fundamental para entender a necessidade do Evangelho e a obra redentora de Cristo na restauração da humanidade.

Hare Krishna. Nome popular do movimento religioso fundado em 1966, nos Estados Unidos, por A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, oficialmente chamado Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON). Baseado nos ensinamentos do hinduísmo, especialmente da tradição vaishnava, o movimento promove a adoração exclusiva de Krishna como a suprema personalidade de Deus. Seus membros são conhecidos por cantarem repetidamente o mantra “Hare Krishna, Hare

Rama”, considerado uma forma de meditação e aproximação com o divino. Acreditam na reencarnação, no karma, na libertação do ciclo de nascimentos e mortes (samsara) e seguem práticas rigorosas como vegetarianismo, abstinência sexual fora do casamento e rejeição de drogas e álcool. O movimento afirma que Krishna é o Deus supremo e que todos devem se render a Ele para alcançar a liberação espiritual. Apesar de alguns elementos morais semelhantes aos ensinamentos cristãos (como a valorização da disciplina e da busca espiritual), o Hare Krishna difere radicalmente da fé cristã ao negar a singularidade de Jesus Cristo como Filho de Deus, Salvador do mundo e único mediador entre Deus e os homens (1 Timóteo 2:5). Além disso, substitui a salvação pela graça por um sistema de méritos cármicos e práticas devocionais. À luz do cristianismo bíblico, o movimento Hare Krishna é uma forma de idolatria espiritual, pois adora uma divindade falsa e conduz seus seguidores para longe da verdade revelada nas Escrituras. A verdadeira liberação não vem da repetição de mantras nem da crença em reencarnações, mas da fé em Jesus Cristo, que disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (João 14:6).

He. Nas religiões e filosofias orientais, especialmente no confucionismo e no taoismo, He (和) representa o conceito de harmonia — tanto em termos sociais quanto cósmicos. No confucionismo, He é fundamental para a boa convivência, pois expressa equilíbrio nas relações humanas, respeito mútuo e paz social. Já no taoismo, He está ligado à ideia de viver em conformidade com o Tao, em equilíbrio com a natureza e com as forças do universo. Em ambos os casos, o conceito é essencial para alcançar uma vida plena, estável e espiritualmente integrada.

Hebraico. Idioma predominante na escrita do Antigo Testamento, com 22 letras.

Hebreu. Outro nome dado ao povo Israelita, também chamado de judeus. José disse ao copeiro-chefe do Faraó, após interpretar o seu sonho “fui roubado da terra dos hebreus” (Gênesis 40:15), referindo-se à terra onde os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó moraram. A filha do Faraó, quando viu o menino Moisés no cesto, no rio, disse: “Este é um dos filhos dos hebreus”. (Êxodo 2:6) Dos quatro evangelhos, apenas João menciona a palavra hebreus, na expressão “língua dos hebreus”. (João 5:2; 20:16) Paulo se declara hebreu, na frase: “São hebreus? Eu também sou. São

israelitas? Eu também sou. São descendentes de Abraão? Eu também sou” (2 Coríntios 11:22), indicando que hebreu, israelita e descendentes de Abraão são sinônimos. A carta aos Hebreus é uma epístola escrita a uma comunidade de hebreus convertidos ao cristianismo, mas que corria o risco de apostatar da fé e retornar ao judaísmo.

Helena Petrovna Blavatsky. Helena Blavatsky (1831–1891) foi uma mística russa e uma das fundadoras da Sociedade Teosófica, criada em 1875 em Nova York, ao lado de Henry Steel Olcott e William Q. Judge. Ela é considerada a principal responsável pela formulação da Teosofia moderna, um sistema religioso-filosófico que mescla elementos do ocultismo ocidental, hinduísmo, budismo e gnosticismo. Blavatsky alegava ter contato com "mestres ascensos" ou "mestres secretos", seres espirituais superiores que lhe revelavam verdades ocultas. Seus principais livros — A Doutrina Secreta, Ísis Sem Véu e A Voz do Silêncio — são considerados sagrados pelos teosofistas. A Teosofia ensina sobre reencarnação, carma, evolução espiritual da humanidade, existência de planos astrais e um “Cristo cósmico”, negando, porém, a divindade única e exclusiva de Jesus Cristo como ensina o cristianismo. Sobre Jesus, Blavatsky

ensinava que ele foi um mestre iluminado, um iniciado nos mistérios antigos, mas negava sua divindade, sua ressurreição literal e o caráter exclusivo de sua obra redentora. Para os teosofistas, Jesus é apenas um de muitos instrutores espirituais da humanidade. Assim, a Teosofia é considerada uma doutrina esotérica e herética à luz do cristianismo bíblico, pois substitui a revelação divina pela busca de iluminação interior guiada por "mestres invisíveis".

Heresia. Do grego hairésis, que significa “desvio doutrinário”, quando se refere a ensinos falsos. (2 Pedro 2:1) A mesma palavra grega pode significar um partido político e/ou religioso que se separou de um grupo original, sendo traduzido no Novo Testamento pela palavra “seita” (origem latina, de secta). Nesse sentido, os cristãos eram uma seita do judaísmo. (Atos 24:5, 14; 28:22) Atualmente, usa-se “heresia” para designar todo ensino contrário à sã doutrina. – Tito 1:9.

Heresias destrutivas. Esta expressão aparece em 2 Pedro 2:1, onde o apóstolo adverte que “falsos mestres introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até o ponto de renegarem o soberano Senhor que

os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição.” Essas heresias não são meros erros doutrinários secundários, mas ensinamentos que corrompem a essência do Evangelho, levando à apostasia, à idolatria, à negação de Cristo, à imoralidade e, por fim, à perdição eterna. São destrutivas porque afastam o homem da verdade salvadora e comprometem a glória de Deus, a autoridade das Escrituras e a obra redentora de Cristo. Exemplos incluem a negação da divindade de Jesus, do seu sacrifício expiatório, da salvação pela graça mediante a fé, ou da suficiência das Escrituras. O dever da Igreja é identificar e combater tais heresias com base na Palavra de Deus, defendendo a fé que “uma vez por todas foi entregue aos santos” (Judas 1:3).

Hermenêutica. Ciência e arte da interpretação dos textos, especialmente dos textos sagrados, como a Bíblia. Enquanto a exegese foca no estudo detalhado do texto para descobrir seu significado original, a hermenêutica trata dos princípios, métodos e regras que orientam essa interpretação, buscando aplicar o sentido do texto aos leitores e contextos atuais. Ela responde à pergunta: como devemos interpretar a Escritura para entendê-la corretamente e para que seus ensinamentos sejam

relevantes para hoje. A hermenêutica cristã reconhece que a Bíblia contém diferentes gêneros literários, contextos históricos e culturais, e que o intérprete deve considerar tudo isso para evitar distorções. Também envolve a aplicação de princípios como a interpretação das Escrituras pelas próprias Escrituras (analogia da fé), o respeito ao gênero literário, o cuidado com o contexto, e a dependência do Espírito Santo para iluminação (2 Timóteo 2:15; João 16:13). Ao longo da história, diferentes escolas hermenêuticas surgiram, desde abordagens literalistas e gramaticais até métodos mais críticos ou alegóricos. A hermenêutica reformada, por exemplo, enfatiza a clareza e suficiência das Escrituras, rejeitando interpretações que dependam de tradições humanas ou especulações. A hermenêutica é indispensável para a correta compreensão e aplicação da Bíblia, garantindo que o texto antigo fale com autoridade e relevância para o presente, preservando a fidelidade à mensagem original e a transformação espiritual do leitor.

Hinduísmo. O Hinduísmo é uma das religiões mais antigas e complexas do mundo, com origens que remontam a mais de 3.000 anos na região do subcontinente indiano. Não possui um fundador único e é formado por

uma vasta diversidade de crenças, práticas, filosofias e rituais. Seus textos sagrados incluem os Vedas, Upanishads, Bhagavad Gita e Ramayana, que abordam temas como dharma (dever), karma (ação e consequência), reencarnação e moksha (libertação espiritual). O Hinduísmo é politeísta, cultuando inúmeros deuses e deusas, como Vishnu, Shiva e Devi, que representam aspectos do divino supremo, o Brahman. Jesus é geralmente visto como um mestre espiritual ou avatar por alguns hindus, mas não como uma divindade central, visto que o Hinduísmo possui uma cosmologia e sistema religioso distintos do cristianismo. A religião enfatiza a busca pela união com o divino através de vários caminhos espirituais, incluindo devoção, conhecimento e meditação.

Homa. No zoroastrismo, uma bebida ritual feita de uma planta sagrada, usada em cerimônias religiosas. Também é uma divindade associada à vitalidade e à imortalidade. Seu uso remonta aos tempos antigos e reflete influências indo-arianas.

Hiper graça. A hiper graça é um termo usado para descrever uma distorção doutrinária dentro de alguns grupos cristãos que enfatizam exageradamente a graça de Deus,

minimizando ou até negando a importância do arrependimento, da santificação e da obediência às Escrituras. Essa visão pode levar à falsa ideia de que o pecado não tem consequências para o cristão, ou que a vida moral e o compromisso com Deus são irrelevantes após a salvação. Na apologética cristã, a *hípergraça* é considerada uma heresia porque deturpa o equilíbrio bíblico entre a graça e a santidade, ignorando passagens que chamam à transformação de vida (Romanos 6:1-2; Tiago 2:14-26). A Bíblia ensina que a graça salva, mas também capacita o crente a viver em obediência e a combater o pecado (Tito 2:11-14). Assim, a verdadeira graça é libertadora, mas não permissiva.

Homoiousios. Termo grego que significa “de essência semelhante” ou “de substância parecida”. Foi uma palavra-chave nos debates cristológicos do século IV, especialmente durante o Concílio de Nicéia (325 d.C.) e posteriores disputas teológicas, onde se discutia a natureza de Jesus Cristo em relação a Deus Pai. Os partidários do *homoiousianismo* defendiam que o Filho era semelhante (*homoi-*), mas não idêntico (*homo-*), à essência (*ousia*) do Pai. Ou seja, afirmavam que Jesus tinha uma natureza divina próxima, porém distinta, negando a

plena consubstancialidade. Essa posição foi adotada por alguns bispos que buscavam um meio-termo entre os arianos (que afirmavam que Cristo era uma criatura criada e, portanto, diferente do Pai) e os nicenos ortodoxos (que afirmavam que o Filho é homoousios, da mesma essência do Pai). Os homoiousianos tentavam preservar a divindade de Cristo, mas sem declarar igualdade absoluta de essência, para não contrariar certas sensibilidades ou interpretações filosóficas da época. No entanto, o homoiousianismo foi rejeitado como heresia pela Igreja ortodoxa, que afirmou firmemente que o Filho é homoousios, ou seja, da mesma essência e substância que o Pai (João 1:1; Colossenses 2:9). Essa doutrina é fundamental para a cristologia, garantindo que Jesus Cristo é plenamente Deus e plenamente homem, verdadeiro Deus em essência, o que distingue o cristianismo ortodoxo de diversas heresias antigas e modernas. Em resumo, homoiousios representa uma tentativa intermediária que não foi aceita pela Igreja, pois compromete a plena divindade de Cristo ao sugerir uma semelhança, e não identidade, de essência com o Pai.

Homoousios. Termo grego que significa “da mesma essência” ou “de mesma substância”.

É um conceito teológico central definido no Concílio de Nicéia em 325 d.C. para afirmar que Jesus Cristo, o Filho, é verdadeiramente Deus, consubstancial com o Pai, ou seja, que compartilha a mesma natureza divina do Pai eterno. Essa declaração foi feita para combater a heresia ariana, que negava a plena divindade de Cristo, afirmando que Ele era uma criatura criada e, portanto, diferente em essência de Deus Pai. O uso de *homoousios* sustenta que o Filho não é semelhante nem parecido com Deus, mas é Deus em essência, coeterno, coigual e indivisível do Pai, embora distinto em pessoa. Essa doutrina é fundamental para a cristologia ortodoxa, pois garante que Jesus é o verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Deus encarnado, essencial para a salvação, já que somente um Deus poderia redimir a humanidade. O termo provocou controvérsia na época porque era uma palavra de origem filosófica e não estava presente diretamente na Bíblia, mas foi adotada pela Igreja para proteger a revelação bíblica sobre a natureza de Cristo. Em resumo, o *homoousios* é a base do entendimento clássico da Trindade e da divindade de Cristo, afirmando sua identidade essencial com o Pai, e permanece até hoje como um dos pilares da fé cristã histórica.

Homossexualidade. A homossexualidade refere-se à atração emocional, afetiva e/ou sexual entre pessoas do mesmo sexo. No contexto da Bíblia, a homossexualidade é geralmente entendida como uma condição que está em desacordo com o plano original de Deus para a sexualidade humana, que foi estabelecido para o relacionamento entre homem e mulher dentro do casamento (Gênesis 2:24; Romanos 1:26-27; 1 Coríntios 6:9-10). A igreja cristã distingue entre a orientação e o comportamento, afirmando que todos são amados por Deus e que o pecado, incluindo a prática homossexual, precisa ser rejeitado e transformado pela fé em Jesus Cristo. A apologética cristã defende o amor e o respeito às pessoas, ao mesmo tempo em que sustenta os ensinamentos bíblicos sobre moralidade sexual e o casamento.

Horóscopo. O horóscopo é uma ferramenta da astrologia que consiste em um mapa ou interpretação baseado na posição dos astros — especialmente os signos do zodíaco — no momento do nascimento de uma pessoa ou em um determinado evento. Ele busca prever características da personalidade, tendências, acontecimentos futuros ou

oferecer conselhos e orientações. Os horóscopos são frequentemente publicados em jornais, revistas e sites, geralmente divididos pelos doze signos solares (Áries, Touro, Gêmeos, etc.). Embora popular em muitas culturas, o horóscopo não possui fundamento científico e é rejeitado pela maioria das tradições religiosas, incluindo o cristianismo, que considera sua prática uma forma de superstição e desvio da fé em Deus. Jesus Cristo, no cristianismo bíblico, é reconhecido como o único Senhor e fonte de sabedoria verdadeira, sem qualquer ligação com previsões astrológicas ou horóscopos.

Huldrych Zwingli (1484–1531). Foi um líder da Reforma Protestante na Suíça, especificamente em Zurique, onde iniciou mudanças profundas na vida religiosa e social da cidade. Zwingli enfatizou a autoridade exclusiva das Escrituras, rejeitando tradições e práticas da Igreja Católica que não tinham base bíblica, como a veneração de imagens, o celibato clerical e a missa como sacrifício. Sua teologia tinha ênfase na soberania de Deus e na simplicidade do culto, incluindo uma interpretação simbólica da Ceia do Senhor, diferenciando-se da visão luterana da presença real. Zwingli também apoiou reformas sociais e políticas, buscando alinhar a vida pública com os princípios bíblicos.

Morreu em combate durante a Guerra dos Camponeses, defendendo sua fé.



IACS – Instituto Apologético Cristo Salva – O Instituto Apologético Cristo Salva (IACS) é uma instituição dedicada à defesa da fé cristã bíblica por meio da apologética cristã, com foco na evangelização, ensino e fortalecimento da igreja. Seu objetivo principal é capacitar cristãos a compreender e comunicar de forma clara, racional e bíblica os fundamentos do evangelho, combatendo as falsas doutrinas, seitas e ideologias contrárias ao cristianismo histórico. O IACS realiza cursos, palestras, seminários e estudos que abordam temas teológicos, filosóficos e culturais, sempre com base nas Escrituras Sagradas. O instituto valoriza o compromisso com a ortodoxia cristã, a exegese rigorosa da Bíblia e o amor ao próximo como fundamentos para a prática apologética. Atua também na formação de líderes e pastores, preparando-os para defender a fé em ambientes desafiadores e dialogar com o mundo secular e pluralista.

Além disso, o IACS promove o uso de ferramentas tecnológicas e mídias digitais para ampliar o alcance da mensagem cristã. Reconhecido por sua seriedade e dedicação, o Instituto Apologético Cristo Salva tem contribuído significativamente para o fortalecimento espiritual e intelectual de cristãos em diversas regiões, auxiliando na consolidação da fé e no combate ao relativismo religioso e cultural contemporâneo.

ICP – Instituto Cristão de Pesquisas – O Instituto Cristão de Pesquisas (ICP) é uma organização voltada para o estudo, análise e divulgação de temas relacionados à fé cristã, cultura, sociedade e doutrina bíblica. Seu objetivo principal é fornecer ferramentas sólidas para o fortalecimento da fé cristã, por meio de pesquisas acadêmicas, publicações, cursos e eventos que abordam questões teológicas, filosóficas e sociológicas. O ICP dedica-se especialmente ao combate às heresias, falsas doutrinas e movimentos religiosos desviantes, promovendo o conhecimento correto da Bíblia e a defesa da ortodoxia cristã. A instituição oferece recursos para pastores, líderes, estudantes e cristãos interessados em aprofundar seu entendimento das Escrituras e do contexto histórico-religioso atual. O ICP atua com rigor

científico e compromisso pastoral, buscando aliar fé e razão, e proporcionando uma base sólida para a apologética cristã. Além disso, promove debates e estudos sobre ética, espiritualidade e desafios contemporâneos enfrentados pela igreja. Reconhecido por sua contribuição ao ensino e à pesquisa no meio evangélico, o ICP é referência para quem deseja compreender e enfrentar os desafios do mundo moderno com uma perspectiva bíblica. Seu trabalho fortalece a igreja local e global, auxiliando na formação de líderes e no crescimento saudável da comunidade cristã.

Idiota. Na linguagem comum, “idiota” é um termo pejorativo usado para designar alguém considerado ignorante, tolo ou sem capacidade intelectual. No entanto, na antiguidade grega, a palavra idiōtēs significava simplesmente “particular” ou “pessoa privada”, ou seja, alguém que não participava da vida pública ou política. Na Bíblia, embora o termo “idiota” como conhecemos não apareça, há advertências contra a **insensatez, a loucura espiritual e a tolice** que afastam o homem de Deus (Salmo 14:1; Provérbios 1:7). O cristão é chamado a buscar a sabedoria divina, abandonando a ignorância e a insensatez (Tiago 1:5). Portanto, mais do que insultos, o que as

Escrituras condenam é a condição espiritual de quem rejeita a sabedoria e a revelação de Deus.

Ídolo. É qualquer objeto, imagem ou ideia que é adorado ou venerado em lugar do Deus verdadeiro, tornando-se um falso deus. Na Bíblia, ídolos são condenados como enganos e abominações, pois desviam a adoração que pertence exclusivamente a Deus (Êxodo 20:3-5; Salmo 115:4-8). Eles representam a tentativa humana de controlar ou representar o divino por meio de coisas feitas por mãos humanas, o que é inútil e vazio. Além dos objetos físicos, ídolos podem ser também desejos, pessoas ou coisas que tomam o lugar de Deus no coração do homem (Colossenses 3:5). A idolatria é um pecado grave que rompe a comunhão com Deus e conduz à ruína espiritual, mas a Bíblia chama à verdadeira adoração ao Deus vivo e verdadeiro (1 Coríntios 10:14).

Idolatria. É o ato de dar adoração, reverência ou confiança a algo ou alguém além de Deus, substituindo-o em nosso coração e vida. Pode manifestar-se pela veneração de imagens, objetos, pessoas, ou até mesmo pelo amor excessivo a coisas materiais, poder, prazer ou ideologias, que passam a governar a vida do indivíduo. Na Bíblia, a

idolatria é repetidamente condenada como pecado grave que afasta o homem da verdadeira comunhão com Deus (Êxodo 20:3-6; Salmo 115:4-8; Jeremias 10:14, 15). Ela representa uma violação direta do primeiro mandamento e provoca a ira divina, pois desonra a soberania exclusiva de Deus. Idolatria é não apenas adorar falsos deuses, mas qualquer coisa que tome o lugar de Deus em nosso coração e mente (Colossenses 3:5). O chamado bíblico é para abandonar toda forma de idolatria e voltar-se para o Deus vivo em fé e obediência genuínas.

Igreja. Do grego, Ekklesia, que significa grupo de pessoas chamadas para fora. A Igreja de Cristo, nessa acepção, é a união de todos os salvos em Cristo, chamados para fora deste mundo. (Efésios 5:25) A Igreja de Jesus é edificada pelo próprio Jesus Cristo. (Mateus 16:18) Mas este vocábulo também é usado com relação a nomes de Igrejas-denominações, como Igreja Batista, Igreja Presbiteriana. E em cada Igreja-denominação, há as igrejas-locais, por exemplo, Igreja Presbiteriana do Brasil em Vila Mariana, São Paulo. Igrejas locais aparecem na Bíblia, como aquela mencionada na casa de Prisca [ou Priscila] e Áquila (1 Coríntios 16:19) ou às sete igrejas

da Ásia Menor, mencionadas em Apocalipse 2 e 3.

Igreja Adventista do Sétimo Dia. Igreja Adventista do Sétimo Dia. A Igreja Adventista do Sétimo Dia foi oficialmente organizada em 1863, nos Estados Unidos, após o chamado "Grande Desapontamento" de 1844, quando esperavam a volta de Cristo para 22 de outubro. Entre os que permaneceram firmes na fé após essa decepção, destacou-se Ellen G. White (1827–1915), considerada profetisa e cofundadora do movimento. A Igreja ensina a guarda do sábado como dia de descanso e culto, acreditando que a observância do quarto mandamento é sinal de fidelidade a Deus nos últimos dias. Seus pilares doutrinários incluem: a Trindade, a salvação pela graça mediante a fé, o juízo investigativo iniciado em 1844 no céu, a mortalidade da alma (negando o inferno eterno), a segunda vinda literal e visível de Cristo e a inspiração dos escritos de Ellen White como "luz menor" subordinada à Bíblia. Creem também que o Papa emitirá um decreto dominical, obrigando todos a guardarem o domingo, e quem guardá-lo, perderá a salvação. A sede mundial da Igreja está em Silver Spring, Maryland (EUA), e ela mantém forte presença nas áreas de saúde, educação e mídia. Embora compartilhe várias doutrinas

com o evangelicalismo, é vista por muitos teólogos cristãos como um grupo divergente em pontos essenciais da fé bíblica.

Igreja Apostólica Santa Vó Rosa. A Igreja Apostólica foi fundada oficialmente em 1954, em São Paulo (SP), pelo missionário Eurico Mattos Coutinho, mas teve como figura central Rosa Alves, que após sua morte em 1969 passou a ser venerada como "Santa Vó Rosa", considerada por seus seguidores como o "Espírito Consolador" prometido por Jesus em João 14:16. A igreja ensina que, após Jesus e o apóstolo Arcanjo, Santa Vó Rosa exerce papel essencial na salvação dos fiéis, sendo mediadora, intercessora e guia espiritual. Os membros cultuam tanto a Deus quanto a Jesus, ao apóstolo Arcanjo e à Santa Vó Rosa, atribuindo a ela atributos espirituais e poderes miraculosos. A Igreja possui como livro sagrado a Bíblia, mas também segue os ensinamentos e revelações supostamente recebidas por Santa Vó Rosa e transmitidas por meio do atual líder apostólico. Sobre Jesus, a igreja o reconhece como o Filho de Deus e Salvador, mas ensina que Ele não pôde completar sua missão até que o "Consolador" — Santa Vó Rosa — viesse ao mundo. Tal doutrina é considerada herética pelas igrejas cristãs tradicionais por atribuir a

uma mulher morta um papel que a Bíblia reserva exclusivamente ao Espírito Santo.

Igreja Católica Apostólica Romana. A Igreja Católica Apostólica Romana é a maior denominação cristã do mundo, com mais de um bilhão de fiéis, e afirma ter sido fundada por Jesus Cristo no século I, em Jerusalém, sobre o apóstolo Pedro, considerado seu primeiro papa, conforme Mateus 16:18. No entanto, a estrutura eclesiástica romana consolidou-se ao longo dos séculos, especialmente após o Édito de Milão (313 d.C.), com o imperador Constantino, e com o surgimento do papado como centro de autoridade espiritual no Ocidente, especialmente após a queda do Império Romano do Ocidente em 476 d.C. A Igreja Romana tem como sede o Vaticano, em Roma, e é liderada pelo papa, considerado o sucessor de Pedro. Suas principais crenças incluem a Trindade, a divindade de Jesus Cristo, a salvação pela graça mediada pelos sacramentos, a infalibilidade papal (em assuntos *ex cathedra*), o culto aos santos e à Virgem Maria, o purgatório, e a tradição como fonte de revelação ao lado da Bíblia. Os sete sacramentos (batismo, eucaristia, crisma, confissão, ordem, matrimônio e unção dos enfermos) são centrais em sua doutrina. A Igreja Romana foi severamente

contestada na Reforma Protestante do século XVI, que denunciou abusos e doutrinas contrárias às Escrituras. Mesmo assim, permanece uma força religiosa, cultural e política de grande influência mundial.

Igreja da Unificação. A Igreja da Unificação, também chamada de Movimento da Unificação, foi fundada em 1954 na Coreia do Sul por Sun Myung Moon, que alegava ter recebido uma missão direta de Jesus Cristo para completar a obra redentora que, segundo ele, Jesus deixou incompleta. O movimento baseia-se no livro "Princípio Divino", escrito por Moon, considerado pelos adeptos uma revelação superior às Escrituras. Essa religião ensina que Jesus falhou ao morrer na cruz, pois seu propósito era casar-se e gerar uma linhagem pura, restaurando a humanidade. Como isso não ocorreu, Moon e sua esposa, Hak Ja Han, são vistos como os “Pais Verdadeiros” e novos messias, enviados para formar uma nova humanidade sem pecado. A salvação, portanto, depende da adesão ao casal Moon e da participação nos casamentos organizados pela seita, conhecidos como “Cerimônias da Bênção”. O movimento nega a divindade eterna de Jesus, sua ressurreição física, e sua obra redentora como suficiente.

Considera a Bíblia inspirada, mas ultrapassada, sendo reinterpretada à luz das revelações de Moon. Do ponto de vista cristão ortodoxo, a Igreja da Unificação é uma seita herética, pois substitui Cristo, rejeita verdades centrais do Evangelho, e promove um falso messias.

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, também conhecida como mormonismo, foi fundada por Joseph Smith Jr. em 1830, nos Estados Unidos, especificamente em Fayette, estado de Nova York. Smith afirmou ter recebido, em 1823, a visita do anjo Morôni, que o guiou a placas de ouro enterradas contendo uma suposta história antiga dos povos das Américas. A tradução dessas placas resultou no Livro de Mórmon, considerado por seus adeptos como escritura sagrada ao lado da Bíblia, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor. Entre suas principais doutrinas estão: a rejeição da Trindade tradicional (ensinam que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três deuses distintos), a crença de que Deus Pai tem um corpo físico, a possibilidade de exaltação humana (isto é, os fiéis podem tornar-se deuses), o batismo pelos mortos, e a autoridade exclusiva do sacerdócio restaurado por Smith. Originalmente, o

grupo praticava a poligamia, mas isso foi oficialmente abandonado em 1890. A sede da Igreja está em Salt Lake City, Utah, onde se consolidou após perseguições. Embora se autodenominem cristãos, suas doutrinas diferem significativamente do cristianismo bíblico, sendo considerados por muitos teólogos evangélicos como um movimento herético ou uma seita.

Igreja dos Irmãos. Também conhecida como Irmãos Unidos, Irmãos de Plymouth ou simplesmente Os Irmãos, é um movimento cristão surgido no início do século XIX na Inglaterra, mais precisamente em Dublin e, posteriormente, em Plymouth, onde ganhou maior notoriedade. Seu principal expoente foi John Nelson Darby, que exerceu grande influência teológica no grupo, especialmente ao desenvolver o dispensacionalismo e a doutrina do arrebatamento pré-tribulacionista. O movimento nasceu como uma reação ao formalismo das igrejas estabelecidas, buscando restaurar a simplicidade do cristianismo primitivo, com ênfase na centralidade das Escrituras, na reunião fraternal sem clero oficial e na rejeição de denominações e hierarquias humanas.

A Igreja dos Irmãos valoriza a liberdade do Espírito Santo nos cultos, a ceia do Senhor celebrada semanalmente e a igualdade entre os membros, embora, na prática, alguns grupos tenham desenvolvido lideranças mais visíveis. Existem duas grandes vertentes: os Irmãos Exclusivos, mais fechados, centralizados e rigorosos em disciplina e separação do "mundo"; e os Irmãos Abertos, mais flexíveis e integrados à sociedade e a outras igrejas evangélicas.

Do ponto de vista doutrinário, creem na inspiração verbal e plena das Escrituras, na Trindade, na salvação pela graça mediante a fé, e no retorno iminente de Cristo. Algumas igrejas dos Irmãos rejeitam títulos como “pastor” e evitam estruturas denominacionais, o que gera desafios em termos de organização e ensino unificado. Apesar disso, sua influência histórica é significativa, sobretudo na escatologia evangélica moderna e no movimento missionário. Há também críticas ao exagerado exclusivismo em certos ramos e à falta de reconhecimento do ministério pastoral ordenado, o que pode levar à instabilidade teológica e à falta de supervisão espiritual consistente em algumas congregações. Ainda assim, os Irmãos continuam sendo uma expressão importante

do cristianismo evangélico, marcada pela devoção bíblica, simplicidade e ênfase na comunhão dos santos.

Igreja Local de Witness Lee. A chamada “Igreja Local” é um movimento cristão que teve início na China, no início do século XX, com Watchman Nee (1903–1972), e foi posteriormente desenvolvido e espalhado internacionalmente por seu colaborador Witness Lee (1905–1997), especialmente após sua mudança para os Estados Unidos em 1962. O movimento ensina que deve haver apenas uma igreja por cidade, sem denominações, daí o nome “Igreja Local”. Rejeitam a organização denominacional, valorizando a unidade dos crentes em cada localidade como expressão do Corpo de Cristo. Entre suas principais crenças estão: a centralidade de Cristo, a ênfase na vida divina dos crentes, a inspiração plena das Escrituras, a Trindade (com entendimento que já gerou acusações de modalismo), e a prática de reuniões participativas, sem liturgia formal. Os seguidores de Witness Lee enfatizam a oração, o “invocar o nome do Senhor” e o estudo intenso da Bíblia com materiais produzidos por Lee. O grupo é conhecido por sua teologia mística e pela forte influência dos escritos de Nee e Lee, publicados principalmente pela Living Stream

Ministry. Apesar de se autodenominarem ortodoxos, foram alvo de críticas por práticas exclusivistas e por algumas doutrinas incomuns, sendo considerados por alguns estudiosos como uma seita, embora outros os classifiquem como parte marginal do evangelicalismo.

Igreja Maranata. Denominação evangélica neopentecostal fundada no Brasil na década de 1960, caracterizada pelo forte ênfase no avivamento, no Espírito Santo, nos dons espirituais e na expectativa da segunda vinda de Jesus, expressa no nome “Maranata” — que significa “Vem, Senhor!”. A Igreja Maranata promove cultos vibrantes, com foco em curas, profecias e libertação espiritual, atraindo milhares de fiéis. Embora compartilhe muitas doutrinas do cristianismo evangélico, é frequentemente criticada por práticas que alguns consideram exageradas ou carismáticas demais. Sua missão é preparar o povo para a volta de Cristo, valorizando a santidade e o compromisso pessoal com Deus. A Igreja Maranata enfrenta críticas principalmente relacionadas a práticas consideradas excessivamente carismáticas e a um controle rigoroso sobre seus membros. Alguns apontam para o uso intenso de profecias, manifestações sobrenaturais e rituais que podem gerar

dependência emocional e até manipulação espiritual. Também há relatos de exclusão social e familiar em casos de discipulado rígido, além de doutrinas que, para alguns, distorcem o ensino bíblico tradicional, especialmente sobre a salvação e a autoridade da liderança. Críticos alertam para o risco de legalismo e de ênfase exagerada em sinais e milagres, que podem desviar o foco da graça e da Palavra de Deus.

Igreja Messiânica Mundial. A Igreja Messiânica Mundial foi fundada em 1935 no Japão por Mokiti Okada (também conhecido como Meishu-Sama), que se autoproclamou o Messias da nova era. Ele ensinava que a humanidade viveria uma grande transformação espiritual e que uma nova civilização, baseada na verdade, bem e beleza, surgiria com a purificação do mundo. A doutrina da Igreja gira em torno de três práticas principais: o Johrei (canalização de luz espiritual para purificação do espírito e do corpo), o cultivo da flor (como expressão de sensibilidade e harmonia) e a alimentação natural. Não há um livro sagrado único, mas os ensinamentos de Meishu-Sama são registrados em compilações como “Alicerce do Paraíso”. Em relação a Jesus, a Igreja o reconhece como um grande espírito iluminado e guia espiritual, mas não o

considera o único Salvador nem Deus encarnado, como ensina o cristianismo bíblico. A visão da Igreja Messiânica é sincretista, incorporando elementos do xintoísmo, budismo, cristianismo e espiritualismo, e é amplamente rejeitada por igrejas cristãs históricas por contradizer doutrinas fundamentais da fé cristã.

Igreja Tabernáculo da Fé. A Igreja Tabernáculo da Fé é um movimento religioso originado nos ensinamentos de William Marrion Branham (1909–1965), um evangelista norte-americano que se destacou durante o movimento de curas divinas e avivamento pentecostal nos anos 1940 e 1950. Embora não tenha fundado formalmente uma denominação, seus seguidores organizaram comunidades que se autodenominam "Tabernáculo da Fé", baseadas em seus sermões, considerados por muitos como revelações divinas. Seus adeptos usam a Bíblia como livro sagrado, mas dão peso quase igual aos sermões de Branham. A Igreja vê Jesus Cristo como Senhor e Salvador, porém, interpretações doutrinárias de Branham desviam do cristianismo histórico.

Iluminação. Ato do Espírito Santo de Deus de tornar gradativamente mais ampla nossa

compreensão das Escrituras. No Antigo Testamento, é possível que Provérbios 4:18 possa abranger a iluminação do Espírito Santo. Lemos ali: “Já a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando cada vez mais, até ficar completamente claro.” O salmista louvou a Deus: “Sim, tu acendes minha lâmpada; o SENHOR, meu Deus, ilumina minhas trevas”. No Novo Testamento, Em 1 Coríntios 2:11-14, Paulo afirma que recebemos o Espírito Santo “a fim de compreendermos as coisas que nos foram dadas gratuitamente por Deus”, e que “falamos dessas coisas com palavras ensinadas pelo Espírito Santo, comparando coisas espirituais com espirituais”, e ainda que elas “se compreendem espiritualmente”. Em Efésios 1:18, Paulo usa a expressão “sendo iluminados os olhos do vosso coração” na compreensão da natureza e bênçãos do nosso chamado. E em Hebreus 10:32, a iluminação parece ter a ver com o dia de nossa salvação: “Porém, lembrai-vos dos primeiros dias em que, depois de serdes iluminados, suportastes um grande desafio de sofrimentos.”

Imã. Líder espiritual e religioso na comunidade islâmica, responsável por conduzir as orações coletivas, oferecer ensinamentos e orientações religiosas. Em

algumas tradições, o termo Imã também tem significado messiânico ou de liderança religiosa especial.

Imaculado. O termo “imaculado” significa “sem mancha” ou “sem mácula”, e é geralmente usado em contextos teológicos para expressar pureza moral e espiritual total. No catolicismo romano, a palavra é amplamente associada à Imaculada Conceição de Maria, doutrina católica oficializada em 1854 pelo Papa Pio IX, que afirma que Maria, mãe de Jesus, foi concebida sem o pecado original, sendo preservada por um privilégio especial de Deus em vista dos méritos futuros de Cristo. No Cristianismo Ortodoxo, a ideia de “imaculado” também pode ser aplicada a Jesus, que é descrito na Bíblia como “sem pecado” (Hebreus 4:15), ou à Igreja glorificada, que será apresentada a Cristo “sem mácula nem ruga” (Efésios 5:27). O termo ressalta santidade plena, ausência de culpa e separação do mal. Não está vinculado a um livro sagrado específico, mas aparece na doutrina católica baseada na interpretação de passagens bíblicas e na tradição.

Imagem e Semelhança. Deus disse ao nos criar: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança”. (Gênesis 1:26)

Entendemos isso como significando que o homem é criado capaz de receber de Deus seus atributos comunicáveis, como amor, sabedoria, justiça, bondade.

Imanência. Na teologia cristã, imanência é o atributo de Deus pelo qual Ele está presente, ativo e acessível dentro da criação e da história humana. Refere-se à proximidade de Deus com Suas criaturas, ao Seu envolvimento constante com o mundo, sustentando-o e governando-o (Atos 17:27, 28; Colossenses 1:17). A imanência divina é equilibrada pela transcendência de Deus, que significa que Ele é também infinitamente superior, distinto e independente da criação (Isaías 55:8, 9). Ao enfatizar a imanência, a Bíblia mostra que Deus não é distante, mas um Pai amoroso que se revela, fala, age e habita com os que O buscam. No cristianismo, a encarnação de Jesus Cristo é a expressão mais sublime da imanência divina: Deus entrando no tempo e espaço, tornando-Se homem (João 1:14), para salvar a humanidade. A sã teologia mantém ambos os aspectos — Deus é imanente e transcendente ao mesmo tempo, perfeitamente.

Imaterial. Outra maneira teológica de se dizer “espiritual”. Diz-se, por exemplo, que

nós somos formados de parte material, que é o corpo, e a parte imaterial (ou espiritual), que é nossa alma e/ou nosso espírito.

Imortalidade. Qualidade de quem jamais morre. A Bíblia diz que apenas Jesus, como Deus, possui imortalidade. (1 Timóteo 6:15, 16) Isto significa que ele, por ser Deus Imortal, é a fonte da imortalidade, além de isto estar relacionado com sua eternidade. (Salmo 90:2) Mas lemos em Romanos 2:7 que “ele [Deus] dará a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e imortalidade”. Então, seremos imortais quando herdarmos a vida eterna, pois jamais morreremos.

Imortalidade da Alma. Se nossa alma é imortal, conforme a fé cristã ensina em harmonia com a Bíblia (Mateus 10:28; Apocalipse 6:9-11), por que Romanos 2:7 diz que procuramos a imortalidade? Isto se dá porque Romanos 2:7 quer tratar da imortalidade do homem como um todo. Enquanto vivermos debaixo do pecado, o homem morrerá devido ao seu corpo corruptível. Mas depois de ser ressuscitado, ao herdar a vida eterna, o corpo corruptível do homem ressuscitado e salvo se revestirá de incorruptibilidade, e todas as partes que compõem o homem serão imortais. Mas

além de Romanos 2:7 tratar da imortalidade total, esta que buscamos tem a ver também com a imortalidade de bênçãos eternas, dadas apenas aos salvos. Os ímpios possuem também sua alma imortal, mas após a ressurreição deles, eles sofrerão “vergonha e desprezo eternos”, ou seja, uma imortalidade de castigos eternos. – Daniel 12:2-4.

Impecabilidade de Deus. Doutrina que afirma que Deus é absolutamente incapaz de pecar ou cometer qualquer erro moral, pois Sua natureza é perfeita, santa e justa em todos os aspectos. A impecabilidade divina decorre da essência de Deus como ser santo e moralmente puro, o que significa que Ele não pode agir contra Si mesmo, contra Sua própria natureza ou contra Sua vontade perfeita (Tiago 1:13; Habacuque 1:13). Ao contrário dos seres humanos, que são inclinados ao pecado devido à queda, Deus permanece eternamente sem pecado e imune a qualquer tentação ou falha moral. Essa doutrina é importante para afirmar a confiabilidade, a justiça e a santidade de Deus, garantindo que tudo o que Ele faz está de acordo com a verdade e o bem absoluto. A impecabilidade também assegura que Deus é o padrão moral perfeito, fonte de toda a ética e justiça, e que a Sua vontade é sempre

boa e perfeita (Romanos 7:12). A ideia da impecabilidade de Deus diferencia a fé cristã de religiões ou filosofias que atribuem ao divino aspectos humanos falhos ou suscetíveis ao erro. Rejeita-se a noção de que Deus poderia pecar, mudar para pior, ou ser influenciado por forças externas. Assim, a impecabilidade é um atributo essencial para entender a soberania e a santidade absoluta do Criador.

Imutabilidade. Doutrina que afirma que Deus é eterna e absolutamente inalterável em Sua natureza, caráter, propósito e promessas. Significa que Ele não muda nem em essência nem em vontade, permanecendo fiel, justo, santo e misericordioso em toda a eternidade (Malaquias 3:6: “Eu, o Senhor, não mudo”; Tiago 1:17). Essa imutabilidade distingue Deus de todas as criaturas, que são mutáveis, sujeitas a mudanças, limitações e variações. A imutabilidade divina é fundamento da confiança do cristão, pois garante que as promessas de Deus são eternas e que Seu amor e justiça permanecem firmes, independentemente das circunstâncias. Entretanto, essa doutrina não significa que Deus é passivo ou indiferente às ações humanas. A Bíblia revela que Deus age, se relaciona com a humanidade e responde às

orações, mas isso não implica mudança em Sua natureza ou em Seu propósito eterno. A imutabilidade está ligada à Sua perfeição e soberania, assegurando que Ele é fiel para cumprir o que prometeu (Hebreus 13:8). Algumas seitas e filosofias que veem Deus como um ser mutável ou sujeito a evolução, oscilação moral ou alterações em Seus desígnios, contradizem a Escritura e enfraquecem a segurança do crente na providência e salvação divinas. A verdadeira imutabilidade garante que o Deus da Bíblia é constante e confiável, digno de toda adoração e confiança.

Inerrância Bíblica. Expressão teológica significando que não há erros nos escritos originais da Bíblia. Nas cópias dos manuscritos bíblicos, é possível ter havido erros, e isso pode ser comprovado, todavia, a comparação da crítica textual dos milhares de manuscritos bíblicos nos permite ter a Bíblia atual substancialmente idêntica à forma como foi originalmente escrita. Afinal, a Lei de Deus é perfeita (Salmo 19:7) e a Palavra de Deus é a verdade (João 17:17). (Ver “Escrituras, inerrância das”.)

Infalibilidade papal. Doutrina dogmática da Igreja Católica Romana que sustenta que, sob condições específicas, o Papa é preservado

do erro quando proclama formalmente, ex cathedra (isto é, "da cadeira" de Pedro, em sua autoridade oficial como pastor e mestre de todos os cristãos), doutrinas relativas à fé e moral que devem ser acreditadas por toda a Igreja. Essa infalibilidade foi definida oficialmente no Concílio Vaticano I (1870) e significa que o Papa, quando age nessas condições, não pode errar na sua declaração doutrinária, assegurando assim a unidade e pureza da fé católica. Essa doutrina, porém, não implica que o Papa seja infalível em tudo o que diz ou faz, nem que seja pessoalmente sem pecado. A infalibilidade papal se aplica apenas a pronunciamentos formais e solenes que tratam de fé e moral para toda a Igreja, e não a opiniões pessoais ou decisões administrativas. No protestantismo e no evangelicalismo, a infalibilidade papal é rejeitada, pois contraria o princípio bíblico da Sola Scriptura, que reconhece somente a Bíblia como autoridade final, suficiente e infalível para a fé e prática. Além disso, a Escritura não concede a um homem, mesmo que líder da Igreja, autoridade para definir doutrinas de modo infalível e vinculante para todos os cristãos. Essa doutrina é vista como uma fonte de erros e abusos, e como uma das causas históricas do surgimento da Reforma Protestante, que reivindicou o retorno à autoridade exclusiva das Escrituras e o

sacerdócio universal dos crentes. Assim, enquanto a Igreja Católica defende a infalibilidade papal como um recurso divino para proteger a verdade, as igrejas reformadas e evangélicas afirmam que somente a Palavra de Deus é infalível, e que qualquer autoridade humana deve estar submetida e ser testada pela Bíblia.

Inferno. Na doutrina cristã, o inferno é entendido como o estado ou lugar de separação eterna de Deus, destinado àqueles que rejeitam a salvação oferecida por Jesus Cristo e persistem no pecado. As Escrituras o descrevem como um lugar de sofrimento consciente, simbolizado por fogo e trevas (Mateus 25:41; Apocalipse 20:10), onde a justiça divina é manifestada contra o pecado impenitente. O inferno não é apenas um castigo físico, mas também a privação da comunhão com Deus, que é a verdadeira fonte de vida e felicidade. Há variações na interpretação: algumas tradições defendem o sofrimento eterno literal, outras consideram o aniquilacionismo, que é a destruição definitiva da alma, enquanto outras veem o inferno como um estado temporário. Contudo, todas concordam que o inferno é uma consequência grave da rejeição da graça de Deus. A doutrina do inferno serve como um chamado urgente ao

arrependimento e à fé em Cristo, que oferece perdão e vida eterna.

Infinitude. Doutrina que descreve Deus como ilimitado em todos os aspectos, especialmente em Sua natureza, poder, sabedoria, presença e existência. Deus é infinito porque não possui começo nem fim, não está limitado por tempo, espaço ou qualquer outra restrição finita que caracteriza as criaturas (Salmo 90:2; Isaías 40:28). Essa infinitude significa que Deus é perfeito, completo em Si mesmo e eterno, transcendente acima de tudo que foi criado.

A infinitude de Deus também inclui atributos como onipotência (poder ilimitado), onisciência (conhecimento total) e onipresença (presença em todos os lugares), mostrando que Ele é absoluto em sua capacidade de governar e cuidar da criação. A Bíblia destaca que a grandeza e majestade de Deus são incomparáveis e insondáveis para a mente humana (Romanos 11:33-36). A compreensão correta da infinitude divina afasta qualquer visão de um deus limitado, sujeito a mudanças ou dependente de algo fora de Si mesmo. Em contraste, algumas religiões ou filosofias concebem deuses ou espíritos com limitações, ou até mesmo um universo eterno sem um Deus pessoal e

infinito. A fé cristã reafirma que somente o Deus da Bíblia é verdadeiramente infinito, e essa infinitude fundamenta a confiança do crente na Sua soberania, sabedoria e amor eternos.

Inspiração. É o meio pelo qual Deus revelou as Sagradas Escrituras ao homem. Por isso lemos que “toda a Escritura é inspirada por Deus” (2 Timóteo 3:16) e que “homens falaram da parte de Deus, movidos por Espírito Santo”. (2 Pedro 1:21) A inspiração pelo Espírito de Deus é a garantia de que não houve erro algum na composição dos escritos originais da Bíblia (autógrafos).

Intercessão. Oração a Deus, o Pai, em favor de alguém (Jó 42-8-10; Salmo 72:15); pedido a Deus em favor de alguém. Não devemos confundir intercessão com mediação, a qual é feita pelo única mediador entre Deus e os homens, Jesus. (1 Timóteo 2:5) Podemos interceder por autoridades (1 Timóteo 2:1, 2) e por irmãos em Cristo (2 Coríntios 1:11). Sobre o papel de intercessão de Jesus, a Bíblia diz que “está à direita de Deus e intercede por nós” (Romanos 8:34) e que ele “também pode salvar perfeitamente os que por meio dele se chegam a Deus, pois vive sempre para interceder por eles”. (Hebreus 7:25) Sobre o Espírito Santo, ele “intercede

por nós com gemidos que não se expressam com palavras” e “intercede pelos santos, segundo a vontade de Deus”. – Romanos 8:26, 27.

Ira. Na teologia cristã, a ira é uma emoção que expressa a justa indignação de Deus diante do pecado, da injustiça e da rebelião contra Sua santidade e justiça. Diferente da ira humana, que muitas vezes é impulsiva e pecaminosa, a ira divina é sempre santa, perfeita e justificada (Romanos 1:18; Êxodo 34:6-7). Deus demonstra Sua ira tanto no julgamento sobre o mal e os ímpios quanto na correção amorosa dos seus filhos para levá-los ao arrependimento (Hebreus 12:5-11). A Bíblia também adverte os cristãos sobre os perigos da ira humana descontrolada (Efésios 4:26, 27; Tiago 1:19-20), incentivando a prática da paciência, do perdão e do amor. O ponto culminante da ira de Deus contra o pecado foi expresso na cruz, onde Jesus recebeu o castigo que nos traria paz (Isaías 53:5, 6; Romanos 3:25, 26).

Irmão/Irmã. Na Bíblia, a palavra “irmão(ã)” é usada sobre a relação de parentesco entre filhos de um mesmo casal, como por exemplo na expressão “André, irmão de Simão Pedro”. (João 1:40) No Antigo Testamento, irmãos poderiam se referir a primos ou

parentes próximos, como no caso de, no hebraico, Labão chamar Jacó de irmão, mas na acepção de ser parente. (Gênesis 29:15) Quando lemos em Gênesis 9:5 “cobrarei da mão de cada um a vida do seu próximo”, a palavra “próximo” no hebraico é “irmão”, referindo-se a todo ser humano. No Novo Testamento, irmão também será usado para pessoas da mesma fé, ou seja, que possuem um relacionamento espiritual. (Tiago 1:2; 1 Joao 3:13) Em Mateus 13:55, 56, fala-se dos “irmãos” e “irmãs” de Jesus. Os católicos romanos interpretam como sendo irmãos-parentes próximos, mas a Igreja Protestante e Evangélica interpreta como sendo irmãos filhos de José e Maria. O interessante é que quando dizem a Jesus “tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar contigo”, ele responde “quem fizer a vontade de meu Pai que está no céu, este é meu irmão, irmã e mãe”. (Mateus 12:46-50) Ou seja, parece que Jesus partiu de um uso literal da palavra irmão (filhos de mesmos pais) para o sentido simbólico, de irmãos de mesma fé.

Irmãos de Jesus. A expressão “irmãos de Jesus” aparece em vários textos do Novo Testamento, como Mateus 13:55, Marcos 6:3, João 7:3-5 e Gálatas 1:19. Esses textos mencionam nomes como Tiago, José, Simão e Judas, além de se referirem também a

"irmãs" de Jesus. A interpretação dessa expressão varia entre as tradições cristãs. Na teologia evangélico-protestante, a explicação mais direta e literal é aceita: esses irmãos e irmãs seriam filhos biológicos de Maria e José, nascidos após o nascimento virginal de Jesus. Assim, Jesus teria tido irmãos no sentido natural, e isso não contradiz a virgindade de Maria no momento da concepção de Cristo. Essa leitura é reforçada pela ausência de qualquer indicação bíblica de que a palavra "irmão" (*adelphós*, em grego) signifique primariamente "primo" ou "parente distante". Já a Igreja Católica e a Ortodoxa defendem a virgindade perpétua de Maria, e por isso interpretam os "irmãos de Jesus" como primos ou filhos de José de um casamento anterior (no caso da tradição ortodoxa), ou parentes próximos em sentido mais amplo. Biblicamente, nada impede de entender "irmãos" como filhos de Maria e José, especialmente porque o texto de Mateus 1:25 diz que José "não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito". A leitura natural sugere que depois disso houve uma vida conjugal normal. Portanto, à luz da hermenêutica protestante, os irmãos de Jesus eram seus irmãos mesmo — filhos mais novos de Maria.

Iskcon. A sigla significa International Society for Krishna Consciousness (Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna), fundada em 1966 por A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. É um movimento dentro do hinduísmo dedicado à devoção ao deus Krishna, enfatizando a prática do bhakti yoga — especialmente o canto do mantra Hare Krishna — como caminho para a libertação (moksha). A ISKCON popularizou o culto a Krishna no Ocidente e ao redor do mundo, promovendo estudos das escrituras védicas, alimentação vegetariana, vida simples e festivais religiosos. O movimento valoriza a entrega amorosa a Krishna como a forma mais elevada de espiritualidade.

J

Jainismo. O Jainismo é uma religião antiga originada na Índia, com raízes que remontam acerca do século VI a.C., tendo como um de seus principais fundadores o mestre espiritual Mahavira (também chamado Vardhamana), considerado o 24º Tirthankara (profeta ou iluminado) da tradição jainista. O Jainismo enfatiza a não-violência radical

(ahimsa), a verdade, o desapego e a busca pela liberação da alma do ciclo de renascimentos (samsara) por meio da purificação moral e espiritual. Seus seguidores acreditam que o universo é eterno, sem criação ou fim, e que cada alma é responsável por sua própria libertação. Jesus não é uma figura central nem reconhecida nesta tradição, pois o Jainismo desenvolveu-se independentemente do cristianismo e não incorpora conceitos teístas sobre divindades criadoras. Seus textos sagrados principais incluem o Agamas, que contêm os ensinamentos de Mahavira e dos Tirthankaras anteriores. O Jainismo é praticado principalmente na Índia e possui uma ética rigorosa de respeito à vida em todas as suas formas, influenciando profundamente a filosofia e a cultura indianas.

Jejum. O jejum é uma prática espiritual consistente na abstenção voluntária de alimentos, bebidas ou outras necessidades por um período determinado, com o objetivo de buscar maior intimidade com Deus, disciplina espiritual, arrependimento e intercessão. Na Bíblia, o jejum é frequentemente associado à oração e à busca por direção divina, como quando Moisés jejuou antes de receber os Dez

Mandamentos (Êxodo 34:28) ou Jesus jejuou 40 dias no deserto (Mateus 4:1-2). O jejum não é um fim em si mesmo, mas um meio para fortalecer a fé, humildade e dependência de Deus, afastando distrações e focando no espiritual. É recomendado que seja feito com sinceridade, sem ostentação, para que alcance seus propósitos (Mateus 6:16-18).

Jeová. É uma forma transliterada do nome sagrado de Deus revelado no Antigo Testamento, derivada do tetragrama hebraico YHWH, que aparece mais de 6.800 vezes nas Escrituras Hebraicas. A pronúncia original do tetragrama se perdeu, pois os judeus, por reverência, evitavam dizê-lo em voz alta, substituindo-o por “Adonai” (Senhor). A forma “Jeová” surgiu na Idade Média, combinando as consoantes de YHWH com as vogais de Adonai, embora hoje estudiosos prefiram a forma “Yahweh” como mais próxima da original. Jeová é o nome pessoal de Deus, indicando sua autoexistência, eternidade e fidelidade ao pacto com seu povo (Êxodo 3:14; Salmo 83:18). O nome comunica o caráter imutável e redentor de Deus, sendo revelado plenamente na pessoa de Jesus Cristo, em quem Jeová manifesta sua graça, justiça e amor ao mundo.

Jesuítas. Os Jesuítas são membros da Companhia de Jesus, uma ordem religiosa católica fundada em 1540 por Inácio de Loyola. Conhecidos por sua dedicação à educação, missão e serviço à Igreja, os jesuítas desempenharam papel fundamental na Contra Reforma, na fundação de escolas, universidades e na evangelização em várias partes do mundo. Eles valorizam o rigor intelectual, a espiritualidade baseada nos Exercícios Espirituais de Inácio e o compromisso com a justiça social. Embora sejam altamente respeitados, os jesuítas também enfrentaram críticas e controvérsias por seu papel político e influência na Igreja.

Jesus Cristo. É a segunda Pessoa da Trindade, o Filho eterno de Deus (Isaías 9:6, 7), que se encarnou (João 1:14) para realizar a obra da salvação da humanidade (Atos 4:12). Sendo plenamente Deus e plenamente homem (Filipenses 2:5-7), em uma só pessoa, Jesus nasceu da virgem Maria (Mateus 1:20), viveu sem pecado (Hebreus 4:15; 7:26), revelou o Pai ao mundo (João 1:18), e morreu na cruz (Filipenses 2:8) como sacrifício (Romanos 3:24, 25) substitutivo (Isaías 53:4-6; Romanos 5:8-10) pelos pecadores. Ao terceiro dia, ressuscitou corporalmente (1 Coríntios 15:3, 4), venceu a morte e ascendeu aos céus, onde está à direita do Pai (Hebreus 1:3d),

intercedendo pelos seus (Romanos 8:34). Ele é o único mediador entre Deus e os homens (1 Timóteo 2:5), o cabeça da Igreja (Efésios 1:22), e voltará gloriosamente para julgar vivos e mortos (Atos 17:31). Como Deus (João 1:1; 20:28), é eterno, onipotente (Hebreus 1:3), onisciente (Colossenses 2:3) e digno de adoração (Hebreus 1:6); como homem, experimentou fome, sede, dor e morte. O nome "Jesus" significa "O Senhor salva", e "Cristo" é o título que significa "Ungido", indicando ser o Messias prometido no Antigo Testamento. Crer em Jesus como Senhor e Salvador é a única esperança de redenção e vida eterna (João 14:6).

Jesus, nome de. Nome do Salvador revelado pelo anjo Gabriel a Maria. (Lucas 1:31) Todavia, “nome” nos tempos bíblicos, tinha a ver com o caráter, o ser, da pessoa. Jesus é o nome que está acima de todo nome (Filipenses 2:9-11) e não outro nome dado debaixo dos céus pelo qual tenhamos que ser salvos (Atos 4:12). Então, o nome “Jesus” é mais que uma pronúncia; refere-se à pessoa dele, com todos os seus atributos. É na pessoa (nome) de Jesus que está o poder e autoridade. – Mateus 28:18.

Jesus, Outro. Termo usado por Paulo para referir-se provavelmente a crenças e ensinamentos

que Jesus jamais havia dado, e que os cristãos em Coríntio estavam tolerando como igreja. (2 Coríntios 11:4) Atualmente, muitos “outros Jesuses” têm sido ensinados por adeptos de seitas, e até tolerados por cristãos desinformados em algumas igrejas cristãs. Por exemplo, acreditar que Jesus é uma criatura e que governa nos céus desde 1914 (Testemunhas de Jeová), ou que ele iniciou um juízo investigativo no dia 22 de outubro de 1844 (adventistas-do-sétimo-dia), ou que Jesus é um Deus além do Pai (mormonismo), ou ainda que Jesus é o próprio Pai (unicismo) são outros Jesuses que não podemos tolerar como parte da sã doutrina. – Tito 1:9.

Jihad. Termo que significa “esforço” ou “luta”, podendo referir-se tanto à luta interna e espiritual do crente para viver de acordo com os preceitos islâmicos, quanto à defesa da fé e da comunidade muçulmana. A interpretação e aplicação do conceito varia amplamente.

Jina. Termo que significa “vencedor” ou “conquistador” no jainismo. Refere-se a uma alma que superou as paixões, desejos e todo tipo de apego mundano, atingindo a libertação espiritual. Os jinas são mestres espirituais que conquistaram o controle

sobre o karma e alcançaram o conhecimento absoluto (kevala jnana). São venerados como exemplos supremos de pureza e sabedoria. Os Tirthankaras são jinas especiais que estabeleceram as passagens para a salvação, guiando outros no caminho da libertação.

Jing. No contexto das religiões e filosofias orientais, especialmente na medicina tradicional chinesa e no taoismo, Jing é considerado uma das três substâncias vitais do corpo humano, ao lado do Qi (energia vital) e do Shen (espírito). Representa a essência vital herdada dos pais (jing pré-natal) e também a adquirida por meio de alimentos e estilo de vida (jing pós-natal). Está associado à vitalidade, crescimento, fertilidade, longevidade e regeneração. Preservar o Jing é fundamental na prática taoista, especialmente nas disciplinas de alquimia interna, visando uma vida longa e espiritualizada.

Jiva. No jainismo, jiva é a alma ou princípio vital presente em todos os seres vivos. É eterna, consciente e dotada de conhecimento e percepção, mas encontra-se aprisionada no ciclo de renascimentos devido ao karma. A pureza da jiva é obscurecida pelas impurezas kármicas que ela acumula ao longo das vidas. O objetivo espiritual do

jainismo é libertar a jiva dessas impurezas para que ela alcance o estado de moksha, ou libertação, retornando ao seu estado puro e perfeito de consciência plena e felicidade eterna.

João Calvino. (1509-1564) Foi um teólogo, pastor e reformador francês do século XVI, uma das figuras centrais da Reforma Protestante. Calvino é conhecido principalmente por seu trabalho teológico sistemático exposto nas Institutas da Religião Cristã, onde enfatizou a soberania absoluta de Deus, a predestinação e a autoridade exclusiva das Escrituras. Radicado em Genebra, Suíça, Calvino liderou a reforma da igreja local, promovendo uma organização eclesiástica rigorosa e uma vida cristã disciplinada. Sua teologia influenciou profundamente o protestantismo reformado, dando origem às tradições presbiteriana, reformada e congregacionalista, entre outras. Calvino também valorizou a educação, a ética do trabalho e a importância da fé prática na vida cotidiana do crente.

Joaquim de Andrade. (Francisco Joaquim de Andrade) Pastor, escritor e apologeta cristão brasileiro, conhecido por seu trabalho voltado à defesa da fé protestante e ao

combate às heresias e seitas. Joaquim de Andrade tem se destacado na produção de livros, artigos e palestras que abordam temas como a interpretação bíblica, a teologia sistemática e a apologética cristã. Seu ministério é marcado pela busca de fortalecer os cristãos na compreensão da Palavra de Deus e na capacidade de responder a desafios doutrinários e filosóficos contemporâneos. Além disso, ele atua na formação de líderes e na orientação de fiéis para uma vida cristã coerente e sólida. Sua contribuição é valorizada em círculos evangélicos que valorizam o ensino bíblico expositivo e a defesa da fé histórica.

João Flávio Martinez. É um pastor evangélico, teólogo e apologista cristão brasileiro, reconhecido por sua atuação na defesa da fé evangélica ortodoxa. Atualmente, é presidente e fundador do Centro Apologético Cristão de Pesquisas (CACP), organização interdenominacional dedicada ao estudo e combate de heresias e seitas religiosas. Graduado em História pela Faculdade Dom Bosco e em Teologia pela Escola e Faculdade Teológica das Assembleias de Deus (EETAD e FAETAD), Martinez também possui pós-graduação em Cultura Teológica pela mesma instituição. Especializou-se no estudo do islamismo, área

em que tem atuado como pesquisador e educador. É autor de diversos livros, incluindo Islã: sua influência nos grupos terroristas, Céu e Inferno: para onde vão os que morrem?, Como Responder aos Argumentos da CCB, Sabatismo à Luz da Bíblia e Calvinismo Recalcitrante. Além disso, é coautor da Bíblia Apologética de Estudos, editada pelo Instituto Cristão de Pesquisas (ICP). Em sua trajetória, tem enfrentado desafios legais e acusações por parte de grupos religiosos, como o islamismo, em virtude de suas publicações e posicionamentos críticos. Seu ministério inclui palestras, seminários e publicações que abordam temas como heresias, seitas, ideologias contemporâneas e a defesa da ortodoxia cristã. Por meio de sua atuação, busca equipar cristãos para responderem aos desafios doutrinários e culturais atuais.

John Knox (c. 1514–1572). Foi um reformador escocês e líder principal da Reforma Protestante na Escócia. Influenciado por Ulrico Zuínglio e João Calvino, Knox promoveu a adoção do protestantismo na Escócia, combatendo o catolicismo e a autoridade papal. Ele fundou a Igreja Presbiteriana, que se caracteriza por uma organização eclesiástica governada por presbíteros (anciãos) e uma forte ênfase na

pregação das Escrituras e na vida disciplinada dos crentes. Knox também foi ativo na esfera política, apoiando a reforma religiosa como base para a liberdade e a justiça social. Sua coragem e firmeza fizeram dele uma figura central na consolidação do protestantismo no Reino Unido.

John Wesley (1703–1791). Foi um clérigo anglicano inglês e o principal fundador do movimento metodista, que buscava um avivamento espiritual dentro da Igreja da Inglaterra no século XVIII. Wesley enfatizou a experiência pessoal da conversão, a santificação progressiva e a prática da fé por meio da oração, do estudo bíblico e do serviço cristão. Seu ministério itinerante alcançou milhares de pessoas, promovendo a pregação ao ar livre e a organização de pequenos grupos de discipulado. Wesley também defendeu a justiça social, o cuidado com os pobres e a educação. Seu legado influenciou profundamente o protestantismo evangélico, especialmente nos Estados Unidos e na Inglaterra, e o metodismo permanece uma das maiores tradições protestantes do mundo.

John Wycliffe (c. 1320–1384). Precursor da Reforma Protestante, viveu quase dois séculos antes dela. Wycliffe foi um teólogo e

reformador inglês que criticou duramente a corrupção da Igreja Católica de sua época, especialmente o poder excessivo do clero e a venda de indulgências. Ele defendeu a autoridade suprema das Escrituras sobre a tradição da Igreja e promoveu a tradução da Bíblia para o inglês, tornando as Escrituras mais acessíveis ao povo comum. Suas ideias influenciaram movimentos como os valdenses e, mais tarde, os reformadores do século XVI. Apesar de não ter organizado um movimento formal de reforma, Wycliffe é frequentemente chamado de “o precursor da Reforma” por seus ensinamentos que anteciparam muitos princípios do protestantismo.

Jorei. É uma prática espiritual central da Igreja Messiânica Mundial, fundada no Japão por Mokiti Okada no início do século XX. Trata-se de uma forma de transmissão de energia espiritual por meio das mãos, com o propósito de purificar o espírito e o corpo, promovendo a cura e o equilíbrio interior dos praticantes. O jorei é considerado uma bênção ou força vital que remove as impurezas espirituais causadoras de doenças e sofrimentos. Essa prática enfatiza a fé na energia divina, a simplicidade e a harmonia com a natureza, sendo aplicada em sessões individuais ou coletivas. Embora tenha

influências orientais, o jorei não está vinculado à tradição cristã e difere das orações e imposições de mãos típicas das igrejas cristãs.

José De Paiva Netto – Nascido em 2 de março de 1941, no Rio de Janeiro, é o sucessor de Alziro Zarur na liderança da Legião da Boa Vontade (LBV) e o principal propagador da chamada Religião de Deus, do Cristo e do Espírito Santo, doutrina criada a partir da LBV. Escritor prolífico, comunicador e dirigente carismático, Paiva Netto expandiu consideravelmente o alcance institucional e midiático da LBV, especialmente por meio da Super Rede Boa Vontade de Rádio e da TV Boa Vontade, veículos onde difunde seus ensinamentos espirituais com forte apelo emocional, filosófico e religioso. Sob sua liderança, a LBV ganhou contornos ainda mais espiritualistas e esotéricos, promovendo conceitos como reencarnação, mediunidade, pluralidade dos mundos habitados, redenção por boas obras, além de uma interpretação alegórica e não literal das Escrituras. Paiva Netto apresenta-se como um “educador espiritual” e considera-se um continuador da missão do próprio Cristo, adotando uma linguagem fortemente simbólica e universalista. Apesar de mencionar frequentemente Jesus, a Bíblia e

o Espírito Santo, sua teologia diverge radicalmente do cristianismo bíblico. À luz da fé evangélica histórica, Paiva Netto é visto como um líder de um movimento religioso alternativo, que distorce a doutrina cristã ao negar a suficiência da cruz de Cristo, a salvação exclusivamente pela fé e a autoridade única das Escrituras. Sua mensagem, centrada no “Novo Mandamento de Jesus” (amar como Ele amou), é moldada segundo um evangelho social e espiritualista, incompatível com o Evangelho da graça revelado nas Escrituras (Gálatas 1:6–9; Efésios 2:8, 9).

Joseph Smith Jr. Joseph Smith Jr. (1805–1844) foi o fundador da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Igreja Mórmon), estabelecida oficialmente em 1830 nos Estados Unidos. Ele alegava ter recebido revelações divinas e visões, incluindo a visita de Deus Pai, Jesus Cristo e anjos, e ter traduzido o Livro de Mórmon a partir de placas douradas encontradas em 1827. Smith estabeleceu uma nova teologia, que inclui a crença em Deus como um ser exaltado com corpo físico, a possibilidade de que os humanos possam se tornar deuses, e práticas como o batismo pelos mortos. Para Smith, Jesus é o Filho de Deus e o Salvador, mas não é entendido como coigual e consubstancial

ao Pai, divergindo do cristianismo tradicional. Sua vida terminou tragicamente quando foi assassinado em 1844, mas sua obra deu origem a uma das maiores religiões restauracionistas do mundo, com milhões de seguidores. A Bíblia, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e A Pérola de Grande Valor são seus livros sagrados.

Judaísmo. O Judaísmo é uma das religiões monoteístas mais antigas do mundo, fundada por Abraão por volta do século XVIII a.C., no antigo Oriente Médio, na região que hoje compreende Israel e territórios vizinhos. É a religião do povo judeu, baseada na crença em um único Deus verdadeiro, YHWH, que fez uma aliança especial com Israel. Seus textos sagrados principais são a Torá (os cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica), os Profetas e os Escritos, que juntos formam o Tanakh, e o Talmude, que contém comentários e leis rabínicas. As práticas centrais incluem a observância do sábado (Shabat), as festas religiosas como Pessach (Páscoa judaica), Yom Kipur (Dia da Expição) e Sucot, além de rituais como a circuncisão e a Kashrut (leis alimentares). O Judaísmo valoriza a justiça, a ética, e a responsabilidade comunitária, e embora não reconheça Jesus como o Messias, espera a vinda de um futuro salvador prometido.

Historicamente, o Judaísmo influenciou profundamente o cristianismo e o islamismo, sendo fundamental para a compreensão das raízes do monoteísmo e das tradições bíblicas.

Judas Macabeus. Foi um líder judeu do século II a.C., conhecido por liderar a revolta dos judeus contra o domínio opressor dos selêucidas, que tentavam impor a cultura helênica e proibir a prática da fé judaica. Como comandante dos irmãos Macabeus, Judas restaurou o Templo de Jerusalém e reestabeleceu o culto judaico, evento comemorado na festa de Hanukkah. Ele é celebrado por sua coragem, fé e compromisso em defender a liberdade religiosa e a identidade do povo de Deus. Sua história é narrada principalmente nos livros dos Macabeus, onde é apresentado como um herói nacional e espiritual que confiou na proteção divina para vencer as adversidades.

Judite. Judite é a heroína do livro deuterocanônico que leva seu nome, aceito como inspirado pela Igreja Católica e Ortodoxa, mas não reconhecido como canônico pelas igrejas evangélicas e protestantes. Ela era uma viúva piedosa e corajosa que, diante da ameaça do exército assírio comandado por Holofernes, arriscou

sua vida para salvar o povo de Israel. Com fé em Deus, Judite entrou no acampamento inimigo, encantou Holofernes com sua beleza, e quando ele adormeceu embriagado, ela o decapitou. Seu ato simboliza a vitória da fé, da astúcia e da fidelidade a Deus contra forças opressoras. O livro ressalta o poder de Deus para libertar seu povo por meios inesperados e a importância da coragem diante da adversidade.

Judite, Livro de. O Livro de Judite é um texto deuteroacanônico reconhecido pela Igreja Católica e Ortodoxa como Escritura inspirada, mas não aceito pelas igrejas evangélicas e protestantes. A narrativa, de cunho teológico e não histórico, relata a história de Judite, uma viúva israelita piedosa e corajosa, durante um cerco militar fictício à cidade de Betúlia por Holofernes, general assírio. O rei Nabucodonosor, apresentado como governante de Nínive, envia Holofernes para subjugar os povos do Ocidente, incluindo Israel. Após o cerco e o temor do povo, Judite se apresenta como resposta da fé em Deus: ela adorna-se, entra no acampamento inimigo, ganha a confiança de Holofernes e, aproveitando-se de sua embriaguez, o decapita. Retornando triunfante com sua cabeça, ela encoraja

Israel, que vence o inimigo. O livro exalta a fidelidade a Deus, a força da oração, a coragem da mulher virtuosa e a salvação vinda pela fé e obediência. Judite é modelo de santidade, astúcia e confiança plena no Deus de Israel.

Juízo Investigativo. O juízo investigativo é uma doutrina peculiar da Igreja Adventista do Sétimo Dia, formulada após o desapontamento de 1844, quando seguidores de William Miller previram erroneamente a volta de Cristo. Segundo essa doutrina, em 22 de outubro de 1844, Jesus teria iniciado uma nova, ou então, uma segunda fase de sua obra expiatória, em seu ministério no santuário celestial, passando do Lugar Santo para o Santíssimo, onde começou a julgar os professos crentes — analisando suas obras para determinar quem será salvo. Essa ideia não encontra base nas Escrituras, sendo refutada pela clareza do ensino bíblico de que o sacrifício de Cristo foi completo (João 19:30), que Ele entrou de uma vez por todas no Santo dos Santos (Hebreus 9:12) e que “nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Romanos 8:1). O juízo final, segundo a Bíblia, ocorrerá no futuro, e não está em andamento desde 1844 (Atos 17:31; Apocalipse 20:11-15). Assim, o juízo

investigativo é uma doutrina sem respaldo bíblico, que compromete a suficiência da obra redentora de Cristo.

Justo/justiça/justificação – Quando se estabelecem as regras e expectativas para um relacionamento entre pessoas, os que cumprem essas regras e expectativas são justos. O cumprimento delas se chama justiça. E a justificação é tudo o que se faz para que haja justos e justiça. Na relação entre Criador e criatura, só Deus é justo. (Deuteronômio 32:4; Salmo 7:9; 103:17; Zacarias 8:8; Apocalipse 15:3) O homem é pecador, pois violou as regras. (Gênesis 2:16, 17; 3:1-5; Romanos 5:12) Como o homem não pode se justificar devido ao pecado, Deus tomou a iniciativa em justificar o homem, ou seja, o pecado do homem arrependido e convertido a Cristo é imputado sobre Cristo, e a justiça de Cristo passa a ser imputada sobre o salvo, assim, ele é justificado. Por isso, Romanos 5:18 diz: “Portanto, assim como por uma só transgressão veio o julgamento sobre todos os homens para a condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação que produz vida”. Assim, Deus faz com que o homem salvo passe a ter um novo relacionamento com ele,

declarando-as justas, com base no sacrifício de Jesus Cristo.

K

Kaivalya. No jainismo, kaivalya é o estado supremo de libertação e isolamento da alma de todas as impurezas e do ciclo de renascimentos (samsara). É a condição em que a alma está completamente livre do karma, vivendo em perfeição absoluta, conhecimento infinito (kevala jnana) e bem-aventurança eterna. Kaivalya representa a verdadeira emancipação espiritual, onde a alma permanece pura, eterna e independente, sem mais sofrer nem desejar. Alcançar kaivalya é o objetivo final da prática jainista, simbolizando a perfeição e a liberdade absolutas.

Kama. No bramanismo, kama representa o desejo, o amor e o prazer, sendo um dos quatro objetivos legítimos da vida (purusharthas). Abrange não apenas a sexualidade, mas também o apreço pela beleza, arte, música e relações humanas saudáveis. No Bramanismo, busca-se o Kama

com moderação e dentro dos limites do Dharma. O famoso texto Kamasutra é uma expressão desse valor. Kama é visto como parte essencial da experiência humana, mas não o fim último da vida.

Karl Barth (1886–1968) foi um dos teólogos protestantes mais influentes do século XX, nascido na Suíça. É considerado o principal fundador da teologia dialética ou teologia neo-ortodoxa, que buscou renovar a fé cristã em resposta às limitações do liberalismo teológico dominante no final do século XIX e início do XX. Barth enfatizou a soberania de Deus e a centralidade absoluta de Jesus Cristo como a única verdadeira revelação de Deus, rejeitando a confiança excessiva na razão humana para compreender a divindade. Sua teologia é marcada pela ênfase na transcendência de Deus, na revelação divina pela Palavra e na necessidade da graça para a salvação. Sua obra mais conhecida é a monumental “Kirchliche Dogmatik” (Dogmática Eclesiástica), um tratado sistemático que abordou temas fundamentais da fé cristã, escrito ao longo de várias décadas. Outras obras importantes incluem “O Comentário ao Livro de Romanos” (1919), que marcou sua ruptura com o liberalismo, e “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”

(embora esta obra seja de Max Weber, Barth escreveu sobre temas éticos e sociais relevantes). Barth também teve papel ativo no movimento cristão contra o nazismo, participando da Declaração de Barmen (1934), que rejeitava a interferência do Estado na igreja. A teologia de Barth influenciou profundamente a teologia protestante, trazendo de volta a autoridade das Escrituras e o foco na pessoa de Cristo. Ele destacou que o ser humano só pode conhecer a Deus por meio da revelação em Jesus Cristo, não por mérito ou esforço humano. Seu impacto permanece significativo tanto na academia quanto na prática pastoral e na ética cristã contemporânea.

Karma. Trata-se de um conceito fundamental nas religiões indianas, mas também aparece com nuances em outras tradições. No budismo, karma é a lei moral de causa e efeito que governa as ações intencionais; boas ações geram frutos positivos e más ações, negativos, influenciando o ciclo de renascimentos (samsara), mas sem uma alma eterna envolvida, pois o budismo nega um eu fixo. No bramismo (fase antiga do hinduísmo védico), karma já era entendido como as consequências morais das ações, ligadas à manutenção da ordem cósmica e

social, mas de forma mais ritualística. No jainismo, karma é visto literalmente como partículas materiais que se prendem à alma, contaminando-a e causando sofrimento; a libertação se dá pela eliminação física dessas partículas por meio da ética rigorosa e da ascese. No judaísmo, embora não haja o conceito formal de karma, há uma forte ideia de que as ações humanas têm consequências diretas, refletidas na justiça divina e na retribuição moral, seja nesta vida ou após a morte, reforçando a responsabilidade ética pessoal. Já no hinduísmo, karma é uma lei universal que determina o destino da alma (atman), influenciando suas renascenças; é acumulado por ações intencionais e pode ser purificado por conhecimento, devoção e práticas espirituais, levando finalmente ao moksha, a libertação da roda de renascimentos.

Kenosis. Kenosis é um termo teológico que vem do grego “κένωσις”, que significa “esvaziamento”. Refere-se ao ato voluntário de Jesus Cristo ao “esvaziar-se” de sua glória divina ao encarnar-se como homem, conforme descrito em Filipenses 2:7: “esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens”. Esse conceito expressa como o Filho de Deus assumiu plenamente a

natureza humana, abrindo mão do uso independente de alguns atributos divinos para viver e sofrer como ser humano, sem deixar de ser verdadeiramente Deus. A kenosis é fundamental para entender a humildade e o sacrifício de Cristo na obra da redenção, demonstrando o amor e a obediência perfeita ao Pai.

Kevala jnana. É o conhecimento absoluto e ilimitado que a alma alcança quando é totalmente libertada das impurezas kármicas no jainismo. Esse estado representa a iluminação completa, em que a alma vê, entende e percebe tudo sem qualquer filtro ou limitação. Quem atinge kevala jnana torna-se um ser perfeito, um jina, livre das ilusões e sofrimentos do mundo. Esse conhecimento não depende de aprendizado externo, mas é a manifestação da pureza e da essência da alma. É um marco essencial no caminho para a libertação final (moksha).

Khvarenah. No zoroastrismo, significa “glória divina” ou “carisma real”. É um poder espiritual concedido por Ahura Mazda que confere autoridade legítima, sabedoria e sucesso ao líder justo. Reis e profetas eram vistos como possuidores dessa luz ou graça celestial.

Kippá. Pequeno gorro usado por judeus, especialmente homens, durante orações e em ocasiões religiosas, como sinal de respeito e reverência a Deus. Representa a consciência constante da presença divina acima de si.

Kosher. Termo judaico que significa “apropriado” ou “puro”, usado para descrever alimentos, utensílios e práticas que seguem as leis dietéticas judaicas. Manter kosher é um ato de obediência e identidade religiosa.

Kosher, dieta. Conjunto de leis judaicas alimentares que regulam o que é permitido comer. Inclui regras sobre tipos de alimentos, sua preparação e combinação, como não misturar carne com leite. É uma expressão da santidade e obediência a Deus.

Krishna. É uma das divindades mais reverenciadas do hinduísmo, considerado a oitava encarnação (avatar) de Vishnu. Krishna é ao mesmo tempo Deus supremo, herói mitológico e mestre espiritual. Ele aparece com destaque no Mahabharata, especialmente na Bhagavad Gita, onde guia Arjuna com ensinamentos sobre dever, desapego e devoção. Também é lembrado por suas histórias na infância e juventude,

como vaqueiro travesso e amante divino. Para os devotos do caminho bhakti, Krishna é o objeto supremo de amor, adoração e entrega total.

L

Lago de fogo. Termo bíblico que designa o lugar de punição eterna reservado para Satanás, seus anjos e todos os ímpios após o juízo final (Apocalipse 20:10,14-15). Descrito no livro do Apocalipse como um “lago que arde com fogo e enxofre”, simboliza o castigo definitivo e consciente, em contraste com a morte física ou a destruição temporária. O lago de fogo é o destino final daqueles que rejeitam a salvação em Jesus Cristo e persistem no pecado, sendo separado para sempre da presença de Deus. Essa doutrina ressalta a justiça e a santidade de Deus, mostrando que o mal será punido de forma irrevogável. Apesar de algumas correntes cristãs defenderem visões alternativas, como o aniquilacionismo ou o universalismo, a maioria das tradições históricas sustenta que o lago de fogo é um lugar real de sofrimento eterno, conforme ensinam passagens como

Mateus 25:46 e Marcos 9:43-48. A advertência do lago de fogo serve como motivação para o arrependimento e a fé em Cristo, que oferece salvação e escape dessa condenação (João 3:16-18).

Lakshmi. É a deusa hindu da riqueza, prosperidade, fortuna, beleza e fertilidade. Considerada consorte do deus Vishnu, ela é adorada por milhões de devotos que buscam bênçãos para abundância material e espiritual. Lakshmi é frequentemente representada com quatro mãos, simbolizando os quatro objetivos da vida humana — dharma (dever), artha (prosperidade), kama (desejo) e moksha (libertação). Durante o festival de Diwali, a deusa é especialmente venerada, quando os fiéis iluminam suas casas para atrair sua presença e bênçãos. Lakshmi também simboliza a pureza e a generosidade, sendo um ícone de bem-estar e harmonia.

Laozi. Considerado o fundador do taoismo, Laozi (ou Lao-Tsé) foi um filósofo chinês que teria vivido no século VI a.C., tradicionalmente creditado como o autor do Tao Te Ching, uma das principais obras do pensamento oriental. Sua filosofia enfatiza o Tao (o Caminho), a simplicidade, a humildade e a não-ação (wu wei) como princípios para

uma vida harmoniosa e sábia. Laozi influenciou profundamente a religião e a cultura chinesa, sendo venerado tanto como sábio quanto como figura semidivina no taoismo religioso.

Legião Da Boa Vontade (Lbv) – Fundada em 1º de janeiro de 1950, no Rio de Janeiro, por Alziro Zarur, a LBV é uma instituição brasileira de caráter religioso, espiritualista e assistencialista. Ela se autodefine como ecumênica, promovendo a união entre religiões e culturas, e atua em áreas como educação, assistência social e comunicação. Em seu início, tinha forte influência do espiritismo kardecista, embora adotasse o nome e a linguagem cristã. Posteriormente, sob a liderança de José de Paiva Netto, a LBV passou a propagar a chamada "Religião de Deus, do Cristo e do Espírito Santo", uma doutrina própria que mescla elementos do cristianismo com reencarnação, comunicação com os mortos, cosmologia espiritualista e forte apelo moral. A LBV utiliza versículos bíblicos em seus discursos, mas interpreta-os à luz de suas doutrinas particulares. Acredita na imortalidade da alma, na pluralidade das existências (reencarnação), e na salvação por meio da prática do bem e do amor, sem exclusividade na fé em Cristo como Salvador. A figura de

Jesus é exaltada, porém reinterpretada segundo uma ótica universalista e esotérica. Embora realize diversas ações filantrópicas, educacionais e culturais, e seja respeitada por seu trabalho social, a LBV se distancia nitidamente da teologia cristã ortodoxa. Ela não sustenta os pilares fundamentais da fé bíblica, como a salvação pela graça mediante a fé em Cristo (Ef 2:8-9), a autoridade exclusiva das Escrituras (2Tm 3:16), e a unicidade da revelação divina. Por isso, à luz da apologética cristã, a LBV deve ser classificada como um movimento espiritualista sincrético, que usa termos cristãos, mas distorce a mensagem bíblica. A fé cristã histórica não reconhece a LBV como uma igreja legítima do Corpo de Cristo.

Lei. Na Bíblia, a Lei de Deus, a qual é perfeita. (Salmo 19:7) No Antigo Testamento, a Lei dada a Israel continha 613 leis, visando mostrar ao homem que ele precisava de um Salvador, ou seja, a Lei apontava para a Graça em Cristo Jesus. Jesus, o Salvador veio, e os cristãos estão debaixo das leis que vigoram para os cristãos, e não mais estão debaixo das leis que se cumpriram em Cristo, ou que os apóstolos indicaram não mais estarmos sujeitos, como a lei da circuncisão. (Atos 15:22-29) Mas os cristãos estão debaixo da Lei do Cristo. – 1 Coríntios 9:21; Gálatas 6:2.

Livre-arbítrio. O livre-arbítrio é a capacidade dada por Deus ao ser humano para fazer escolhas conscientes e responsáveis, sem coerção externa, podendo optar pelo bem ou pelo mal. É um conceito fundamental na teologia cristã, pois explica a responsabilidade moral, o pecado e a necessidade da salvação. A Bíblia apresenta o livre-arbítrio como parte do design divino, permitindo que o homem ame a Deus por vontade própria, não por força ou destino inevitável (Deuteronômio 30:19; Josué 24:15). Na apologética, o livre-arbítrio é usado para responder a questões sobre o problema do mal e do sofrimento, enfatizando que Deus permite a liberdade humana para preservar a justiça e o amor genuíno. No entanto, há debates entre cristãos sobre a extensão e o funcionamento do livre-arbítrio, especialmente em relação à soberania divina e à predestinação.

Livro de Mórmon. O Livro de Mórmon é um texto sagrado da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mórmons), publicado pela primeira vez em 1830 por Joseph Smith. Segundo a tradição mórmon, o livro é uma tradução de placas de ouro que conteriam a história de antigos habitantes das Américas e seu relacionamento com Deus, incluindo a visita de Jesus Cristo ao

continente após sua ressurreição. O Livro de Mórmon é considerado pelos seus seguidores como uma escritura complementar à Bíblia, contendo doutrinas e relatos que reforçam a fé em Cristo. Entretanto, para o cristianismo tradicional, o Livro de Mórmon não é reconhecido como inspirado e suas alegações são rejeitadas por falta de respaldo histórico e bíblico.

Lobo. Na Bíblia, a palavra “lobo” é usada frequentemente de forma simbólica para representar falsos mestres, enganadores e pessoas perigosas para a fé e a comunidade cristã. Jesus alertou seus discípulos para se protegerem dos “lobos vorazes” que vêm disfarçados de ovelhas, mas na verdade querem destruir o rebanho (Mateus 7:15; João 10:12). Paulo também usa essa imagem para advertir contra aqueles que entram sorrateiramente nas igrejas, ensinando doutrinas falsas para lucrar ou causar divisão (Atos 20:29, 30). Portanto, o “lobo” simboliza a ameaça espiritual que exige vigilância, discernimento e firmeza na fé.

Logos. Palavra grega que significa “palavra”, “razão”, “discurso” ou “princípio”. No contexto bíblico e teológico cristão, o termo “Logos” é usado de forma especial no Evangelho de João (João 1:1-14) para se

referir a Jesus Cristo como a Palavra eterna e divina de Deus, o agente da criação e a revelação perfeita do Pai à humanidade. O Logos é apresentado como existente desde o princípio, coexistindo com Deus e sendo Deus, por meio de quem tudo foi feito. Ele se fez carne na pessoa de Jesus, habitando entre os homens para revelar o plano de salvação e o caráter de Deus. Na filosofia grega, o Logos também era entendido como uma razão universal ou princípio ordenante do cosmos, mas o Novo Testamento dá a esse conceito um significado único e pessoal, identificando o Logos com o Filho de Deus encarnado. Assim, o Logos expressa a verdade revelada, a sabedoria divina e a comunicação entre Deus e o homem, rompendo a distância entre o Criador e a criatura. A doutrina do Logos é fundamental para a cristologia, pois sustenta a divindade de Cristo, sua eternidade, sua obra criadora e redentora. O Logos é, portanto, o fundamento da fé cristã e da revelação, afirmando que Jesus não é apenas um mestre humano, mas o próprio Deus em forma humana, a Palavra viva e eterna que traz luz, vida e salvação a todos que creem.

M

Macabeus, Livros I e II dos. Os livros dos Macabeus são textos históricos e deuterocanônicos que narram a luta dos judeus liderados pela família dos Macabeus contra a dominação selêucida no século II a.C., especialmente durante a revolta que buscou preservar a fé e a identidade judaica diante da helenização forçada. O Primeiro e o Segundo Livro de Macabeus relatam eventos como a resistência de Judas Macabeu, a restauração do Templo e a celebração da festa de Hanukkah. Enquanto esses livros são aceitos como parte das Escrituras pela Igreja Católica e Ortodoxa, a maioria das igrejas evangélicas e protestantes não os considera canônicos, tratando-os como textos históricos e apócrifos. Eles ressaltam temas de coragem, fidelidade a Deus e luta pela liberdade religiosa. Em 2 Macabeus 12:43-46, é descrita uma coleta de dinheiro feita por Judas Macabeu para oferecer sacrifícios pelos mortos, com o objetivo de que fossem libertos de seus pecados. Essa prática é apresentada como “ação santa e piedosa”, e

o texto conclui afirmando que “é, pois, um pensamento santo e salutar orar pelos mortos, para que sejam livres dos seus pecados”. Essa passagem sustenta a ideia de intercessão e purificação após a morte, o que serviu de base para a doutrina católica do purgatório. No entanto, tal ensino é considerado heresia pelos cristãos protestantes, pois contradiz Hebreus 9:27: “...aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disso o juízo.” A Bíblia não autoriza orações ou sacrifícios em favor dos mortos, pois a salvação e o perdão são decididos unicamente em vida, pela fé em Cristo.

Macedonianismo. Heresia do século IV, apregoada por **Macedônio I de Constantinopla**, também chamado Macedônio, o Velho. Ele foi bispo de Constantinopla entre aproximadamente 342 e 360 d.C. Tal heresia negava a divindade do Espírito Santo, ensinando que Ele seria uma criatura subordinada ao Pai e ao Filho, semelhante aos anjos. Foi promovida por seguidores de Macedônio, ex-bispo de Constantinopla, que apesar de aceitar a divindade do Filho, recusava reconhecer o Espírito como plenamente Deus. Essa doutrina foi combatida por teólogos como Atanásio e os chamados "Capadóciolos"

(Basílio de Cesareia, Gregório de Nissa e Gregório Nazianzeno), que afirmaram a plena divindade do Espírito. O Concílio de Constantinopla I (381 d.C.) condenou o macedonianismo e afirmou que o Espírito Santo é Senhor e dá a vida, e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado, como declarado no Credo Niceno-Constantinopolitano.

Maçonaria. A Maçonaria é uma sociedade secreta e discreta, iniciática de caráter fraternal, filosófico e filantrópico, com origens modernas ligadas às corporações de pedreiros (maçons operativos) da Idade Média europeia, especialmente a partir de 1717, com a fundação da Grande Loja de Londres, considerada o marco da Maçonaria especulativa. Ela se expandiu rapidamente pela Europa e Américas. Seus adeptos não se consideram uma religião, mas em suas crenças estão contidos ensinamentos sobre Deus, salvação, vida após a morte, oração, etc., fazendo desta sociedade no mínimo um grupo religioso. A maçonaria aceita membros de várias crenças, desde que professem fé em um "Ser Supremo", denominado o "Grande Arquiteto do Universo". A Maçonaria valoriza princípios como liberdade, igualdade, fraternidade, moralidade, aperfeiçoamento pessoal e

ajuda mútua, utilizando rituais simbólicos e graus hierárquicos. Não tem um livro sagrado único, mas cada iniciado deve jurar sobre o livro considerado sagrado por sua fé pessoal — muitos usam a Bíblia, o Alcorão ou outros. Sobre Jesus, a Maçonaria não se pronuncia oficialmente, tratando-o como mestre moral, não reconhecendo-o necessariamente como Deus ou Salvador, o que contrasta com o cristianismo bíblico. Igrejas cristãs históricas, como a Católica e diversas evangélicas, condenam a participação de fiéis na Maçonaria, por vê-la como incompatível com a fé cristã.

Magogue. Nome mencionado na Bíblia, especialmente em Ezequiel 38–39, como chefe ou nação associada a um grande exército que se levantará nos últimos tempos contra Israel. Magogue é frequentemente identificado com povos do norte ou regiões ao redor do Mar Negro e Cáucaso, simbolizando as forças das trevas que se opõem ao povo de Deus. Na escatologia bíblica, a batalha de Gog e Magogue representa a luta final antes do juízo e da restauração definitiva do Reino de Deus. O significado exato e a localização de Magogue têm sido objeto de debates entre estudiosos, mas sua presença destaca a soberania divina sobre a história e o destino das nações. "Eis

que vem contra a terra de Israel o príncipe Gog, da terra de Magogue, chefe supremo de Meseque e Tubal." (Ezequiel 38:2)

Magos. Eram os sacerdotes zoroastristas da Pérsia antiga, encarregados de realizar rituais, manter o fogo sagrado e interpretar os textos religiosos. A palavra “mago” no Ocidente deriva deles. Os magos também eram estudiosos da astronomia e filosofia.

Maitreia. Figura messiânica presente em algumas correntes do budismo e em movimentos espiritualistas modernos, considerada o futuro “Buda da Bondade” que virá restaurar a justiça e a paz na Terra. No budismo tradicional, Maitreia é o bodhisattva que aparecerá após a era de Gautama Buda, trazendo um novo ensinamento. Em algumas seitas e movimentos esotéricos, Maitreia é reinterpretado como um mestre ascensionado ou um salvador mundial, frequentemente confundido com figuras do cristianismo ou outras religiões. Para o cristianismo, essas interpretações são vistas como falsas messianismos que desviam da única salvação em Jesus Cristo.

Maldição hereditária. A chamada maldição hereditária é a crença de que pecados ou

maldições lançadas sobre os antepassados podem afetar espiritualmente e materialmente os descendentes, gerando ciclos de enfermidades, vícios, pobreza ou desgraças que passam de geração em geração. Essa doutrina é popular em certos círculos neopentecostais e movimentos de libertação. Contudo, do ponto de vista bíblico e protestante, tal conceito é equivocado. Textos como Ezequiel 18:1-4 e 18:19, 20 deixam claro que "o filho não levará a maldade do pai", e que "a alma que pecar, essa morrerá", enfatizando a responsabilidade individual diante de Deus. Além disso, em Cristo, toda maldição é quebrada: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós" (Gálatas 3:13). Portanto, quem está em Cristo é nova criatura (2 Coríntios 5:17) e não está sob maldições hereditárias, mas sob a graça redentora de Deus. A doutrina da maldição hereditária, além de antibíblica, pode gerar medo e dependência espiritual indevida de líderes religiosos.

MAHĀYĀNA – Termo sânscrito que significa “Grande Veículo”. É uma das principais correntes do budismo, surgida por volta do século I d.C. como uma resposta ao budismo mais tradicional do Theravāda. O Mahāyāna propõe um caminho mais acessível a todos os

seres, e não apenas aos monges, promovendo o ideal do **bodhisattva** – aquele que adia sua própria iluminação para ajudar outros a alcançarem o nirvana. Seus textos sagrados incluem os **Sutras Mahāyāna**, muitos dos quais não são aceitos pelos theravādins. Há também uma ênfase maior em aspectos místicos e em figuras iluminadas quase divinas, como Avalokiteśvara e Amitābha. O Mahāyāna é predominante no Tibete, China, Japão, Coreia e Vietnã. Tem uma abordagem mais flexível, menos centrada em regras monásticas estritas, e mais voltada ao altruísmo e compaixão universais.

Mahavira. Foi o 24º e último Tirthankara do jainismo, considerado o maior reformador e líder espiritual da religião. Viveu por volta do século VI a.C. e ensinou os princípios centrais do jainismo, como ahimsa (não-violência), aparigraha (desapego) e anekantavada (multiperspectivismo). Mahavira enfatizou a disciplina rigorosa, a meditação e a busca pela libertação da alma do ciclo de renascimentos. Sua vida e ensinamentos são a base para a prática e a filosofia jainistas até hoje, sendo profundamente reverenciado como modelo de perfeição espiritual.

Mandala. No budismo, desenho geométrico simbólico que representa o universo espiritual. Muito usado na meditação, especialmente no Budismo Vajrayana. As mandalas podem ser feitas com areia colorida, pintadas ou visualizadas mentalmente. Representam também o caminho para a iluminação, com o centro simbolizando a consciência desperta. Ao contemplá-las, o praticante treina a mente para a concentração e compreensão da impermanência.

Maniqueísmo. Doutrina religiosa dualista fundada por Mani no século III, que afirma a existência de duas forças eternas e opostas: o bem, associado à luz, e o mal, associado às trevas. Essa visão vê o mundo como um campo de batalha entre esses dois princípios irreconciliáveis, negando a soberania única e absoluta de Deus sobre tudo. O maniqueísmo rejeita a criação divina como boa e considera o corpo e a matéria como intrinsecamente maus. Foi combatido pela Igreja primitiva por contrariar os ensinamentos bíblicos sobre a criação, a natureza do mal e a unidade de Deus. Ainda hoje, seus princípios influenciam algumas correntes filosóficas e religiosas.

Mantra. Uma palavra, frase ou som sagrado repetido com intenção espiritual, presente

em várias religiões, mas com usos e significados específicos. No budismo, mantras são sílabas ou frases repetidas para meditação, proteção e invocação de qualidades divinas, especialmente em tradições como o budismo tibetano, onde mantras como “Om Mani Padme Hum” são centrais para cultivar compaixão e sabedoria. No bramanismo (fase antiga do hinduísmo védico), mantras são versos sagrados recitados durante rituais para invocar deuses, purificar o ambiente e manter a ordem cósmica; eram parte essencial dos sacrifícios védicos. No jainismo, mantras são usados em orações e cerimônias para venerar os Tirthankaras e para focar a mente, embora a ênfase esteja mais na ética e na prática ascética do que em poderes mágicos. No hinduísmo, mantras são sons sagrados que carregam vibrações espirituais poderosas, usados para meditação, proteção, cura e conexão com o divino, como o famoso “Om” ou os mantras dedicados a diversas divindades. No xintoísmo, os mantras são orações ou cânticos dedicados aos kami (espíritos ou deuses), usados para purificação, bênçãos e comunicação com o mundo espiritual, muitas vezes entoados em rituais nos santuários. No zoroastrismo, embora não use mantras no sentido indiano, há fórmulas sagradas e orações (como o

Yasna) recitadas para invocar Ahura Mazda e forças do bem, funcionando de forma semelhante em termos de devoção. No siquismo, mantras incluem os Gurbani (versos sagrados do Guru Granth Sahib), recitados para meditação, lembrança de Deus e purificação do coração; o nome “Waheguru” é frequentemente usado como mantra. No taoismo, os mantras são usados em práticas rituais para harmonizar energias, invocar divindades e alcançar a longevidade e imortalidade, consistindo em sons ou frases específicas que reverberam o Tao. No confucionismo, não há propriamente mantras, mas sim recitação e estudo dos textos clássicos como forma de cultivar virtudes e sabedoria; o foco está na ética e educação mais do que em práticas místicas.

Maomé. Foi o fundador do islamismo, nascido por volta de 570 d.C. em Meca, na Península Arábica. Considerado pelos muçulmanos como o último profeta enviado por Deus (Alá), Maomé recebeu as revelações que compõem o Alcorão, livro sagrado do Islã. Ele pregou o monoteísmo estrito, a submissão à vontade de Deus e a necessidade de seguir os cinco pilares do Islã. Embora respeitado no contexto islâmico como profeta e mensageiro, Maomé não é reconhecido como profeta legítimo pelo

cristianismo, que entende Jesus Cristo como o único Mediador e Salvador. A vida e os ensinamentos de Maomé moldaram profundamente a religião, a cultura e a história dos povos islâmicos ao longo dos séculos. Centralizadas no monoteísmo absoluto, Maomé ensinou que há um único Deus, chamado Alá, e que ele é o último e maior profeta enviado para guiar a humanidade. Suas crenças estão expressas no Alcorão, que ele afirmou ter recebido como revelação divina. Entre as principais crenças estão: a existência de um único Deus; a necessidade da submissão total a Sua vontade; a importância da oração cinco vezes ao dia; a caridade obrigatória; o jejum durante o mês do Ramadã; a peregrinação a Meca (Hajj) ao menos uma vez na vida, se possível; e a crença no Dia do Juízo, com recompensas e punições eternas. Maomé também ensinou sobre a natureza do ser humano, o pecado, e a obrigação de seguir a lei divina revelada, conhecida como Sharia. Essas crenças formam a base do Islã, que é seguido por mais de um bilhão de pessoas no mundo.

Maranata. Palavra aramaica que significa “Vem, Senhor!” ou “Nosso Senhor, vem!” usada pelos primeiros cristãos como expressão de esperança na volta iminente de

Jesus Cristo. Aparece em 1 Coríntios 16:22 como um apelo fervoroso pela manifestação do Senhor e pela consumação do Reino de Deus. Maranata revela o anseio da igreja primitiva por justiça, redenção e plenitude da presença divina, servindo como oração e proclamação de fé. Para os cristãos hoje, continua sendo um lembrete da urgência em viver em santidade e prontidão para a segunda vinda de Cristo.

Marcionismo. O Marcionismo foi uma heresia cristã fundada por Marcião de Sinope por volta do século II d.C., na região da Ásia Menor. Marcião rejeitava o Deus do Antigo Testamento, considerando-o um deus inferior e vingativo, distinto do Deus amoroso revelado por Jesus Cristo no Novo Testamento. Ele elaborou uma versão própria das Escrituras, incluindo apenas um evangelho editado (conhecido como Evangelho de Marcião) e algumas epístolas de Paulo, excluindo completamente o Antigo Testamento e outras partes do Novo. Seus ensinamentos negavam a plena divindade de Jesus, afirmando que Ele não teria encarnado em um corpo humano verdadeiro, mas apenas aparecido como um ser espiritual (docetismo). O Marcionismo foi condenado como heresia pelas igrejas cristãs primitivas e desapareceu gradualmente, mas influenciou

debates teológicos sobre a relação entre o Antigo e o Novo Testamento e a natureza de Cristo. Jesus, segundo o marcionismo, é uma manifestação do Deus supremo, distinto do criador do mundo material, que eles rejeitavam. Há marcionistas entre nós hoje, recriando as ideias de Marcião.

Mariolatria. Termo teológico usado, especialmente por cristãos protestantes, para descrever a adoração indevida de Maria, mãe de Jesus, algo considerado idolatria por ultrapassar os limites do culto permitido pelas Escrituras. Enquanto a Mariologia é o estudo teológico sobre Maria, Mariolatria critica práticas devocionais que atribuem a Maria funções exclusivas de Cristo, como mediação universal, onipresença espiritual ou papel na redenção (cf. 1 Timóteo 2:5). O termo é geralmente usado para contestar dogmas como a intercessão mariana, o título de “Mãe de Deus” em sentido ontológico e expressões de culto que parecem colocar Maria em igualdade com Deus. A teologia protestante defende que Maria deve ser honrada como a serva fiel do Senhor (Lucas 1:38), mas jamais adorada, pois somente Deus é digno de culto e adoração (Êxodo 20:3; Apocalipse 22:8, 9).

Mariologia. O ramo da teologia cristã que se dedica ao estudo da pessoa, papel e importância de Maria, mãe de Jesus. Nas tradições católica e ortodoxa, a Mariologia desenvolveu doutrinas como a imaculada concepção, a virgindade perpétua, a maternidade divina, a assunção e o papel de Maria como intercessora e “mãe da Igreja”. Já o protestantismo, em sua maioria, reconhece Maria como bem-aventurada entre as mulheres (Lucas 1:48), virgem na concepção de Cristo e serva obediente de Deus, mas rejeita a veneração mariana e os dogmas que não têm base clara nas Escrituras. A Mariologia protestante defende que a centralidade da fé deve estar em Cristo, e não em Maria, mantendo respeito por sua figura, mas sem atribuir-lhe funções mediadoras ou títulos além dos que a Bíblia revela.

Martin Bucer (1491–1551). Foi um reformador protestante alemão que teve papel importante na Reforma na região da Alsácia e na cidade de Estrasburgo. Bucer trabalhou para promover a unidade entre os diferentes grupos reformados, buscando reconciliar as divergências entre luteranos e reformados, especialmente nas questões da Ceia do Senhor e da organização eclesiástica. Ele também influenciou a Reforma na

Inglaterra e na França por meio de seus escritos e conselhos a líderes religiosos. Bucer defendia uma abordagem prática da teologia, enfatizando a moralidade cristã e a importância da igreja na vida social. Sua influência foi significativa no desenvolvimento do protestantismo continental, embora tenha enfrentado resistência de algumas facções.

Martinho Lutero. (1483–1546) Foi um monge, professor e teólogo alemão do século XVI, reconhecido como o principal iniciador da Reforma Protestante. Em 31 de outubro de 1517, Lutero afixou suas 95 Teses na porta da Igreja de Wittenberg, contestando práticas da Igreja Católica, especialmente a venda de indulgências, e chamando a atenção para a necessidade de retorno à autoridade das Escrituras e à justificação pela fé somente (Sola Fide). Seus ensinamentos enfatizaram que a salvação é um dom gratuito de Deus, recebido pela fé em Jesus Cristo, e não por obras ou méritos humanos. Lutero traduziu a Bíblia para o alemão, tornando as Escrituras acessíveis ao povo, e suas ideias provocaram profundas mudanças religiosas, culturais e sociais na Europa. Ele enfrentou forte oposição da Igreja Católica, foi excomungado, mas seus escritos e a mobilização de seus seguidores deram

origem a diversas denominações protestantes.

Mártir. Aquele que sofre a morte ou grandes sofrimentos por manter a sua fé religiosa, especialmente no contexto cristão. Desde os primeiros séculos da Igreja, os mártires foram aqueles que, mesmo sob ameaça, tortura ou execução, recusaram renunciar a Jesus Cristo, testemunhando publicamente a fé até o fim. O testemunho dos mártires é considerado um exemplo supremo de fidelidade a Deus e inspiração para os demais fiéis, visto como “testemunho de sangue”. A Bíblia relata vários mártires, e o Novo Testamento exalta seu papel na propagação do evangelho e na edificação da Igreja (como Estêvão, o primeiro mártir cristão, Atos 7), e aqueles que morreram pelo testemunho de Jesus (Apocalipse 6:9-11). Muitas tradições cristãs veneram os mártires, lembrando-os em dias especiais e celebrando sua coragem e santidade. Jesus Cristo é considerado o maior mártir, pois deu a vida voluntariamente para a salvação da humanidade.

Maya. No bramanismo, maya é a ilusão que encobre a verdadeira realidade e faz o ser humano acreditar que o mundo fenomênico é absoluto. No Bramanismo, Maya é vista

como a força que oculta Brahman e prende o ser ao ciclo do samsara. O despertar espiritual requer romper a ilusão de Maya por meio do conhecimento (jnana). Maya não é maligna, mas uma realidade relativa e transitória. Entender sua natureza é essencial para a libertação.

Meca. É uma cidade sagrada localizada na Península Arábica, na atual Arábia Saudita, considerada o lugar de nascimento do profeta Maomé e o centro espiritual do islamismo. É o destino da peregrinação anual chamada Hajj, um dos cinco pilares do Islã, que todo muçulmano deve realizar pelo menos uma vez na vida, se tiver condições físicas e financeiras. Meca abriga a Kaaba, um cubo de pedra dentro da Mesquita Sagrada (Masjid al-Haram), para onde os muçulmanos do mundo todo dirigem suas orações diárias (qibla). Antes do advento do Islã, Meca já era um importante centro comercial e religioso, abrigando diversos cultos pagãos, que foram substituídos pelo monoteísmo promovido por Maomé. Hoje, Meca continua sendo o principal local de culto e peregrinação para mais de um bilhão de muçulmanos ao redor do mundo.

Mediador. Título atribuído a Jesus Cristo, que atua como intermediário entre Deus e os

seres humanos, reconciliando a humanidade com o Pai por meio de Sua obra redentora (1 Timóteo 2:5). Como Mediador, Jesus representa tanto a divindade quanto a humanidade, tornando possível a comunicação e o perdão dos pecados. Essa função exclui qualquer necessidade de outro mediador, afirmando que a salvação só é obtida por Ele. O papel de Mediador evidencia a justiça e a misericórdia de Deus, ao mesmo tempo em que destaca a exclusividade do evangelho. É um dos pilares fundamentais da fé cristã.

Mediunidade. A mediunidade é a suposta capacidade de certas pessoas, chamadas médiuns, de comunicar-se com espíritos dos mortos ou outras entidades espirituais, servindo como intermediárias entre o mundo físico e o espiritual. Essa prática é central no espiritismo kardecista e em diversas correntes esotéricas e ocultistas. Do ponto de vista bíblico e apologético cristão, a mediunidade é condenada como uma forma de espiritismo proibida pelas Escrituras (Deuteronômio 18:10-12; Levítico 19:31)), que advertem contra o contato com os mortos e práticas ocultas. A Bíblia ensina que a comunicação com o mundo espiritual deve ocorrer somente por meio de Deus e do Espírito Santo, e não por canais humanos

intermediários. Além disso, a mediunidade pode abrir portas para enganos demoníacos e influências malignas (1 Timóteo 4:1). Portanto, para o cristão, a mediunidade é uma prática incompatível com a fé e com a confiança na revelação e autoridade da Palavra de Deus.

Memorial (Ceia). A doutrina do memorial, ou ceia memorial, é a crença adotada por muitas igrejas protestantes, como batistas, presbiterianas e evangélicas em geral, que interpreta a Ceia do Senhor (Eucaristia) como um ato simbólico de lembrança e celebração da morte de Jesus Cristo. Segundo essa visão, o pão e o vinho não se transformam nem contêm a presença real do corpo e sangue de Cristo, mas são símbolos que ajudam os fiéis a recordar o sacrifício de Cristo na cruz e a renovar sua fé. Essa interpretação baseia-se principalmente nas palavras de Jesus em Lucas 22:19: “Fazei isto em memória de mim.” Para os defensores do memorial, a Ceia é um momento de comunhão espiritual com Cristo, mas não envolve transformação física ou presença corporal. Essa doutrina rejeita tanto a transubstanciação católica quanto a consubstanciação luterana, enfatizando o aspecto pedagógico e simbólico do rito, mantendo a centralidade

da fé na obra única e suficiente de Cristo para a salvação.

Menorá. No judaísmo, Menorá é um candelabro de sete braços feito de ouro, usado no Templo de Jerusalém como símbolo da presença de Deus e da luz espiritual que ilumina o mundo. Descrita em Êxodo 25:31-40, a Menorá era acesa diariamente pelos sacerdotes e representa a sabedoria, a iluminação divina e a criação em seu aspecto espiritual. Além da Menorá tradicional, há a Menorá de oito braços usada na festa de Chanucá, que comemora a restauração do Templo e o milagre do óleo. A Menorá é um dos mais antigos símbolos do judaísmo e permanece presente na arte, na liturgia e até no brasão do Estado de Israel, refletindo a continuidade e a esperança do povo judeu.

Menno Simons (1496–1561). Foi um líder cristão e reformador anabatista neerlandês, cuja influência foi decisiva para o desenvolvimento do movimento menonita. Originalmente padre católico, Menno abandonou a Igreja Romana após abraçar as ideias da Reforma e rejeitar o batismo infantil, defendendo o batismo somente de crentes conscientes (batismo de crentes). Ele pregava a separação da igreja e do Estado, o pacifismo absoluto e uma vida cristã

centrada na humildade, no amor e na não-violência. Seus escritos e liderança ajudaram a organizar e consolidar comunidades anabatistas que buscavam viver segundo os ensinamentos do Novo Testamento, especialmente a seguir o exemplo de Jesus em termos de paz e justiça. Os menonitas descendem diretamente de seu movimento.

Meso-tribulacionismo. Doutrina escatológica que ensina que o arrebatamento da Igreja ocorrerá **no meio da Grande Tribulação**, dividindo esse período de sete anos em duas partes iguais. Segundo essa visão, a Igreja enfrentará a primeira metade da tribulação, marcada por dificuldades e julgamentos, mas será arrebatada antes da parte mais intensa e destrutiva da segunda metade, conhecida como “Grande Tribulação” propriamente dita. O miditribulacionismo procura conciliar a ideia de que os cristãos passarão por provas e perseguições, conforme alertado nas Escrituras (Mateus 24:21), com a esperança de serem poupados do pior da ira divina (1 Tessalonicenses 5:9). Essa posição é vista como um meio-termo entre o pré-tribulacionismo, que defende arrebatamento antes da tribulação, e o pós-tribulacionismo, que acredita que a Igreja passará por toda a tribulação. O miditribulacionismo é menos

comum que as outras posições, mas oferece uma interpretação que enfatiza a necessidade de perseverança dos crentes diante da perseguição, ao mesmo tempo em que mantém a promessa de livramento antes do juízo final da tribulação.

Mesquita. Mesquita é o local de culto dos muçulmanos, equivalente a um templo ou igreja nas demais religiões. É um espaço sagrado onde os fiéis se reúnem, especialmente para as orações coletivas de sexta-feira (Jumu'ah). As mesquitas possuem geralmente um minarete (torre de onde se chama para a oração), um mihrab (nicho na parede que indica a direção de Meca), e uma área ampla para oração, onde homens e mulheres oram separados. Além de servir como lugar de adoração, a mesquita também funciona como centro comunitário, educacional e, em alguns casos, político. Não há imagens ou representações divinas em seu interior, pois o islamismo proíbe a idolatria.

Messias. Termo hebraico (Mashiach) que significa "ungido", traduzido no grego como Christos, de onde vem “Cristo”. No Antigo Testamento, o Messias é a figura prometida por Deus que viria para libertar e restaurar o Seu povo, sendo descendente de Davi (Isaías

9:6, 7; Jeremias 23:5, 6). Os judeus aguardavam um líder político e militar, mas a revelação neotestamentária mostra que Jesus de Nazaré é o verdadeiro Messias, vindo não apenas para libertar Israel, mas para salvar toda a humanidade do pecado (João 1:41; Atos 2:36). Como Messias, Jesus cumpriu as profecias messiânicas, foi ungido com o Espírito Santo (Lucas 4:18), morreu como sacrifício substitutivo, ressuscitou e reinará eternamente. O título “Messias” é, portanto, central na fé cristã, expressando a missão salvadora de Jesus como o Ungido de Deus para redimir o mundo.

Mestre. Professor, guia. Jesus disse: “Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi; porque um só é o vosso Mestre, e todos vós sois irmãos”. (Mateus 23:8) Em sentido absoluto, só Jesus é nosso mestre. Mas o que Jesus quer condenar aqui é a louca e ansiosa busca de posição, querendo ser o maior de todos. Mas ser mestre está incluído entre os ofícios que edificam a Igreja. (Efésios 4:11, 12) Ou seja, podemos ser mestres em sentido relativo, como instrutores em constante aprendizado com o mestre dos mestres, Jesus.

Metanóia. Palavra grega que significa “arrependimento” ou “mudança de mente”,

fundamental na mensagem do evangelho. Na teologia cristã, metanóia refere-se à transformação interior que ocorre quando a pessoa se volta de seus pecados e se dirige a Deus em fé. Não é apenas remorso, mas uma conversão profunda que envolve renúncia ao pecado e compromisso com uma vida nova em Cristo (Atos 3:19). Essa mudança é obra do Espírito Santo, que convence o indivíduo do pecado e o conduz ao novo nascimento. Metanóia é o ponto de partida para a santificação e comunhão com Deus.

Miguel. Arcanjo mencionado na Bíblia como um príncipe celestial e defensor do povo de Deus (Daniel 10:13; Judas 1:9; Apocalipse 12:7). Miguel é visto como o líder dos exércitos celestiais na batalha contra Satanás e seus anjos, simbolizando a proteção divina contra as forças do mal. Embora poderoso, Miguel não é adorado, pois é uma criatura criada por Deus, diferente de Cristo, que é Deus encarnado. Na teologia cristã, Miguel representa a justiça e o poder de Deus em ação no mundo espiritual, servindo como um protetor dos fiéis e agente da vitória divina. Veja Arcanjo.

Mil anos (Milênio). Para Deus, mil anos é como um dia. (Salmo 90:4; 2 Pedro 3:8) Ou seja, o tempo de Deus não é o nosso. A Bíblia

também menciona seis vezes os mil anos em linguagem escatológica, ou seja, referente às últimas coisas. Em Apocalipse 20, lemos que Deus acorrenta o Diabo por mil anos para não desencaminhar as nações da terra (vv. 2, 3), depois fala-se de pessoas revivendo para reinar com Cristo por mil anos (v. 4), sobre outros mortos reviverem no final dos mil anos (v. 5), sobre sacerdotes reinarem com Jesus durante mil anos (v. 6), e, finalmente, no final dos mil anos, Satanás ser solto da prisão (v.7) Sobre esses mil anos, há os premilenistas, que defendem a literalidade dos mil anos. Eles creem que Jesus Cristo volta, leva a Igreja aos céus, após sete anos retorna para a terra, e daí então começam os mil anos. Mas os amilenistas (ou amilenaristas) defendem que estes mil anos sejam simbólicos, e que representam o tempo em que a Igreja governa na terra como nação santa, sacerdócio real (1 Pedro 2:9), todavia, antes da volta de Jesus terminam esses mil anos simbólicos, Satanás é solto de sua prisão (um símbolo de sua limitação) e inicia um ataque ferrenho contra a humanidade. Então Cristo vem e destrói esse mundo e leva a Igreja para os novos céus e a nova terra.

Misericórdia. Enquanto a graça significa receber o que não merecemos, misericórdia

significa não receber o que merecemos. Como pecadores, merecemos a morte eterna. Mas ele não nos pune com ela, quando somos convertidos a Cristo. Pedir a misericórdia de Deus significa pedir que ele não nos puna. (Salmo 4:1; 6:4) Deus tem misericórdia com quem confessa o pecado e o abandona. (Provérbios 28:13) Podemos também ser misericordiosos com outros, o que inclui o perdão, e quem age assim será tratado com misericórdia. - Mateus 5:7.

Misticismo. Busca espiritual intensa por união direta e pessoal com Deus ou a realidade divina, frequentemente por meio de experiências subjetivas, visões ou estados alterados de consciência. No cristianismo, embora haja lugar para comunhão íntima com Deus, o misticismo pode se tornar problemático quando prioriza sentimentos e experiências acima da Palavra revelada e da doutrina. Muitas vezes, o misticismo enfatiza práticas esotéricas ou ocultas, desviando a fé para o emocional e o sobrenatural não fundamentado na Bíblia. Por isso, a teologia ortodoxa alerta para o equilíbrio entre relacionamento pessoal com Deus e fidelidade à Escritura.

Mitra 1. Touca ou barrete usado tradicionalmente por bispos e altos líderes da

igreja, especialmente na liturgia católica e em algumas tradições ortodoxas. A mitra simboliza a autoridade espiritual, a dignidade do cargo e a responsabilidade pastoral sobre o rebanho de Deus. Sua forma lembra uma coroa ou uma tiara, representando o ofício sacerdotal e o chamado para governar com justiça e santidade. Embora tenha origem em práticas antigas, a mitra não possui significado bíblico direto, sendo mais um símbolo histórico e cultural dentro da tradição eclesiástica.

Mitra, deus. Deus persa do sol, da justiça e dos contratos, cultuado principalmente no Império Romano durante os séculos I a IV d.C. O mitraísmo era uma religião misteriosa e sincrética, com rituais secretos e iniciações, que influenciou várias práticas religiosas da antiguidade. Mitra era visto como um mediador entre os deuses e os homens, protetor dos soldados e guardião da verdade. Apesar de ter muitos adeptos, especialmente entre os militares romanos, o mitraísmo foi suprimido com o avanço do cristianismo. Seu culto destaca-se como um exemplo de religiões pagãs que competiram com a fé cristã nos primeiros séculos. Mithra no Zoroastrismo é uma divindade importante associada à verdade, justiça, pacto e luz. Originalmente uma antiga figura do panteão

iraniano, Mithra foi integrado ao sistema zoroastriano como um dos seres espirituais subordinados a Ahura Mazda, o Deus supremo. Ele atua como guardião dos contratos e promotor da fidelidade, assegurando que os acordos sejam cumpridos e que a justiça prevaleça. Mithra também desempenha um papel fundamental no juízo final, ajudando a separar os justos dos ímpios na travessia da ponte Chinvat após a morte. Embora venerado como um espírito benevolente e poderoso, Mithra não é considerado um deus independente, mas um agente de Ahura Mazda na manutenção da ordem cósmica e moral.

Mitzvá. Mitzvá (plural mitzvot) significa “mandamento” ou “preceito” em hebraico e refere-se às leis e ordens dadas por Deus ao povo de Israel, principalmente na Torá. Existem 613 mitzvot tradicionais, abrangendo deveres religiosos, éticos, sociais e cerimoniais, que orientam a vida do judeu em relação a Deus, ao próximo e à comunidade. Cumprir as mitzvot é considerado essencial para manter a aliança com Deus e viver uma vida santa e justa. Elas incluem mandamentos como guardar o Shabat, observar a alimentação kosher e praticar a justiça social. A importância das mitzvot é enfatizada em Deuteronômio 6:5,

6: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração... Guardarás estas palavras no teu coração...”

Modalismo. É uma heresia antitrinitária que ensina que Deus é uma única pessoa que se manifesta em três modos ou aspectos diferentes — Pai, Filho e Espírito Santo — em diferentes momentos, em vez de ser três pessoas distintas e coexistentes na divindade. Também conhecido como sabelianismo ou monarquianismo modalista, essa doutrina nega a personalidade e a simultaneidade das pessoas da Trindade, reduzindo-as a manifestações temporárias da mesma pessoa divina. O modalismo foi condenado pela Igreja primitiva por contrariar a revelação bíblica que mostra o Pai, o Filho e o Espírito Santo como pessoas distintas, interagindo entre si (João 1:1-3; Mateus 3:16-17). Essa visão compromete a compreensão correta da natureza de Deus e da encarnação do Filho.

Mokiti Okada. Mokiti Okada (1882–1955), também conhecido como Meishu-Sama, foi o fundador da Igreja Messiânica Mundial (Sekai Kyūsei Kyō), estabelecida oficialmente no Japão em 1935. Ele afirmava ter recebido revelações divinas para iniciar uma nova era espiritual e promover a salvação da

humanidade por meio da purificação da mente, do corpo e do espírito. A Igreja Messiânica ensina que a salvação ocorre por meio de três pilares: Johrei (canalização de luz espiritual para purificar o espírito e curar doenças), arte e beleza (valorização do belo como expressão do divino) e agricultura natural (sem o uso de agrotóxicos, respeitando a harmonia com a natureza). O objetivo é instaurar o Paraíso Terrestre. Sobre Jesus, a igreja o respeita como um grande mestre espiritual, mas não o reconhece como o Filho de Deus ou Salvador exclusivo da humanidade. Seu livro sagrado é composto principalmente pelos escritos de Mokiti Okada, considerados revelações diretas. Do ponto de vista cristão ortodoxo, a Igreja Messiânica apresenta heresias sérias, como a negação da divindade de Cristo, da salvação pela graça mediante a fé e da suficiência das Escrituras. Ela mistura conceitos do xintoísmo, budismo, cristianismo e espiritismo japonês, sendo, portanto, uma religião sincretista e não cristã.

Moksha. Moksha é a libertação final (jainismo e bramanismo) do ciclo de renascimentos e da ignorância. Ao alcançar moksha, a alma experimenta a bem-aventurança eterna, conhecimento infinito

(kevala jnana) e existência pura, sem mais sofrimento ou limitações. É o objetivo supremo da prática jainista, simbolizando a verdadeira emancipação espiritual e o fim de todas as aflições mundanas. No Bramanismo, é o estado de união do Atman com o Brahman, quando todo sofrimento e ilusão cessam. É o objetivo supremo da vida espiritual. Moksha é alcançada por meio do autoconhecimento, da renúncia, da meditação e da sabedoria. Enquanto Artha e Kama são transitórios, Moksha é eterna. É um estado de paz plena e realização do ser. ☐ No hinduísmo, também é a libertação do ciclo de renascimentos, mas implica na união do atman com Brahman, o absoluto divino. Muitos hindus veem moksha como a dissolução da individualidade na realidade suprema.

Moloque. Deus pagão associado a sacrifícios, especialmente de crianças, condenado veementemente na Bíblia por sua crueldade e idolatria (Levítico 18:21; Jeremias 32:35). O culto a Moloque envolvia rituais abomináveis, incluindo a oferta de crianças queimadas no fogo como sacrifício, prática proibida por Deus e severamente punida no Antigo Testamento. Moloque simboliza a rejeição total da vida e da santidade que Deus deseja para seu povo, representando o

ápice da perversidade e do desvio espiritual. A Bíblia usa o nome para alertar contra qualquer forma de idolatria ou sacrifício humano, ressaltando a necessidade de fidelidade a Deus.

Monaquismo. Movimento religioso cristão que surgiu no século III, caracterizado pela vida dedicada à busca da santidade por meio da renúncia ao mundo, da oração, do jejum e do isolamento ou vida comunitária separada da sociedade comum. Os monges e monjas vivem segundo regras específicas, como a Regra de São Bento, buscando a perfeição espiritual e a imitação de Cristo. O monaquismo pode se manifestar de duas formas principais: o eremitismo, em que a pessoa vive isolada como eremita, e o cenobitismo, que é a vida em comunidade sob a liderança de um abade ou abadessa. O monaquismo desempenhou papel crucial na preservação da cultura, educação e espiritualidade cristã durante a Idade Média, além de influenciar a vida religiosa até hoje. Embora seja muito valorizado, o monaquismo não é um mandamento bíblico explícito, mas sim uma vocação específica para aqueles que sentem esse chamado.

Monergismo. Doutrina que afirma que a salvação é obra exclusiva e soberana de

Deus, sem cooperação humana. Segundo o monergismo, o Espírito Santo é quem efetua a regeneração e a fé no coração do pecador, que por si mesmo está morto espiritualmente e incapaz de buscar a Deus. Essa visão contrasta com o sinergismo, que defende uma colaboração entre Deus e o homem na salvação. O monergismo enfatiza a graça irresistível e a eleição divina, fundamentando-se em passagens como Efésios 2:8-9 e João 6:44. É uma crença central nas tradições reformadas e calvinistas.

Monismo. Filosofia ou doutrina que defende que a realidade é constituída por uma única substância ou princípio fundamental, negando a existência de duas substâncias distintas, como corpo e alma, ou espírito e matéria. No contexto da antropologia filosófica e teológica, o monismo sustenta que o ser humano é uma unidade indivisível, sem uma separação real entre corpo e alma, ou que o “espírito” é uma manifestação do corpo físico, rejeitando o dualismo clássico que distingue o corpo material da alma imaterial. Existem várias formas de monismo, incluindo o materialismo (que afirma que tudo é matéria), o idealismo (que tudo é mente ou espírito), e o monismo neutro (que tudo é uma substância neutra, nem mental

nem material). No cristianismo, o monismo não é a posição tradicional, pois a Bíblia apresenta o ser humano como composto de corpo, alma e espírito (1 Tessalonicenses 5:23), indicando uma distinção real entre essas partes. O monismo pode levar a consequências teológicas problemáticas, como negar a imortalidade da alma, a existência do pecado espiritual, a necessidade da regeneração interior e a esperança da vida após a morte. Por isso, a maioria das tradições cristãs rejeita o monismo antropológico, afirmando o dualismo ou a tricotomia do homem, conforme revelado nas Escrituras. Algumas filosofias orientais, religiões e movimentos espirituais modernos adotam perspectivas monistas, influenciando concepções de unidade universal ou dissolução do eu individual. No entanto, no cristianismo bíblico, a rejeição do monismo é importante para manter a doutrina da alma como entidade distinta, capaz de relacionamento pessoal com Deus, e para preservar a doutrina da salvação e da ressurreição.

Monofisismo. Heresia cristológica que afirma que Jesus Cristo possui apenas uma única natureza, resultante da fusão da natureza divina com a humana. O termo vem do grego monos (um) e physis (natureza). O

principal defensor dessa doutrina foi Êutiques, no século V, que ensinava que a natureza humana de Cristo foi absorvida ou diluída na divina, como uma gota no oceano. Isso compromete a verdadeira humanidade de Jesus, negando que Ele continuou sendo plenamente homem após a encarnação. O monofisismo foi condenado no Concílio de Calcedônia (451 d.C.), que declarou que Cristo é uma só pessoa com duas naturezas distintas, divina e humana, unidas sem confusão, sem mudança, sem divisão e sem separação.

Monoteísmo. Monoteísmo é a crença na existência de um único Deus verdadeiro e soberano, criador e sustentador do universo. Essa doutrina distingue o judaísmo, o cristianismo e o islamismo de religiões politeístas que adoram múltiplos deuses. No judaísmo, a afirmação do monoteísmo é central, expressa no Shemá: “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (Deuteronômio 6:4). Essa crença implica que Deus é absoluto, eterno, onipotente, onisciente e pessoal, revelando-se ao ser humano por meio da aliança e da lei. O monoteísmo transforma a relação com o divino, exigindo exclusividade na adoração e uma vida ética em conformidade com a vontade divina.

Monotelismo. Heresia cristológica surgida no século VII que afirmava que Jesus Cristo, embora possuísse duas naturezas (divina e humana), tinha apenas uma vontade, a divina. Essa doutrina foi uma tentativa política e teológica de reconciliar os monofisitas com a ortodoxia calcedoniana, mas acabava negando a plena humanidade de Cristo, já que a vontade é um atributo essencial da natureza humana. Se Jesus não teve uma vontade humana, então não foi plenamente homem. O monotelismo foi oficialmente condenado como heresia no Terceiro Concílio de Constantinopla (680–681 d.C.), que afirmou que Cristo possui duas vontades naturais, uma divina e uma humana, harmonizadas na obediência perfeita ao Pai, sem conflito nem divisão.

Mórmon. (1) Mórmon é o nome pelo qual são conhecidos os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, fundada por Joseph Smith no início do século XIX. O termo deriva do Livro de Mórmon, texto sagrado dessa igreja que narra a história de povos antigos nas Américas e seu contato com Deus. Os mórmons acreditam em uma revelação contínua, incluindo escrituras adicionais além da Bíblia, e possuem doutrinas distintas como a pluralidade dos deuses e a importância das

ordenanças específicas para a salvação. O movimento mórmon é considerado uma seita por muitas tradições cristãs, devido a essas diferenças doutrinárias significativas. (2) O nome “Mórmon” tem sua origem no personagem bíblico e histórico chamado Mórmon, que, segundo o Livro de Mórmon, foi um profeta e líder militar que compilou e escreveu grande parte das placas que deram origem ao livro sagrado dos Santos dos Últimos Dias. Ele teria vivido por volta do século IV d.C. no continente americano. O próprio Joseph Smith, fundador da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, adotou o nome “Mórmon” para designar seus seguidores, baseando-se na autoridade dessa figura central do livro. Assim, “mórmon” tornou-se sinônimo dos membros dessa igreja, embora o nome oficial da denominação prefira ser usado integralmente para evitar confusões e estigmas.

Mordomia. Princípio bíblico que ensina que tudo o que o cristão possui — vida, talentos, tempo, recursos e bens materiais — é responsabilidade dada por Deus para ser usada com sabedoria e fidelidade. O mordomo é aquele que administra o que não é seu, reconhecendo que Deus é o dono de tudo (Salmo 24:1). A mordomia envolve

tanto a gestão dos bens materiais quanto o cuidado com o meio ambiente, a igreja e o próximo. É uma expressão prática da gratidão e do serviço cristão, demonstrando compromisso com a vontade de Deus e o crescimento do Reino. O bom mordomo é fiel, diligente e generoso.

Mormonismo. Veja Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Mortalismo. O mortalismo é a doutrina que ensina que a alma humana não é imortal por natureza e que, após a morte física, a pessoa entra em um estado de inconsciência ou "sono da alma" até a ressurreição final. Essa crença contrasta com a visão tradicional cristã da imortalidade da alma e da existência consciente após a morte. Grupos como os adventistas do sétimo dia e algumas outras denominações minoritárias defendem o mortalismo, baseando-se em passagens bíblicas que indicam a morte como sono (João 11:11-14; Eclesiastes 9:5) e enfatizando a ressurreição futura como o momento da restauração da vida. A apologética cristã ortodoxa, no entanto, afirma que a alma é imortal (Mateus 10:28) e que os mortos conscientes estão em um estado de existência pessoal, aguardando o juízo. O mortalismo levanta debates sobre a natureza

da alma, o estado intermediário e a vida eterna, sendo uma doutrina controversa dentro do cristianismo.

Morte. Quando o homem peca, ele se torna vítima da morte espiritual, e depois ele morre em sentido literal, ou seja, sofre a morte física. Por isso Deus disse que no dia em que Adão comesse do fruto proibido, ele morreria (espiritualmente), mas viveu 930 anos, e morreu (fisicamente). (Gênesis 5:5) Mas além das mortes física e espiritual, temos a morte eterna, a chamada segunda morte (Lago de Fogo). (Apocalipse 2:11; 20:14; 21:8) Trata-se do eterno afastamento da pessoa de Deus, em tormentos eternos. – Apocalipse 20:10.

Mundo, Não Fazer Parte do (Não ser do mundo). Jesus disse a Deus Pai, em oração, que seus discípulos não eram deste mundo: “pois não são do mundo, assim como eu também não sou”. (João 17:14, 16) Isto significa que não praticam os pecados deste mundo. A Bíblia diz que a amizade com o mundo é inimizade com Deus. (Tiago 4:4) Ser amigo do mundo (ou fazer parte dele) significa envolver-se naquilo que as pessoas fazem de pecado. No entanto, “Deus amou o mundo” que enviou Jesus para que todo o que nele crer seja salvo. (João 3:16) Este

mundo que Deus amou não se refere ao mundo de pecados, mas às pessoas que vivem neste mundo.

Murti. No hinduísmo, murti é uma imagem, escultura ou ícone que representa uma divindade ou um aspecto do divino, usado como foco de adoração e meditação durante rituais e pujas. Embora reconheçam que o divino é onipresente e transcenda formas, os hindus utilizam as murtis para tornar a experiência espiritual mais concreta e acessível. Essas representações facilitam a conexão emocional e devocional, permitindo que os devotos expressem amor, respeito e reverência. As murtis podem ser feitas de pedra, metal, madeira ou outros materiais e são cuidadosamente consagradas para serem tratadas como manifestações sagradas.

N

Namaste. É uma saudação tradicional do hinduísmo e de várias culturas indianas, que significa literalmente “curvo-me diante de você”. É feita unindo as palmas das mãos na

altura do coração e inclinando levemente a cabeça, simbolizando respeito, reverência e reconhecimento da divindade que habita em cada pessoa. Namaste expressa a crença na presença do atman (alma divina) em todos os seres, promovendo humildade e conexão espiritual. É usada tanto em cumprimentos quanto em despedidas, sendo um gesto de paz, gratidão e harmonia.

Nascimento, Novo. Termo teológico usado para aqueles que, de acordo com as Palavras de Jesus em João 3:3-6, nasceram de novo. Do ponto de vista espiritual, estavam “mortos as transgressões e pecados” (Efésios 2:1, 5; Colossenses 2:13), mas pela fé em Cristo Jesus, Deus lhes deu vida. Outro termo sinônimo de novo nascimento é regeneração, e sobre isto a Bíblia diz: “Fostes regenerados não de semente perecível, mas imperecível, pela palavra de Deus, que vive e permanece.” (1 Pedro 1:23) Trata-se de uma nova vida do cristão em Cristo. Por isso lemos: “Ele nos salvou mediante o lavar da regeneração e da renovação realizadas pelo Espírito Santo que ele derramou amplamente sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador”. - Tito 3:5, 6.

Natal. É a celebração do nascimento de Jesus Cristo, tradicionalmente comemorada em 25

de dezembro pela maioria dos cristãos ao redor do mundo. Embora a data exata do nascimento de Jesus não seja revelada na Bíblia, o Natal tornou-se uma ocasião para refletir sobre a encarnação do Filho de Deus (João 1:14; Lucas 2:10, 11). Algumas seitas, como as Testemunhas de Jeová, rejeitam essa comemoração, argumentando que ela tem origens pagãs e que a Bíblia não manda celebrar o nascimento de Cristo. No entanto, essa crítica ignora o princípio bíblico de que lembrar e honrar os feitos de Deus, como o nascimento do Salvador, é apropriado e edificante (Lucas 2:13, 14, 20). O fato de uma prática ter tido, em algum contexto, associações com o paganismo não a torna automaticamente errada, especialmente se seu significado foi ressignificado para glorificar a Deus. Portanto, celebrar o Natal com reverência, gratidão e foco em Cristo é compatível com a fé cristã, mesmo que a data não seja exata. O importante é o conteúdo espiritual da comemoração, e não seu calendário original.

Natanael Rinaldi. (1936–2016) Foi um dos mais destacados apologistas cristãos brasileiros, reconhecido por sua atuação incansável na defesa da fé evangélica ortodoxa. Natural de São Paulo, iniciou sua trajetória ministerial ainda na adolescência,

sendo convertido em um culto da Assembleia de Deus em São Vicente. Formado em Direito, dedicou-se ao ministério pastoral na Igreja Evangélica da Paz, em Santos, onde também liderou por oito anos. Sua paixão pela apologética se intensificou a partir de 1983, quando ingressou no Instituto Cristão de Pesquisas (ICP), braço brasileiro do Christian Research Institute dos EUA, e posteriormente presidiu a instituição por quatro anos.

Rinaldi destacou-se por sua abordagem rigorosa e bíblica no combate a heresias e seitas, como Testemunhas de Jeová, Mórmons, Adventistas e Espiritismo. Atuou em debates públicos, seminários e programas de rádio, sendo um dos pioneiros na análise crítica de movimentos religiosos no Brasil. Co-autor do livro Desmascarando as Seitas, publicado pela CPAD, também contribuiu significativamente para a elaboração de notas de rodapé da Bíblia Apologética de Estudo.

Além de sua produção literária, Rinaldi foi um defensor da ortodoxia cristã, enfatizando a importância da fidelidade às Escrituras e da vigilância contra desvios doutrinários. Seu legado permanece vivo por meio de suas publicações, gravações e pela influência que

exerceu em gerações de apologistas e líderes evangélicos.

Natureza divina. É a essência ou substância de Deus, que inclui atributos como eternidade, imutabilidade, onipotência, onisciência, santidade, justiça, amor e perfeição absoluta. Na cristologia, a natureza divina refere-se ao fato de que Jesus Cristo, como Filho de Deus, possui plenamente essa essência divina, coexistindo eternamente com o Pai e o Espírito Santo na Trindade (João 1:1; Colossenses 2:9). Essa natureza torna Jesus verdadeiro Deus, não apenas alguém com autoridade divina, mas Deus em sua plenitude, sem perda ou diminuição. A natureza divina distingue-se da natureza humana em Cristo, que ele assumiu na encarnação, unindo-se inseparavelmente à humana na pessoa do Verbo encarnado (Filipenses 2:6, 7; Hebreus 1:3). Compreender a natureza divina é fundamental para a correta adoração e reconhecimento da divindade de Cristo. Quando lemos em 2 Pedro 1:4 que seremos participantes da natureza divina, não significa que teremos natureza divina, mas que teremos comunhão com ela, na vida eterna, mais próximos de Deus.

Navjote. No zoroastrismo, a cerimônia de iniciação de crianças. Marca a entrada formal na fé, quando recebem o sudreh (camisa sagrada) e o kusti (cinto). O rito compromete o iniciado com os valores da religião: bons pensamentos, palavras e ações.

Necromancia. A necromancia é uma prática esotérica que consiste em invocar ou comunicar-se com os mortos, especialmente com espíritos ou almas desencarnadas, para obter informações, prever o futuro ou influenciar eventos. Historicamente, a necromancia aparece em várias culturas antigas, incluindo a bíblica, onde é expressamente proibida (Deuteronômio 18:10-12). Na magia ocidental, a necromancia é vista como uma forma de adivinhação e prática de magia negra, frequentemente associada a rituais sombrios e à manipulação de forças espirituais consideradas perigosas ou malignas. Não possui livro sagrado, e suas técnicas são descritas em grimórios e textos ocultistas. A necromancia é rejeitada pelo cristianismo, que reconhece Jesus Cristo como o único mediador entre Deus e os homens, e condena qualquer tentativa de contato com os mortos como contrária à vontade divina.

Neidan. No taoísmo, Também conhecido como “alquimia interna”, o Neidan é uma prática espiritual do taoismo que busca a imortalidade e a harmonia com o Tao (Caminho) por meio do cultivo interior das energias vitais: Jing (essência), Qi (energia) e Shen (espírito). Diferente da alquimia externa (Waidan), que usava substâncias físicas, o Neidan trabalha com meditação, respiração, dieta, visualizações e exercícios energéticos para transformar o corpo e a mente. Seu objetivo é refinar o ser humano espiritualmente até atingir a iluminação, unindo-se ao fluxo eterno do universo.

Neo-ortodoxia. Movimento teológico surgido no início do século XX como reação ao liberalismo teológico, tendo Karl Barth como seu principal representante. A neo-ortodoxia buscou restaurar a centralidade da revelação divina e da soberania de Deus, mas rejeitou a inspiração verbal e plena das Escrituras. Ensinava que a Bíblia "torna-se" a Palavra de Deus quando Deus fala por meio dela ao leitor, negando que ela seja, em sua totalidade, a Palavra infalível. Apesar de valorizar a fé e a revelação, manteve elementos existencialistas e subjetivos em sua abordagem. Por isso, é criticada por comprometer a autoridade bíblica. Sua

influência ainda persiste em alguns círculos protestantes.

Neopentecostalismo. Corrente do cristianismo evangélico surgida na segunda metade do século XX, como desdobramento do pentecostalismo clássico. Caracteriza-se por um forte apelo às questões materiais da vida, enfatizando a teologia da prosperidade, a confissão positiva e a guerra espiritual. Igrejas neopentecostais ensinam que a fé pode produzir cura, vitória financeira e solução de problemas pessoais, por meio de pactos, campanhas e contribuições financeiras. Um dos traços marcantes é o uso intensivo da mídia para evangelização e crescimento institucional. As principais igrejas desse segmento no Brasil incluem a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e Igreja Mundial do Poder de Deus. Diferentemente dos pentecostais clássicos, os neopentecostais frequentemente adotam estruturas mais centralizadas, líderes carismáticos com forte controle sobre a doutrina e as práticas, e uma abordagem pragmática quanto à cultura e ao marketing religioso. O movimento é alvo de críticas por parte de outros evangélicos devido ao uso excessivo de bens materiais como sinal de

bênção divina e por possíveis desvios teológicos.

Nestorianismo. É uma heresia cristológica do século V que defende a separação quase completa entre as naturezas divina e humana em Jesus Cristo, chegando a afirmar que Ele seria duas pessoas distintas – uma divina e outra humana – unidas apenas moralmente ou por vontade. Essa doutrina recebeu o nome de Nestório, patriarca de Constantinopla, que tentou preservar a plena divindade e humanidade de Cristo, mas acabou dividindo a pessoa de Jesus. O nestorianismo foi condenado no Concílio de Éfeso (431), por negar a unidade pessoal de Cristo e a verdade da encarnação. A ortodoxia cristã, em contraste, ensina que Jesus é uma só pessoa com duas naturezas inseparáveis, divina e humana, unidas hipostaticamente. O nestorianismo gerou divisões e deu origem a algumas igrejas orientais que ainda mantêm traços dessa teologia.

Nestório. Bispo do século V, conhecido por sua controvérsia cristológica que gerou a heresia chamada nestorianismo. Ele defendia que em Jesus Cristo havia duas pessoas distintas — uma humana e outra divina — em vez de uma única pessoa com duas naturezas

unidas. Essa visão negava a plena unidade da pessoa de Cristo, separando demais suas naturezas, e foi condenada no Concílio de Éfeso (431). O nestorianismo foi rejeitado pela igreja ortodoxa por comprometer a doutrina da encarnação e a verdadeira divindade e humanidade de Jesus. Apesar disso, essa heresia influenciou algumas igrejas orientais que ainda hoje são chamadas “nestorianas”.

Nicolaítas. Grupo herético mencionado em Apocalipse 2:6 e 2:15, conhecido por promover práticas imorais e possivelmente sincretistas entre os cristãos do primeiro século. Seu nome pode derivar de “Nicolau”, suposto fundador, cuja identidade é incerta. Alguns Pais da Igreja ligavam esse grupo a Nicolau, um dos sete diáconos de Atos 6, mas isso não é consenso. Os nicolaítas ensinavam que a graça permitia participar de idolatrias e imoralidades sexuais, prática semelhante à doutrina de Balaão. Jesus elogia as igrejas de Éfeso e Pérgamo por odiarem ou resistirem às obras dos nicolaítas. Sua influência representa um alerta contra a corrupção doutrinária dentro da Igreja.

Nigantha. Termo antigo usado para designar os seguidores originais do jainismo, especialmente aqueles que adotavam uma

vida de renúncia rigorosa e adesão estrita aos ensinamentos de Mahavira. Literalmente significa “sem nós” ou “sem amarras”, refletindo o ideal de libertação do karma e dos apegos materiais. Os niganthas eram conhecidos por sua disciplina extrema, práticas ascéticas e compromisso com a não-violência absoluta (ahimsa). Hoje, o termo é usado de forma mais histórica para descrever os primeiros jainistas e seus ideais.

Niilismo. Corrente filosófica que nega a existência de sentido, propósito ou valores objetivos na vida, sustentando que tudo é essencialmente vazio ou sem significado. Surgiu com força no século XIX, especialmente com Friedrich Nietzsche, que declarou “Deus está morto”, indicando o colapso dos fundamentos morais e religiosos do Ocidente. O niilismo rejeita verdades absolutas, o que conduz à desesperança, relativismo e até anarquia moral. Em oposição, a teologia cristã afirma que a vida tem propósito, dado por Deus, e que a existência humana encontra significado na comunhão com o Criador. O niilismo é visto, portanto, como resultado de uma vida afastada de Deus.

Nirjara. É o processo de eliminação ou desgaste do karma acumulado pela alma no

jainismo. Através de práticas austeras, como jejum, meditação, penitência e controle das paixões, o indivíduo promove a purificação gradual da alma. Nirjara é essencial para a libertação, pois mesmo bloqueando a entrada de novo karma (ashrava), a alma precisa se livrar do karma antigo que ainda a prende ao ciclo de renascimentos. Esse esforço consciente contribui para a progressão espiritual rumo ao moksha.

Nirvana. É um conceito central, especialmente no budismo, mas com variações em outras tradições indianas. No budismo, nirvana é o estado supremo de liberação do sofrimento e do ciclo de renascimentos (samsara), caracterizado pela extinção do desejo, do apego e da ignorância, resultando em paz absoluta e libertação definitiva. No bramanismo (fase védica antiga), embora o termo nirvana não seja explicitamente usado, há uma busca por união com o divino e fim do sofrimento por meio da realização da ordem cósmica, sendo um precursor das ideias posteriores do hinduísmo. No jainismo, o termo nirvana é sinônimo de moksha, representando a libertação da alma do ciclo de renascimentos, alcançada ao eliminar todo karma, vivenciando um estado de perfeição, pureza e bem-aventurança eterna, mantendo a

individualidade da alma. No hinduísmo, nirvana (às vezes usado como sinônimo de moksha) refere-se à libertação do ciclo de renascimentos, quando a alma (atman) se funde com o absoluto (Brahman), transcendendo o mundo material e o sofrimento, atingindo um estado de união divina e paz eterna.

Noivado. Compromisso entre duas pessoas de sexo diferente que os promete em breve em casamento. No Antigo Testamento, fala-se de leis sobre como tratar noiva abusada sexualmente. (Deuteronômio 22:23-28) Noivos são mencionados trocando elogios em Cantares 4:8-12; 5:1) No Novo Testamento, José e Maria eram noivos, prometidos um ao outro em casamento. Lemos sobre Maria ser “uma virgem comprometida a casar-se com um homem chamado José.” (Lucas 1:27) A Igreja é descrita em Apocalipse como Noiva do Cordeiro. Quando a Igreja for levada ao céu, se dá as bodas do Cordeiro. - Apocalipse 19:7; 21:2, 9; 22:17.

Nova Aliança. Promessa feita por Deus, anunciada pelos profetas do Antigo Testamento (Jeremias 31:31-34) e cumprida em Jesus Cristo, que inaugurou um novo relacionamento entre Deus e a humanidade.

Diferente da antiga aliança baseada na Lei mosaica, a Nova Aliança é fundada na graça, no perdão dos pecados e na obra redentora de Cristo na cruz. Por meio do Espírito Santo, os crentes recebem um coração transformado e a capacidade de obedecer a Deus de maneira interior e espontânea. Essa aliança sela a reconciliação definitiva com Deus, garantindo salvação e vida eterna para todos que creem. A Nova Aliança em Cristo Jesus é o fundamento da fé cristã e da igreja. Algumas seitas distorcem o sentido da Nova Aliança, como por exemplo, as Testemunhas de Jeová, que acreditam que apenas os membros dos 144 mil fazem parte dela, e os da Grande Multidão não. Não é ensinamento bíblico.

Nova Jerusalém. Cidade celestial descrita em Apocalipse 21 como a morada eterna dos redimidos, onde Deus habitará para sempre com Seu povo. É apresentada como uma realidade gloriosa, sem dor, morte, pecado ou lágrimas, simbolizando a restauração final de todas as coisas. Suas ruas de ouro, muros de pedras preciosas e ausência de templo indicam a plenitude da presença divina. A Nova Jerusalém é chamada também de “a noiva, a esposa do Cordeiro”, representando a união perfeita entre Cristo e a Igreja. Ela desce do céu, preparada por Deus, marcando

o início do estado eterno. É a esperança final dos salvos em Cristo. Para as seitas, a Nova Jerusalém costuma ser reinterpretada de forma alegórica, geográfica ou exclusivista, distorcendo seu real significado escatológico. As Testemunhas de Jeová, por exemplo, ensinam que a Nova Jerusalém representa o governo celestial composto por 144 mil ungidos que reinarão com Cristo desde os céus sobre uma terra paradisíaca. Já grupos como os Mórmons a identificam com uma cidade literal nos Estados Unidos (em Independence, Missouri), parte de seu plano de restauração. Outras seitas a veem como sua própria organização religiosa, alegando que somente dentro dela alguém pode fazer parte da cidade santa. Tais visões deturpam a mensagem bíblica, que apresenta a Nova Jerusalém como o destino eterno de todos os salvos por meio de Jesus Cristo, e não como privilégio de uma casta religiosa ou de uma localização terrena.

Novo Nascimento. Experiência espiritual em que o ser humano, mediante a fé em Jesus Cristo, é regenerado pelo Espírito Santo e passa da morte espiritual para a vida em Deus (João 3:3-7). Também chamado de regeneração, esse novo começo interior transforma o coração, concede nova natureza e inicia uma vida de santificação.

Jesus ensinou que ninguém pode ver o Reino de Deus sem nascer de novo, deixando claro que religião exterior ou herança não salvam. O novo nascimento é um ato soberano de Deus, mas que envolve resposta humana de fé e arrependimento. Ele marca o início da verdadeira vida cristã, com frutos visíveis de mudança. – Ver Regeneração.

O

Obediência. Cumprir com a Lei estabelecida; reagir favoravelmente ao que é acordado entre as partes; submissão em palavras e ações às autoridades e suas leis e normas. Na relação intratrinitariana, Jesus, “na forma de homem, humilhou a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz.” (Filipenses 2:8) No relacionamento dos anjos fiéis para com Deus, a Bíblia diz que eles são obedientes a Deus. (Salmo 103:20) Entre cristãos numa Igreja, a Bíblia diz: “Obedecei a vossos líderes, sendo-lhes submissos, pois eles estão cuidando de vós, como quem há de prestar contas.” (Hebreus 13:17) Os filhos devem obediência aos pais. Lemos: “Filhos,

sede obedientes a vossos pais no Senhor, pois isso é justo”. (Efésios 6:1)

Ocultismo. O **ocultismo** refere-se a um conjunto de práticas, crenças e conhecimentos que envolvem a busca por poderes, sabedorias ou fenômenos sobrenaturais através de meios ocultos, secretos ou esotéricos, que não são revelados pela religião cristã tradicional. Inclui práticas como astrologia, magia, espiritismo, adivinhação, alquimia, entre outras. Na perspectiva cristã, o ocultismo é condenado porque se opõe à fé em Deus e à autoridade das Escrituras, além de abrir portas para influências espirituais malignas (Deuteronômio 18:10-12; Gálatas 5:19-21). O cristão é chamado a rejeitar essas práticas e confiar exclusivamente na revelação divina e no poder do Espírito Santo para guia e proteção.

Oferta/Ofertar. Além dos dízimos ensinados nas Escrituras, Deus ensinou seu povo a dar ofertas. No Antigo Testamento, ofertas são muitas vezes relacionadas com algo que o israelita trazia ao templo, como parte dos sacrifícios oferecidos ali. Havia, por exemplo, as ofertas alçadas (Números 18:24-30), ofertas de ações de graças (Levítico 7:12), oferta de bebida (Números 15:5), oferta de

cereal (Levítico 2:1-15), oferta movida (Levítico 8:27, 29; 9:21), oferta pela culpa (Levítico 5:6, 7, 15, 16, 18, 19), oferta pelo pecado (Levítico 4:3, 8, 14, 20, 21, 24) e oferta voluntária. (Levítico 7:16; 22:21, 23) Quanto a ofertar algo de valor à obra de Deus, Provérbios 3:9 diz: “Honra o SENHOR com teus bens e com as primícias de toda a tua renda”. (Provérbios 3:9) No Novo Testamento, trate-se de contribuições voluntárias e generosas. Diz a Bíblia: “O que contribui, faça-o com generosidade” (Romanos 8:12) e “cada um contribua de acordo com o que decidiu no coração; não com tristeza nem por constrangimento, pois Deus ama a quem contribui com alegria”. - 2 Coríntios 9:7.

Ômega. No contexto teológico cristão, Ômega é a última letra do alfabeto grego e, junto com Alfa (a primeira letra), simboliza o princípio e o fim de todas as coisas. Essa expressão aparece especialmente no livro do Apocalipse (Apocalipse 1:8; 21:6; 22:13), onde Deus e Jesus Cristo são chamados de "o Alfa e o Ômega", destacando Sua eternidade, soberania e a totalidade de Seu poder. Enquanto Alfa indica o começo, Ômega representa a conclusão, o cumprimento e o fim da história e do plano divino. Esse símbolo sublinha que Deus é eterno,

imutável e controla todo o curso da criação e redenção. É frequentemente usado na arte cristã para representar a divindade completa e eterna de Cristo.

Omolokô. Omolokô é uma religião afro-brasileira que se desenvolveu a partir das tradições africanas e sincretismo religioso do Brasil, especialmente influenciada pelo Candomblé e outras expressões espirituais afro-brasileiras. Fundada em meados do século XX, essa religião valoriza a conexão com os orixás, espíritos ancestrais e entidades espirituais, buscando cura, proteção e equilíbrio espiritual por meio de rituais, cânticos e oferendas. Omolokô possui sua própria organização comunitária e práticas rituais distintas, embora mantenha forte ligação com as tradições africanas trazidas pelos escravos. Quanto a Jesus, Omolokô, como muitas religiões afro-brasileiras, pode incorporar figuras cristãs em seu sincretismo, mas não o reconhece como único Salvador ou divindade central, vendo-o como um espírito elevado dentro de um panteão mais amplo. A religião não tem um livro sagrado formal, privilegiando a transmissão oral e o culto prático. É uma expressão viva da religiosidade afro-brasileira e da busca por identidade cultural e espiritual no Brasil.

Onipotência/Onipotente. – Autoridade e poder que Deus tem para fazer o que bem entender, já que é Todo-poderoso. (Gênesis 17:1; Salmo 91:1; Apocalipse 1:8) Por ser onipotente, “as coisas impossíveis aos homens são possíveis para Deus”. (Lucas 18:27) Quando meditamos no poder de Deus e do que ele é capaz de fazer, como por exemplo a criação de bilhões de galáxias com bilhões de estrelas cada uma (Isaías 40:26), chegamos à conclusão de que não somos nada diante de Deus. Por isso, o salmista Davi louvava: “Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites”. – Salmo 8:3, 4.

Onipresença. Atributo divino incomunicável (ou seja, que apenas Deus tem e não dá a ninguém) para se referir ao fato de Deus estar em todos os pontos de todos os mundos possíveis criados, quer sejam físicos, quer espirituais. A Bíblia diz que os céus dos céus não podem conter Deus. (1 Reis 8:27) Não há lugar para onde possamos ir que Deus não possa estar: Por isso, o salmista louvava a Deus assim: “Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua presença? Se eu subir ao céu, lá tu estás; se fizer a minha cama nas profundezas, tu estás

ali também”. (Salmo 139:7, 8) Quando lemos expressões que parecem dar a entender que Deus está apenas nos céus, como “Pai nosso que estás no céu” (Mateus 6:9), devemos entender isso como um meio judaico (hebraísmo) de se dizer que Deus está muito acima de nós, por isso ele é o altíssimo, e não que ele esteja num ponto fixo do céu espiritual criado. Quando lemos em 1 Reis 19:11, 12 que Deus não estava no vento, no terremoto e no fogo, isto significa que naquela visão Deus não respondeu a Elias da mesma forma que se fez presente através de terremotos, ventos e fogo, e não que literalmente não estava nesses elementos.

Onisciência. Atributo divino que designa a capacidade de Deus (Pai, Filho e Espírito Santo) saber todas as coisas. Trata-se também do conhecimento infinito divino sobre tudo e todos no passado, presente e futuro. Por exemplo, a Bíblia diz que Deus sabe até mesmo nossos pensamentos e conhece a palavra que nem sai ainda de nossa boca. (Salmo 139:2-4) Por isso entende-se que Deus, na pessoa de Jesus, sabia que Judas iria traí-lo (João 13:11), que Pedro iria negá-lo três vezes (Lucas 22:34), que conhecia os corações de seus opositores (Mateus 9:4). No caso de Jesus, alguns podem objetar afirmando que ele mesmo

afirmou que não sabia o dia e hora do fim, mas apenas o Pai, logo ele não poderia ser Deus. (Mateus 24:36; Marcos 13:32) Todavia, Jesus, após sua encarnação, é Deus e homem (Filipenses 2:5-7) e, enquanto na terra, disse não saber o dia e a hora conforme o seu centro de consciência humano, não divino. Outros afirmam que Deus não sabia que Adão e Eva iriam pecar, pois se tivesse sabido, não os teria criado. Este raciocínio é tão ridículo que pode ser pulverizado com o fato de Jesus saber desde o princípio que Judas o trairia (João 13:11), e mesmo assim o chamou para ser apóstolo. Então, se sabia, por que o chamou? Ademais, se Jesus sabia que Pedro iria negá-lo três vezes, por que Deus não sabia que Adão e Eva pecariam? É óbvio que sabia!

Opressão. Ação diabólica sobre pessoas, sem configurar possessão, que é quando espíritos malignos controlam seres humanos no falar e no agir. Opressão é o agir de um ou mais demônios ao redor de uma pessoa, buscando prejudicá-la de alguma forma, com tentação, como aconteceu com Jesus (Mateus 4:1-10; Lucas 4:1-13), ou nas lutas ou batalhas espirituais contra as forças espirituais malignas. – Efésios 6:11, 12.

Opus Dei. O Opus Dei (expressão latina que significa “Obra de Deus”) é uma prelazia pessoal da Igreja Católica Apostólica Romana, fundada em 2 de outubro de 1928 pelo padre espanhol Josemaría Escrivá de Balaguer (1902–1975). Sua sede está localizada em Roma, e foi elevado à condição de prelazia pessoal pelo Papa João Paulo II em 1982, sendo, portanto, diretamente subordinado ao Papa. O principal objetivo do Opus Dei é promover a santificação dos leigos no meio do mundo, por meio do exercício de suas ocupações cotidianas e responsabilidades profissionais, entendidas como caminho de comunhão com Deus. Seus membros – leigos e clérigos – são incentivados a viver uma intensa vida espiritual, com disciplina, oração, confissão frequente, comunhão diária e mortificação corporal. A organização possui uma estrutura hierárquica rígida, e parte de seus membros fazem votos de celibato. É conhecida também pelo seu trabalho na formação moral e acadêmica de jovens e profissionais. Apesar de ser plenamente reconhecida pela Igreja Católica, o Opus Dei já foi alvo de críticas e teorias conspiratórias, especialmente quanto ao seu suposto elitismo, sigilo e influência nos meios políticos e econômicos. Ainda assim, seus defensores destacam sua fidelidade ao

magistério católico e seu papel na formação de católicos atuantes na sociedade.

Oração. A oração é a prática espiritual de comunicação direta com Deus, central na vida cristã e presente em diversas formas ao longo das Escrituras. Ela pode ser de adoração (Salmo 95:6), confissão (1 João 1:9), súplica (Filipenses 4:6), intercessão (1 Timóteo 2:1), ou ação de graças (1 Tessalonicenses 5:18). Jesus ensinou o modelo de oração no "Pai Nosso" (Mateus 6:9-13) e incentivou a oração constante (Lucas 18:1). A oração não é uma repetição vazia, mas uma expressão sincera da fé e dependência do cristão para com Deus. É também um meio de fortalecimento espiritual (Efésios 6:18), discernimento da vontade divina e crescimento no relacionamento com o Senhor. A Bíblia afirma que Deus ouve e responde às orações de acordo com sua vontade (1 João 5:14, 15).

Oração aos santos. A oração aos santos é a prática, comum em tradições como a Igreja Católica, de dirigir súplicas e pedidos a cristãos falecidos que foram canonizados, acreditando-se que eles, por estarem na presença de Deus, podem interceder pelos vivos. Do ponto de vista protestante, essa prática é rejeitada por não encontrar

respaldo nas Escrituras. A Bíblia ensina que a oração deve ser feita unicamente a Deus (Mateus 6:9) e que só há um mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo (1 Timóteo 2:5). Além disso, Hebreus 4:14-16 convida os crentes a se aproximarem com confiança do trono da graça por meio de Cristo, sem necessidade de outros intercessores. Assim, os protestantes consideram que a oração aos santos compromete a suficiência da obra redentora e mediadora de Jesus e introduz uma forma de culto não autorizada pela Palavra de Deus.

Orson Pratt. Orson Pratt (1811–1881) foi um dos líderes influentes e apóstolos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mórmons). Ele foi um teólogo, missionário e escritor prolífico, contribuindo significativamente para a doutrina mórmon, inclusive revisando e expandindo o Livro de Doutrina e Convênios, uma de suas principais escrituras. Pratt ajudou a sistematizar e popularizar muitas das crenças peculiares dos mórmons, como a pluralidade de deuses e a exaltação humana, defendendo que Deus o Pai foi um ser físico, outrora homem, que alcançou a divindade — ideias contrárias ao cristianismo histórico.

Ósculo santo. O termo aparece várias vezes no Novo Testamento, como em Romanos 16:16, 1 Coríntios 16:20, 2 Coríntios 13:12, 1 Tessalonicenses 5:26 e 1 Pedro 5:14 (neste último, chamado de "ósculo de amor"). Era uma saudação entre os cristãos da Igreja primitiva, semelhante a um beijo fraternal na face, e simbolizava amor, comunhão, pureza, reconciliação e unidade no corpo de Cristo. O adjetivo "santo" distinguia esse gesto dos beijos comuns ou afetivos do cotidiano, ressaltando seu caráter espiritual e consagrado. Embora não seja mais praticado literalmente na maioria das igrejas hoje, seu princípio permanece: demonstrar afeição e respeito cristãos de forma sincera e santa.

Ostracismo. Originalmente, o termo vem do contexto político da Grécia antiga, onde cidadãos podiam votar para banir alguém da cidade por até dez anos, a fim de proteger a democracia de possíveis tiranos. No contexto religioso ou teológico, ostracismo se refere à exclusão deliberada de uma pessoa do convívio social ou religioso, muitas vezes por divergência doutrinária, pecado escandaloso ou quebra de normas da comunidade. Em certas seitas ou grupos religiosos autoritários, o ostracismo é usado como forma de controle, punindo quem questiona a liderança ou abandona a fé do grupo. Do

ponto de vista cristão saudável, a disciplina eclesiástica bíblica visa à restauração e arrependimento (Mateus 18:15-17; 2 Coríntios 2:6-8), não ao isolamento cruel ou punitivo.

P

Pai. Na Bíblia, usa-se a palavra “pai” para referir-se a Deus-Pai: “Há um só Deus, o Pai”. (2 Coríntios 8:6a) Usa-se “pai” para se referir ao primeiro de uma categoria, como por exemplo “Jabal; este foi o pai dos que habitam em tendas e possuem gado”. (Gênesis 4:20) Também, “pai” como o primeiro a adotar um comportamento pecaminoso. Por exemplo, o diabo “pois é mentiroso e pai da mentira”. (João 8:44) Obviamente, “pai” é usado no sentido literal, como “Cam é o pai de Canaã” (Gênesis 9:18). “Pai” pode também ser usado como líder de um povo, como no caso dos judeus que diziam: “Nosso Pai é Abraão”. (João 8:39) Jesus disse “a ninguém na terra chameis vosso pai; porque um só é o vosso Pai, aquele que está no céu” (Mateus 23:9) na acepção

de chamar alguém de “pai” em sentido espiritual.

Pai (Deus). É a primeira Pessoa da Trindade, Deus eterno que gera o Filho desde toda a eternidade e (Hebreus 1:5), em comunhão perfeita com Ele e o Espírito Santo, participa da obra da criação, redenção e santificação. O título “Pai” revela Seu relacionamento íntimo e amoroso tanto dentro da Trindade quanto com os seus filhos adotivos em Cristo (Romanos 8:15). Como Pai, Ele é o soberano que cuida, protege, disciplina e provê para seus filhos, guiando-os segundo sua vontade perfeita (Mateus 6:9; Salmo 103:13). Deus Pai é justo e santo, mas também misericordioso, paciente e cheio de graça, buscando a reconciliação da humanidade através do envio do Seu Filho para a salvação (João 3:16). Ele é o princípio e a fonte de toda vida e autoridade no universo.

Pais da Igreja. Os Pais da Igreja são teólogos, escritores e líderes cristãos dos primeiros séculos após a morte de Jesus, cujo ensino e escritos ajudaram a formar a doutrina, a liturgia e a organização da Igreja cristã primitiva. Entre os mais conhecidos estão figuras como Agostinho de Hipona, Atanásio de Alexandria, Jerônimo, Basílio de Cesareia, João Crisóstomo e Clemente de Alexandria.

Eles atuaram principalmente entre os séculos II e V, combatendo heresias, defendendo a fé apostólica e interpretando as Escrituras de forma sistemática. Seus escritos incluem sermões, cartas, tratados teológicos e comentários bíblicos, que são referência para o cristianismo até hoje. Os Pais da Igreja são vistos como guardiões da tradição apostólica e importantes para a definição de doutrinas centrais, como a Trindade e a natureza de Cristo. Eles não possuem um livro sagrado próprio, mas interpretaram e explicaram a Bíblia, o único livro sagrado cristão. Jesus é central em seus ensinamentos, sendo reconhecido como Deus encarnado, Salvador e Senhor.

Paixão (de Cristo). Refere-se ao conjunto de sofrimentos físicos, emocionais e espirituais que Jesus Cristo enfrentou desde o Getsêmani até sua morte na cruz. A palavra “paixão” vem do latim *passio*, que significa “sofrimento”. Os evangelhos relatam que a Paixão inclui a agonia no jardim (Lucas 22:44), a traição de Judas, os julgamentos injustos, as torturas, a zombaria, a flagelação, a coroa de espinhos e, por fim, a crucificação (Marcos 15; João 19). A teologia cristã vê na Paixão de Cristo o cumprimento das profecias messiânicas (Isaías 53) e o ápice do amor de Deus, pois, por meio desse

sofrimento, Jesus ofereceu redenção aos pecadores (Romanos 5:8).

Pali. Antigo idioma índico no qual estão escritas as escrituras do Budismo Theravada, conhecido como Cânone Páli. É considerado sagrado por muitos budistas e preserva os ensinamentos mais antigos do Buda. O estudo do páli é importante para monges e estudiosos. Mesmo não sendo falado atualmente, é usado em recitações litúrgicas e textos acadêmicos.

Palma aberta. No contexto do jainismo, a palma aberta é um símbolo sagrado que representa a mensagem de ahimsa, ou não-violência absoluta. Frequentemente exibida com a palavra “Ahimsa” escrita no centro, simboliza o compromisso de não causar dano a nenhum ser vivo. A mão aberta também transmite proteção, paz e a promessa de evitar violência em pensamentos, palavras e ações. Esse símbolo é um lembrete constante da ética jainista de respeito à vida e do esforço pela purificação espiritual.

Parábola. Uma forma de ensino usada frequentemente por Jesus, que consiste em uma história curta, com elementos do cotidiano, usada para transmitir verdades espirituais profundas. Por meio de

comparações ou analogias, a parábola ilustra princípios morais, teológicos ou escatológicos. Seu propósito não era apenas facilitar o entendimento, mas também provocar reflexão e, às vezes, ocultar a verdade dos que estavam de coração endurecido (cf. Mateus 13:10-17). Entre as mais conhecidas estão a do Bom Samaritano, do Filho Pródigo (Lucas 15:11-32) e do Semeador (Mateus 13:1-23, Marcos 4:1-20 e Lucas 8:4-15.). As parábolas desafiavam os ouvintes a tomarem decisões espirituais, confrontando-os com a realidade do Reino de Deus e sua justiça.

Parákletos. Palavra grega que significa “Consolador”, “Advogado” ou “Ajudador”, usada no Novo Testamento para descrever o Espírito Santo (João 14:16, 26; 15:26; 16:7). Jesus prometeu enviar o Parákletos para estar com os discípulos após sua partida, auxiliando-os em seu ensino, lembrando-os das palavras de Cristo, guiando-os em toda a verdade e defendendo-os contra o mal. O termo expressa a função do Espírito Santo como consolador em tempos de sofrimento, advogado que intercede e guia na vida cristã. É uma das principais obras do Espírito na Igreja e na vida do crente, promovendo comunhão, sabedoria e fortalecimento espiritual.

Páscoa. A Páscoa é uma celebração central tanto no judaísmo quanto no cristianismo, embora com significados distintos. No judaísmo, a Páscoa (Pesach) comemora a libertação dos israelitas da escravidão no Egito, conforme narrado em Êxodo 12, sendo um momento de lembrança e gratidão a Deus pela salvação histórica. No cristianismo, a Páscoa celebra a ressurreição de Jesus Cristo, a vitória sobre o pecado e a morte, cumprindo as promessas da antiga aliança. A Páscoa cristã é o ponto culminante da fé, simbolizando a nova vida e a esperança eterna para os crentes, conforme 1 Coríntios 15:20: “Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem.” Ambas as tradições valorizam a Páscoa como evento de libertação e renovação espiritual. (Ver “PESACH”.)

Passe (espírita). É uma prática comum no espiritismo que consiste na transmissão de fluidos magnéticos ou energias espirituais por meio da imposição ou aproximação das mãos, com o objetivo de equilibrar, harmonizar e curar espiritualmente a pessoa que recebe o passe. Considerado um recurso terapêutico e espiritual, o passe busca aliviar males físicos, emocionais e espirituais, removendo influências negativas e fortalecendo a conexão com o mundo

espiritual. A prática está fundamentada na crença de que o fluido vital pode ser canalizado e direcionado para o bem-estar do receptor, sem intervenção direta da vontade do receptor. O passe é aplicado em centros espíritas por médiuns ou pessoas treinadas, sendo uma das formas mais comuns de auxílio espiritual na doutrina espírita codificada por Allan Kardec.

Pastor. Literalmente, aquele que cuida de ovelhas e as guia. (Gênesis 29:9; Cantares 1:8; Lucas 2:8) Em sentido espiritual, Deus é o nosso verdadeiro e absoluto pastor que pastoreia o seu rebanho de ovelhas (povo). (Salmo 23:1; 100:3) Jesus é o nosso bom pastor (ou: pastor excelente). (João 10:11, 14) Mas Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento, permitiu haver pastores para conduzir seu povo e a igreja de Jesus respectivamente, como suas ovelhas. Em Israel, esperava-se que os pastores cumprissem a palavra e as ordens de Deus. Até mesmo o rei pagão Ciro, quando foi usado por Deus para libertar Jerusalém do cativeiro em Babilônia, foi chamado de um pastor que cumpriria tudo o que fosse do agrado de Deus. (Isaías 44:28) Mas no Israel antigo, havia também os falsos pastores, que só cuidavam deles mesmos: “Filho do homem, profetiza contra os pastores de

Israel; profetiza e diz aos pastores: Assim diz o SENHOR Deus: Ai dos pastores de Israel, que cuidam de si mesmos! Não devem os pastores cuidar das ovelhas?” (Ezequiel 34:2) Eles eram insensatos e não buscavam o SENHOR. (Jeremias 10:21) Sobre eles Deus prometeu: “Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do meu pasto, diz o SENHOR. [...] Vós dispersastes as minhas ovelhas e as afugentastes, e não cuidastes delas. Eu vos castigarei pelo mal que cometestes, diz o SENHOR”. (Jeremias 23:1, 2; Veja Também Zacarias 10:3) Jesus constituiu pastores na Igreja. Ele disse a Pedro: “Pastoreia minhas ovelhas”. (João 21:16) Para a edificação da Igreja, Deus nos deu pastores. (Efésios 4:11, 12) Mas como no Antigo Testamento, havia os falsos pastores: “Eles são rochas ocultas e participam de vossas refeições comunitárias, banqueteando-se convosco, sem escrúpulos. São pastores que apascentam a si mesmos. São como nuvens sem água, levadas pelos ventos. São como árvores sem folhas nem fruto, duplamente mortas, cujas raízes foram arrancadas”. (Judas 1:12) Os bispos (pastores de pastores) também foram constituídos pelo Espírito Santo para pastorear a Igreja de Jesus. - Atos 20:28, 29.

Paul Tillich. (1886–1965) Foi um teólogo e filósofo protestante alemão-americano, uma das figuras mais importantes da teologia do século XX. Sua obra buscou integrar a teologia cristã com a filosofia moderna, especialmente a existencialista. Tillich é conhecido por desenvolver a teologia da correlação, que propõe um diálogo entre a fé cristã e as questões existenciais da humanidade, como o medo, a ansiedade, a busca por sentido e a condição humana diante da morte. Ele via Deus não como um ser separado do mundo, mas como o “Ser em Si” ou o fundamento último da existência. Entre suas obras principais destacam-se “Teologia Sistemática”, em três volumes, onde expõe suas ideias filosóficas e teológicas profundas, e “A Coragem de Ser”, livro em que analisa o medo e a insegurança da existência humana à luz da fé. Tillich influenciou tanto a teologia liberal quanto o pensamento cristão contemporâneo, buscando uma linguagem que pudesse ser compreendida em um mundo secularizado. Apesar de suas contribuições inovadoras, suas ideias geraram controvérsia, especialmente entre conservadores, por sua abordagem simbólica da Bíblia e de conceitos como Deus e salvação. Tillich enfatizou a importância de enfrentar as dúvidas e crises da vida com fé corajosa, vendo na teologia

um esforço para dar sentido à existência humana diante do absurdo e do sofrimento.

Paulo Romeiro (Paulo Rodrigues Romeiro) é um teólogo, pastor e apologista cristão brasileiro, reconhecido por sua atuação na defesa da fé evangélica ortodoxa. Atualmente, é pastor da Igreja Cristã da Trindade, localizada em São Paulo. É mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Gordon-Conwell e doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Além disso, é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Mackenzie. Foi presidente do Instituto Cristão de Pesquisas (ICP) e fundador do Projeto CRER (Crenças, Religiões e Estudos Relacionados), anteriormente conhecido como AGIR – Agência de Informações Religiosas. Seu trabalho é focado na análise crítica de movimentos religiosos, heresias e seitas, visando equipar cristãos para defender a fé com base nas Escrituras Sagradas. Paulo Romeiro é autor de livros como *Super Crente*, *Evangélicos em Crise* e *Decepcionados com a Graça*, publicados pela Editora Mundo Cristão. Além disso, participa ativamente de eventos como o Encontro Apologético e o Congresso Consciência Cristã. Seu ministério inclui palestras, seminários e publicações que

abordam temas como a relação do cristão com o dinheiro, o ministério cristão e o abuso espiritual, os milagres e seus abusos, e o triunfalismo na música evangélica brasileira. Por meio de sua atuação, Paulo Romeiro busca promover uma compreensão mais profunda da fé cristã e fortalecer a igreja diante dos desafios contemporâneos.

Paulo Sérgio Rodrigues Batista – É um teólogo e apologista cristão brasileiro, reconhecido por sua atuação na defesa da fé evangélica ortodoxa. Atualmente, é professor no Seminário Batista Livre e coordenador da pós-graduação em Apologética Cristã. Sua formação acadêmica inclui graduação e pós-graduação em Teologia, com ênfase em Apologética. Batista tem se destacado por suas palestras, seminários e publicações que abordam temas como heresias, seitas, ideologias contemporâneas e a defesa da ortodoxia cristã. Ele é autor de diversos artigos e estudos, incluindo contribuições para a revista Defesa da Fé, onde discute tópicos como o liberalismo teológico, ideologia de gênero e o adventismo. É autor do Curso Prático Defesa da Fé. Além disso, tem participado de debates públicos e programas de rádio, sendo uma referência para aqueles que buscam compreender e defender a fé

cristã em um contexto contemporâneo. Seu trabalho é caracterizado por uma abordagem crítica e bíblica, visando equipar cristãos para responderem aos desafios doutrinários e culturais atuais. Batista também tem se dedicado à formação de líderes e pastores, promovendo o ensino da apologética como ferramenta essencial para o fortalecimento da igreja.

Pecado. Segundo a Bíblia, “o pecado é rebeldia contra a lei”. (1 João 3:4) O pecado surgiu através de um só homem, Adão, e este pecado nos trouxe a morte. (Romanos 5:12) Por isso lemos que o salário que o pecado paga ao pecador é a morte. (Romanos 6:23). Embora Eva tivesse pecado primeiro (Gênesis 3:6), diz-se que o pecado entrou no mundo através de um só homem (Adão), pois ele era o cabeça e o responsável de sua esposa. (1 Coríntios 11:3) O pecador precisa para ter seus pecados perdoados confessá-los e abandoná-los (Provérbios 28:13), e além disso, no contexto cristão, deve contar em fé com o sacrifício expiatório de Jesus Cristo: “Meus filhinhos, eu vos escrevo estas coisas para que não pequeis; mas, se alguém pecar, temos um Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo; Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo mundo”.

(1 João 2:1) Por isso lemos em Romanos 6:7 e contexto que “quem morreu foi absolvido do seu pecado”, sendo que “morreu” aqui significa aquele que morreu para o pecado (confira no contexto).

Pena de morte. A pena de morte é a sanção legal que prevê a execução de uma pessoa condenada por um crime grave, geralmente homicídio ou traição, como forma de justiça e proteção social. Historicamente, muitas sociedades adotaram a pena capital como meio de manter a ordem, dissuadir crimes e punir os culpados. No direito antigo, incluindo o Código de Hamurabi e as leis mosaicas, a pena de morte era aplicada para uma série de delitos. No entanto, em tempos modernos, o debate sobre sua validade envolve questões éticas, legais e de direitos humanos, com muitos países abolindo-a por considerá-la cruel, irreversível e falha diante de erros judiciais. Ponto de vista bíblico: A Bíblia apresenta casos em que a pena de morte é ordenada para crimes específicos (Gênesis 9:6; Levítico 20), reconhecendo a autoridade do Estado para aplicar justiça (Romanos 13:1-4). Contudo, o ensino de Jesus no Novo Testamento enfatiza a misericórdia, o perdão e a valorização da vida (João 8:1-11). Muitos cristãos defendem que, embora o Estado tenha o direito de exercer

punição, a prática da pena de morte deve ser vista com cautela, buscando sempre a justiça restauradora e a dignidade humana. Assim, o debate cristão sobre a pena capital é complexo, equilibrando justiça, santidade da vida e compaixão. Afinal, Deus é amor. – 1 João 4:8.

Pentateuco. Nome que se dá aos cinco primeiros livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Entre os judeus é chamado de Torah.

Pentecostalismo. Movimento cristão que surgiu no início do século XX, caracterizado por uma ênfase especial na experiência direta com o Espírito Santo, manifestada por dons espirituais como o falar em línguas, profecias, curas e milagres. O marco inicial do pentecostalismo moderno é geralmente associado ao avivamento da Rua Azusa, em Los Angeles, em 1906, liderado por William J. Seymour. O movimento baseia-se principalmente nos relatos de Atos dos Apóstolos, especialmente Atos 2, que descreve o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Os pentecostais creem que esse batismo no Espírito Santo é uma segunda experiência distinta da conversão e é evidenciado pelo falar em

línguas. O movimento se expandiu rapidamente em todo o mundo e deu origem a várias denominações, como a Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, entre outras. Existem também vertentes conhecidas como neopentecostalismo, que acrescentam ênfases como teologia da prosperidade e guerra espiritual. O pentecostalismo é hoje uma das maiores e mais influentes expressões do cristianismo no mundo, especialmente na América Latina, África e Ásia.

Pentecostes. Pentecostes é a festa judaica que ocorre cinquenta dias após a Páscoa, originalmente uma celebração da colheita. No cristianismo, Pentecostes passou a ser marcado pelo evento descrito em Atos 2, quando o Espírito Santo desceu sobre os discípulos de Jesus em Jerusalém, capacitando-os a falar em diversas línguas e iniciar a missão evangelizadora da Igreja. Este dia é considerado o nascimento da Igreja cristã, momento em que os seguidores de Cristo receberam poder para testemunhar com ousadia. Jesus havia prometido o Espírito Santo como Consolador e Guia (João 14:26), e o cumprimento dessa promessa transformou a comunidade cristã, impulsionando a expansão do evangelho pelo mundo. Pentecostes simboliza a

presença viva e ativa do Espírito Santo na vida do crente e da Igreja.

Perdão/Perdoar. No cristianismo, o perdão é o ato de Deus de remover a culpa e a penalidade dos pecados de quem se arrepende, restaurando a comunhão com Ele, com base no sacrifício propiciatório de Jesus. Jesus ensinou a importância de perdoar os outros assim como fomos perdoados por Deus: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mateus 6:12). O perdão também é um mandamento, sendo essencial para a vida cristã: “Se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará” (Mateus 6:14). Perdoar significa libertar o coração do ressentimento e da amargura, imitando o amor e a misericórdia divina. É um processo que promove a cura, a paz interior e o restabelecimento dos relacionamentos, refletindo o caráter de Cristo.

Perfect Liberty. A Perfect Liberty Kyodan é uma religião japonesa fundada por Tokuharu Miki em 1924, originalmente chamada Hito-no-Michi (Caminho do Homem). Após sua supressão pelo governo japonês, foi reorganizada em 1946 por seu filho adotivo, Tokuchika Miki, com o nome atual. A Perfect

Liberty enfatiza a expressão individual da vida como uma forma de arte e promove a harmonia entre os seres humanos e o universo. Suas práticas incluem rituais simples, atividades artísticas como dança e pintura, e a crença de que viver livremente e em paz é o caminho para a felicidade. A liderança espiritual é hereditária na família Miki, com o título de Oshieoyá-sama (Pai dos Ensinaamentos). Quanto a Jesus, a Perfect Liberty não o vê como o único Salvador ou Filho de Deus, mas o considera uma das muitas manifestações espirituais e mestres de sabedoria. Não possui um livro sagrado formal, e valoriza os ensinamentos transmitidos pelos fundadores e líderes, assim como a prática espiritual pessoal. A religião valoriza a liberdade pessoal, a tolerância e o desenvolvimento espiritual sem dogmas rígidos, e possui seguidores principalmente no Japão e em países como o Brasil.

Perseverança. Ação de uma pessoa que mantém sua constância, devota-se firmemente, ou até demonstra paciência persistente, mesmo diante das situações difíceis. Jesus disse a seus discípulos: “Sereis odiados por todos por causa do meu nome, mas aquele que perseverar até o fim será salvo”. (Mateus 10:22; 24:13; Marcos 13:13)

Após a morte e ressurreição de Jesus, seus seguidores “perseveravam no ensino dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações”. (Atos 2:42) O cristão pode perseverar em orar (Colossenses 4:2), em praticar o bem (Romanos 2:7; Gálatas 6:9), em continuarmos em Cristo (João 15:4-10). Devemos também aprender com o exemplo aqueles que não perseveraram, como Judas, o traidor. O Deus da esperança (Romanos 15:5) é exemplo em perseverar em cumprir seus propósitos e suas promessas, apesar do homem ser pecador. Quando a Bíblia diz que “sabendo que a prova da vossa fé produz perseverança” (Tiago 1:3), isto significa que Deus nos prova para nos tornarmos melhor, afinal de contas tudo coopera para o bem dos crentes (Romanos 8:28), assim as provas fazem parte da pedagogia de Deus.

Perseverança dos santos. Doutrina teológica reformada que ensina que aqueles que verdadeiramente foram regenerados por Deus, salvos pela graça mediante a fé em Cristo e justificados, jamais perderão a salvação, mas perseverarão até o fim da vida, sustentados pelo poder de Deus. Está intimamente ligada à ideia de segurança eterna, mas difere da visão simplista de “uma vez salvo, salvo para sempre”, no sentido de que a perseverança não é meramente uma

posição estática, mas um processo ativo de fidelidade, santificação e permanência na fé, evidenciado ao longo da vida do crente. Textos como João 10:27-29, Filipenses 1:6, Romanos 8:29-39 e 1 João 2:19 são bases bíblicas frequentemente citadas para sustentar essa crença. Segundo essa doutrina, a perseverança dos santos não depende da capacidade humana, mas da obra soberana de Deus, que preserva seus eleitos. Ainda assim, os eleitos demonstram sua salvação através de frutos visíveis de obediência, arrependimento contínuo e amor a Cristo. Ou seja, não se trata de licença para viver no pecado, pois quem verdadeiramente é salvo, inevitavelmente manifesta uma vida transformada (Mateus 7:16-20; Tiago 2:17). A doutrina foi sistematizada principalmente por João Calvino, e é a quinta letra do acrônimo T.U.L.I.P., representando a quinta das doutrinas da graça no calvinismo. Seitas ou tradições que rejeitam essa doutrina, como os arminianos clássicos, as Testemunhas de Jeová e adventistas, ensinam que a salvação pode ser perdida por apostasia ou desobediência. No entanto, o ensino reformado vê isso como uma negação da suficiência da graça e da soberania divina, já que, se dependesse da perseverança humana isoladamente, ninguém seria salvo. A

perseverança dos santos, portanto, não é confiança no homem, mas no Deus que salva e preserva, e que completará a boa obra que começou.

Pesach. Pesach, ou Páscoa judaica, é uma das principais festas do judaísmo que comemora a libertação do povo de Israel da escravidão no Egito, conforme narrado no livro do Êxodo. Celebrada na primavera, dura sete ou oito dias e inclui o Seder, uma refeição ritual cheia de simbolismos que recorda os eventos do Êxodo, como o sangue do cordeiro nos umbrais das portas e a pressa na saída do Egito. É uma ocasião de memória, gratidão e renovação da aliança com Deus. Em Êxodo 12:14, Deus ordena: “Este dia vos será por memória; e o celebrareis por festa ao Senhor pelas vossas gerações.” Pesach reforça a identidade, a fé e a esperança de libertação e redenção do povo judeu.

Philipp Melanchthon (1497–1560). Foi um teólogo, humanista e reformador alemão, colaborador próximo de Martinho Lutero. Conhecido como “o Preceptor da Alemanha”, Melanchthon teve papel fundamental na sistematização e na defesa da teologia luterana, especialmente na elaboração da Confissão de Augsburgo (1530), um dos principais documentos doutrinários da

Reforma Protestante. Sua abordagem conciliatória e erudita contribuiu para o diálogo entre diferentes facções religiosas e para a educação protestante. Melanchthon valorizava a razão e a ordem no ensino da fé, e sua influência perdurou nas tradições luteranas, ajudando a consolidar a Reforma na Alemanha e além.

Pneumatologia. É o ramo da teologia que estuda o Espírito Santo, a terceira Pessoa da Trindade, suas naturezas, atributos, obras e manifestações na vida do crente e da Igreja. A pneumatologia aborda temas como a divindade do Espírito Santo, Sua presença e atuação na criação, inspiração das Escrituras, regeneração, santificação, distribuição dos dons espirituais, e sua missão de guiar, consolar e fortalecer os cristãos. Também analisa como o Espírito Santo promove a comunhão entre os crentes e capacita a Igreja para cumprir sua missão no mundo (João 14:16-17; Atos 1:8). Uma compreensão correta da pneumatologia é fundamental para a vida espiritual saudável e o exercício do ministério cristão, evitando excessos ou negações da obra do Espírito.

Pneumatomaquianismo. Veja Macedonianismo.

Pó da Terra. Adão foi formado do pó da terra. (Gênesis 2:7) Ao pecar, Adão e seus descendentes são sentenciados a retornar ao pó da terra, referindo-se à parte material dele. – Gênesis 3:19.

Politeísmo. Politeísmo é a crença e a adoração de múltiplos deuses ou divindades, cada um com funções, poderes e características específicas. Essa visão religiosa era comum em muitas culturas antigas, como a grega, romana, egípcia e mesopotâmica, e ainda persiste em algumas tradições religiosas modernas. No contexto bíblico, o politeísmo é rejeitado radicalmente, pois o Deus de Israel é único e exclusivo, conforme enfatizado em Êxodo 20:3: “Não terás outros deuses diante de mim.” O politeísmo implica uma multiplicidade de forças divinas, o que contrasta com o monoteísmo judaico-cristão, que afirma a existência de um só Deus verdadeiro, Senhor de tudo e de todos. A Bíblia condena a adoração de outros deuses como idolatria e pecado.

Possessão. Diferentemente da obsessão, a possessão é a ocupação maligna em uma pessoa de espíritos maus; é o ato de Satanás, o Diabo, e seus demônios, possuírem, tomarem controle mental de uma ou mais

peçoas, sendo até mesmo capazes de movê-las a tomar atitudes auto danosas, que as podem levar até a morte. (Marcos 5:1-20) Segundo a Bíblia, demônios podem entrar no corpo de uma pessoa. (Lucas 8:30; 22:3) Crentes salvos não podem ser possuídos por espíritos maus, pois são selados pelo Espírito de Deus. – Efésios 1:13.

Pós-milenismo. Doutrina escatológica cristã que ensina que o Reino de Deus será progressivamente estabelecido na terra por meio do avanço do evangelho e da influência positiva da Igreja, culminando em um período de paz, justiça e prosperidade espiritual antes da segunda vinda de Cristo. Segundo essa visão, o “milênio” mencionado em Apocalipse 20 não é necessariamente um reinado literal de mil anos, mas um tempo simbólico de domínio do Reino de Deus na história humana. O mundo melhorará gradualmente à medida que mais pessoas se convertem e a sociedade se transforma segundo princípios bíblicos. Após esse período de paz e prosperidade, Cristo retornará para o juízo final e a consumação dos séculos. O pós-milenismo contrasta com o pré-milenismo, que espera o retorno de Cristo antes do milênio, e o amilenismo, que interpreta o milênio de forma espiritualizada. Embora tenha sido muito influente em

épocas passadas, especialmente durante períodos de otimismo missionário e reformador, o pós-milenismo hoje é defendido por um número menor de teólogos, mas mantém importância na teologia reformada e na apologética cristã.

Pós-tribulacionismo. Doutrina escatológica que ensina que a Igreja passará por todo o período da Grande Tribulação, um tempo de intensos sofrimentos e juízos descritos no livro do Apocalipse, antes da segunda vinda de Cristo. Segundo essa visão, o arrebatamento dos fiéis não ocorrerá antes da tribulação (como no pré-tribulacionismo), mas acontecerá simultaneamente com a volta gloriosa de Jesus para estabelecer o Seu Reino. Os pós-tribulacionistas afirmam que a Igreja não está isenta do sofrimento e da perseguição previstos, devendo perseverar na fé até o fim (Mateus 24:29-31; Apocalipse 7:14). Eles enfatizam a importância de se preparar espiritualmente para enfrentar dificuldades e resistir às provas, confiando na vitória final de Cristo. Essa posição é sustentada por uma interpretação literal dos textos proféticos e pela crença na continuidade histórica da Igreja no mundo, rejeitando a ideia de um arrebatamento secreto ou prévio à tribulação. O pós-tribulacionismo ressalta a soberania de Deus

em usar até mesmo o sofrimento para purificar e fortalecer o povo de Deus antes do juízo final e da consumação dos tempos.

Pragmatismo. O pragmatismo é uma corrente filosófica que surgiu nos Estados Unidos no final do século XIX, associada a pensadores como Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey. Essa filosofia avalia a verdade e o significado das ideias com base em suas consequências práticas e utilidade para a vida cotidiana, ou seja, uma crença é verdadeira se “funciona” ou traz resultados eficazes. No contexto da apologética cristã, o pragmatismo pode ser usado como ferramenta para mostrar a eficácia da fé cristã na vida do crente, mas também é criticado quando reduz a verdade a algo relativo ao benefício pessoal, negligenciando a verdade objetiva revelada por Deus. A fé cristã afirma que a verdade transcende a utilidade prática e é fundamentada na revelação divina, não em resultados subjetivos ou experiências passageiras.

Predestinação. Há opiniões diferentes entre os cristãos sobre o que é exatamente a predestinação. Para os cristãos calvinistas, Deus, antes de haver mundo, olhou à frente e escolheu (eleição) aqueles que ele quis que

fossem salvos. Não os escolheu por méritos deles, mas simplesmente por sua boa vontade. A predestinação, assim, é um instrumento da eleição, ou seja, Deus decreta que os eleitos são predestinados à salvação. Mas os cristãos arminianos creem que Deus, antes de haver mundo, olha no futuro e, por observar aqueles que teriam fé em Jesus, os elege (escolhe) e os predestina à salvação, mas deixa a decisão final nas mãos dos pecadores, se aceitarão ou não a salvação em Jesus Cristo. Não pretendemos aqui discutir os méritos dessa questão, mas apenas apelamos a todos os crentes que não briguem, nem se separem na fé em Cristo, por essas questões polêmicas, mas que vivam em unidade com Cristo, apesar da diversidade de pensamentos e interpretações. – 1 Coríntios 1:10.

Pré-milenismo. Doutrina escatológica cristã que ensina que Jesus Cristo retornará pessoalmente e visivelmente **antes** do estabelecimento do Reino milenar literal e físico na terra, conhecido como o milênio, que durará mil anos, conforme descrito em Apocalipse 20. Segundo o pré-milenismo, a segunda vinda de Cristo ocorrerá após um período de tribulação intensa, trazendo juízo sobre os ímpios e libertação para os santos. Jesus reinará fisicamente por mil anos,

restaurando a justiça e a paz antes do juízo final e da criação de um novo céu e nova terra. Essa visão enfatiza a distinção entre a Igreja e Israel, afirmando que Deus cumprirá Suas promessas específicas a Israel durante o milênio. O pré-milenismo contrasta com o pós-milenismo, que vê o milênio como um período de avanço espiritual antes da volta de Cristo, e com o amilenismo, que interpreta o milênio de forma simbólica, representando o reinado espiritual de Cristo na era presente. O pré-milenismo é amplamente aceito entre evangélicos e dispensacionalistas e tem sido popularizado desde o século XIX, oferecendo esperança de um futuro literal de justiça e paz sob o reinado direto de Cristo na terra.

Presbítero. Na teologia cristã, o presbítero é um oficial da igreja, cuja função principal é exercer liderança espiritual, pastoral e doutrinária sobre a comunidade cristã. A palavra vem do grego *presbyteros*, que significa “mais velho” ou “ancião”, e no Novo Testamento é usada frequentemente como sinônimo de *bispo* (*epískopos*) — ambos indicam liderança madura e fiel (Atos 14:23; 1 Timóteo 5:17; Tito 1:5). Os presbíteros devem ser homens exemplares, capacitados para ensinar e guiar, conforme os requisitos de 1 Timóteo 3:1-7 e Tito 1:6-9. Nas igrejas

reformadas e presbiterianas, os presbíteros são eleitos para auxiliar na administração da igreja e no cuidado pastoral, ao lado dos pastores, que também são presbíteros docentes. Já em outras denominações, a função pode variar conforme a estrutura eclesiástica.

Preterismo. Sistema de interpretação escatológica segundo o qual as profecias apocalípticas da Bíblia – especialmente as de Mateus 24, o livro de Apocalipse e partes de Daniel – já se cumpriram em sua maior parte (ou totalmente) no passado, particularmente no contexto do primeiro século da era cristã. A palavra "preterismo" vem do latim *praeter*, que significa “passado”. Os preteristas veem eventos como a grande tribulação, a vinda de Cristo em julgamento, e a destruição de Jerusalém em 70 d.C. como o cumprimento literal de muitas profecias que outros sistemas (como o futurismo) consideram ainda futuras. Existem duas principais formas de preterismo: o preterismo parcial e o preterismo pleno (ou hiperpreterismo). O preterismo parcial sustenta que grande parte das profecias se cumpriram na destruição de Jerusalém e na queda do templo, mas ainda aguarda um retorno corporal e visível de Cristo no futuro, juntamente com a ressurreição dos mortos e o juízo final. Essa é

uma posição compatível com a ortodoxia cristã e defendida por teólogos reformados como R.C. Sproul (com cautela). Já o preterismo pleno, por outro lado, afirma que todas as profecias escatológicas, incluindo a segunda vinda de Cristo, a ressurreição e o juízo final, já aconteceram espiritualmente no primeiro século, o que implica que não há mais retorno de Cristo no futuro, o que contradiz o credo cristão histórico e é considerado heresia pela maioria das igrejas cristãs. O preterismo confronta visões como o futurismo (que projeta a maioria das profecias para o fim dos tempos) e o historicismo (que as vê se cumprindo progressivamente ao longo da história). Apesar de oferecer uma leitura contextualizada e histórica dos textos apocalípticos, o preterismo pleno é criticado por espiritualizar demasiadamente eventos futuros, negar doutrinas fundamentais como a ressurreição física dos mortos e a esperança futura da Igreja, e esvaziar a expectativa escatológica viva ensinada pelos apóstolos (1 Tessalonicenses 4:16-18; Atos 1:11). O preterismo parcial, por sua vez, é visto com mais simpatia por reformados e estudiosos bíblicos por ajudar a entender o cumprimento das profecias relativas ao julgamento sobre Israel e ao estabelecimento do novo pacto em Cristo,

sem negar a escatologia futura prometida na Bíblia.

Pré-tribulacionismo. Doutrina escatológica que ensina que a Igreja será arrebatada antes do início da Grande Tribulação, um período de severos juízos e sofrimento descrito no Apocalipse. Segundo essa visão, os fiéis em Cristo serão retirados da terra para encontrar-se com Jesus nos céus, evitando assim as provas e perseguições intensas que acometerão o mundo durante a tribulação. O arrebatamento pré-tribulacional marca o fim da era da Igreja e o começo dos eventos finais que culminarão na segunda vinda de Cristo à terra para estabelecer seu Reino milenar. Essa posição é especialmente popular entre dispensacionalistas e tem forte ênfase em uma interpretação literal das profecias bíblicas, diferenciando o arrebatamento da segunda vinda. O pré-tribulacionismo oferece consolo aos cristãos, assegurando que eles não passarão pelo juízo divino que recairá sobre o mundo, e reforça a urgência do evangelismo. Contudo, enfrenta críticas de outras correntes escatológicas que defendem que a Igreja passará por algum grau de tribulação.

Primogênito. Primeiro filho de um casal ou de uma mulher. Neste sentido, Jesus era o

primogênito de Maria. (Lucas 2:7) “Primogênito” também é usado para aqueles que, mesmo não sendo o primeiro filho de seus pais, lhe é atribuído este título para significar que ele está acima de outros em posição. Por exemplo, sobre Davi Deus diz: “Farei de você o meu primogênito, o mais elevado dos reis da terra”. (Salmo 89:27) Jesus é chamado de “primogênito da criação”, não porque foi criado, mas porque criou toda a criação (Colossenses 1:15, 16) e herdou do pai as coisas criadas, por isso, o Pai o constitui seu primogênito (ou herdeiro). (Hebreus 1:2) Jesus também é o primogênito dentre os mortos porque foi o primeiro a ser ressuscitado em corpo glorificado para jamais morrer, e também porque devido à sua posição em relação à criação é o ressuscitado mais importante de todos os que serão ressuscitados em corpos glorificados, afinal Jesus é a ressurreição e a vida. – João 11:25.

Príncipe. O filho e herdeiro de um rei. Pode ser um governante, um magistrado, um líder, ou ainda uma pessoa que recebeu autoridade de outra. “Príncipe” é usado na aceção também de “chefe”, e foi aplicado a Jesus em Josué 5:15) Em Isaías 9:6, Jesus é chamado de “príncipe da paz”. Em Daniel 12:1, o arcanjo Miguel é chamado de “grande

príncipe”. Em Apocalipse 1:5, Jesus é o “grande príncipe” (governante) dos reis da terra”. Satanás também é chamado de “príncipe deste mundo”, na acepção de ser o governante deste mundo mal (João 12:31; 14:30; 16:11); Satanás é também chamado por Paulo de “o príncipe do poderio do ar, do espírito que agora age nos filhos da desobediência”. (Efésios 2:2) Paulo chama a todos os espíritos demoníacos de “príncipes deste mundo de trevas, contra os exércitos espirituais da maldade nas regiões celestiais”. (Efésios 6:12) Em Atos 5:31, se diz sobre Jesus que “Deus, com a sua destra, o elevou a Príncipe e Salvador”, mas isto não significa que Jesus não o fosse antes de vir à terra, mas sim que Deus, o Pai, tomou as devidas medidas para que ele fosse reconhecido assim entre nós.

Procissão. No catolicismo romano, a procissão é uma prática litúrgica e religiosa muito comum que consiste em uma caminhada solene e ritualizada de fiéis, acompanhando imagens, relíquias, símbolos sagrados ou o Santíssimo Sacramento, em atos públicos de fé e devoção. As procissões podem ocorrer em celebrações festivas, como festas de santos, Corpus Christi, Semana Santa, entre outras, e têm o objetivo de manifestar publicamente a fé, pedir

bênçãos, agradecer a Deus ou expressar arrependimento. São acompanhadas por cânticos, orações, incenso, e elementos simbólicos, criando uma atmosfera de reverência e comunhão comunitária. Para os católicos, as procissões reforçam a presença espiritual de Cristo na Igreja e a intercessão dos santos, além de fortalecer a identidade e a fé do povo. Por outro lado, a Igreja protestante e evangélica em geral não pratica procissões ou as vê com muita cautela, considerando que essa forma de manifestação pode levar a uma religiosidade exteriorista e a práticas que beiram o ritualismo e a superstição, distanciando-se da centralidade da pregação da Palavra e da simplicidade do culto bíblico. Para muitos protestantes, a ênfase está no culto interno, na edificação espiritual pessoal e comunitária, e na relação direta do crente com Deus, sem a necessidade de manifestações externas como procissões ou uso de imagens. Além disso, em algumas tradições evangélicas, as procissões podem ser vistas como um resquício do catolicismo que não tem respaldo claro nas Escrituras e pode estimular práticas de culto que desviam a atenção da centralidade de Cristo e da Escritura. No entanto, há igrejas evangélicas e pentecostais que promovem caminhadas ou marchas de oração públicas como forma

de evangelismo ou demonstração de fé, mas sem a mesma liturgia ou simbologia das procissões católicas. Assim, enquanto para o catolicismo as procissões são uma expressão legítima e importante de fé comunitária e devoção, para a maior parte do protestantismo e do evangelicalismo elas são evitadas ou reinterpretadas para não favorecer rituais que possam comprometer a simplicidade e a pureza do culto cristão bíblico.

Profeta/Profecia. Profeta é, na Bíblia, aquele que fala da parte de Deus ao homem, buscando lhe interpretar as Escrituras e apontar os eventos próximos e até bem distantes para acontecer, a fim de ensinar e/ou conduzir o povo de Deus a ser edificado na fé. Profecia, portanto, é uma declaração de um profeta que interpreta as Escrituras, prevê eventos futuros e edifica o povo de Deus. Nas Escrituras há centenas de profecias, sendo que muitas delas já se cumpriram (Isaías 40:3, compare com Mateus 3:3), outras ainda estão em fase de cumprimento (Mateus 24:5-14), e outras ainda estão para se cumprir (Apocalipse 1:7). Em contrapartida, os falsos profetas produzem falsas profecias, que jamais se cumprem, ou se cumprem por mera coincidência, já que são produtos do coração

deles, não do Espírito Santo de Deus agindo neles. Por isso, a Bíblia alerta sobre não dar crédito aos falsos profetas e suas profecias em nome de Deus que jamais se cumprem. (Deuteronômio 18:20-22) Lemos em Jeremias 50:36 que “a espada virá sobre os falsos profetas, e eles se tornarão insensatos”. Jesus alertou sobre eles: “Cuidado com os falsos profetas, que vêm a vós disfarçados em pele de ovelha, mas interiormente são lobos devoradores”. (Mateus 7:15) Eles seriam muitos (Mateus 24:11) e enganariam se possível até os escolhidos (Mateus 24:24; Marcos 13:22) No contexto de Igreja, Pedro alerta: “Mas entre o povo também houve falsos profetas, assim como entre vós haverá falsos mestres. Às ocultas, introduzirão heresias destruidoras, negando até o Senhor que os resgatou e trazendo sobre si mesmos repentina destruição”. (2 Pedro 2:1) João também diz: “Não acrediteis em qualquer espírito, mas avaliai se os espíritos vêm de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo [...] Filhinhos, vós sois de Deus e já tendes vencido os falsos profetas, pois aquele que está em vós é maior do que aquele que está no mundo”. (1 João 4:1, 4) Aqueles cristãos que acreditam na continuidade dos dons devem ter certeza absoluta que Deus os está usando para profetizar, para que não

profetizem o que Deus não falou, podendo com esta atitude errônea desanimar aqueles que aguardaram pelo cumprimento de algo em suas vidas que Deus jamais falou.

Profissão de fé. Declaração pública e consciente na qual uma pessoa expressa sua crença e compromisso com os ensinamentos essenciais do cristianismo. Essa profissão pode ocorrer em diferentes momentos e formas, como no batismo, na confissão pública diante da igreja, em momentos de conversão ou em credos históricos (como o Credo Niceno ou o Credo Apostólico). A profissão de fé tem como objetivo testemunhar a adesão pessoal e comunitária à pessoa de Jesus Cristo como Senhor e Salvador, à Trindade, à Bíblia e aos fundamentos da fé cristã. No Novo Testamento, exemplos de profissão de fé incluem a confissão de Pedro de que Jesus é o Cristo (Mateus 16:16) e a declaração pública de crentes em Atos. Profissões formais de fé fortalecem a unidade e identidade da igreja, ajudam a discernir a verdadeira doutrina, e incentivam o compromisso de viver segundo os princípios cristãos. Além disso, a profissão de fé é um ato de obediência e testemunho que demonstra a transformação interior pela graça de Deus e o desejo de seguir a Cristo.

Ela também serve como base para a integração na comunidade cristã e para o exercício dos direitos e deveres dentro da igreja local. Para os cristãos evangélicos, a profissão de fé pessoal é fundamental para a salvação, pois envolve reconhecer a necessidade do perdão de pecados e aceitar Jesus como único mediador (Romanos 10:9-10). Em suma, a profissão de fé é o momento em que o crente verbaliza sua confiança em Deus, expressa sua entrega e assume publicamente sua identidade cristã.

Projeção astral. Ver “Desdobramento espiritual”.

Propiciação. Ato de se aplacar a ira de alguém. De acordo com a Bíblia, Deus está irado contra o pecado: “Quem, porém, mantém-se em desobediência ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus”. (João 3:36) Como o homem pecador não pode fazer nada para aplacar a ira de Deus, pois as obras do pecador para Deus são trapos de imundície (Isaías 64:6), então Deus tomou a iniciativa de aplacar a sua própria ira, enviando Jesus para nos salvar. Por isso, lemos na Bíblia: “Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus ofereceu como sacrifício propiciatório,

por meio da fé, pelo seu sangue, para demonstração da sua justiça. Na sua paciência, Deus deixou de punir os pecados anteriormente cometidos”. (Romanos 3:24, 25) Ou seja, Jesus é o sacrifício que aplaca a ira de Deus. Quando o homem deposita fé em Jesus, seu sacrifício aplaca a ira divina.

Protestantismo. É o movimento religioso surgido no século XVI, resultante da Reforma Protestante, que buscou reformar a Igreja Católica Romana, enfatizando a autoridade exclusiva das Escrituras (Sola Scriptura), a justificação pela fé somente (Sola Fide) e o sacerdócio universal dos crentes. O protestantismo rejeita doutrinas e práticas que não encontram respaldo bíblico, como a intercessão dos santos, a venda de indulgências e a autoridade papal. Originou diversas denominações, como luteranos, reformados, anglicanos, batistas e metodistas, entre outros. O movimento promoveu a tradução da Bíblia para as línguas vernaculares, o culto centrado na pregação e a valorização da relação pessoal do crente com Deus. O protestantismo é uma das maiores tradições cristãs no mundo, influenciando profundamente a cultura, a ética e a política em vários países.

Providência divina. Doutrina teológica que afirma que Deus governa soberanamente o universo com sabedoria, poder e amor, sustentando, guiando e dirigindo todas as coisas conforme o Seu propósito eterno. A providência inclui tanto o sustento da criação (Deus mantém todas as coisas existindo e funcionando) quanto o governo (Deus dirige os acontecimentos, grandes ou pequenos, para o cumprimento de Sua vontade). Essa ação contínua não anula a liberdade humana nem transforma o mundo em um sistema mecanicista; antes, mostra que nada escapa ao controle de Deus, ainda que Ele permita o mal e o sofrimento por razões que muitas vezes estão além da compreensão humana (Isaías 46:9, 10; Romanos 8:28). A providência se divide geralmente em três aspectos: preservação (Deus mantém o ser e a ordem do universo), concurso (Deus coopera com as ações das criaturas), e governo (Deus dirige todas as coisas para o fim que determinou). Na Bíblia, vemos exemplos claros da providência de Deus na história de José no Egito (Gênesis 50:20), na preservação do povo de Israel e no plano redentor realizado em Cristo. Para os cristãos reformados, a providência divina está intimamente ligada à soberania absoluta de Deus e ao Seu decreto eterno. Já para outras tradições cristãs, pode haver um maior

espaço para a liberdade humana, embora ainda se reconheça que Deus intervém, cuida e guia. Seitas e sistemas religiosos desviantes, por outro lado, podem negar a providência pessoal de Deus, apresentando-o como um ser ausente (deísmo) ou confundindo Sua ação com forças impessoais (como no panteísmo e no espiritismo). Em resumo, a doutrina da providência divina conforta os crentes com a certeza de que Deus não está distante, mas age constantemente em favor dos Seus filhos, conduzindo tudo com soberania e fidelidade para o cumprimento dos Seus planos eternos.

Psicopaniquismo. Psicopaniquismo é um termo usado para descrever o medo irracional e intenso da morte ou do estado após a morte, caracterizado por ansiedade extrema diante da ideia do fim da existência pessoal. Na apologética cristã, o psicopaniquismo é compreendido como resultado da ausência de esperança em uma vida eterna segura, o que leva ao desespero e à angústia existencial. A fé cristã combate esse medo com a certeza da ressurreição (1 Coríntios 15), da vida eterna (João 3:16) e da presença constante de Deus, que vence a morte e oferece consolo e esperança diante do fim físico. Assim, o cristianismo apresenta

uma resposta racional e espiritual ao psicopanicismo, reafirmando que a morte não é o fim, mas a passagem para a vida eterna com Deus.

Pu – No taoísmo, o “bloco bruto”, símbolo da simplicidade e potencial antes da diferenciação.

Pudgala. No jainismo, pudgala é a matéria ou partículas físicas que compõem o universo, incluindo o corpo e o karma. Diferente da alma (jiva), que é consciente e eterna, o pudgala é insensível e mutável. As partículas de pudgala kármico se aderem à alma, causando seu aprisionamento e sofrimento. A interação entre jiva e pudgala é fundamental para a existência material e o ciclo de renascimentos. A purificação da alma envolve a libertação dessas partículas materiais para alcançar a pureza espiritual.

Puja. É um ritual de adoração presente em várias religiões da Índia, mas com nuances próprias em cada uma delas. No budismo, puja é uma prática devocional que envolve oferendas, recitações e meditações em homenagem ao Buda, bodhisattvas e outros seres iluminados, buscando inspiração e mérito espiritual, sem a ideia de um deus criador. No bramismo (fase antiga do

hinduísmo védico), o puja era inicialmente um ritual de sacrifício e oferendas aos deuses védicos, focado na manutenção da ordem cósmica e social por meio dos mantras e rituais complexos. No jainismo, o puja é dedicado aos Tirthankaras e outras almas iluminadas, consistindo em homenagens com flores, água, incenso e recitação de mantras, enfatizando o respeito e a imitação dos exemplos espirituais, sem invocação de um deus criador. Já no hinduísmo, puja é um ato devocional que envolve adoração a várias divindades, com oferendas de flores, luzes, alimentos e cânticos, buscando comunhão com o divino e bênçãos, podendo variar de cerimônias simples a elaborados rituais comunitários.

Purgatório. Na doutrina católica, o purgatório é entendido como um estado ou processo intermediário onde as almas que morreram em graça, mas ainda imperfeitas, passam por purificação antes de entrar na glória eterna do céu. Essa purificação é necessária para remover as consequências temporais do pecado, mesmo após o perdão dos pecados em si. A Igreja Católica fundamenta essa crença em tradições, no ensino dos Padres da Igreja, em passagens bíblicas como 2 Macabeus 12:46 (livro deuterocanônico, não aceito pelos

protestantes) que recomenda orações pelos mortos, e em interpretações de passagens como 1 Coríntios 3:15 e Mateus 12:32. O argumento católico baseado em 1 Coríntios 3:15 afirma que o texto – “se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas o tal será salvo, todavia como que pelo fogo” – indica um processo de purificação pós-morte, entendido como o purgatório, onde o fogo simbólico purifica o crente salvo, mas ainda imperfeito. A refutação protestante destaca que o contexto do capítulo trata da avaliação das obras dos ministros e crentes no dia do juízo, não de uma purificação das almas após a morte. O “fogo” é interpretado como um símbolo do juízo divino que prova a qualidade das obras, não das pessoas, e a salvação “como que pelo fogo” significa escapar por pouco, como alguém que sai de um incêndio com vida, e não passar por um processo purificador. Assim, o versículo não sustenta um estado intermediário, mas enfatiza o julgamento das obras feitas em vida. O argumento católico em Mateus 12:32 – “...mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste mundo nem no vindouro” – é que Jesus insinua a possibilidade de perdão de certos pecados no “mundo vindouro”, o que abriria espaço para a doutrina do purgatório. A apologética protestante refuta essa ideia

apontando que o propósito da frase é enfatizar a gravidade do pecado contra o Espírito Santo, não ensinar sobre um local de purificação após a morte. Dizer que algo não será perdoado nem agora nem depois não implica que outros pecados serão perdoados depois da morte; é apenas uma forma hebraica de reforço enfático (hipérbole negativa). Além disso, em lugar nenhum Jesus afirma que há perdão após a morte; ao contrário, Hebreus 9:27 afirma que “aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo.” Portanto, o texto não oferece base sólida para a existência do purgatório. O purgatório é visto como um ato de misericórdia divina que permite a santificação completa das almas. A apologética protestante, por outro lado, rejeita o purgatório, afirmando que não há base bíblica clara para esse ensino e que a salvação é totalmente pela graça mediante a fé em Cristo, sem necessidade de purificação após a morte (Efésios 2:8, 9). Argumenta-se que a obra de Cristo na cruz é suficiente para a completa remissão dos pecados, e que a ideia do purgatório promove uma “segunda obra” de salvação, o que contraria a doutrina da justificação pela fé. Além disso, a oração pelos mortos e o uso de textos deuterocanônicos são questionados quanto à autoridade canônica. Por isso, na visão

protestante, as almas vão diretamente para o céu ou inferno após a morte, sem passagem intermediária.

Purusha. No bramanismo, é o espírito cósmico, o ser primordial que se sacrificou para gerar o universo, segundo os Vedas. Também pode representar a alma ou consciência individual. É frequentemente contrastado com Prakriti (matéria). A relação entre Purusha e Prakriti explica a existência e o sofrimento. O reconhecimento da separação entre ambos é essencial para a libertação. Em algumas interpretações, Purusha e Brahman se identificam como a realidade última.

Q

Qi (Chi). Um conceito fundamental nas religiões e filosofias orientais, especialmente no taoismo, confucionismo e no budismo chinês. Refere-se à energia vital ou força vital que permeia o universo e os seres vivos, sendo responsável pela saúde, equilíbrio e harmonia do corpo e da mente. O Qi flui através dos meridianos do corpo, e práticas

como acupuntura, tai chi e qigong buscam harmonizar esse fluxo para promover o bem-estar físico e espiritual. Embora seja um conceito espiritual e filosófico, o Qi também influencia a medicina tradicional chinesa e as artes marciais.

Qi Gong. Prática energética do taoismo que visa cultivar, equilibrar e fortalecer o Qi (energia vital) por meio de exercícios corporais suaves, respiração controlada e meditação. No contexto taoista, o Qi Gong é usado como meio de prolongar a vida, promover a saúde e alcançar a harmonia espiritual com o Tao. Além do taoismo, ele também é utilizado no budismo chinês e na medicina tradicional chinesa, mas sua origem e estrutura teórica são essencialmente taoistas. É uma disciplina que integra corpo, mente e espírito com os fluxos naturais do universo.

Quatro Nobres Verdades. As Quatro Nobres Verdades são o fundamento do ensinamento de Buda e constituem o coração do budismo. São: (1) A Verdade do Sofrimento (Dukkha): a vida envolve sofrimento, insatisfação e impermanência; (2) A Verdade da Origem do Sofrimento: o sofrimento surge do desejo, do apego e da ignorância; (3) A Verdade da Cessação do Sofrimento: é possível cessar o

sofrimento ao eliminar o desejo; (4) A Verdade do Caminho que Conduz à Cessação do Sofrimento: esse caminho é o Nobre Caminho Óctuplo, que conduz à libertação, ao nirvana. Essas verdades não são apenas conceitos, mas um guia prático para a transformação interior.

Querubim. Além dos serafins e anjos em geral, uma outra categoria angelical. Após a queda do homem no pecado, Deus pôs querubins para proteger o caminho da árvore da vida. (Gênesis 3:24) Imagens de querubins foram usadas na Arca da Aliança. (Êxodo 25:18-22) Em Ezequiel 1, os querubins são descritos na visão dada ao profeta como tendo faces de homem, leão, touro e águia, simbolizando qualidades divinas no homem, como respectivamente o amor, a justiça (ou coragem), o poder e a sabedoria.

Quimbanda. A Quimbanda é uma prática religiosa afro-brasileira que surgiu no Brasil como uma ramificação do Candomblé e da Umbanda, com raízes nas tradições africanas trazidas pelos povos bantos e iorubás. Diferente da Umbanda, que enfatiza a caridade e a luz, a Quimbanda é associada a entidades espirituais conhecidas como Exus e Pombagiras, que são considerados mensageiros e guardiões das encruzilhadas,

ligados à comunicação entre o mundo espiritual e o material. A Quimbanda trabalha com rituais que podem envolver magia, proteção, abertura de caminhos, e às vezes é associada a práticas consideradas mais "ocultas" ou de manipulação energética. Não possui um livro sagrado oficial; seus conhecimentos e práticas são transmitidos oralmente e por meio de iniciações. Jesus não ocupa um papel central nem é reconhecido como figura divina na Quimbanda, pois esta tradição está ligada a uma cosmologia distinta da cristã, focada nas relações entre os espíritos e os praticantes. A Quimbanda é frequentemente mal compreendida e estigmatizada, mas para seus seguidores é uma religião legítima que busca equilíbrio espiritual e proteção.

Quórum dos Doze. O Quórum dos Doze Apóstolos é uma das principais lideranças da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (também conhecida como Igreja Mórmon), fundada por Joseph Smith em 1830 nos Estados Unidos. Inspirado no colégio apostólico do Novo Testamento, o Quórum é composto por doze homens considerados profetas, videntes e reveladores, subordinados apenas ao presidente da Igreja (que também é considerado um profeta). Eles têm a

responsabilidade de supervisionar a pregação do evangelho, a administração da Igreja em todo o mundo e a preservação das doutrinas restauradas.

R

Ramadã. É o nono mês do calendário islâmico, considerado sagrado pelos muçulmanos por ser o período em que o profeta Maomé recebeu as primeiras revelações do Alcorão. Durante esse mês, os fiéis praticam o jejum diário (sawm) desde o nascer até o pôr do sol, abstendo-se de comida, bebida, relações sexuais e outras práticas, como forma de purificação espiritual, disciplina e aproximação de Deus. O Ramadã é também um tempo de oração intensificada, leitura do Alcorão, caridade e reflexão. Ao final do mês, celebra-se o Eid al-Fitr, uma festa que marca o fim do jejum, caracterizada por orações especiais, refeições festivas e atos de generosidade. O jejum no Ramadã é um dos cinco pilares do Islã, obrigatório para todos os muçulmanos adultos e saudáveis, simbolizando

submissão, autocontrole e solidariedade com os pobres.

Ramayana. É um dos épicos mais importantes do hinduísmo, atribuído ao sábio Valmiki, que narra a história do príncipe Rama, um avatar do deus Vishnu. O poema épico conta suas aventuras, incluindo o exílio na floresta, o resgate de sua esposa Sita do demônio Ravana, e a luta entre o bem e o mal. O Ramayana é muito mais que uma narrativa; é um texto que ensina valores morais, deveres sociais, devoção e o dharma (caminho correto). Sua influência é profunda na cultura, religião e artes da Índia e de outras regiões do sudeste asiático, inspirando práticas devocionais e festivais até hoje.

Redenção. Livramento de algum tipo de escravidão através de um preço pago por um redentor. Na história do povo de Deus, o próprio Deus toma o primeiro passo na redenção do homem. No Gênesis, ele vai até o homem pecador para anunciar a ele a salvação através do descendente da promessa. (Gênesis 3:15) E em todo o Antigo Testamento, observamos atos pedagógicos e poderosos de Deus para conduzi-los a salvação, como no Êxodo, em que Israel é liberto do Egito (figura de pecado), através de

Moisés (tipo de Cristo). Na fé cristã, temos a redenção em Cristo Jesus (Romanos 3:24; 1 Coríntios 1:30), pois ele pagou o alto preço – sua própria vida, para nos livrar da escravidão do pecado e nos salvar. De fato, “nele temos a redenção, o perdão dos nossos pecados pelo seu sangue, segundo a riqueza da sua graça”. – Efésios 1:7; Colossenses 1:14.

Redenção Geral. Ver “expição geral”.

Redenção limitada. Ver “expição limitada”.

Reencarnação. A reencarnação é a crença de que a alma ou espírito de uma pessoa, após a morte, nasce novamente em outro corpo humano (ou, em algumas crenças, animal ou vegetal), em um ciclo contínuo de nascimentos e mortes chamado de samsara. Essa doutrina é central em várias religiões orientais, como o hinduísmo, budismo, jainismo e espiritismo kardecista, cada qual com suas nuances. No espiritismo, por exemplo, a reencarnação é vista como meio de evolução moral e aprendizado; já no hinduísmo, está ligada ao carma e à busca da libertação (moksha). Essas religiões geralmente rejeitam a ideia de condenação eterna e acreditam que todos os seres estão em processo de aperfeiçoamento. Quanto a Jesus Cristo, religiões que ensinam a

reencarnação normalmente o veem como um mestre espiritual ou espírito evoluído, mas negam sua divindade eterna, sua morte expiatória e ressurreição corporal única, ensinadas pelo cristianismo. A Bíblia, no entanto, nega explicitamente a reencarnação: “...aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disso o juízo” (Hebreus 9:27). Para a fé cristã, o ser humano vive uma só vida, seguida pelo juízo eterno, sendo a salvação e o destino eterno determinados nesta única existência. Por isso, a doutrina da reencarnação é considerada incompatível com o evangelho de Cristo.

Regeneração. Ver Nascimento, Novo.

Regressão espiritual. A regressão espiritual é uma prática terapêutica ou mística que busca, geralmente por meio de hipnose ou meditação profunda, levar a pessoa a “recordar” vidas passadas ou experiências espirituais anteriores, com o objetivo de curar traumas, entender problemas atuais ou obter crescimento espiritual. Essa técnica está associada a crenças na reencarnação e em vidas múltiplas, comuns em correntes como o espiritismo, o esoterismo e algumas terapias alternativas. Do ponto de vista bíblico e da apologética cristã, a regressão

espiritual é rejeitada, pois a Bíblia não ensina a reencarnação nem a existência de múltiplas vidas; ao contrário, afirma que o homem vive uma só vez, sendo depois disso o juízo (Hebreus 9:27). Além disso, práticas que abrem a mente para experiências espirituais fora da revelação bíblica podem expor o indivíduo a enganos e influências malignas (Deuteronômio 18:10-12; 2 Coríntios 11:14). A verdadeira cura e transformação espiritual vêm por meio de Cristo e da renovação do Espírito Santo, não por meio da exploração de supostas vidas passadas.

Reino de Deus. O Reino de Deus é o governo soberano e eterno de Deus sobre toda a criação, manifestado tanto no presente, por meio da ação de Cristo e da obra do Espírito Santo no coração dos crentes, quanto no futuro, quando será plenamente consumado na nova criação. Jesus proclamou: “Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus” (Mateus 4:17), mostrando que o Reino estava próximo e disponível a todos que se arrependem e creem. Paulo também explica que “o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Romanos 14:17). Esse Reino é um reino de justiça, amor e santidade, onde a vontade de Deus se cumpre perfeitamente. Os seguidores de Cristo são chamados a viver

como cidadãos desse Reino, demonstrando seu poder transformador até a sua consumação final (Lucas 17:20-21; Apocalipse 11:15).

Relativismo. O relativismo é uma posição filosófica e ética que afirma que a verdade, os valores morais e os princípios não são absolutos, mas variam conforme a cultura, o contexto histórico, ou a perspectiva individual. No campo moral, isso significa que não existem padrões universais para o que é certo ou errado, e que todas as opiniões ou práticas podem ser consideradas igualmente válidas dentro de seus respectivos contextos. O relativismo desafia conceitos de verdade objetiva e moralidade absoluta, o que frequentemente entra em conflito com a cosmovisão cristã, que sustenta que Deus é a fonte da verdade absoluta e dos padrões morais universais, revelados na Bíblia. Na apologética cristã, o relativismo é criticado por minar a base da ética e da fé, levando a um pluralismo que pode diluir ou negar as reivindicações exclusivas do cristianismo, como a salvação somente em Jesus Cristo.

Remissão. Ato ou efeito de perdoar uma falta, dívida ou pecado, especialmente no contexto espiritual e teológico. Refere-se à liberação do pecador da culpa e da pena do

pecado por meio de um sacrifício expiatório. Na fé cristã, é realizada exclusivamente pelo sangue de Jesus Cristo, que oferece perdão completo e definitivo. Não é conquistada por méritos humanos, mas recebida pela graça, mediante a fé. No Antigo Testamento, era simbolizada pelos sacrifícios de animais; no Novo, é plenamente efetivada na cruz. Implica restauração da comunhão com Deus e abertura do caminho para a salvação eterna. É fundamento essencial da doutrina da justificação. A Bíblia diz: “Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos pecados.” - Efésios 1:7.

Resplendor. Diz-se que Jesus é o “resplendor da glória de Deus”. (Hebreus 1:3a) Diferentemente de um mero reflexo de um espelho contra o sol, por exemplo, o resplendor é a continuação do sol, ou seja, a luz que sai do sol. Lemos na Bíblia: “É como a luz da manhã ao sair do sol, da manhã sem nuvens, quando a relva brota da terra depois da chuva, pelo resplendor do sol”. (2 Samuel 23:4) Assim, Jesus não é um reflexo de Deus, mas o próprio Deus que vem até nós.

Ressurreição. Ato divino de trazer uma pessoa de volta à vida. Lázaro esteve morto por quatro dias, mas Jesus, aquele que é a ressurreição e a vida (João 11:25), ordenou:

“Lázaro, vem para fora”. (João 11:43) Mas esse caso e outros registrados na Bíblia foram ressurreições de pessoas que voltaram a morrer. Mas a ressurreição que os servos de Deus antes de Cristo (Daniel 12:2) e dos salvos depois da vinda de Jesus (1 Coríntios 15:52) aguardam é para jamais morrerem, já que terão seus corpos glorificados iguais ao de Cristo. (Filipenses 3:21; Romanos 8:11) Segundo a Bíblia, e o próprio Jesus, haverá uma ressurreição de vida para os justos (os salvos que em corpos glorificados viverão para sempre) e uma ressurreição de julgamento para os injustos (os que serão condenados à Geena, ou ao Lago de Fogo). – João 5:28, 29.

Ressurreição corporal. É a doutrina que afirma que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos com o mesmo corpo físico, real e glorificado que tinha antes da morte, e que os crentes também terão, no futuro, um corpo ressuscitado e incorruptível. A ressurreição de Jesus não foi apenas espiritual ou simbólica, mas literal e visível, como testemunhado por seus discípulos (Lucas 24:39-43; João 20:27, 28). Essa verdade é fundamental para a fé cristã, pois comprova a vitória definitiva sobre a morte e garante a esperança da vida eterna para os salvos. Paulo enfatiza em 1 Coríntios 15 que

a ressurreição corporal é essencial para a redenção completa do ser humano, que inclui alma e corpo, e que na nova criação os justos viverão com corpos glorificados, imortais e livres do pecado. A Bíblia apresenta evidências claras de que Jesus ressuscitou no mesmo corpo físico que tinha antes da morte, porém glorificado e transformado. Em Lucas 24:39, Jesus convida os discípulos a “verdes as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.” Ele comeu diante deles (Lucas 24:41-43), mostrando que seu corpo não era apenas espiritual, mas material. Em João 20:27, Jesus convida Tomé a tocar suas feridas para crer na ressurreição, demonstrando a continuidade do corpo crucificado. Além disso, o fato de Jesus poder aparecer e desaparecer, e atravessar portas fechadas (João 20:19-26) revela que seu corpo ressuscitado possui propriedades glorificadas, mas permanece o mesmo corpo pessoal e real, confirmado por múltiplas testemunhas, o que sustenta a doutrina da ressurreição corporal.

Revelação. Ato de Deus comunicar verdades ao homem. Na escrita da Bíblia, a revelação se Deus por meio de inspiração, ou seja, homens receberam a revelação de Deus,

movidos por Espírito Santo, e a assentaram por escrito. (2 Pedro 1:21) Em teologia, cremos que Deus se revela através de duas formas: (a) Revelação geral, ou seja, de uma forma que todos da humanidade podem percebê-lo, como por exemplo, através da criação. “Os céus declaram a glória de Deus” (Salmo 19:1) e “pois os seus atributos invisíveis, seu eterno poder e divindade, são vistos claramente desde a criação do mundo e percebidos mediante as coisas criadas”. (Romanos 1:20); (b) Revelação Especial, ou seja, aquela através da qual Deus se revela em particular e de forma sobrenatural para alguns de seu povo. Assim, Deus se revelou através de milagres (Mateus 15:30, 31), da vinda de Jesus aqui na terra (Hebreus 1:1, 2), da escrita da Bíblia (2 Pedro 1:21), de sonhos e visões (Joel 2:28-32).

Rita. No bramanismo, rita é a ordem cósmica que regula o funcionamento do universo e dos rituais. Precede o conceito posterior de Dharma. No Bramanismo, acredita-se que o cumprimento correto dos rituais védicos mantém essa ordem. Os deuses também estão sujeitos ao Rita. Ele assegura a estabilidade moral, social e natural. Com o tempo, Rita se fundiu e evoluiu no conceito de Dharma, abrangendo mais aspectos da conduta humana.

Rosa Alves (Santa Vó Rosa). Rosa Alves, conhecida por seus seguidores como Santa Vó Rosa, nasceu em 1909 no interior de São Paulo e faleceu em 1969. Ela é a figura central da Igreja Apostólica Santa Vó Rosa, fundada oficialmente em 1954 por Eurico Mattos Coutinho, que mais tarde proclamou Rosa como a “Consoladora prometida por Jesus”, conforme uma interpretação própria de João 14:16. Após sua morte, os adeptos passaram a crer que ela ascendia espiritualmente à presença de Deus e começou a atuar como mediadora e intercessora pelos fiéis, ao lado de Jesus e Maria Santíssima. Rosa foi elevada ao status de santa pela própria igreja, sem qualquer reconhecimento da Igreja Católica. Os seguidores creem que ela é a terceira pessoa da trindade celestial da igreja: Deus Pai, Jesus Cristo e a Santa Vó Rosa. Seu espírito, segundo os fiéis, guia a igreja, revela doutrinas e realiza milagres. Do ponto de vista bíblico e cristão ortodoxo, essas crenças são consideradas heréticas, pois atribuem à Vó Rosa funções exclusivas do Espírito Santo e de Cristo, como o papel de Consolador, intercessor e fonte de salvação. Além disso, elevá-la à condição quase divina contraria os ensinamentos fundamentais da fé cristã sobre a Trindade, a suficiência de Cristo e a unicidade da obra do Espírito Santo.

Rosa Cruz. A Ordem Rosacruz é uma fraternidade esotérica e filosófica que se originou na Europa no início do século XVII, com textos manifestos como a Fama Fraternitatis (1614), que anunciam uma tradição secreta de sabedoria mística e conhecimento espiritual. Embora não tenha um fundador único e claro, a Ordem Rosacruz moderna é influenciada por movimentos ocultistas, alquimia, cabala e filosofia hermética. A Rosa Cruz busca o desenvolvimento espiritual e intelectual do indivíduo por meio do estudo, meditação e práticas esotéricas, enfatizando a busca da verdade, da iluminação e da harmonia com o cosmos. Não possui um livro sagrado específico, mas utiliza diversas fontes simbólicas e textos esotéricos. A Ordem não adota uma crença formal em Jesus como Salvador no sentido cristão ortodoxo, mas muitas vezes o interpreta como um símbolo espiritual ou um mestre iluminado. A Rosa Cruz tem influenciado várias tradições místicas e esotéricas, sendo distinta das religiões convencionais.

S

Sábado. É o sétimo dia da semana, instituído por Deus como dia de descanso e adoração, conforme o relato da criação em Gênesis 2:2-3. No Antigo Testamento, o sábado é um mandamento central da Lei de Moisés, um sinal da aliança entre Deus e Israel, destinado a ser um tempo separado para cessar do trabalho e dedicar-se à comunhão com Deus e ao descanso físico e espiritual (Êxodo 20:8-11; Deuteronômio 5:12-15). No Novo Testamento, embora o domingo tenha sido adotado por muitos cristãos como dia de culto em memória da ressurreição de Jesus, o sábado mantém significado especial para grupos como os Adventistas do Sétimo Dia, que o observam como dia santo. O sábado simboliza o descanso eterno prometido por Deus e chama à confiança em Sua provisão e soberania.

Sábado, guarda do. Refere-se ao mandamento bíblico de observar o sábado como um dia santo de descanso, consagrado à adoração e à comunhão com Deus, conforme ordenado nos Dez Mandamentos (Êxodo 20:8-11). Guardar o sábado implica cessar as atividades laborais, dedicar-se à espiritualidade e reconhecer a soberania de Deus sobre o tempo e a criação. Atualmente, existem diferentes interpretações sobre a guarda do sábado: (1) Para os adventistas do

sétimo dia, o sábado é o dia literal do sétimo dia da semana (sábado) que deve ser observado integralmente como dia de descanso e culto; (2) Para a maioria das igrejas cristãs tradicionais, o sábado foi cumprido em Cristo e o domingo, dia da ressurreição, passou a ser o dia principal de adoração, com liberdade para as práticas de descanso; (3) Alguns cristãos veem o sábado como princípio espiritual, simbolizando o descanso em Cristo, sem obrigatoriedade de observância literal; (4) Outras denominações rejeitam a necessidade de qualquer observância específica de dias, enfatizando a liberdade cristã e a adoração em espírito e verdade. Essas variações refletem diferentes entendimentos teológicos e históricos sobre o papel da Lei no Novo Testamento.

Sabedoria. Na perspectiva bíblica, sabedoria é mais que conhecimento teórico ou inteligência prática — é a capacidade de viver segundo a vontade de Deus, aplicando princípios espirituais às decisões e atitudes diárias. Em Provérbios, a sabedoria é retratada como algo precioso, que começa com o temor do Senhor (Provérbios 1:7). Ela é tanto um dom divino quanto um resultado da obediência e meditação nas Escrituras. No Novo Testamento, Jesus é apresentado como a personificação da sabedoria de Deus (1

Coríntios 1:24), e a sabedoria do alto é descrita como pura, pacífica, amável e cheia de misericórdia (Tiago 3:17). Assim, a verdadeira sabedoria conduz à vida justa, humilde e piedosa.

Sabelianismo. É uma heresia cristológica do século III, apregoada por Sabélio, que nega a distinção pessoal entre as pessoas da Trindade, defendendo que Deus é uma única pessoa que se manifesta em diferentes modos ou aspectos — como Pai, Filho e Espírito Santo — em momentos distintos, em vez de três pessoas coeternas e coexistentes. Essa doutrina é também chamada de modalismo ou monarquianismo modalista. O sabelianismo compromete a verdadeira compreensão da Trindade, eliminando a distinção pessoal e a coexistência das três pessoas divinas. Foi rejeitado pela Igreja primitiva por negar a pluralidade da Trindade e a verdadeira encarnação do Filho, já que reduz Jesus a um modo temporário da única pessoa divina.

Sacrifício. Na história da salvação, desde o jardim do Éden, quando o homem pecou, Deus indicou que a salvação do homem seria por sacrifício. Ao pecar, o casal Adão e Eva perdeu a inocência, e se viram nus, sentindo vergonha. Deus, então, proveu-lhes peles de

animais, os quais evidentemente precisaram perder a vida. Assim, Deus começa a lidar com os efeitos do pecado “sacrificando” um ou mais animais. (Gênesis 3:7-21) Sob a Lei Mosaica, Deus instituiu sacrifícios de animais que prefiguravam a vinda de Jesus, o cordeiro que de uma vez por todas, através do seu sacrifício por nós na cruz, morreria de uma vez por todas. (João 1:29; Hebreus 7:27; 9:26) Em nosso relacionamento com Deus, precisamos apresentar o nosso corpo “como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional”. – Romanos 12:1.

Saduceus. Grupo religioso e político judeu que existiu principalmente entre os séculos II a.C. e I d.C., sendo composto principalmente pela elite sacerdotal e aristocrática que controlava o templo de Jerusalém. Diferentemente dos fariseus, os saduceus tinham uma visão mais conservadora e restrita da religião, aceitando apenas a autoridade da Torá escrita (os cinco primeiros livros da Bíblia) e rejeitando as tradições orais que os fariseus valorizavam. Teologicamente, os saduceus negavam algumas doutrinas fundamentais para o judaísmo popular e para os cristãos, como a ressurreição dos mortos, a existência de anjos e espíritos (cf. Mateus 22:23; Atos 23:8). Eles eram conhecidos por sua

colaboração com as autoridades romanas, buscando manter o status quo e a estabilidade social para proteger seus interesses políticos e religiosos. Essa postura muitas vezes os colocava em conflito com os fariseus e outros grupos mais populares e nacionalistas. Nos Evangelhos, os saduceus aparecem como opositores frequentes de Jesus, desafiando-o em questões teológicas e tentando descreditar Seu ministério (Mateus 22:23-33; Marcos 12:18-27). Após a destruição do templo em 70 d.C. pelos romanos, o grupo desapareceu, já que sua base de poder e influência estava ligada ao templo e ao sacerdócio levítico. O contraste entre saduceus e fariseus ilustra diferentes abordagens religiosas da época: os saduceus enfatizavam a letra da lei e os privilégios terrenos, enquanto os fariseus buscavam a aplicação da lei com ênfase na pureza espiritual e na esperança escatológica. Para os cristãos, o saduceísmo representa uma forma de religiosidade limitada, cética em relação às promessas divinas de vida eterna e transformação espiritual, sendo um exemplo de como o formalismo religioso pode levar à rejeição da verdade revelada por Deus.

Saiva Siddhanta. É uma importante escola filosófica e religiosa dentro do hinduísmo,

especialmente no sul da Índia, que se concentra na adoração do deus Shiva como a realidade suprema. Essa tradição ensina que a alma individual (pashu) está presa no ciclo de renascimentos devido à ignorância e ao apego, e que a libertação (moksha) é alcançada por meio da graça de Shiva, práticas devocionais, conhecimento e disciplina ética. O Saiva Siddhanta enfatiza a dualidade entre a alma e o divino, ao mesmo tempo que reconhece sua união final. Essa escola combina filosofia, ritualismo e misticismo, influenciando profundamente a cultura e a espiritualidade tamil.

Sarasvati. No hinduísmo, Sarasvati é a deusa da sabedoria, do conhecimento, da música, das artes e da aprendizagem. Ela é frequentemente representada como uma mulher serena, vestida de branco, segurando um livro sagrado (Vedas), um rosário e tocando um instrumento musical chamado veena. Sarasvati simboliza a pureza intelectual e espiritual, inspirando a criatividade, a eloquência e a busca pelo saber verdadeiro. Ela é adorada especialmente por estudantes, artistas e professores que desejam iluminação mental e sucesso em seus estudos e trabalhos criativos.

Sharia. Sistema de leis islâmicas derivadas do Alcorão e dos Hadiths, abrangendo normas religiosas, morais, civis e criminais. A Sharia orienta a conduta dos muçulmanos em aspectos pessoais, sociais e jurídicos, buscando a justiça e a obediência à vontade de Deus.

Salah (Salat). As cinco orações diárias obrigatórias que todo muçulmano deve cumprir como forma de submissão a Allah e de manutenção da conexão espiritual. Realizadas em horários específicos, essas orações envolvem recitações, posturas corporais e invocações.

Sallekhana. É uma prática jainista de jejum extremo e gradual até a morte, adotada voluntariamente como forma de purificação espiritual. Realizada com plena consciência e desapego, sallekhana visa preparar a alma para a libertação, reduzindo o acúmulo de karma e fortalecendo o controle sobre desejos e apegos. Considerada um ato de disciplina máxima e serenidade, é praticada especialmente em situações de doença, velhice ou fim de ciclo de vida. Essa renúncia consciente é vista como um caminho digno e respeitado rumo ao moksha.

Salvador/Salvação. Aquele que salva alguém ou um grupo de pessoas de algum mal. No contexto da fé cristã, há apenas um único Salvador, o Deus Jeová. Ele diz: “Além de mim não há salvador”. (Isaías 43:11) Como as três Pessoas do Deus triúno são o mesmo Deus Salvador, cada uma delas participa de salvar o homem do pecado e da morte. O Deus-Pai elabora o plano de salvação e envia o Deus-Filho para morrer por nós. (João 3:16; Filipenses 2:6-8) E o Espírito Santo regenera o homem, fazendo-o nascer de novo (João 3:3-7), e se tornando a garantia da herança do salvo. (Efésios 1:13, 14) Quanto à salvação, ela é uma obra exclusivamente divina. Segundo a Bíblia, somos salvos pela graça (favor imerecido) de Deus, por meio da fé. (Efésios 2:8) Não há outra forma de podermos ser salvos se não for através da fé em Cristo Jesus. (Atos 16:30, 31; 4:12) Entre os cristãos, há uma divergência entre aqueles que creem ser possível, uma vez salvos, perder a salvação, e aqueles que defendem a segurança da salvação, sendo assim impossível perdê-la, ou seja, uma vez salvos, salvos para sempre. Espera-se que essas divergências de opiniões não nos causem divisões, mas que sejamos maduros em lidar com elas. – 1 Coríntios 1:10.

Samyak Darshana. É a "visão correta" ou percepção verdadeira da realidade no jainismo, considerada o primeiro dos três pilares do caminho espiritual. Refere-se ao reconhecimento e aceitação da natureza da alma, do karma e das leis cósmicas sem ilusões ou dúvidas. Ter samyak darshana é essencial para iniciar a jornada rumo à libertação (moksha), pois só com a visão correta é possível praticar corretamente a ética e o conhecimento. Essa percepção está ligada à fé pura e à compreensão profunda dos ensinamentos jainistas.

Samsara. No budismo, ciclo contínuo de nascimento, morte e renascimento, impulsionado pelo carma e pela ignorância. Estar em samsara é estar preso ao sofrimento e à ilusão. O Budismo busca a libertação desse ciclo por meio da prática espiritual. Enquanto não se atinge o Nirvana, os seres continuam renascendo em diferentes reinos de existência. É considerado uma condição de sofrimento existencial. No Bramanismo, samsara é também o ciclo contínuo de nascimento, morte e renascimento ao qual todos os seres estão presos. No Bramanismo, é motivado pelo karma e pela ignorância do verdadeiro eu (Atman). É considerado uma condição de sofrimento e insatisfação. A libertação

(moksha) é o rompimento com esse ciclo. A consciência de que o mundo é impermanente e ilusório leva à busca por superação de Samsara por meio da sabedoria e da prática espiritual. No hinduísmo, samsara é o ciclo incessante de nascimento, morte e renascimento a que todas as almas (atman) estão sujeitas. Esse processo é marcado pelo sofrimento, pela impermanência e pela ilusão (maya) do mundo material. A alma reencarna em diferentes corpos e formas, dependendo do karma acumulado em vidas passadas. O objetivo espiritual é romper esse ciclo por meio da libertação (moksha), alcançando a união definitiva com o absoluto (Brahman). Samsara representa, portanto, a condição da existência condicionada e a busca pela transcendência da alma. Já o jainismo enfatiza que esse ciclo é causado pelo acúmulo e aderência das partículas kármicas à alma, que a mantém sujeita ao sofrimento e à imperfeição. O objetivo do jainista é purificar a alma por meio da prática rigorosa da não-violência (ahimsa), do desapego (aparigraha) e do controle das ações para interromper o influxo de karma (ashrava) e eliminar o karma já acumulado (nirjara), assim rompendo o ciclo do samsara e alcançando a libertação (moksha).

Sangha. Comunidade budista de monges, monjas e leigos que seguem os ensinamentos do Buda. É um dos Três Refúgios da vida budista: Buda, Dhamma e Sangha. A Sangha é responsável por preservar os ensinamentos e inspirar os praticantes. Há também a “Sangha nobre” — aqueles que já alcançaram níveis elevados de realização espiritual. A convivência com a Sangha é essencial para o crescimento espiritual.

Sangue de Cristo. Expressão bíblica riquíssima em significado, refere-se ao sacrifício vicário e redentor de Jesus Cristo na cruz do Calvário. No Antigo Testamento, o sangue de animais era usado nos rituais de sacrifício como símbolo de expiação pelos pecados (Levítico 17:11), apontando profeticamente para o sacrifício perfeito e definitivo de Cristo. No Novo Testamento, o sangue de Jesus é descrito como o meio pelo qual os pecados são perdoados (Hebreus 9:22), os crentes são reconciliados com Deus (Colossenses 1:20), purificados (1 João 1:7), redimidos (Efésios 1:7) e justificados (Romanos 5:9). A morte de Cristo derramando seu sangue é vista como o ápice da obra salvadora de Deus, um ato substitutivo no qual Ele morreu no lugar dos pecadores, satisfazendo plenamente a justiça divina.

O sangue de Cristo também é o fundamento da nova aliança (Lucas 22:20; Hebreus 9:15), em contraste com a antiga aliança mosaica baseada em sacrifícios repetitivos. Em Cristo, o sacrifício é único, perfeito e eterno (Hebreus 10:10-14). O sangue de Jesus, portanto, não é apenas simbólico, mas eficaz espiritualmente, pois representa a própria vida entregue em favor dos eleitos. Ele é a base para a confiança do cristão diante de Deus, a garantia de acesso ao trono da graça (Hebreus 10:19), e o selo da adoção e segurança eterna. Algumas seitas, como as Testemunhas de Jeová, deturpam o conceito bíblico do sangue de Cristo ao proibir transfusões de sangue com base em uma aplicação incorreta dos textos do Antigo Testamento sobre o consumo de sangue. No entanto, transfusão de sangue não é um ato espiritual, ritualístico ou alimentar, mas um procedimento médico que salva vidas e não tem relação com a proibição cerimonial do sangue. Assim, rejeitar transfusão como pecado é confundir simbolismo religioso com procedimento clínico, o que distorce o ensino bíblico e, tragicamente, pode colocar vidas em risco. O sangue de Cristo é, enfim, o centro da fé cristã, pois sem derramamento de sangue não há remissão (Hebreus 9:22). Celebrado na Ceia do Senhor e proclamado na pregação do evangelho, ele representa a

justiça satisfeita, o amor manifesto, a graça oferecida e a vitória definitiva sobre o pecado, o diabo e a morte.

Sangue, transfusão. Procedimento médico em que sangue ou seus componentes (como plasma, plaquetas ou glóbulos vermelhos) são transferidos de um doador para um receptor, geralmente em casos de anemia severa, cirurgias, traumas ou doenças sanguíneas. No contexto cristão, a transfusão de sangue tornou-se tema de debate principalmente por causa da oposição das Testemunhas de Jeová, que interpretam textos como Atos 15:28-29 (“abster-se de sangue”) como uma proibição divina a esse procedimento. No entanto, teólogos cristãos de outras tradições interpretam essa passagem como uma referência a práticas cerimoniais judaicas e ao consumo de sangue em rituais, não a tratamentos médicos modernos. Do ponto de vista ético e bíblico, muitos cristãos consideram que salvar uma vida é coerente com os princípios do amor ao próximo (Lucas 10:27; Marcos 2:27) e que a transfusão, longe de desonrar a Deus, pode ser uma expressão concreta desse amor.

Sannyasa. No hinduísmo, sannyasa é a etapa final do ideal de vida, caracterizada pela renúncia completa aos bens materiais,

desejos mundanos e obrigações sociais. O indivíduo que adota sannyasa torna-se um sannyasi (renunciante), dedicando sua vida à busca espiritual, meditação e contemplação da realidade última (Brahman). Essa fase representa a desapego total e a preparação para a libertação (moksha). Tradicionalmente, sannyasa é praticada após cumprir deveres familiares e sociais, sendo um compromisso de vida austero e profundo, respeitado dentro da cultura hindu.

Santidade/Santificação/Santo. Deus é o padrão absoluto da santidade. Sua santidade em grau absoluto é destacada em Isaías 6:3, quando os anjos de Deus declaram sobre ele: “Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos”. (Isaías 6:3) Ele é perfeitamente separado do pecado. Como imitadores de Deus (Efésios 5:1), precisamos ser santos como ele é santo. (Levítico 11:44, 45; 20:7; 1 Pedro 1:16) Através da morte de Jesus podemos buscar a santidade (Colossenses 1:22), ou seja, tanto evitarmos pecar como praticar o que é certo e da vontade de Deus. A santificação continua por toda a vida de um cristão, sendo aperfeiçoada. – 2 Coríntios 7:1; Romanos 6:12, 13; 2 Coríntios 3:18; Filipenses 3:13, 14.

Santo Daime. É uma doutrina espiritualista surgida no Brasil, na década de 1930, por meio de Raimundo Irineu Serra, também conhecido como Mestre Irineu. Essa religião sincrética mistura elementos do cristianismo popular, espiritismo kardecista, esoterismo, umbanda e tradições indígenas. O centro do culto é o uso ritualístico da bebida chamada **ayahuasca** (denominada "Daime" pelos adeptos), um chá com propriedades enteógenas preparado a partir de plantas amazônicas. Os rituais incluem cânticos (hinos), meditação, danças e busca por experiências místicas. Os adeptos afirmam que o Daime proporciona cura espiritual, autoconhecimento e contato com o divino. Do ponto de vista bíblico-cristão, no entanto, a prática de alterar o estado de consciência por meio de substâncias psicoativas entra em conflito com princípios como sobriedade (1 Pedro 5:8) e discernimento espiritual centrado na Palavra de Deus (João 17:17; 2 Timóteo 3:16, 17), sendo, portanto, incompatível com a fé cristã bíblica.

Santo dos Santos. Chamado também de Santíssimo Lugar, é a parte mais sagrada do Tabernáculo e, depois, do Templo de Jerusalém. Localizava-se na parte mais interna da estrutura sagrada e era separado do Lugar Santo por um véu espesso. Ali se

encontrava a arca da aliança, símbolo da presença de Deus entre o povo. Apenas o sumo sacerdote podia entrar nesse lugar, e apenas uma vez por ano, no Dia da Expição (Yom Kippur), para oferecer sacrifícios pelos pecados do povo (Levítico 16). No Novo Testamento, esse local é interpretado como símbolo do acesso direto a Deus que Cristo proporcionou ao rasgar-se o véu no momento de sua morte (Mateus 27:51; Hebreus 9:1-12). Assim, o Santo dos Santos representa tanto a santidade absoluta de Deus quanto o caminho aberto à Sua presença por meio de Jesus Cristo. Segundo a doutrina adventista do sétimo dia, Jesus não entrou no Santo dos Santos celestial logo após sua ascensão, mas somente em 22 de outubro de 1844, data reinterpretada após o fracasso da profecia de William Miller, que previa a volta de Cristo nesse dia. Essa doutrina, conhecida como juízo investigativo, afirma que, desde então, Cristo teria começado uma obra de julgamento investigativo no céu, analisando os registros de cada crente para determinar quem será salvo, antes de Sua segunda vinda. Baseiam essa crença especialmente em uma leitura tipológica de Levítico 16 e Daniel 8:14 ("até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado"). Como resposta cristã, Essa doutrina contradiz claramente o

ensino bíblico. A Bíblia ensina que, após sua ressurreição e ascensão, Jesus entrou imediatamente no Santo dos Santos celestial, como nosso sumo sacerdote perfeito, e ali realizou uma vez por todas o sacrifício eficaz pelos pecados (Hebreus 9:11-12, 24-26; 10:19-20). O véu do templo rasgado na morte de Cristo (Mateus 27:51) simboliza o acesso aberto à presença de Deus por meio de sua obra consumada. A ideia de que Ele só entrou no Santíssimo em 1844 não encontra apoio nas Escrituras e desvirtua a suficiência de sua obra na cruz, além de reinterpretar uma profecia de Daniel fora de seu contexto histórico e profético.

Saoshyant. O messias ou salvador escatológico do Zoroastrismo. No fim dos tempos, ele ressuscitará os mortos e trará a renovação final. Haverá justiça, purificação e a vitória definitiva do bem. É figura esperançosa e redentora.

Satanás. Anjo de Deus que liderou uma rebelião celestial, levando com ele muitos anjos rebeldes, que ficaram conhecidos como demônios. A palavra “Satanás” aparece 47 vezes na Bíblia, quatorze vezes no Antigo Testamento, trinta e três vezes no Novo Testamento. Mas num caso específico, Jesus chamou Pedro de “Satanás”, pois Pedro

estava se opondo a que Jesus morresse por nós, já que a palavra “Satanás” em grego significa “opositor”. Observe: “Ele, porém, voltando-se, disse a Pedro: Para trás de mim, Satanás! Tu és para mim motivo de tropeço, pois não pensas nas coisas de Deus, mas, sim, nas que são dos homens”. (Mateus 16:23; Marcos 8:33) Satanás sempre atuou contra o povo de Deus. “Satanás se levantou contra Israel e incitou Davi a fazer a contagem de Israel”. (1 Crônicas 21:1) Questionou a integridade de Jó a Deus. (Jó 1:6-2:7) Estava de prontidão para se opor a Josué, sumo sacerdote de Israel, mas foi repreendido pelo anjo de Deus. (Zacarias 3:1, 2) No Novo Testamento, Satanás, dentre as ações mais importantes dele podemos citar as tentações contra Jesus (Mateus 4:1-10; Lucas 4:1-13), fez Ananias e Safira mentirem contra o Espírito Santo. (Atos 5:1-11) Impediu visitas de Paulo a alguns irmãos. (1 Tessalonicenses 2:18) Outras ações más deste anjo mau são narradas na Bíblia quando ele é chamado de “diabo” e antiga serpente.

Satanismo. O satanismo é um conjunto de crenças e práticas que, em suas diversas formas, glorificam, veneram ou imitam Satanás, o adversário de Deus segundo a Bíblia. Existem variantes, desde o satanismo teísta, que acredita em Satanás como um ser

real e divino a ser adorado, até o satanismo simbólico ou LaVeyano, que utiliza Satanás como símbolo de liberdade e rebeldia contra normas religiosas tradicionais. Do ponto de vista cristão, o satanismo é uma heresia e uma rebelião contra Deus, pois Satanás é o inimigo derrotado de Cristo (João 12:31; Colossenses 2:15). A Bíblia adverte sobre a natureza enganadora e destrutiva de Satanás (2 Coríntios 11:14; Apocalipse 12:9) e chama os cristãos à resistência espiritual (Efésios 6:11, 12). Envolver-se com o satanismo é afastar-se da luz e da salvação oferecidas por Jesus Cristo, colocando a alma em grave risco espiritual.

Satya Sai Baba. Foi um guru espiritual indiano (1926–2011) conhecido por sua mensagem de amor, serviço altruísta e unidade entre religiões. Ele afirmava ser a reencarnação de Sai Baba de Shirdi, um santo reverenciado. Satya Sai Baba fundou organizações dedicadas à educação, saúde e ajuda social, atraindo milhões de seguidores ao redor do mundo. Seus ensinamentos enfatizavam valores como a verdade (satya), a não-violência (ahimsa), o amor universal e a devoção a Deus sem distinção religiosa. Embora seus milagres e reivindicações tenham gerado controvérsias, sua influência

espiritual e social permanece significativa para muitos devotos.

Sawm. Jejum praticado durante o mês do Ramadã, no qual os muçulmanos se abstêm de comida, bebida, relações sexuais e outras necessidades do nascer ao pôr do sol. O Sawm é um ato de disciplina espiritual, reflexão e solidariedade com os menos favorecidos.

Seicho-No-Ie. A Seicho-No-Ie (pronuncia-se "Seichô-no-iê", que significa "Lar do Progredir Infinito") é uma religião de origem japonesa fundada em 1930 por Masaharu Taniguchi. Surgiu como um movimento de pensamento positivo e filosofia espiritual baseada na crença de que tudo o que é verdadeiro e real é perfeito, e que o mal e o sofrimento são ilusões mentais. A doutrina é sincrética, mesclando elementos do budismo, xintoísmo, cristianismo, espiritismo e filosofia oriental, com forte ênfase na autoajuda e no poder do pensamento. Não possui um livro sagrado único, mas seus ensinamentos estão reunidos nas obras de Taniguchi, como A Verdade da Vida. Sobre Jesus, a Seicho-No-Ie o considera um mestre iluminado e exemplo de manifestação da natureza divina, mas não o reconhece como Deus encarnado ou Salvador exclusivo da

humanidade. A proposta do grupo é o desenvolvimento espiritual por meio da mudança de mente, oração e gratidão, e a crença na “imagem verdadeira” do ser humano como essencialmente perfeito. Apesar de utilizar termos cristãos, sua visão de mundo e de salvação difere radicalmente da fé cristã bíblica.

Seio de Abraão. O "Seio de Abraão" é uma expressão encontrada em Lucas 16:22, 23, na parábola do rico e Lázaro, contada por Jesus. Nessa narrativa, Lázaro, ao morrer, é levado pelos anjos ao "Seio de Abraão", um local de conforto, enquanto o rico, também morto, vai para um lugar de tormento. A expressão era uma forma judaica de descrever o estado abençoado após a morte, especialmente para os justos, em contraposição ao lugar de sofrimento. Representa, portanto, um lugar simbólico de comunhão com os patriarcas e com Deus, um antegozo do paraíso, antes da ressurreição final. No contexto cristão, é frequentemente associado ao repouso dos salvos antes da ascensão de Cristo e à esperança da vida eterna.

Seita. Veja Heresia. Seita é definido pelos cristãos como um grupo de pessoas que se reúnem para praticar desvios doutrinários (heresias). As principais formas de

identificarmos uma seita são: (a) Adicionar alguma doutrina às Escrituras; (b) Negar verdades bíblicas sobre a pessoa de Jesus, como sua divindade; (c) Multiplicar os requisitos para a salvação, todos eles envolvendo obras através das quais poderão salvar seus adeptos; (d) Exclusivismo religioso, apregoando serem eles a punica religião verdadeira; (e) Líderes polêmicos.

Seleção natural. Conceito central da teoria da evolução proposta por Charles Darwin, a seleção natural é o processo pelo qual organismos com características mais vantajosas para determinado ambiente tendem a sobreviver e se reproduzir em maior número do que os menos adaptados. Ao longo de muitas gerações, essas pequenas variações vantajosas se acumulam, levando à transformação das espécies. Esse mecanismo, segundo o darwinismo, não requer direção inteligente, propósito ou intervenção divina; tudo se daria por meio de mutações aleatórias e da luta pela sobrevivência. A seleção natural, portanto, seria suficiente para explicar a diversidade e complexidade da vida na Terra, inclusive o surgimento do ser humano. Refutação cristã – Embora seja observável que algumas adaptações ocorrem dentro de limites genéticos já presentes nos seres vivos

(microevolução), a seleção natural não explica satisfatoriamente a origem da vida, a complexidade irreduzível de estruturas biológicas e a consciência humana. A Bíblia afirma que Deus criou os seres vivos "segundo as suas espécies" (Gênesis 1), o que aponta para tipos fixos com capacidade de variação limitada, mas não para a transformação de uma espécie em outra (macroevolução). Ademais, a ideia de que tudo surgiu por acaso e sem propósito contradiz o ensino bíblico de um Criador inteligente e pessoal, que fez todas as coisas com ordem, propósito e intenção (Salmos 139:13-14; João 1:3; Colossenses 1:16-17). A doutrina da Criação ensina que o ser humano é feito à imagem de Deus, com alma racional, moralidade e espiritualidade – características que nenhuma seleção natural pode produzir. Portanto, a visão cristã não nega observações científicas válidas sobre adaptação e variação, mas rejeita a explicação naturalista e acidental como origem da vida e da complexidade biológica.

Senhor. Título de respeito dado a pessoas importantes, pessoas de idade, aos deuses falsos e a único Deus verdadeiro. Na Trindade, as três pessoas são chamadas de Senhor. Deus, o Pai, é o Senhor dos céus e da terra. (Mateus 11:25) Jesus é centenas de

vezes chamado de Senhor, e em sentido absoluto, ele é o único Senhor (1 Coríntios 8:6), e o interessante é que o Deus Jeová o chama de Senhor. (Salmos 110:1; Hebreus 1:10). Importante também é que Jesus foi chamado de Senhor enquanto estava no ventre de sua mãe. (Lucas 1:43) A Bíblia também diz: “O Senhor é o Espírito”. (2 Coríntios 3:17a).

Septuaginta. Tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego koiné, realizada entre os séculos III e II a.C., em Alexandria, no Egito. O nome “Septuaginta” (do latim septuaginta, “setenta”) refere-se à tradição segundo a qual setenta ou setenta e dois estudiosos judeus trabalharam nessa tradução. Inicialmente, foi traduzido apenas o Pentateuco, mas posteriormente todo o Antigo Testamento foi incluído. Essa versão teve grande importância no mundo helenístico, pois muitos judeus da diáspora não falavam mais hebraico, mas grego. Além disso, a Septuaginta foi amplamente utilizada pelos autores do Novo Testamento, que frequentemente citavam passagens do Antigo Testamento conforme aparecem nessa versão. Alguns livros presentes na Septuaginta não constam no cânon hebraico (como Judite, Sabedoria e 1-2 Macabeus), sendo chamados de deuterocanônicos pela

Igreja Católica e apócrifos pelos protestantes. A Septuaginta é, portanto, fundamental tanto para os estudos bíblicos quanto para a compreensão da história do texto sagrado.

Serafim. Classe de anjos mencionada na Bíblia em apenas dois versículos. Na visão que Isaías teve da glória do Deus Jeová, descrevendo a visão, se diz: “Acima dele [do trono onde Deus estava assentado] havia serafins; cada um tinha seis asas; com duas cobriam o rosto, com duas cobriam os pés e com duas voavam [...] Então, um dos serafins voou até mim, trazendo na mão uma brasa viva, que havia tirado do altar com uma tenaz”. (Isaías 6:2, 6) Apesar de pouca informação bíblica, por serem anjos honrar e adoram a Deus constantemente.

Serpente (Víbora) Animal que, dependendo da espécie, pode ser venenoso quando pica. Na Bíblia, Satanás usou uma serpente para enganar Eva (Gênesis 3:1-5), por isso, se diz que foi a serpente que enganou Eva (2 Coríntios 11:3) e se diz “a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás” (Apocalipse 20:2) Os ímpios são comparados às serpentes: “Têm veneno semelhante ao veneno da serpente; são como a víbora surda, que tapa seus ouvidos” (Salmo 58:4). João Batista

chamou aquela geração de seus dias de “Raça de víboras” (Lucas 3:7). Mas as serpentes podem também ser usadas como exemplo de astúcia. Jesus disse a seus discípulos: “Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos; portanto, sede astutos como as serpentes e sem malícia como as pombas”. – Mateus 10:16.

Shahada (Profissão de Fé). É a declaração de fé islâmica: “Lā ilāha illā Allāh, Muḥammadur rasūlu Allāh”, que significa: “Não há divindade além de Alá, e Maomé é o mensageiro de Alá.” Recitar essa frase com sinceridade torna alguém muçulmano.

Shakti. No hinduísmo, Shakti é a energia divina feminina, a força ativa e dinâmica do universo. Ela é considerada a consorte e o poder de manifestação dos deuses, especialmente de Shiva. Todas as deusas — como Durga, Kali, Parvati e Lakshmi — são expressões de Shakti. Sem ela, o divino masculino é visto como inerte. Shakti não é apenas criadora, mas também destruidora e mantenedora, representando o ciclo completo da existência. No culto shakta, Shakti é adorada como a deusa suprema, fonte de todo poder, conhecimento e transformação espiritual.

Sheol. No hebraico, esta palavra designa a sepultura. É um lugar de completa inatividade para o corpo, a parte material do homem que, na morte, fica debaixo do sol. (Eclesiastes 9:3-11) No sheol, ou sepultura, os mortos não louvam a Deus (Salmo 88:10-12) No grego, seu equivalente “hades” terá um significado além-túmulo: (a) É sepultura para o corpo (Atos 2:29, 31), mas para o espírito, o mundo dos que morreram sem Cristo, sem salvação, ou inferno de tormento (Lucas 16:23).

Shiva. É uma das principais divindades do hinduísmo, conhecido como o “Destruidor” ou “Transformador” dentro da trindade Trimurti (que inclui Brahma, o Criador, e Vishnu, o Preservador). Shiva representa o poder da destruição que é necessário para a regeneração e o ciclo contínuo da vida, morte e renascimento. Ele é venerado tanto como um asceta meditativo, símbolo do desapego e da renúncia, quanto como um deus doméstico e familiar, presente em diversas formas e manifestações. Shiva é frequentemente retratado com um terceiro olho, a serpente no pescoço, e o rio Ganges fluindo de seus cabelos, simbolizando sua natureza poderosa e benevolente.

Shruti. No bramanismo, shruti significa “aquilo que foi ouvido” e refere-se aos textos sagrados revelados, especialmente os Vedas e os Upanishads. É considerada a fonte mais elevada de autoridade religiosa. A tradição sustenta que os rishis (sábios) ouviram essas revelações diretamente dos deuses ou do absoluto. Os textos Shruti são diferentes de Smriti (o que é lembrado), que tem caráter mais interpretativo. A fidelidade à Shruti é vista como fidelidade à verdade eterna.

Sidarta Gautama. Conhecido como Buda, foi um príncipe do clã Shakya, nascido no atual Nepal por volta do século VI a.C. Criado em meio ao luxo, abandonou tudo ao se confrontar com o sofrimento humano — doença, velhice e morte — e passou a buscar a libertação espiritual. Após anos de práticas extremas e meditação profunda, alcançou a **iluminação** sob a figueira bodhi, tornando-se o Buda, que significa “O Iluminado”. Seus ensinamentos originaram o budismo, centrado nas Quatro Nobres Verdades e no Caminho Óctuplo, que apontam para a cessação do sofrimento (dukkha) e a conquista do **nirvana**. Buda rejeitou o sistema de castas e os rituais brahmânicos, promovendo uma vida de compaixão, sabedoria e desapego

Sinergismo – Doutrina que ensina que a salvação envolve a cooperação entre a graça divina e a vontade humana, ou seja, Deus oferece a graça, mas o ser humano precisa colaborar para alcançar a salvação. Essa visão é típica de algumas tradições cristãs, como o catolicismo romano, o arminianismo e algumas igrejas ortodoxas, e contrasta com o **monergismo**, que afirma que a salvação é obra exclusiva de Deus, sem participação humana. O synergismo enfatiza a responsabilidade humana em responder à graça, praticar boas obras e perseverar na fé, mas sempre reconhecendo que a iniciativa parte de Deus.

Siquismo. Fundado no século XV pelo guru Nanak Dev Ji no Punjab, Índia, o siquismo é uma religião monoteísta que ensina a crença em um Deus único, sem forma e onipresente, enfatizando a igualdade de todos os seres humanos e rejeitando o sistema de castas e qualquer forma de discriminação social. Seus seguidores buscam uma vida espiritual que combina meditação constante no nome de Deus (Naam Japna), honestidade no trabalho (Kirat Karni), e serviço altruísta à humanidade (Vand Chakna). O siquismo valoriza a justiça social, a humildade, a simplicidade e a comunhão com a comunidade (Sangat), tendo como guia principal o Guru Granth

Sahib, texto sagrado que reúne ensinamentos dos dez gurus históricos e outros santos. Seus símbolos distintivos, os Cinco Ks, representam compromissos éticos e espirituais que fortalecem a identidade e a disciplina do fiel, enquanto a prática religiosa incentiva a harmonia entre a devoção a Deus e a responsabilidade social.

Soberania. Direito de Deus ser reconhecido como estando acima de tudo e de todos, e de tomar as decisões que quiser em relação a sua criação. A Bíblia diz: “o SENHOR é o Deus soberano, o grande Rei acima de todos os deuses”. (Salmo 95:3) Jesus, por ser Deus, é o único Soberano (dunástes, em grego). (1 Timóteo 6:15) Falando sobre muitos negarem a Cristo, Judas escreveu: “Porque certos homens se infiltraram entre vós sem que fossem notados; desde há muito tempo eles estavam destinados para o juízo. São homens ímpios, que mudam a graça de nosso Deus em libertinagem e negam o nosso único Soberano (“despóten”, no grego) e Senhor, Jesus Cristo”. (Judas 4). E em Apocalipse 6:10, o próprio Deus é chamado de “Soberano” (déspotes, no grego).

Soteriologia. É o ramo da teologia que estuda a salvação oferecida por Deus através de Jesus Cristo, abrangendo sua natureza,

meios, propósito e aplicação na vida do ser humano. A soteriologia analisa como o pecado separou o homem de Deus e como, pela graça mediante a fé, somos reconciliados, justificados, regenerados, santificados e glorificados (Efésios 2:8-9; Romanos 5:1; Filipenses 1:6). Também investiga o papel da expiação, da obra redentora de Cristo na cruz, da ressurreição e da obra do Espírito Santo na transformação do crente. A soteriologia enfatiza que a salvação é um dom divino, não resultado do esforço humano, e tem como fim a restauração do relacionamento entre Deus e o homem, culminando na vida eterna. Ela é central para a mensagem do Evangelho e a esperança cristã.

Submissão. Ato de sujeitar-se a uma autoridade. A Bíblia ensina aos empregados a serem submissos a seus patrões (amos): “Exorta os servos para que sejam submissos a seus senhores em tudo, agradando-os sem reclamar” (Tito 2:9) e aos cristãos serem submissos (ou obedientes) aos que governam a Igreja (pastores): “Obedecei a vossos líderes, sendo-lhes submissos, pois eles estão cuidando de vós”. (Hebreus 13:17) As mulheres cristãs demonstram submissão à liderança na igreja por “permanecer caladas nas igrejas. Porque não lhes é permitido falar.

Mas estejam submissas como também a lei ordena”. (1 Coríntios 14:34) E a elas o apóstolo Paulo ordena: “Mas, assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres sejam em tudo submissas ao marido”. (Efésios 5:24; Tito 2:5), imitando o exemplo das santas mulheres do Antigo Testamento. (1 Pedro 3:5) A Igreja, conforme mencionado acima, deve ser submissa a seu Cabeça, Jesus Cristo. – 1 Coríntios 11:3.

Subordinacionismo. Doutrina cristológica e trinitária herética que afirma que o Filho (Jesus Cristo) e o Espírito Santo são subordinados ao Pai em essência ou natureza, e não apenas em função ou economia. Essa crença sustenta que o Pai é o único Deus supremo em sentido absoluto, enquanto o Filho e o Espírito são seres divinos inferiores ou derivados, negando assim a igualdade plena e eterna entre as três pessoas da Trindade. Embora muitas formas sutis de subordinacionismo tenham surgido na história da Igreja, sua expressão mais conhecida foi o arianismo, ensinado por Ário no século IV, que dizia que o Filho foi criado por Deus e, portanto, teve um começo, sendo de natureza inferior à do Pai (cf. João 1:1-3; Colossenses 1:15-17). O subordinacionismo foi condenado como heresia no Concílio de Niceia (325 d.C.), onde

a Igreja afirmou que o Filho é "consustancial" (da mesma essência) ao Pai, rejeitando qualquer tipo de desigualdade ontológica entre as Pessoas da Trindade. No entanto, algumas seitas modernas, como as Testemunhas de Jeová e certos grupos unitários, reavivam formas de subordinacionismo, ensinando que Jesus é um deus menor, um arcanjo criado, ou apenas um homem exaltado, o que fere a revelação bíblica de Sua divindade plena. É importante distinguir o subordinacionismo ontológico (em essência) – que é herético – do subordinacionismo funcional ou econômico, que é aceito pela ortodoxia cristã e afirma que, no plano da salvação, o Filho se submete ao Pai e o Espírito ao Filho, sem que isso implique desigualdade de natureza (João 14:28; 1 Coríntios 15:28). Assim, o subordinacionismo funcional expressa apenas a ordem e missão entre as pessoas da Trindade, e não inferioridade. A doutrina bíblica correta ensina que Pai, Filho e Espírito Santo são coiguais, coeternos e consustanciais, cada um plenamente Deus, formando uma única essência divina em três Pessoas distintas.

Sola Scriptura. Expressão latina que significa “Somente a Escritura” e que se tornou um dos cinco grandes pilares da Reforma

Protestante do século XVI. O princípio de Sola Scriptura afirma que somente as Escrituras Sagradas constituem a autoridade final, infalível e suficiente em matéria de fé, doutrina e conduta cristã, sendo a única regra normativa que vincula a consciência do crente. Isso não significa rejeitar todo e qualquer valor da tradição cristã ou dos escritos patrísticos, mas sim declarar que nenhuma tradição, concílio ou líder eclesiástico tem autoridade equiparada ou superior à da Bíblia, e todos devem ser julgados à luz da Palavra de Deus (Atos 17:11; Gálatas 1:8-9). Esse princípio nasceu como reação à autoridade da tradição oral e do magistério da Igreja Católica Romana, que afirmava ser a intérprete infalível das Escrituras. Martinho Lutero e os demais reformadores argumentaram que a Igreja pode errar, mas a Bíblia, como a Palavra inspirada de Deus (2 Timóteo 3:16-17), não pode. A Sola Scriptura também rejeita novas “revelações” como tendo o mesmo peso da Escritura, o que a torna essencial para combater heresias e movimentos pseudocristãos, como o mormonismo e as Testemunhas de Jeová, que colocam suas literaturas ou revelações acima do texto bíblico. Além disso, Sola Scriptura implica que a Bíblia é suficiente, clara e acessível ao crente comum, por meio da iluminação do

Espírito Santo. Isso também motivou a tradução das Escrituras para as línguas vernáculas e a ênfase na pregação bíblica. Assim, essa doutrina continua sendo uma marca distintiva do protestantismo histórico e da fé evangélica bíblica, estabelecendo que tudo aquilo que Deus exige de nós, em termos de crença e prática, está revelado na Escritura — e nada fora dela deve ser aceito como doutrina obrigatória para a fé cristã.

Sudreh e Kusti. São as vestes religiosas usadas por zoroastristas iniciados. O sudreh é uma túnica branca com um bolso simbólico no peito (para boas ações). O kusti é um cinto trançado de lã, dado durante o ritual de iniciação e amarrado em orações diárias.

Sun Myung Moon. (1920–2012) Conhecido como Reverendo Moon, foi o fundador da Igreja da Unificação, também chamada de Movimento da Unificação, estabelecida na Coreia do Sul em 1954. Ele afirmava ter recebido uma revelação de Jesus Cristo aos 16 anos, com a missão de concluir a obra que, segundo ele, Jesus deixou incompleta devido à crucificação. Seu principal livro sagrado é o Princípio Divino, escrito por ele e considerado uma nova revelação para a humanidade. A Igreja da Unificação ensina que Jesus falhou em estabelecer o Reino de

Deus por não ter se casado e formado uma "família perfeita", razão pela qual seria necessário um novo messias: o próprio Moon. Ele e sua esposa, Hak Ja Han, são vistos como os “Pais Verdadeiros” da nova humanidade, e seus seguidores acreditam que eles estabeleceram o verdadeiro modelo de casamento e família ideal. Os casamentos promovidos pelo movimento (as famosas “cerimônias de bênção” com milhares de casais) são considerados essenciais para a salvação. Sobre Jesus, o movimento o vê como um messias incompleto, nega sua divindade eterna, e não acredita em sua ressurreição literal. A salvação é entendida como resultado da obediência ao casal Moon e da participação nos casamentos abençoados por eles. Do ponto de vista cristão bíblico, as doutrinas de Moon são gravemente heréticas, pois negam a suficiência da obra redentora de Cristo, sua divindade e unicidade como Salvador, além de promoverem um novo “messias” humano, o que contraria diretamente o Evangelho.

Sunna. Conjunto de práticas, hábitos e ensinamentos do profeta Maomé, que servem como modelo para os muçulmanos seguirem em sua vida diária. A Sunna é fundamental para a interpretação do Alcorão e a aplicação da Sharia.

Sutra. No budismo, textos sagrados que registram os discursos do Buda ou de seus discípulos iluminados. Os sutras são usados para o ensino, meditação e estudo. Existem milhares de sutras nas tradições Theravada, Mahayana e Vajrayana. São organizados em coleções, como o Tripitaka (ou Cânone Páli) e os Sutas Mahayana. Cada escola do Budismo valoriza diferentes conjuntos de sutras conforme suas tradições e ênfases doutrinárias.

T

Talento. Na Bíblia, talento era originalmente uma unidade de peso e valor, especialmente de prata ou ouro, usada no contexto econômico e sacrificial (Êxodo 25:39; Mateus 18:24). No Novo Testamento, passou a ter também um sentido simbólico, como na Parábola dos Talentos (Mateus 25:14-30), representando os dons, habilidades, recursos e oportunidades que Deus confia a cada pessoa para serem administrados com fidelidade. O conceito bíblico de talento envolve responsabilidade, mordomia e prestação de contas, ensinando que os

crentes devem empregar tudo o que receberam de Deus para o avanço do Reino e o bem do próximo. Portanto, talento é mais que aptidão natural: é dom recebido de Deus com o propósito de glorificá-lo por meio do serviço fiel.

Talião. Princípio jurídico do Antigo Testamento que estabelece uma punição proporcional ao crime cometido, resumido na expressão “olho por olho, dente por dente” (Êxodo 21:24). Conhecido como lei de talião, esse princípio visava limitar a vingança, evitando punições excessivas e promovendo justiça equilibrada. Ele foi uma forma de avanço jurídico para sua época, substituindo retaliações pessoais por uma resposta legal controlada. No Novo Testamento, Jesus propôs um caminho superior: o perdão e o amor ao inimigo (Mateus 5:38-39), mostrando que, embora a justiça retributiva tenha seu lugar, a graça e a misericórdia refletem melhor o caráter de Deus.

Tamuz. Antiga divindade pagã da Mesopotâmia, especialmente cultuada na Suméria, Babilônia e Assíria. Ele era considerado o deus da vegetação, da fertilidade e do renascimento da natureza. Segundo a mitologia, Tamuz morria e

renascia ciclicamente, representando o ciclo das estações — o murchar das plantas no verão e seu renascer na primavera. Essa figura simbolizava o ciclo da vida, morte e ressurreição, muito ligada aos cultos agrícolas.

Na Bíblia, Tamuz é mencionado em **Ezequiel 8:14**, onde mulheres em Jerusalém são vistas chorando por Tamuz, o que revela a presença de cultos pagãos e idolatria no meio do povo de Israel. O profeta condena essa prática como idolatria e abandono da verdadeira adoração a Deus.

A adoração a Tamuz influenciou rituais e festivais pagãos que, segundo muitos estudiosos, foram incorporados ou combatidos pelo cristianismo e outras religiões monoteístas, especialmente devido à sua associação com cultos de morte e ressurreição falsos.

Tao (Dao) – No Taoísmo, o “Caminho” ou princípio fundamental que governa o universo, fonte de toda a existência e harmonia natural.

Taoísmo. O Taoísmo é uma tradição filosófica e religiosa chinesa que remonta ao século VI a.C., atribuída principalmente a Lao Tsé (ou

Laozi), autor do clássico Tao Te Ching. O Taoísmo enfatiza a harmonia com o Tao (ou Dao), que significa "o Caminho" ou "a Lei natural do universo", uma força fundamental que guia todas as coisas. A doutrina ensina a simplicidade, a espontaneidade, a humildade e a não-ação (wu wei), encorajando a viver em equilíbrio com a natureza e o fluxo da vida. O Taoísmo possui uma rica mitologia, rituais e práticas de meditação, alquimia e longevidade, e valoriza a busca pela imortalidade espiritual. Jesus não faz parte dessa tradição, que é distinta das religiões abraâmicas, e não possui um conceito de salvação ou divindade pessoal semelhante. O principal texto sagrado é o Tao Te Ching, complementado por outras obras como o Zhuangzi. O Taoísmo tem influenciado profundamente a cultura, a medicina e a espiritualidade do Leste Asiático.

Targum. Tradução aramaica e interpretação oral das Escrituras hebraicas usadas pelos judeus desde o período do Segundo Templo. Como o aramaico era a língua falada pelo povo, os targuns ajudavam a tornar a Palavra de Deus acessível, explicando e adaptando o texto para melhor compreensão. Eles não são simples traduções literais, mas frequentemente incluem comentários e explicações teológicas. Os targuns são

importantes para o estudo bíblico, pois refletem a tradição judaica e ajudam a entender como os textos eram lidos e aplicados antigamente, influenciando também os primeiros cristãos.

Tártaro. O tártaro é um termo bíblico e teológico que aparece em 2 Pedro 2:4, onde se refere a um lugar de prisão e julgamento para os anjos caídos, ou espíritos imundos, que foram condenados por sua rebelião contra Deus. É descrito como um estado ou lugar de confinamento espiritual antes do juízo final, distinto do inferno tradicional (Geena). Na mitologia grega, o Tártaro era o abismo mais profundo do submundo, usado como prisão para os titãs, mas na Bíblia o termo é usado simbolicamente para mostrar a severidade do castigo divino contra os seres angelicais caídos. O conceito reforça a ideia de que Deus mantém controle absoluto sobre o mal e que os anjos rebeldes estão reservados para o juízo eterno (Judas 1:6). No cristianismo, o tártaro é interpretado como parte do ensino sobre o juízo e a condenação definitiva dos seres malignos.

Te (De). Conceito central no taoismo que pode ser traduzido como “virtude”, “poder” ou “força moral”. Refere-se à expressão autêntica da natureza de uma pessoa ou

coisa, manifestando-se como uma qualidade de integridade, eficácia e influência ética que flui da harmonia com o Tao (o caminho ou princípio fundamental do universo). No taoísmo, o Te é a virtude que surge naturalmente quando alguém vive em conformidade com o Tao, sem forçar ou resistir, mostrando humildade, simplicidade e espontaneidade. O conceito também influencia outras religiões e filosofias chinesas, destacando a importância do caráter moral e do equilíbrio.

Teísmo aberto. O teísmo aberto é uma corrente teológica herética contemporânea que propõe que Deus, embora onisciente, escolheu criar seres humanos livres, e por isso o futuro não é totalmente conhecido nem determinado, nem mesmo por Ele. Segundo essa visão, Deus conhece todas as possibilidades, mas não todos os detalhes das escolhas futuras dos seres humanos, pois essas escolhas ainda não existem como fatos a serem conhecidos. O teísmo aberto tenta conciliar a soberania divina com a liberdade humana, propondo um relacionamento dinâmico entre Deus e a criação. Críticos dessa visão afirmam que ela enfraquece atributos tradicionais de Deus, como sua onisciência e imutabilidade, além de colidir com passagens bíblicas que demonstram o

completo conhecimento de Deus sobre o futuro (Isaías 46:10; Salmos 139). A teologia reformada e outras vertentes do cristianismo ortodoxo rejeitam o teísmo aberto como uma distorção da doutrina bíblica sobre Deus.

Templo. Edificação sagrada onde Deus manifestava Sua presença e era cultuado pelo povo de Israel, tendo como o mais famoso o Templo de Jerusalém, construído por Salomão. No Antigo Testamento, o templo era o centro da adoração, contendo o Santo dos Santos onde habitava a glória de Deus (Êxodo 25:8, 9; 1 Reis 8). Com a vinda de Cristo, o templo físico perdeu seu papel exclusivo, pois Jesus se apresentou como o verdadeiro templo, corpo onde Deus habita (João 2:19-21). No Novo Testamento, a igreja e os crentes são chamados templos do Espírito Santo (1 Coríntios 6:19), refletindo a presença contínua de Deus entre Seu povo.

Tempo. Na teologia, o conceito de tempo é entendido como a sucessão linear dos eventos desde a criação até o fim dos tempos, ou seja, o período em que a história humana e cósmica se desenrola. Diferentemente da eternidade, que é a existência fora do tempo, infinita e atemporal, o tempo é finito e marcado por

começo, meio e fim (Gênesis 1:1; Apocalipse 21:1). Deus, sendo eterno, está acima e fora do tempo (Isaías 57:15; 2 Pedro 3:8), mas age dentro dele, conduzindo a história para cumprir Seus propósitos redentores. O próprio Jesus, usado pelo Deus-Pai, para criar tudo, precede ao tempo, como prova de sua divindade plena. (Colossenses 1:15-17) A teologia também discute o tempo escatológico, ou o "fim dos tempos", quando ocorrerá o juízo final e a consumação da criação. Assim, o tempo é um aspecto fundamental para compreender a interação entre o eterno Deus e o mundo criado.

Tentação. Experiência pela qual uma pessoa é provocada a pecar, enfrentando um apelo interno ou externo para desobedecer a Deus. Ela pode vir de Satanás, do mundo ou da própria natureza humana caída (Tiago 1:14). A tentação em si não é pecado, mas ceder a ela resulta em transgressão. Jesus foi tentado no deserto, mas sem pecar, sendo exemplo para os cristãos resistirem (Mateus 4:1-11). A Bíblia ensina a orar para não cair em tentação e a depender da graça divina para vencer (Mateus 6:13). A luta contra a tentação é parte da vida cristã, visando a santificação e a maturidade espiritual.

Teocentrismo. Doutrina ou perspectiva que coloca Deus no centro de toda a realidade, conhecimento, moralidade e propósito da existência humana. No teocentrismo, todas as coisas são vistas à luz da soberania, vontade e glória de Deus, sendo Ele o fundamento da verdade, da criação e da história. Essa visão contrasta com o antropocentrismo, que coloca o ser humano no centro. A teologia bíblica é essencialmente teocêntrica, pois apresenta Deus como o Criador, Sustentador e Redentor de todas as coisas (Romanos 11:36). Viver de forma teocêntrica é buscar em primeiro lugar o Reino de Deus e submeter toda a vida à sua vontade (Mateus 6:33).

Teocracia. Forma de governo em que Deus é reconhecido como soberano supremo, e suas leis são a base para a administração civil e religiosa. No Antigo Testamento, Israel viveu sob uma teocracia, onde o sacerdote e o rei exerciam autoridade em nome de Deus (Êxodo 19:5-6; Deuteronômio 17:18-20). A teocracia implica submissão total à vontade divina, com líderes humanos como representantes e executores dessa autoridade. Embora o modelo teocrático não se aplique diretamente aos Estados modernos, ele serve como ideal bíblico para

a justiça e a moralidade social, enfatizando a soberania de Deus sobre todas as áreas da vida.

Teodiceia. Ramo da teologia que busca explicar como a existência do mal e do sofrimento é compatível com a justiça e bondade de Deus. A palavra vem do grego, significando “justiça de Deus”. A teodiceia tenta responder perguntas difíceis, como: por que um Deus todo-poderoso e amoroso permite o mal? Diversas abordagens incluem o livre-arbítrio humano, o propósito redentor do sofrimento e a limitação temporária do mal. Essa reflexão é fundamental para fortalecer a fé diante das adversidades, mostrando que o mal não é obra de Deus, mas que Ele tem um plano soberano para a redenção final.

Teofania. Manifestação visível e poderosa de Deus a seres humanos, geralmente acompanhada de sinais extraordinários, como fogo, trovões ou luz (Êxodo 19:16-19; Gênesis 16:7-13). Essas aparições revelam a presença divina e comunicam mensagens importantes para o povo, servindo para confirmar a autoridade de Deus e orientar sua obra. No Antigo Testamento, as teofanias preparavam o caminho para a plena revelação em Jesus Cristo, que é a “Teofania

definitiva” — Deus encarnado entre os homens (João 1:14). As teofanias enfatizam o caráter santo, poderoso e transcendente de Deus, despertando reverência e adoração.

Teologia. O estudo sistemático sobre Deus, sua natureza, atributos, obras e sobre a relação entre o divino e o ser humano, a partir de uma base religiosa, especialmente das Escrituras. No contexto cristão, envolve a análise da revelação divina por meio da Bíblia, da pessoa de Jesus Cristo e da atuação do Espírito Santo, visando compreender e explicar a fé, a salvação, o pecado, a graça, os sacramentos e a escatologia. A teologia pode ser dividida em várias áreas, como teologia sistemática, bíblica, histórica, pastoral e apologética. Embora envolva reflexão racional, ela parte do pressuposto da fé como fundamento para o conhecimento de Deus. A teologia serve à Igreja, ajudando a preservar a doutrina, orientar a prática e responder aos desafios culturais e filosóficos à luz das verdades divinas.

Teologia Bíblica. Ramo da teologia que estuda a mensagem e os temas da Bíblia conforme são apresentados em seu contexto histórico e literário original, observando o desenvolvimento progressivo da revelação divina ao longo das Escrituras. Diferente da

teologia sistemática, que organiza os ensinamentos por tópicos, a teologia bíblica acompanha o fluxo da narrativa bíblica, entendendo os textos dentro de seu ambiente cultural, cronológico e literário. Seu objetivo é captar a teologia tal como foi comunicada aos seus primeiros destinatários, respeitando o contexto e a unidade da Bíblia. Essa abordagem é fundamental para evitar anacronismos e interpretações distorcidas.

Teologia da Aliança. Sistema teológico que interpreta a história da salvação por meio das alianças (ou pactos) estabelecidas por Deus com a humanidade, desde Adão até Jesus Cristo. Ao invés de dividir a história em dispensações distintas, a Teologia da Aliança vê a revelação divina como um plano contínuo e progressivo de Deus para redimir o homem, fundamentado em dois pactos principais: a **Aliança da Obras**, feita com Adão no Éden, em que a vida eterna era condicionada à obediência perfeita; e a **Aliança da Graça**, iniciada após a queda, na qual Deus promete salvar e restaurar o homem mediante a fé em Cristo. Essa teologia destaca a unidade entre o Antigo e o Novo Testamento, entendendo a Igreja como o verdadeiro Israel espiritual, herdeira das promessas feitas a Abraão e seus

descendentes. Em relação à escatologia, tende a interpretar o milênio simbolicamente (amilenismo) ou como um período de crescimento espiritual da Igreja antes da volta de Cristo (pós-milenismo). A Teologia da Aliança enfatiza a soberania de Deus, a continuidade das promessas e a centralidade de Cristo em toda a Escritura, rejeitando divisões rígidas e literais da história em dispensações distintas. É a base teológica predominante entre as igrejas reformadas e presbiterianas.

Teologia Histórica. Ramo da teologia que estuda o desenvolvimento das doutrinas cristãs ao longo da história da igreja, desde os tempos apostólicos até os dias atuais. Ela analisa como os cristãos de diferentes épocas compreenderam, defenderam, formularam e, por vezes, distorceram a fé, levando em conta contextos culturais, filosóficos e políticos. A teologia histórica investiga concílios, credos, controvérsias, reformas e heresias, avaliando sua influência na teologia contemporânea. Seu objetivo é preservar a fidelidade à verdade revelada, aprendendo com os acertos e erros do passado. É essencial para entender a continuidade e a pureza da doutrina cristã ao longo dos séculos.

Teologia relacional. A teologia relacional é uma corrente teológica que enfatiza o relacionamento vivo, dinâmico e interativo entre Deus e os seres humanos. Ela parte do princípio de que Deus não apenas criou o mundo e o observa à distância, mas que se envolve profundamente com sua criação, respondendo às ações humanas e abrindo espaço para um verdadeiro diálogo com as pessoas. Essa teologia valoriza o amor, a liberdade e a responsabilidade no relacionamento com Deus, e muitas vezes se aproxima do teísmo aberto, ao afirmar que o futuro pode conter elementos abertos até mesmo para Deus, o que é uma heresia para a fé cristã. No entanto, críticos apontam que, em alguns casos, essa abordagem pode enfraquecer atributos como a onisciência e a soberania divina. Ainda assim, a teologia relacional busca destacar a profundidade do vínculo afetivo e pessoal entre o Criador e sua criatura.

Teologia Sistemática. Ramo da teologia que organiza e apresenta os ensinamentos bíblicos de forma ordenada e temática, agrupando doutrinas relacionadas para formar um sistema coerente de fé. Ela aborda tópicos como Deus, Cristo, Espírito Santo, salvação, igreja, escatologia, entre outros, integrando passagens de toda a Bíblia

para explicar cada tema. A teologia sistemática busca clareza e consistência doutrinária, facilitando o estudo, o ensino e a defesa da fé cristã. Ao contrário da teologia bíblica, que segue a progressão histórica das Escrituras, a sistemática agrupa as verdades por assunto, proporcionando uma visão abrangente e prática da mensagem cristã.

Teoria da Lacuna. Também conhecida como “Teoria do Intervalo”, é uma proposta interpretativa de Gênesis 1:1-2 que busca harmonizar o relato da criação bíblica com longos períodos de tempo geológico. De acordo com essa teoria, haveria um grande intervalo de tempo entre Gênesis 1:1 (“No princípio, criou Deus os céus e a terra”) e Gênesis 1:2 (“A terra, porém, estava sem forma e vazia”). Durante esse intervalo — possivelmente milhões ou bilhões de anos —, teria existido uma criação anterior, com seres vivos e talvez até civilizações, que foi destruída em um cataclismo, muitas vezes associado à queda de Satanás (Isaías 14; Ezequiel 28). A partir daí, o versículo 2 em diante descreveria não a criação original do universo, mas uma “recriação” ou “restauração” da terra por Deus. Essa teoria ganhou destaque no século XIX com o teólogo Thomas Chalmers e tornou-se popular em algumas Bíblias de estudo, como

a Bíblia de Scofield. Muitos defensores da Teoria da Lacuna buscam acomodar os achados da geologia moderna e os fósseis dentro da narrativa bíblica sem recorrer ao evolucionismo. Entretanto, a Teoria da Lacuna não é amplamente aceita por estudiosos conservadores por diversas razões. Em primeiro lugar, o texto hebraico de Gênesis 1:2 não indica necessariamente um intervalo temporal, nem um juízo divino. A expressão “sem forma e vazia” (tohu vavohu) pode descrever apenas um estado inicial e inacabado da criação, não um mundo destruído. Segundo, a Bíblia não menciona explicitamente uma criação anterior, nem sugere um juízo catastrófico antes da criação do homem. Além disso, a teoria pode abrir espaço para compromissos desnecessários com cosmovisões naturalistas e uniformitaristas, que negam a literalidade da criação em seis dias. Do ponto de vista da teologia reformada e da interpretação histórico-gramatical da Bíblia, a Teoria da Lacuna é desnecessária, bíblicamente infundada e teologicamente perigosa, pois enfraquece a clareza e a autoridade do relato bíblico, especialmente em relação ao pecado, à queda, e à necessidade da redenção. A criação, tal como apresentada em Gênesis 1, deve ser compreendida como um ato direto, progressivo e completo de

Deus em seis dias literais, conforme a intenção original do autor inspirado.

Teosofia. A Teosofia é um movimento espiritual e filosófico surgido no final do século XIX, fundado formalmente em 1875 por Helena Petrovna Blavatsky, junto com Henry Steel Olcott e William Quan Judge. Seu objetivo é investigar e divulgar o conhecimento oculto e esotérico, buscando a sabedoria divina por meio da síntese entre ciência, religião e filosofia. A Teosofia incorpora ensinamentos de tradições orientais e ocidentais, como o hinduísmo, budismo, cristianismo esotérico, cabala e alquimia. Seus textos principais incluem A Doutrina Secreta e Isis Sem Véu, escritos por Blavatsky. Jesus é visto como um mestre espiritual ou iniciado, parte de uma hierarquia de seres iluminados, mas não é reconhecido como Deus encarnado ou Salvador exclusivo, diferindo assim do cristianismo tradicional. A Teosofia não possui um livro sagrado único, mas uma coleção de obras esotéricas que guiam seus seguidores na busca da iluminação espiritual e do autoconhecimento.

Terapia de Vidas Passadas. A Terapia de Vidas Passadas (TVP) é uma prática psicoterapêutica baseada na crença da

reencarnação, que busca acessar memórias de supostas existências anteriores para tratar traumas, bloqueios emocionais ou problemas psicológicos na vida atual. Utilizando técnicas como hipnose, a TVP tenta identificar causas espirituais para dificuldades presentes, promovendo a cura por meio do entendimento e liberação dessas experiências passadas. Embora atraia alguns interessados em autoconhecimento, a TVP não possui base científica comprovada e é rejeitada pela maioria das tradições cristãs, que negam a reencarnação e ensinam que cada pessoa tem uma única vida seguida do juízo (Hebreus 9:27). Na apologética cristã, a TVP é vista como uma prática incompatível com a fé bíblica, podendo abrir portas para influências espirituais enganadoras.

Terra. Nas Sagradas Escrituras, a palavra “terra” tem vários significados: (a) O nosso planeta, como em Gênesis 1:1: “No princípio, criou Deus os céus e a terra (planeta)”; ou como em Isaías 40:22: “Deus habita sobre o círculo (abóboda) da terra”; (b) Uma porção de terra, como em Isaías 4:27: “Pois assim diz o SENHOR: Toda esta terra ficará destruída; mas não a consumirei totalmente”, ou como em Marcos 5:1: “A terra dos gerasenos”; (c) Símbolo das bênçãos de Deus, como no Salmo 37:29: “Os justos herdarão a terra” e

Mateus 5:5: “Os mansos herdarão a terra”; (d) O local em que Deus preparou para os salvos, como em 2 Pedro 3:13: “Aguardamos novos céus e uma nova terra, onde há de morar a justiça”; (e) Sinônimo de pessoas, como em Apocalipse 12:12: “Mas ai da terra e do mar! Pois o Diabo desceu até vós com grande ira”.

Tertuliano. Importante teólogo cristão do século II e início do III, nascido em Cartago (atual Tunísia), considerado o pai da teologia latina por ter sido o primeiro a escrever extensivamente em latim sobre a fé cristã. Defensor ferrenho da ortodoxia, Tertuliano combateu heresias como o gnosticismo e o modalismo, e foi o primeiro a usar o termo “Trindade” (Trinitas) para descrever o Deus único em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Valorizava a razão subordinada à fé, e suas obras influenciaram profundamente a teologia ocidental. Mais tarde, uniu-se ao montanismo, movimento considerado herético, mas seu legado teológico permanece fundamental para a história da doutrina cristã.

Testemunhas de Jeová. As Testemunhas de Jeová são um grupo religioso fundado por Charles Taze Russell em 1870, nos Estados Unidos, inicialmente como parte do

movimento Estudantes da Bíblia. Em 1931, adotaram o nome atual para se distinguir de outros grupos e afirmar sua identidade como proclamadores do nome "Jeová" (forma do tetragrama YHWH). A sede mundial do grupo está em Warwick, Nova York. Entre suas principais crenças estão: a negação da Trindade (afirmam que apenas o Pai, Jeová, é Deus), a crença de que Jesus é a primeira criação de Jeová (o arcanjo Miguel), a negação da imortalidade da alma, a recusa do inferno como lugar de tormento, a crença em um paraíso terrestre futuro e a existência de dois grupos de salvos: os 144.000 que viverão no céu e a “grande multidão” que viverá na Terra. Rejeitam transfusões de sangue, feriados religiosos (como Natal e Páscoa) e símbolos nacionais (como hinos e bandeiras), alegando fidelidade exclusiva a Jeová. A autoridade doutrinária repousa unicamente sobre o chamado “Corpo Governante”, que interpreta a Bíblia para os fiéis e publica suas instruções através das revistas A Sentinela e Despertai!. São considerados por cristãos ortodoxos como um grupo herético, com graves distorções das doutrinas centrais do cristianismo bíblico.

Tetelestai. Palavra grega que significa “Está consumado” ou “Está completo”,

pronunciada por Jesus na cruz antes de morrer (João 19:30). Essa declaração expressa que Sua obra redentora foi plenamente realizada, cumprindo todas as exigências da justiça divina para a salvação da humanidade. “Tetelestai” simboliza o fim do sacrifício pelos pecados, a vitória sobre o mal e a abertura do caminho para a reconciliação com Deus. É uma palavra poderosa que resume o coração do evangelho: Jesus completou tudo o que era necessário para que pudéssemos ser salvos pela graça.

Tetragrama. Palavra grega que significa “quatro letras” e se refere ao nome sagrado de Deus revelado no Antigo Testamento, escrito em hebraico como YHWH (יהוה). Esse nome é considerado o mais pessoal e exclusivo de Deus, muitas vezes traduzido como “Senhor” nas Bíblias em português. Por respeito à santidade do nome, os judeus evitavam pronunciá-lo, usando substitutos como “Adonai” (Senhor). O tetragrama revela a autoexistência e eternidade de Deus (Êxodo 3:14), sendo fundamental para a compreensão da identidade divina na teologia bíblica. Seu significado profundo é a expressão do Deus que é, que era e que há de vir.

Theravāda – Palavra páli que significa "Doutrina dos Anciãos". É a mais antiga escola budista ainda existente, originada no século III a.C. no Sri Lanka, e considerada a forma mais próxima dos ensinamentos originais de Sidarta Gautama, o Buda histórico. Os theravādins seguem exclusivamente o **Cânone Páli**, especialmente os ensinamentos contidos no Tripitaka (ou Tipitaka), que registra as palavras e práticas de Buda. Esta escola enfatiza o caminho monástico, a meditação, a disciplina pessoal e a busca do **nirvana** por meio da própria realização, tendo como ideal espiritual o **arhat** – aquele que alcança a iluminação. O Theravāda é predominante em países do sudeste asiático, como Sri Lanka, Tailândia, Mianmar, Laos e Camboja. Não crê em deuses criadores e vê o Buda como um mestre iluminado, e não como uma divindade.

Thomas Cranmer (1489–1556). Foi arcebispo de Cantuária e uma das figuras-chave da Reforma Anglicana na Inglaterra. Nomeado por Henrique VIII, Cranmer desempenhou papel decisivo na ruptura da Igreja inglesa com Roma, apoiando a adoção de doutrinas reformadas e a tradução da Bíblia para o inglês. Ele foi o principal autor do Livro de Oração Comum, que sistematizou a liturgia

anglicana e permanece influente até hoje. Cranmer promoveu a justificação pela fé e rejeitou várias doutrinas católicas, buscando um equilíbrio entre tradição e reforma. Sob o reinado de Maria I, foi preso, torturado e executado por sua fé protestante, tornando-se mártir da causa reformada.

Tirthankara. É um “construtor de pontes” espiritual no jainismo, um mestre iluminado que estabelece um caminho para a libertação das almas presas no ciclo de renascimentos. Cada tirthankara renasce em épocas diferentes para renovar e restaurar os ensinamentos do jainismo. Eles atingem o conhecimento absoluto (kevala jnana) e mostram o caminho da verdade, não-violência e desapego. Mahavira é o 24º e último tirthankara, o mais conhecido e reverenciado. Tirthankaras são venerados como exemplos supremos de perfeição e pureza.

Tobias (ou Tobit). Livro deuterocanônico presente na Bíblia Católica que narra a história de Tobit, um israelita piedoso exilado na Assíria, e de seu filho Tobias. A obra mistura elementos de romance, sabedoria e fé, enfatizando temas como a fidelidade a Deus, a importância da caridade, a oração, e a intervenção divina na vida dos fiéis. No

relato, Tobit, cego e aflito, envia seu filho Tobias numa jornada para recuperar uma soma de dinheiro, acompanhado pelo anjo Rafael disfarçado de companheiro. Durante a viagem, Tobias encontra Sara, jovem afligida por um demônio que matou sete de seus pretendentes. Com a ajuda do anjo, ele liberta Sara do demônio e casa-se com ela. Ao retornar, o remédio ensinado por Rafael cura a cegueira de Tobit, e a família é abençoada por Deus. O livro enfatiza a providência divina, a importância da oração e da observância da lei, e a certeza da recompensa para os justos. Embora não esteja no cânon judaico nem na maioria das Bíblias protestantes, Tobias é valorizado na tradição católica e ortodoxa como um exemplo de fé prática e confiança em Deus, oferecendo lições espirituais e morais para os leitores.

Todo-poderoso. Do hebraico El-Shaday e do grego Pantokrator, aquele que tem todo o poder. Deus se descreve como o Todo-poderoso. (Gênesis 17:1; Apocalipse 1:8) As três Pessoas Divinas na Santíssima Trindade não são três deuses todo-poderosos, mas o mesmo Deus Todo-poderoso.

Tokuharu Miki. Foi o fundador japonês da seita Hito-no-michi, que mais tarde evoluiu

para o movimento religioso PL Kyōdan (Perfect Liberty), com base nos 21 Preceitos revelados e na ideia de que “a vida é arte”. Nascido em 1871 e falecido em 1938, Tokuharu era originalmente sacerdote Zen da seita Ōbaku, mas após ser curado pelo mestre Tokumitsu Kanada, tornou-se seu seguidor e continuador da obra espiritual começada por ele. Ele liderou a reconstrução e expansão do movimento, enfrentou perseguição governamental e dedicou anos à oração até receber as revelações dos preceitos finais que formaram a base da doutrina PL. Sua iniciativa lançou os fundamentos para a filosofia de vida da PL, entendendo todas as atividades humanas como formas de expressão artística elevadas pela sinceridade e devoção.

Thomas Müntzer (c. 1489–1525). Foi um líder radical da Reforma Protestante na Alemanha, conhecido por suas posições revolucionárias tanto religiosas quanto sociais. Inicialmente aliado a Martinho Lutero, Müntzer defendeu uma interpretação mais radical do Evangelho, enfatizando a ação direta do Espírito Santo e a necessidade de uma transformação social profunda, incluindo a derrubada das estruturas feudais e o estabelecimento da justiça para os oprimidos. Ele apoiou os

camponeses durante a Guerra dos Camponeses (1524–1525), mas sua revolta foi derrotada, e Müntzer foi capturado e executado. Sua teologia misturava elementos apocalípticos e comunitaristas, influenciando movimentos protestantes radicais e socialistas posteriores.

Tradição. Conjunto de ensinamentos, práticas e costumes transmitidos oralmente ou por escrito ao longo do tempo dentro da igreja ou comunidade religiosa. Na teologia cristã, a tradição pode referir-se tanto à herança apostólica preservada pela Igreja quanto a práticas culturais que não têm fundamento bíblico. Para a Igreja Católica e Ortodoxa, a tradição é fonte complementar à Escritura para a doutrina e a fé. Já no protestantismo, especialmente nas vertentes reformadas, a Escritura Sola Scriptura é a autoridade máxima, e a tradição é vista com cautela, para que não substitua nem contradiga a Bíblia. A tradição pode enriquecer a fé, mas deve sempre ser avaliada à luz das Escrituras, pois não se deve ensinar algo além do que está escrito. Usos e Significados: (1) Tradição Oral e Cultural: No contexto bíblico, “tradição” muitas vezes se refere a ensinamentos e costumes transmitidos oralmente de geração em geração. Os judeus, por exemplo, tinham

tradições orais que explicavam e complementavam a Lei escrita (Mateus 15:2, 3); (2) Tradições Humanas versus Mandamentos de Deus: Jesus criticou os fariseus por darem mais valor às tradições humanas do que à Palavra de Deus, chamando-os de hipócritas (Marcos 7:6-9). Ele enfatizou que as tradições que anulam os mandamentos divinos são inválidas; (3) Tradição Apostólica: No Novo Testamento, “tradição” também significa os ensinamentos dos apóstolos que foram transmitidos à igreja (2 Tessalonicenses 2:15; 3:6). Essas tradições são consideradas confiáveis e parte da revelação cristã, pois vêm diretamente dos apóstolos; (4) Tradições que Moldam a Fé e a Prática: Algumas tradições são benéficas e edificantes, como as ordens para o culto, os rituais e a disciplina da igreja (1 Coríntios 11:2). Elas ajudam a manter a unidade e a fidelidade à doutrina; (5) Advertência contra Tradições que Levam ao Erro: A Bíblia adverte contra seguir tradições que desviam do evangelho e da verdade de Deus, que podem induzir ao legalismo ou sincretismo. No Catolicismo Romano, a Tradição é tão inspirada quanto a Bíblia. Mas a Bíblia não ensina isso em lugar algum! Só as “Escrituras” são associadas com a inspiração. – 2 Timóteo 3:16.

Traducionismo. Doutrina relacionada à origem da alma humana que afirma que a alma é transmitida dos pais para os filhos, juntamente com o corpo, no momento da concepção. Segundo essa visão, a alma não é criada diretamente por Deus para cada indivíduo, mas é passada hereditariamente, assim como o corpo físico. O traducionismo contrasta com a doutrina do creacionismo da alma, que sustenta que Deus cria uma alma nova e imortal para cada ser humano individualmente. Essa posição busca explicar a transmissão da natureza humana e da condição pecaminosa, entendendo que a alma também participa da herança da humanidade caída. Tradicionalmente, o traducionismo foi defendido por alguns teólogos cristãos para enfatizar a unidade da pessoa humana e a continuidade da vida desde a concepção. Por outro lado, o creacionismo da alma é mais comum na teologia reformada clássica.

Do ponto de vista bíblico, o traducionismo tem apoio em passagens que indicam a transmissão da natureza pecaminosa de geração em geração (Salmo 51:5; Romanos 5:12), embora a Bíblia não trate explicitamente da origem da alma individual. A questão envolve temas filosóficos e teológicos complexos sobre a imortalidade

da alma, a imagem de Deus no homem e a ação criadora de Deus. Algumas seitas e filosofias alternativas rejeitam tanto o traducionismo quanto o creacionismo, propondo outras explicações, como o monismo ou o materialismo. A doutrina do traducionismo, apesar de menos enfatizada atualmente, é importante para compreender as diversas perspectivas históricas sobre a alma e a origem da vida humana no pensamento cristão.

Transe. Estado alterado de consciência, geralmente caracterizado por desorientação, desligamento do ambiente ao redor ou intensa concentração interior. Na Bíblia, esse termo é usado para descrever experiências espirituais profundas, como as visões de Pedro e Paulo (Atos 10:10; 22:17), nas quais Deus se revela de maneira sobrenatural. Diferente de práticas ocultistas ou místicas modernas, o transe bíblico não é induzido por técnicas humanas, mas ocorre soberanamente, como forma de comunicação divina. A teologia cristã alerta contra estados alterados de consciência que não tenham origem em Deus, pois podem abrir espaço para engano espiritual ou influência demoníaca.

Transcendência. Na teologia cristã, transcendência refere-se ao atributo de Deus que destaca Sua total superioridade, distinção e separação em relação à criação. Deus é eterno, infinito, incomparável e não está sujeito às limitações do tempo, do espaço ou das leis naturais (1 Reis 8:27; Isaías 55:8, 9; Salmo 113:5, 6). Ele está acima de tudo o que existe e não depende de nada fora de Si mesmo. A transcendência afirma que Deus não é parte do universo, mas o Criador soberano que o sustenta. Esse conceito protege a fé cristã de ideias panteístas ou naturalistas que diluem a divindade em forças da natureza. Entretanto, a transcendência não significa distância ou desinteresse: o mesmo Deus transcendente é também imanente, ou seja, próximo, atuante e relacional. A harmonia entre transcendência e imanência é essencial para a fé bíblica: Deus é exaltado e ao mesmo tempo acessível, grandioso e amorosamente presente com o Seu povo.

Transubstanciação. A transubstanciação é a doutrina ensinada pela Igreja Católica Romana segundo a qual, durante a celebração da Eucaristia (Missa), o pão e o vinho se transformam substancialmente no corpo e sangue de Jesus Cristo, embora conservem as aparências externas (ou

"acidentes") de pão e vinho. Esse conceito foi formalmente definido no Concílio de Latrão IV (1215) e reafirmado no Concílio de Trento (1545–1563), em resposta à Reforma Protestante. A doutrina baseia-se na interpretação literal das palavras de Jesus na Última Ceia: “Isto é o meu corpo... isto é o meu sangue” (Mateus 26:26-28). Para os católicos, essa presença real de Cristo na Eucaristia é contínua e digna de adoração. Em contraste, protestantes históricos como luteranos, reformados e batistas rejeitam a transubstanciação, adotando visões como a consubstanciação (Cristo presente "com" os elementos) ou a ceia simbólica (memorial), sustentando que Cristo está espiritualmente presente, mas não de forma física e substancial. A transubstanciação também é rejeitada por igrejas ortodoxas orientais (embora creiam na presença real), e completamente negada por grupos como os evangélicos, adventistas e testemunhas de Jeová.

Tricotomia. Doutrina que ensina que o ser humano é composto por três partes distintas: corpo, alma e espírito. Essa visão propõe que o corpo é a parte física e visível; a alma seria a sede das emoções, mente e vontade; e o espírito a parte mais profunda, por meio da qual o ser humano se relaciona com Deus.

Textos frequentemente citados para apoiar essa visão incluem 1 Tessalonicenses 5:23 (“vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros...”) e Hebreus 4:12 (“a divisão da alma e do espírito”). No entanto, essa visão é controversa e rejeitada por muitos teólogos reformados e evangélicos, que preferem a dicotomia — a ideia de que o ser humano é composto de apenas duas partes essenciais: corpo e alma/espírito, sendo alma e espírito termos intercambiáveis, usados em contextos diferentes, mas referindo-se à mesma entidade imaterial. De fato, a Bíblia com frequência utiliza “alma” e “espírito” como sinônimos (cf. Gênesis 35:18; Lucas 1:46, 47), e não há uma distinção sistemática clara entre ambos nos textos sagrados. A tricotomia, apesar de popular em círculos pentecostais e místicos, tem origens mais filosóficas do que bíblicas, influenciada por ideias platônicas e gnósticas, que fragmentam o ser humano em múltiplos níveis espirituais. Em algumas heresias modernas, essa divisão é usada para ensinar que o “espírito humano” pode estar perfeito mesmo quando a alma e o corpo pecam, o que abre espaço para erros graves, como o antinomianismo ou a negação do pecado pessoal. Biblicamente, o ser humano é uma unidade complexa, e qualquer divisão entre

alma e espírito deve ser vista mais como funcional (diferentes aspectos do ser interior) do que ontológica (partes separadas). A doutrina da dicotomia (corpo e alma/espírito) oferece uma explicação mais fiel à totalidade das Escrituras, preservando tanto a integridade do ser humano quanto a clareza da revelação bíblica.

Trindade, Santíssima. Embora a palavra Trindade não apareça na bíblia, tal doutrina estabelece, mediante as Escrituras Sagradas que: (a) O Pai é Deus (1 Coríntios 8:6); (b) O Filho é Deus (João 1:1; 20:28); (c) O Espírito Santo é Deus (Atos 5:3, 4), mas não são três deuses, mas Deus é um só. (João 17:3) Ou seja, um só Deus em três Pessoas Divinas. Na história da Igreja, tal doutrina foi questionada por hereges, que de alguma forma negavam alguma cláusula da doutrina trinitariana. Por exemplo, os gnósticos não criam na divindade de Jesus, pois para eles Jesus era apenas um dos éons (espíritos) criados por Deus; na onda dos gnósticos, Ário e seus comparsas negavam a divindade de Jesus por afirmar ser este uma criatura de Deus, a mais antiga de todas. Iguais a estes, os testemunhas-de-jeová ensinam hoje que Jesus é um deus menor. Mas outros hereges não negaram a divindade de Jesus, mas rejeitaram a existência de três Pessoas na

Divindade, afirmando que Pai, Filho e Espírito Santo eram apenas títulos ou funções de uma única pessoa, ou seja, Deus. Entre eles, os hereges Sabélio e Práxeas. Iguais a estes, os unicistas creem que Pai, Filho e Espírito Santo são modos de Deus se manifestar. A doutrina da Trindade é sustentada pelas Escrituras Sagradas e, embora não compreendamos como Deus pode ser três Pessoas Divinas distintas, mas não separadas, cremos nela pela fé, já que a Bíblia nos dá base sólida para nela crermos.

Tríplice Mensagem Angélica. É um dos pilares escatológicos da doutrina adventista, baseado em Apocalipse 14:6-12, onde aparecem três anjos proclamando mensagens distintas e consecutivas. A primeira mensagem (vv. 6-7) chama a humanidade a temer a Deus, dar-Lhe glória e adorá-Lo como Criador, pois o juízo chegou. A segunda mensagem (v. 8) anuncia a queda de Babilônia, interpretada pelos adventistas como representando sistemas religiosos corruptos que se afastaram da verdade bíblica. A terceira mensagem (vv. 9-12) adverte contra adorar a besta e sua imagem, e contra receber sua marca, a guarda do Domingo, proclamando que os que o fizerem sofrerão a ira de Deus. Para os adventistas, essa tríplice mensagem é central em sua

missão: preparar o mundo para a segunda vinda de Cristo, defendendo a guarda do sábado e rejeitando doutrinas consideradas apóstatas, como a imortalidade da alma, o inferno, e a guarda do domingo. Entretanto, outras tradições cristãs interpretam essas passagens de maneira simbólica ou futura, sem associá-las exclusivamente a um único movimento religioso.

Triteísmo. É a heresia teológica que entende a Trindade como três deuses separados e independentes, em vez de um único Deus em três pessoas distintas — Pai, Filho e Espírito Santo. Os mórmons defendem essa ideia em relação aos três deuses sobre eles: O Pai celestial, o Filho e o Espírito Santo. Essa visão fragmenta a unidade divina, contradizendo o ensino bíblico e a doutrina clássica da Igreja cristã, que afirma que há um só Deus em essência e três pessoas coexistentes (Deuteronômio 6:4; Mateus 28:19). O triteísmo compromete a natureza monoteísta do cristianismo, tornando o Deus trino em uma pluralidade de deuses, o que é rejeitado pela ortodoxia. A compreensão correta da Trindade é fundamental para a fé cristã, preservando tanto a unidade quanto a distinção das pessoas divinas.

U

Ulrico Zuínglio (1484–1531). Foi um reformador suíço que liderou a Reforma Protestante em Zurique no início do século XVI. Inspirado pelas Escrituras, Zuínglio rejeitou várias práticas da Igreja Católica, como a veneração de imagens, o celibato clerical e a missa como sacrifício, defendendo a autoridade exclusiva da Bíblia e a justificação pela fé. Ele promoveu uma liturgia simples e enfatizou o papel da pregação e do estudo bíblico. Diferentemente de Lutero, Zuínglio tinha uma visão mais simbólica da Ceia do Senhor, negando a presença real de Cristo no pão e no vinho. Sua obra foi fundamental para o desenvolvimento do protestantismo reformado na Suíça, embora tenha morrido em batalha durante a Guerra dos Camponeses.

Ummah. Comunidade global dos muçulmanos, unida pela fé no Islã e pela prática dos seus preceitos. A Ummah transcende diferenças étnicas, culturais e nacionais, enfatizando a solidariedade, a

fraternidade e a responsabilidade coletiva entre os fiéis.

Umbanda. A Umbanda é uma religião brasileira fundada oficialmente em 1908 pelo médium Zélio Fernandino de Moraes, na cidade do Rio de Janeiro. Ela combina elementos do catolicismo, do espiritismo kardecista, das religiões africanas (especialmente do candomblé), do espiritismo europeu e de tradições indígenas brasileiras, formando um sincretismo religioso característico do Brasil. A Umbanda acredita em um Deus supremo e criador, mas trabalha com a veneração de guias espirituais, como os orixás, caboclos, pretos-velhos e entidades de luz que auxiliam os fiéis por meio da mediunidade. Seu livro sagrado não é único, já que a Umbanda valoriza as comunicações mediúnicas e os ensinamentos transmitidos durante os trabalhos espirituais, além de respeitar a Bíblia em muitas de suas versões, sobretudo na vertente católica. Quanto a Jesus, a Umbanda o vê como uma entidade espiritual elevada, um espírito de luz e um modelo de caridade e amor ao próximo, mas não necessariamente como o único Salvador ou Deus encarnado, interpretando-o dentro do seu sistema pluralista e sincrético. A Umbanda é popular no Brasil e se destaca pela sua ênfase na

caridade, nos rituais de cura e na integração espiritual.

União a Cristo. Expressão de alto significado teológico. Quando a pessoa se converte a Cristo, ela se torna parte da Igreja, o Corpo de Cristo. (1 Coríntios 12:27) Ela passa a ser unida a Cristo em sentido espiritual, de modo que Paulo podia escrever: “Portanto, não sou mais eu quem vive, mas é Cristo quem vive em mim. E essa vida que vivo agora no corpo, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”. (Gálatas 2:20) Jesus, de fato ensinou: “Eu sou a videira; vós sois os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto”. (João 15:4) Também disse sobre os que obedecem aos seus mandamentos: “Se alguém me amar, obedecerá à minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele morada”. (João 14:23) Assim, trata-se de uma unidade real, espiritual, resultante do novo nascimento, da conversão a Cristo.

União Hipostática é a doutrina cristã que ensina que, em Jesus Cristo, duas naturezas — a divina e a humana — estão unidas em uma única pessoa (ou hipóstase), sem confusão, mudança, divisão ou separação. Essa união ocorreu na encarnação, quando o Filho eterno de Deus assumiu a natureza

humana. A natureza divina de Cristo é plena, sendo Ele verdadeiro Deus, e sua natureza humana também é completa, sendo verdadeiro homem. No entanto, essas duas naturezas não se misturam nem se anulam, mas coexistem em perfeita harmonia em uma só pessoa, Jesus Cristo. Essa verdade foi claramente definida no Concílio de Calcedônia (451 d.C.), em resposta a heresias que negavam a plena divindade ou a plena humanidade de Cristo. A União Hipostática é essencial para a salvação, pois somente alguém que fosse plenamente Deus poderia nos redimir, e somente alguém plenamente homem poderia representar-nos diante de Deus.

Unicismo. O Unicismo é uma doutrina cristã herética que nega a Trindade, afirmando que Deus é uma única pessoa que se manifesta em diferentes modos ou aspectos, como Pai, Filho e Espírito Santo, em vez de três pessoas distintas em uma só essência. Também conhecido como Modalismo ou Sabelianismo, o Unicismo surgiu nos primeiros séculos do cristianismo, sendo condenado como heresia pelos concílios ecumênicos. Seus seguidores entendem que Jesus é uma manifestação ou modo de Deus, e não uma pessoa distinta dentro da divindade. Essa visão contradiz a doutrina

ortodoxa da Trindade, que afirma a coexistência eterna e pessoal do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O Unicismo não possui um fundador específico identificado com o nome, mas figuras como Sabelius no século III foram associadas a essa crença. Seus textos sagrados são as mesmas Escrituras cristãs, porém interpretadas sob a ótica modalista. Jesus, no unicismo, é visto como o modo pelo qual Deus se revelou plenamente aos homens, e não como uma pessoa divina distinta.

Unidade. Mesmo pensamento, propósito. Paulo pede à Igreja de Corínto o ideal divino para todos os cristãos verdadeiros: “Rogo, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que entreis em acordo quando discutirdes, e não haja divisões entre vós; pelo contrário, sejais unidos no mesmo pensamento e no mesmo parecer”. Esta unidade não é o mesmo que uniformidade, ou seja, a capacidade que certas empresas têm de obrigar seus trabalhadores a agir padronizados na vestimenta e no que fazer. Isto é resultado do domínio humano. Mas a unidade que o Espírito Santo traz na Igreja é o resultado de ele unir pecadores que pensam diferentemente sobre assuntos secundários da fé cristã numa só Igreja Corpo de Cristo. Esta sim é a unidade do Espírito que devemos

buscar: “procurando cuidadosamente manter a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Efésios 4:3), proceder este que nos torna maduros na fé: “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo”. (Efésios 4:13) Esta unidade se inspira na união entre o Pai e o Filho (e entre o Espírito Santo também). Jesus, orou ao Pai em favor dos seus discípulos: “Para que sejam um, assim como nós somos um, eu neles, e tu em mim, para que eles sejam levados à plena unidade, a fim de que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste, assim como me amaste”. (João 17:22, 23) Os verdadeiros cristãos não devem se morder uns aos outros (Gálatas 5:15), devido a pontos secundários divergentes sobre a Bíblia, nem devem se achar superiores aos outros, afinal de contas, diz Paulo: “Eu plantei; Apolo regou; mas foi Deus quem deu o crescimento”. – 1 Coríntios 3:6.

Unigênito. Único filho gerado de um casal. De Abraão e Sara, Isaque era o único filho. (Gênesis 22:2, 12, 16) Todo filho unigênito é tão humano quanto seus pais, pois estes geram seres humanos idênticos em natureza humana: Se os pais têm princípio e fim, os filhos terão também. Seguindo essa linha de

raciocínio, Jesus é o Filho unigênito de Deus (João 1:14, 18; 3:16, 18; 1 João 4:9), pois ele é o único Deus-Filho gerado pelo Pai (ou por Deus, ou ainda, Deus-Pai). Isto significa que se Deus-Pai não tem princípio e nem fim (Salmo 90:2), então Jesus, enquanto Deus-Filho, também não tem. Assim, dizer que Jesus é o Deus Unigênito significa que, enquanto Deus, ele foi gerado fora do tempo, antes de haver mundo (João 17:5). Se foi gerado fora do tempo, a ação de ser gerado não tem começo. O “hoje te gerei”, de Salmo 2:7, na divindade de Jesus não tem começo, mas no homem Jesus pode ser aplicado quanto a sua ressurreição. – Atos 13:33.

Unitarismo. O Unitarismo é um movimento pseudocristão que rejeita a doutrina da Trindade, afirmando que Deus é uma única pessoa, o Pai, e que Jesus Cristo é um ser humano exaltado, um mestre ou profeta divinamente inspirado, mas não Deus em essência ou coigual ao Pai. Surgiu no século XVI, especialmente durante a Reforma Protestante, com destaque para figuras como Michael Servetus, que criticou o dogma trinitário e foi condenado por suas ideias. O Unitarismo enfatiza a razão, a liberdade de crença e a ética cristã, e tem como base as Escrituras, interpretadas de forma a sustentar a unicidade de Deus. Jesus é visto

como o Filho de Deus em um sentido especial, mas não como parte de uma divindade trina. O Unitarismo não possui um livro sagrado próprio além da Bíblia, e suas comunidades são organizadas de forma plural e diversa. Hoje, o Unitarismo é representado principalmente por igrejas unitárias, que promovem uma abordagem inclusiva e racional da fé cristã.

Universalismo. Doutrina que defende a ideia de que, no fim, todas as pessoas serão salvas e reconciliadas com Deus, independentemente de sua fé, obras ou crenças durante a vida. O universalismo rejeita a existência do inferno eterno como punição definitiva e propõe que a misericórdia divina prevalecerá sobre o juízo, levando à salvação universal. Embora tenha raízes em alguns pensadores cristãos antigos, essa visão foi considerada herética pela maior parte da tradição cristã, que sustenta a necessidade da fé em Jesus Cristo para a salvação (João 14:6; Atos 4:12). O universalismo é criticado por ignorar passagens bíblicas claras sobre condenação eterna (Mateus 25:46; Apocalipse 20:10). A rejeição dessa doutrina busca preservar a justiça de Deus e a responsabilidade humana diante da oferta da salvação.

Upanishads. São textos filosófico-espirituais do hinduísmo que compõem a parte final dos Vedas e formam a base do pensamento vedanta. Escritas entre 800 e 200 a.C., as Upanishads exploram temas profundos como a natureza da alma (atman), o absoluto (Brahman), o karma, o samsara e o moksha. São compostas em forma de diálogos entre mestres e discípulos, usando parábolas, metáforas e ensinamentos meditativos. O foco das Upanishads é o autoconhecimento e a realização da unidade entre o eu interior e a realidade suprema, promovendo uma busca pela verdade interior e pela libertação espiritual.



VAJRAYĀNA – Do sânscrito, significa “Veículo do Diamante” ou “Caminho do Trovão”. É uma escola esotérica do budismo que surgiu a partir do Mahāyāna, por volta do século VII d.C., especialmente no Tibete, Nepal e Mongólia. O Vajrayāna combina práticas do Mahāyāna com elementos tântricos, mantras, visualizações e rituais secretos que visam acelerar o processo de iluminação.

Acredita-se que, através desses métodos, seja possível atingir o nirvana em uma só vida. Essa tradição inclui uma rica simbologia, deuses e bodhisattvas, além da figura central do lama, como guia espiritual (sendo o Dalai Lama o mais conhecido). Embora influenciado por crenças locais tibetanas, o Vajrayāna permanece como uma forma de budismo profundamente devocional e ritualística, centrada na experiência direta da realidade última.

Vedas. Os Vedas são os textos mais antigos e sagrados do Bramanismo, compostos entre 1500 e 500 a.C. São quatro: Rigveda, Samaveda, Yajurveda e Atharvaveda. Reúnem hinos, cânticos, fórmulas rituais e instruções para os sacerdotes. São considerados revelações divinas (Shruti) e formam a base de toda a tradição religiosa hindu. Os Vedas foram transmitidos oralmente por séculos, com rigor e reverência. Sua recitação correta era vista como essencial para manter a ordem cósmica.

Vedanta. É uma das principais escolas filosóficas do hinduísmo, cujo nome significa "fim dos Vedas", referindo-se aos ensinamentos das Upanishads, que encerram os Vedas. Vedanta explora a

natureza do atman (alma) e sua relação com o Brahman (absoluto supremo). Existem diferentes correntes dentro do Vedanta, como o advaita (não dualismo), visishtadvaita (dualismo qualificado) e dvaita (dualismo), cada uma com sua visão sobre a alma e Deus. O objetivo do Vedanta é a libertação (moksha), alcançada por meio do autoconhecimento e da realização da unidade entre o eu e o divino.

Viagem astral. Veja “Desdobramento”.

Vida após a morte. A vida após a morte, conforme a Bíblia, é a continuidade da existência consciente da alma após a morte física, com recompensas ou punições eternas determinadas pelo juízo divino. Jesus ensinou essa realidade na Parábola do Rico e do Lázaro (Lucas 16:19-31), onde o rico, após a morte, sofre tormentos conscientes enquanto o pobre Lázaro é consolado no “seio de Abraão”, mostrando um estado intermediário consciente e o juízo imediato após a morte. Em Apocalipse 6:9-11, os mártires mortos por causa da fé clamam a Deus por justiça e recebem a promessa de que sua vindicação virá, indicando consciência e expectativa no além. Hebreus 9:27 reforça que “aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disso o

juízo”, enquanto a ressurreição e o juízo final são confirmados em João 5:28-29 e Apocalipse 20:11-15, com a separação definitiva entre os que herdarão a vida eterna e os que serão condenados. Assim, a vida após a morte é uma esperança central do cristianismo, sustentada pela vitória de Cristo sobre a morte (1 Coríntios 15:54-57) e a promessa da comunhão eterna com Deus para os salvos.

Vida Eterna. Dádiva dada a Deus, por graça, aqueles que depositam fé genuína em Jesus Cristo e morrem fiéis a ele. A salvação é pela graça por meio da fé. (Gálatas 2:8, 9) João 3:16 diz: “Porque Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. O cristão deve travar o combate da fé pensando na vida eterna: “Trava o bom combate da fé. Apodera-te da vida eterna, para a qual foste chamado”. (1 Timóteo 6:12) Na vida eterna, não haverá mal algum, nem prato, nem morte, nem clamor e nem dor. – Apocalipse 21:4.

Vida Extraterrestre. Vida extraterrestre refere-se à existência de seres vivos fora do planeta Terra, seja em forma microbiana ou em formas mais complexas e inteligentes. A possibilidade de vida em outros planetas tem

sido tema de estudos científicos, especulações filosóficas e debates teológicos. Do ponto de vista científico, a busca por vida extraterrestre envolve a exploração de planetas e luas do nosso sistema solar, além da observação de exoplanetas em zonas habitáveis. A existência de vida fora da Terra não é confirmada até hoje, mas não é descartada pela ciência. Ponto de vista bíblico: A Bíblia não menciona explicitamente a existência de vida extraterrestre. O foco das Escrituras está na criação, queda e redenção da humanidade na Terra. Alguns teólogos afirmam que, se existisse vida em outros mundos, Deus seria soberano sobre toda a criação e isso não contradiz sua revelação. No entanto, a salvação e o propósito redentor da humanidade são centrados em Jesus Cristo e em nosso planeta. Portanto, a existência de vida extraterrestre, se confirmada, não altera a base da fé cristã, mas permanece um tema aberto para reflexão à luz da revelação divina. Os adventistas do sétimo dia creem que há planetas habitados, e que os filhos do verdadeiro Deus em Jó 1:6 se refere aos Adões de tais planetas que nunca pecaram como o nosso Adão. E afirmam também que Ellen Gould White, sua profetisa, esteve em visão num planeta de sete luas e encontrou-se com Enoque. Nada disso a Bíblia ensina

sobre vida em outros planetas, tornando esses ensinamentos dessa organização religiosa heresias fora da Bíblia. – 1 Coríntios 4:6.

Vigilância. Estado de atenção a que todo o cristão é exortado a estar, para evitar o mal e aguardar a volta de Cristo. Por isso, Jesus disse: “Portanto, vigiai, pois não sabeis em que dia vem o vosso Senhor”. (Mateus 24:42; 25:13; Marcos 13:33, 35, 37) Manter a vigilância também nos protege contra cair em tentação. Por isso Jesus disse: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito está pronto, mas a carne é fraca”. (Mateus 26:41; Marcos 14:38) A vigilância também protege os cristãos contra as coisas más que sobrevirão antes da volta de Cristo. Por isso, Jesus disse: “Vigiai, pois, orando em todo o tempo, para que possais escapar de todas essas coisas que haverão de acontecer e ficar em pé na presença do Filho do homem”. (Lucas 21:36) A vigilância é associada com estar firme na fé. Por isso, Paulo escreveu: “Vigiai, permanecei firmes na fé, portai-vos corajosamente, sede fortes”. (1 Coríntios 16:13) Como sinônimo de ser vigilante, ou de vigiar, temos a expressão “estai atentos”: “Tende bom senso e estai atentos. O Diabo, vosso adversário, anda em derredor, rugindo como leão que procura a quem possa devorar”. - 1 Pedro 5:8.

Virgindade de Maria. Refere-se à crença de que Maria concebeu Jesus Cristo por obra do Espírito Santo, sem a intervenção de um pai humano, e que ela era virgem no momento da concepção. Esta crença está fundamentada em textos bíblicos como Isaías 7:14 — "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho" — e nos relatos evangélicos de Mateus 1:18-25 e Lucas 1:26-38, que descrevem a anunciação e o nascimento virginal de Jesus. No cristianismo em geral, a virgindade de Maria ressalta o caráter único e divino da encarnação: Deus se fez carne sem intervenção humana, preservando a pureza do nascimento do Salvador. No contexto evangélico-protestante, a ênfase principal está na concepção virginal como um milagre que confirma a divindade de Cristo e a veracidade das Escrituras. Porém, ao contrário da tradição católica e ortodoxa, que afirmam a virgindade perpétua de Maria — ou seja, que ela permaneceu virgem durante toda a vida, inclusive após o nascimento de Jesus — a maioria das igrejas evangélicas sustenta que Maria era virgem somente no momento da concepção e do parto, passando a ter uma vida conjugal normal com José após o nascimento de Jesus. Essa visão está baseada na interpretação dos textos bíblicos que mencionam "irmãos" e "irmãs" de Jesus (por

exemplo, Marcos 6:3), entendidos por eles como irmãos de sangue, filhos naturais de Maria e José. Além disso, para os evangélicos, Maria não recebe um culto especial nem é considerada mediadora entre Deus e os homens, pois essa função cabe exclusivamente a Jesus Cristo (1 Timóteo 2:5). Portanto, a virgindade de Maria é vista como uma doutrina bíblica importante que sustenta a fé na encarnação do Filho de Deus, mas sem o desenvolvimento de doutrinas marianas que não tenham base clara nas Escrituras.

Vodu. O vodu é uma religião sincrética afro-caribenha originada principalmente no Haiti, que combina elementos das tradições espirituais africanas com o catolicismo romano. Fundada entre os séculos XVII e XVIII pelos descendentes de escravos africanos, o vodu envolve a crença em um Deus supremo, mas enfatiza a interação com espíritos intermediários chamados loas ou lwa, que atuam como mediadores entre os seres humanos e o divino. O vodu inclui rituais de culto, dança, música, possessão espiritual e práticas de magia, sendo frequentemente associado pela cultura popular a feitiçaria e ao uso de bonecos. Do ponto de vista cristão, especialmente na apologética protestante, o vodu é considerado uma religião idólatra e

espiritualista, contrária à adoração exclusiva a Deus revelada na Bíblia (Êxodo 20:3-5). Suas práticas são vistas como perigosas, pois envolvem contato com espíritos e forças ocultas que podem abrir caminho para influências malignas (Deuteronômio 18:10-12). Portanto, o vodu não é compatível com a fé cristã.

Volta (ou Vinda) de Cristo. Jesus prometeu voltar (ele se refere à sua vinda). (João 14:1-3) Então, os discípulos perguntaram qual seria o sinal da vinda dele. E ele deu a sua resposta no seu sermão escatológico em Mateus 24, 25 e Marcos 13. Depois de sua ressurreição, ao ascender aos céus em corpo glorificado, dois anjos disseram a seus discípulos: “Esse Jesus, que dentre vós foi elevado ao céu, virá do mesmo modo como o vistes partir”. (Atos 1:11) A Igreja sempre esperou Jesus voltar, mas segundo Jesus, não podemos prever com data marcada os eventos relacionados com o fim e a volta de Jesus. (Mateus 24:36; Marcos 13:32) Interessante é notar que o livro de Apocalipse termina praticamente com os dizeres: “Aquele que dá testemunho dessas coisas diz: Certamente venho em breve. Amém. Vem, Senhor Jesus”. – Apocalipse 22:20.

X

Xamanismo. O xamanismo é uma prática espiritual ancestral encontrada em diversas culturas indígenas ao redor do mundo, caracterizada pela crença na comunicação direta com o mundo espiritual por meio de um xamã, que atua como intermediário entre os seres humanos e os espíritos. O xamã realiza rituais, cerimônias, curas e viagens espirituais para ajudar a comunidade, restaurar o equilíbrio e obter sabedoria. O xamanismo não possui um fundador específico, nem um livro sagrado, e suas crenças e práticas variam amplamente conforme a cultura local, incluindo o uso de plantas medicinais, danças, cantos e instrumentos sagrados. Em geral, não há um conceito de Jesus dentro do xamanismo, pois ele é uma tradição pré-cristã e independente das religiões abraâmicas. O xamanismo valoriza a conexão com a natureza, os ancestrais e o mundo espiritual, sendo uma das formas mais antigas de religiosidade humana ainda praticada hoje.

Xintoísmo. O Xintoísmo é a religião tradicional do Japão, sem um fundador específico ou data de origem definida, desenvolvendo-se gradualmente desde a antiguidade, possivelmente desde o primeiro milênio a.C. Trata-se de uma fé politeísta e animista que venera os kami — espíritos ou deuses associados a elementos naturais, ancestrais e fenômenos sagrados. O Xintoísmo não possui escrituras sagradas canônicas comparáveis às religiões abraâmicas, mas utiliza textos como o Kojiki e o Nihon Shoki, que registram mitos, lendas e histórias sobre a origem do Japão e seus deuses. Jesus não é reconhecido ou incorporado em sua cosmovisão, visto que o Xintoísmo se concentra nas tradições e cultos locais japoneses. A prática religiosa inclui rituais de purificação, festivais, orações nos santuários e homenagens aos ancestrais. A religião está intimamente ligada à identidade cultural japonesa e ao respeito pela natureza e pela harmonia social.

W

Waheguru. No siquismo, Waheguru é o nome mais reverente e carinhoso para se referir a Deus. Significa algo como “Maravilhoso Senhor” ou “Deus Glorioso”. É um ser único, eterno, sem forma, sem começo e sem fim, criador de tudo e presente em todas as coisas. Waheguru é ao mesmo tempo transcendente (acima de tudo) e imanente (presente em tudo). Os sikhs acreditam que a alma pode se unir a Waheguru através da meditação no nome divino (Naam Simran), da vida ética e do serviço ao próximo. Ele não pode ser plenamente compreendido, mas pode ser experienciado pela devoção sincera e pela graça.

Waidan. Conhecida como “alquimia externa”, Waidan é uma prática taoista antiga que envolvia a preparação de elixires com metais, minerais e ervas com o objetivo de alcançar a imortalidade ou prolongar a vida. Diferente do Neidan, que é interno e espiritual, o Waidan era físico e laboratorial, muitas vezes influenciado por ideias cosmológicas e simbologias do yin-yang e dos cinco elementos. Embora alguns elixires fossem tóxicos, como os que continham mercúrio ou chumbo, a prática teve grande importância no desenvolvimento da medicina chinesa e na filosofia taoista, sendo

mais comum nos primeiros séculos da era cristã.

Wicca. A Wicca é uma religião neopagã contemporânea que surgiu na década de 1940, principalmente através do trabalho de Gerald Gardner, considerado seu fundador. Inspirada em antigas tradições pagãs europeias, a Wicca enfatiza a veneração da natureza, o culto a uma Deusa (feminina) e a um Deus (masculino), frequentemente representando a dualidade e o ciclo da vida. Seus praticantes celebram os ciclos sazonais por meio de rituais chamados Sabbats e realizam magias e cerimônias para promover harmonia, cura e crescimento espiritual. A Wicca não tem um livro sagrado único, mas utiliza textos como o Livro das Sombras, que contém práticas e ensinamentos específicos de cada grupo ou praticante. Jesus Cristo não faz parte da teologia wiccana, que é politeísta e baseada em uma espiritualidade ligada à Terra e às forças naturais, sendo distinta do cristianismo e de outras religiões abraâmicas. Na Wicca, a divindade é geralmente compreendida como uma dualidade composta por dois deuses principais: a Deusa e o Deus, que simbolizam os aspectos femininos e masculinos da divindade e da natureza. A Deusa é vista como a Mãe Terra, a Fonte da vida, associada à fertilidade, à lua,

à terra e ao ciclo das estações. O Deus, por sua vez, é muitas vezes representado como o Deus Cornífero, símbolo da virilidade, da vida selvagem, do sol e do ciclo anual da morte e renascimento. Essa dualidade reflete o equilíbrio e a harmonia entre as forças complementares da natureza e do universo. Os nomes, atributos e mitologias desses deuses podem variar bastante entre as diferentes tradições e covens wiccanos, mas sempre enfatizam essa interação dinâmica entre masculino e feminino como base da vida e do sagrado.

William Marrion Branham. William Marrion Branham (1909–1965) foi um pregador pentecostal norte-americano, considerado por seus seguidores como profeta e precursor do movimento de cura divina do século XX. Nasceu em Kentucky, EUA, e ganhou notoriedade nas décadas de 1940 e 1950 por suas campanhas evangelísticas marcadas por supostos milagres e revelações sobrenaturais. Branham afirmava ser o cumprimento de Malaquias 4:5-6 e Apocalipse 10:7, crendo que sua missão era restaurar a verdadeira fé apostólica antes do retorno de Cristo. Seus ensinamentos deram origem ao movimento chamado "Tabernáculo da Fé", ainda ativo em vários países.

Seus sermões são considerados quase sagrados por seus seguidores e publicados em milhares de fitas e livros. Embora usasse a Bíblia como base, Branham introduziu diversas doutrinas heréticas, entre elas:

- Negação da Trindade, promovendo uma forma de unicismo, onde Deus teria se manifestado em três modos, não três pessoas.
- A doutrina da semente da serpente, segundo a qual Caim teria sido fruto de uma relação sexual entre Eva e a serpente.
- Predestinação extrema, chegando a ensinar que alguns nascem destinados ao inferno sem chance de salvação.
- Afirmações de que as igrejas tradicionais são parte da “Babilônia” apocalíptica, especialmente a Igreja Católica e as denominações protestantes.
- Rejeição da medicina, incentivando exclusivamente a cura pela fé.

Branham morreu em 1965 após um acidente de carro, mas muitos de seus seguidores aguardam sua ressurreição literal. Ele é amplamente rejeitado como profeta por igrejas evangélicas históricas e é considerado

por muitos estudiosos cristãos como um falso profeta.

William Miller. Ver Guilherme Miller.

William Tyndale (1494–1536). Foi um teólogo, tradutor e reformador inglês, conhecido principalmente por ter realizado a primeira tradução completa da Bíblia para o inglês a partir dos textos originais em hebraico e grego. Sua tradução tornou as Escrituras acessíveis ao povo comum, desafiando a autoridade da Igreja Católica que mantinha a Bíblia restrita ao latim. Tyndale enfatizava a justificação pela fé e a autoridade exclusiva das Escrituras, alinhando-se às ideias da Reforma. Perseguido por autoridades religiosas e civis, foi capturado, condenado por heresia e executado. Seu trabalho influenciou profundamente a formação da Bíblia em inglês, sendo a base para versões posteriores como a King James Version.

Wu. No taoísmo, o vazio ou nada, aspecto essencial para o surgimento do Tao e da existência.

Wu Wei. No taoísmo, ação sem esforço ou resistência, agir em harmonia com o fluxo natural das coisas.

X

Xian. No taoismo, Xian refere-se aos "imortais" — seres humanos que, por meio de práticas espirituais, alquimia (especialmente o Neidan), disciplina moral e harmonia com o Tao, teriam transcendido a morte física e alcançado a imortalidade espiritual ou corporal. Os Xian são frequentemente retratados na literatura e nas artes taoistas como sábios reclusos, eremitas em montanhas ou figuras celestes com poderes sobrenaturais. Eles simbolizam o ideal taoista de viver em equilíbrio com a natureza e de cultivar o corpo e a mente até atingir um estado divinizado e eterno.

Xamanismo. Conjunto de práticas religiosas e espirituais ancestrais presentes em diversas culturas indígenas ao redor do mundo, especialmente nas Américas, Ásia e Sibéria. O xamanismo se caracteriza pela crença em seres espirituais, forças da natureza e mundos invisíveis, e pelo papel do xamã — um líder espiritual ou curandeiro — como intermediário entre o mundo material e o espiritual. O xamã atua para promover a

cura, orientação, proteção e comunicação com os espíritos por meio de rituais, transe, cantos, dança e uso de plantas medicinais ou alucinógenas. No xamanismo, o universo é visto como habitado por espíritos que influenciam a vida humana e natural, e o equilíbrio entre esses mundos é fundamental para a saúde e o bem-estar. Essa espiritualidade é animista, atribuindo alma e consciência a elementos da natureza, como animais, plantas, rios e montanhas. Para o cristianismo, o xamanismo representa uma religião naturalista e espiritualista, muitas vezes relacionada a práticas ocultas e supersticiosas, que não reconhecem a soberania de Deus nem a centralidade da salvação em Jesus Cristo. O contato com espíritos e as técnicas xamânicas são considerados perigosos e contrários à fé cristã, pois abrem espaço para influências malignas e enganos espirituais. Em suma, o xamanismo é uma das formas mais antigas de religiosidade humana, marcada pela relação direta com o mundo espiritual, mas que contrasta radicalmente com os ensinamentos bíblicos sobre Deus, homem e salvação.

Y

YHWH. Nome sagrado e pessoal de Deus revelado no Antigo Testamento, especialmente na Bíblia hebraica, composto pelas quatro consoantes hebraicas י (Yod), ה (He), ו (Vav) e ה (He), conhecido como o Tetragrama Sagrado. Esse nome é considerado a designação própria e exclusiva do Deus de Israel, o Criador e sustentador do universo, e aparece cerca de 6.800 vezes no texto bíblico. YHWH é tradicionalmente pronunciado como "Jeová" ou "Yahweh", embora a pronúncia exata seja incerta devido à tradição judaica de não pronunciar o nome em voz alta, substituindo-o por "Adonai" (Senhor) durante a leitura pública. O significado do nome está relacionado à ideia de existência eterna e autoexistência, como revelado a Moisés em Êxodo 3:14, onde Deus diz: "Eu Sou o que Sou", indicando que Ele é o Ser absoluto, independente e imutável.

Para a teologia cristã, YHWH revela a natureza divina de Deus como único, soberano e fiel à Sua aliança. O nome é central para a compreensão do

relacionamento de Deus com o Seu povo, expressando Sua presença constante, poder e compromisso. A reverência pelo nome de Deus é enfatizada no terceiro mandamento (Êxodo 20:7), e o uso do Tetragrama ressalta a santidade e transcendência divina. Em resumo, YHWH é o nome revelado de Deus que expressa Sua autoexistência, eternidade e relacionamento pessoal com a humanidade, sendo fundamental para a fé judaico-cristã.

Yin-Yang. Nas religiões orientais. O Yin-Yang é um princípio fundamental nas religiões e filosofias orientais, especialmente no Taoísmo, Confucionismo e até em algumas práticas do Budismo chinês. Representa a dualidade complementar presente em toda a realidade: forças opostas, porém interdependentes, como o feminino (Yin) e o masculino (Yang), a noite e o dia, a passividade e a atividade. Essas polaridades não são conflitantes, mas se harmonizam para manter o equilíbrio do universo e da vida humana. O conceito de Yin-Yang é usado para explicar fenômenos naturais, saúde, comportamento e até a dinâmica social, influenciando práticas como medicina tradicional chinesa, Feng Shui e artes marciais. Ele enfatiza a importância do equilíbrio e da fluidez, onde o excesso ou a

falta de uma dessas forças causa desequilíbrio e sofrimento.

Yoga. No hinduísmo, yoga é um caminho espiritual que busca a união do atman (alma individual) com o Brahman (realidade suprema). Mais do que posturas físicas, yoga abrange uma disciplina completa que envolve corpo, mente e espírito. Existem diferentes tipos de yoga, como bhakti (devoção), jnana (conhecimento), karma (ação desinteressada) e raja (meditação e autocontrole). A prática do yoga leva ao domínio dos sentidos, à purificação interior e, por fim, à libertação espiritual (moksha). É um dos pilares da realização espiritual no hinduísmo.

Yogi. É aquele que pratica yoga, buscando a união entre o atman (alma individual) e o Brahman (realidade suprema). Um yogi dedica-se à disciplina física, mental e espiritual, seguindo um caminho de autodomínio, meditação e desapego. Existem diferentes tipos de yogis, dependendo da vertente praticada — como o karma yogi (ação), bhakti yogi (devoção), jnana yogi (conhecimento) e raja yogi (meditação). O verdadeiro yogi vive em harmonia com o universo, com compaixão,

autocontrole e busca constante pela libertação ESPIRITUAL.

Yuanqi. Nas tradições chinesas, especialmente na medicina tradicional e no taoismo, Yuanqi é a "energia original" ou "energia primordial" que uma pessoa recebe no momento da concepção, sendo herdada dos pais. É considerada a fonte mais profunda de vitalidade e está armazenada nos rins. Essa energia sustenta o crescimento, o desenvolvimento e a vida como um todo. Embora seja limitada e vá se esgotando com o tempo, práticas como o Neidan (alquimia interna), respiração controlada, meditação e boa alimentação ajudam a preservá-la. Yuanqi é vista como a base da saúde física e espiritual no taoismo.

Z

Zakat. No Islamismo, é a caridade obrigatória que corresponde a uma porcentagem dos bens e rendas dos muçulmanos, destinada a ajudar os pobres, necessitados e causas sociais. É um dos cinco pilares do Islã e

simboliza a purificação dos bens e a responsabilidade social.

Zaratustra. Também conhecido como Zoroastro, foi o fundador do zoroastrismo, uma das religiões mais antigas do mundo, surgida provavelmente entre os séculos 2º e 1º milênio a.C., na região do atual Irã. Zaratustra é considerado um profeta e reformador religioso que trouxe uma nova visão teológica centrada na luta entre o bem e o mal, representados respectivamente por Ahura Mazda (o Deus sábio e criador) e Angra Mainyu (o espírito destruidor e maligno). O zoroastrismo influenciou profundamente o pensamento religioso do Oriente Médio, tendo impactos nas religiões abraâmicas posteriores, como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, especialmente nos conceitos de anjos, demônios, julgamento final, céu e inferno. A mensagem central de Zaratustra enfatizava a escolha moral entre a verdade (*asha*) e a mentira (*druj*), convocando os fiéis a viverem com retidão, justiça e devoção a Ahura Mazda. Apesar de seu grande legado, o zoroastrismo perdeu força com o avanço do islamismo na Pérsia, mas ainda possui seguidores, os parsis, especialmente na Índia. Para o cristianismo, Zaratustra é uma figura histórica importante para entender as origens e influências religiosas do mundo

antigo, mas suas doutrinas diferem fundamentalmente da revelação bíblica em vários aspectos, como a visão dualista do bem e do mal. Em resumo, Zaratustra é um personagem chave para compreender a história das religiões e o desenvolvimento das ideias espirituais sobre o conflito cósmico entre luz e trevas, justiça e pecado.

Zelote. Membro de um movimento judeu radical e nacionalista que surgiu no século I d.C., conhecido por seu zeloso patriotismo e fervor religioso, especialmente na oposição ao domínio romano sobre a Judeia. O termo “zelote” deriva do grego zelotes, que significa “zeloso” ou “apaixonado”. Os zelotes eram caracterizados por sua disposição para usar a violência e a guerrilha como meios legítimos para expulsar os romanos e restaurar a independência política e religiosa de Israel. Historicamente, os zelotes desempenharam papel significativo na resistência que culminou na Grande Revolta Judaica (66-70 d.C.), que terminou com a destruição do templo de Jerusalém pelos romanos. Eles rejeitavam qualquer colaboração com as autoridades estrangeiras e condenavam aqueles judeus que aceitavam a dominação romana ou a cooperação com o Império. Essa postura extremista os colocava em conflito não só com os romanos, mas também com

grupos judaicos mais moderados, como os fariseus e saduceus. Nos Evangelhos, Judas Iscariotes é tradicionalmente identificado como um zelote (Lucas 6:15; Atos 1:13), embora essa associação não seja completamente clara, já que o termo pode indicar simplesmente “celoso”. O apóstolo Simão também é chamado de “zelote”, possivelmente indicando sua filiação ao grupo. Os zelotes representavam a tensão entre a fé judaica e a política da época, buscando a libertação nacional como parte do cumprimento das promessas messiânicas, mas falhando em reconhecer que o verdadeiro Rei (Jesus Cristo) veio com um reino espiritual e não político (João 18:36). A história dos zelotes é um lembrete dos perigos do fanatismo religioso e da mistura inadequada da fé com objetivos políticos e violentos, que desviam do propósito da mensagem do evangelho.

Zhuangzi – Também escrito Chuang Tzu, foi um filósofo chinês do século IV a.C., associado ao taoismo (ou daoismo). Seu nome significa literalmente “Mestre Zhuang”, e ele é o autor (ou personagem central) de uma das principais obras do pensamento taoista, também chamada Zhuangzi. Diferente do pensamento confucionista, Zhuangzi defendia a

espontaneidade, a liberdade individual e a harmonia com o Dao (o Caminho). Suas parábolas e histórias filosóficas são ricas em humor, crítica social e metáforas profundas – como a famosa reflexão do “sonho da borboleta”, onde ele questiona a diferença entre realidade e ilusão. Embora não seja do budismo, o pensamento de Zhuangzi influenciou fortemente correntes budistas chinesas, como o Zen (Chan), pela ênfase na experiência direta e desapego das convenções mentais.

Ziran. Conceito do taoismo que significa “naturalidade” ou “espontaneidade”. Refere-se ao estado de ser autêntico e agir em harmonia com a natureza e o fluxo do Tao, sem forçar ou resistir às circunstâncias. Ziran expressa a ideia de viver de forma simples, espontânea e verdadeira, deixando que as coisas aconteçam de modo natural e sem interferências artificiais. Essa filosofia valoriza a liberdade interior e a aceitação do curso natural da vida como caminho para a sabedoria e a paz espiritual.

Zoroastrismo. O Zoroastrismo é uma das religiões monoteístas mais antigas do mundo, fundada pelo profeta Zaratustra (ou Zoroastro), por volta do século VI a.C., na região que hoje corresponde ao Irã. O

Zoroastrismo centra-se na adoração do Deus único Ahura Mazda, que representa o bem supremo, e enfatiza a dualidade cósmica entre o bem e o mal, personificados em Ahura Mazda e Angra Mainyu (espírito do mal), respectivamente. Seus textos sagrados principais são o Avesta, que inclui hinos, orações e ensinamentos do profeta. A religião prega a responsabilidade humana na escolha entre o bem e o mal, a importância da verdade (asha) e a ética pessoal para manter a ordem do mundo. Jesus não é reconhecido como figura divina nem profeta dentro do zoroastrismo, que é uma tradição religiosa distinta, anterior ao cristianismo, mas que influenciou várias crenças abraâmicas. A religião influenciou o pensamento judaico, cristão e islâmico e mantém seguidores principalmente no Irã e na Índia (comunidade parsis).